

A Caminhada

da escuridão para a luz

Reinaldo Galvão

da escuridão para a luz

Volume I

RECIFE

1998

Galvão, Reinaldo

A caminhada da escuridão para a luz /
Reinaldo Galvão. - Recife : Ed. Universitária da UFPE, 1998.
V.

1. Religião - Vida Espiritual. 2. Teologia mística - Devoção. 3. Fé e
redenção. I. Título.

234.22
291.42

CDU (2. ed.)
CDU (21. ed.)

UFPE
BC / 98 / 30

DECLARAÇÃO

As mensagens contidas neste livro devem ser entendidas, não como palavras ditas diretamente por Jesus, Nossa Senhora, Anjos e Santos, mas, como recebidas em forma de locuções interiores por Reinaldo Galvão.

De modo algum nos antecipamos ao julgamento da Santa Madre Igreja e, por isso, docilmente nos submetemos às suas decisões oficiais em conformidade com as disposições do Decreto da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, de 15.11.1966, aprovado por Sua Santidade, o Papa Paulo VI, em 14.10.1966 (Acta Apostolicae Sedis).

N O T A

Antes da leitura deste livro, por se tratar de manifestações sobrenaturais extraordinárias, recomenda-se que se faça as seguintes orações:

Ao Divino Espírito Santo

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado. E renovareis a face da Terra.

Oremos:

Deus, que instruistes os corações dos vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos sempre da sua consolação. Por Cristo, Senhor Nosso. Amém!

Ao Pai Nosso

Pai Nosso, que estais nos céus, santificado seja o Vosso Nome, venha a nós o Vosso Reino, seja feita a Vossa Vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal. Amém!

À Maria Rosa Mística

Virgem Imaculada, Mãe das Graças, Rosa Mística! Em honra do vosso Divino Filho nos ajoelhamos diante de vós a implorar a misericórdia divina, não por nossos méritos, mas, pela vontade do vosso coração maternal. Nós vos suplicamos que nos concedais proteção e graça, com a certeza de que nos haveis de atender. Amém!

O Profeta Joel, cerca do ano 400 a.C., assim se referiu à efusão do Espírito Santo sobre todo o povo de Deus na era escatológica, ou seja, nos últimos tempos:

“Depois disto, derramarei o meu espírito sobre toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos anciãos terão sonhos, vossos jovens terão visões” (Jl 3, 1).

APRESENTAÇÃO

Em consonância com a intervenção do Papa Paulo VI nas Atas Apostólicas da Santa Sé 58 (1966) 1.86, aceitei prazeirosamente a incumbência que me foi confiada.

Desde que conheço o autor destas “locuções interiores”, enquadradas nos ditames da moral cristã, tenho o prazer de apresentá-lo aos leitores das mesmas na certeza de que sua leitura será proveitosa. Se não o conhecesse eu diria que tudo o que se lê em seus escritos não passariam de ilusão ou alucinação. Como é do conhecimento geral, ilusão é uma percepção distorcida de objeto e alucinação é uma percepção sem objeto. Entretanto, não ousou afirmá-lo. Pelo contrário, estou certo de que Reinaldo Zeferino Galvão de Melo, que na sua adolescência e juventude se considerava a “ovelha negra” da família, é um agraciado que há muito vem alimentando a sua fé com a oração e devoção a Nossa Senhora e é fidedigno no que escreve, pela simplicidade e humildade do que afirma, principalmente pela paz com que Deus o vem presenteando e contagiando sua família e a quantos acreditam no que expõe.

O Espírito Santo escolhe quem quer, mormente a quem corresponde a seus apelos. Deus seja louvado e Maria, sua Mãe, Rainha da Paz, o conserve no caminho da humildade e a transmitir a paz a quantos lerem o que se encontra neste livro.

Olinda, 2 de outubro de 1996.

Pe. VALDENITO L. DE OLIVEIRA
Pároco de São Pedro Mártir
Responsável regional do Movimento
Sacerdotal Mariano em Pernambuco, ao
lado do Pe. Geraldo Moura.

PREFÁCIO

Minha Nossa Senhora é uma expressão popular e simples de apresentar a Virgem Maria, Mãe de Deus e Nossa. É uma expressão que perdeu a individualidade e se tornou uma interjeição orante. “Senhora” é um título de respeito social. Quando nos dirigimos à Nossa Senhora, não nos parece usar um título de classe social, mas um possessivo que indica uma dependência. São duas palavras que, somadas, nomeiam a Virgem Maria como aquela que está acima de nós pecadores.

A Virgem Maria é minha e Nossa Mãe, carinhosamente excelsa Rainha de nossos corações. Com ela nós podemos contar a qualquer momento de nossas vidas e com ela formaremos a grande e pequena família de Deus. A maternidade divina que entrou na história da salvação e chegou a nós.

Queremos sentir a sensação dos carinhos sinceros e constantes de Maria, na vida que vivemos tão dessacralizada por pseudo-teorias e práticas dos tempos modernos.

Estas páginas são escritas para a Pequena e Grande Família de Nossa Senhora, pedindo à mesma Virgem Maria um bom relacionamento com Deus (espiritualidade).

Que a Virgem Maria não seja a Mãe de “ficção” cheia de privilégios, mas que seja inserida em todo seu convívio familiar.

Entendemos por locução interior o diálogo que se passa no interior do indivíduo. A noção que temos dessa tendência é como se fosse de interesses, emoções vagas e imprecisas. Os sentimentos que formamos de outras pessoas são inseguros, e o conhecimento formado por suas palavras, gestos e atos sugere o substrato interior de origem. A locução interior é uma atitude ou disposição interna da pessoa que se coloca à disposição do “Ser” superior para sentir e agir face a determinados objetos, situações e pessoas. No conceito interior, vemos a predominância dos aspectos interiores: interpretar, compreender, julgar e sentir. O importante é a projeção para o exterior de tal comportamento íntimo, que influencia nosso espírito.

As locuções interiores de Reinaldo Galvão são um instrumento precioso para quem quer mudar de vida espiritual (relacionamento com Deus), tendo como fonte de subsídios preciosos Jesus e a Virgem Maria, Mãe de Deus e Nossa. Têm um estilo direto em consonância com a mentalidade de hoje, rica em idéias, e uma boa locução com Jesus e Nossa Senhora. Ele fala na linguagem familiar, comprometendo-se com a fé dos seus entes mais queridos. Seus escritos destinam-se à sua família que quer rezar e comentar, reconhecendo-se filhos de Deus e de Maria Virgem.

No amor de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Imaculada, subscrevo-me:

Pe. Frei Francisco de Lira, O.
Carm.¹

Recife, 22 de agosto de 1996.
(dia de Nossa Senhora Rainha)

¹ Atual confessor de Reinaldo.

INTRODUÇÃO

“Tenho os olhos fixos em Vós,
Senhor. Se estou sentado nas trevas,
Vós sereis minha luz” (Mq 7, 7-8).

O TEMPO DA ESCURIDÃO

Meu nome completo é Reinaldo Zeferino Galvão de Melo. Nasci no dia 22 de outubro de 1955, no bairro da Iputinga, Recife, Pernambuco, e os meus pais são Joaquim Galvão de Melo e Maria Odete Zeferino Galvão de Melo. Sou o sexto filho entre oito irmãos, que são, por ordem de nascimento: Diana, Luiz Porfírio, José Manoel, Joaquim, Dione, Djane e Reginaldo.

Por promessa da minha mãe, ao ser batizado fui consagrado à Nossa Senhora de Fátima.

Casei-me com Maria Luíza de Souza no dia 26 de outubro de 1980 e temos três filhos: Rodrigo, Clarissa e Diego.

Por ter sido um menino muito desligado de tudo, não dando importância a nada, embora crescendo no amor da família, considero-me como a ovelha desgarrada no passado, pois tornei-me rebelde e fora do esquema da própria família e, principalmente, da religião.

No catecismo não tinha interesse por coisa alguma, a não ser pelas brincadeiras. Ao chegar o dia da minha Primeira Eucaristia eu não entendia nada, pois, nem mesmo sabia rezar. Até na vida adulta eu só sabia rezar a Ave Maria e, muito mal, o Pai Nosso.

Tive exemplos de fé e de religião em todos os momentos da minha vida. Quando criança, havia a reza do terço, sempre às 18 horas, em frente ao oratório da minha avó Adelina, que morava conosco. Na continuidade da vida, sempre tive um forte exemplo em minha mãe que reza todas as manhãs, à noite e, quando há tempo, também entre os afazeres de casa. Reza para pedir por nós e muito mais por devoção e gratidão de vida. Sempre quando surge um problema na família é na oração do terço e no recorrer aos santos que encontra segurança para a sua solução. Sempre foi uma mãe a lutar

incessantemente para que vivêssemos da oração, participando sempre das missas, comungando e pedindo perdão das nossas faltas.

Meu pai sempre se preocupou em ajudar a todos, sem medir esforços.

Não há explicação, no momento, para que eu tomasse o caminho tão errado no qual vivi por tantos anos.

Recordo-me das vezes que acompanhava as procissões, com velas acesas, rezas e hinos, até à Capela de São Miguel, na rua Marquês do Paraná, no Espinheiro, bem próxima da nossa casa, quando morávamos na rua Alfredo de Carvalho. Hoje meus pais moram a apenas uns 100 metros dela.

Apesar dos esforços dos meus pais, nunca dei ouvidos nem importância a nada. Somente ia à igreja para bater papo na calçada durante a missa, quando não havia algo para fazer, como, por exemplo, ir ao jogo de futebol.

Não participava de nada que se relacionasse com a família, pois meus pais, irmãos, avós e tios eram sempre substituídos por “amigos”.

Pouco ficava em casa e, quando isto ocorria, geralmente aconteciam fortes brigas ou qualquer problema entre alguém e eu. Qualquer pessoa que gostasse de mim se machucava.

Aos quinze anos de idade arrumei uma namorada. Aos poucos fui colocando toda minha vida junto a ela. Troquei tudo, até os amigos, pela sua companhia. Durante quatro anos vivemos um para o outro. Meu amor possessivo tornou aquele romance um verdadeiro mar de infelicidade, tanto para nós, que vivíamos vida de adultos, como para as nossas famílias.

Após o rompimento desse romance, olhei para os quatro cantos e percebi que o tempo havia passado e que perdera o contato com tudo o mais, principalmente com a minha família e, também, com a religião. Desesperado pelo tempo perdido, procurei me reconciliar com Deus, sozinho, devido a imensa vergonha que sentia para dizer a alguém que não sabia rezar nem o Pai Nosso. Pegava o terço e rezava à minha maneira. O importante é que ninguém soubesse a respeito da minha ignorância.

Apesar das minhas rezas erradas e da minha tentativa de mudar a mim mesmo, tudo continuava sendo motivo para não ir à igreja.

Uma certa ocasião, minha mãe chamou-me para conversar e tocou num assunto de meu interesse. Como não gostei, levantei-me irado a fim de ir tomar satisfação e esclarecer tudo com as pessoas envolvidas. Ela, então, me fez ver que, se eu fizesse aquilo, jamais confiaria em mim novamente. Parei no mesmo instante e percebi, assim, que nem tudo estava perdido, pois ainda havia a confiança dos meus pais e dos meus irmãos.

Alguns dias depois, em dezembro de 1975, viajei para Jundiaí, interior de São Paulo. Fui com o objetivo de passar alguns dias na casa de meu irmão Luiz Porfírio, casado com Mércia Leny.

Os meses foram passando, quando, então, foram abertas inscrições para o vestibular de Educação Física. Inscrevi-me nele, estudei, fui aprovado e três anos depois estava formado. Vivi dois anos em Jundiaí, estudando e trabalhando, sem festas e finais de semana como antes.

Iniciei uma vida de oração, em que conversava com Deus e os santos sem usar palavras pre-estabelecidas, mas utilizando as que me surgiam espontaneamente. Ia à missa muito pouco.

Havia, porém, uma explicação para esse meu modo de proceder. Era uma força que não me permitia mudar, me transformar, e seguir o caminho da paz, do Reino de Deus. Era algo que não sei explicar ao certo. Mesmo sabendo estar errado e qual o certo, não conseguia vencer essa força. Sempre, desesperadamente, rezava e chorava às escondidas, sem deixar ninguém perceber.

Eu sabia que estava sendo consumido pelo próprio demônio, pois, por diversas vezes, ouvi vozes me oferecendo uma vida tranqüila, com posição social invejável, bastando apenas que eu aceitasse tudo que estava sendo determinado por ele. Percebendo isso, resolvi lutar com unhas e dentes contra tudo, traçando uma vida de guerra contra aquele tormento. Então, resolvi rezar como sabia, porém com mais afinho e fé. O importante era não perder o contato com Deus.

Dos quatro anos que passei em São Paulo os dois últimos morei em Itatiba, a 24km de Jundiaí, também na casa de Luiz Porfírio que para lá se transferiu.

Até o início de 1989, eu conceituava Itatiba como a cidade da perdição, pois as festas eram verdadeiros inferninhos. A droga, principalmente a maconha, reinava entre jovens e adultos de ambos os sexos. A bebida também era consumida por eles em grande quantidade. Jovens se prostituíam e muitas moças se tornavam mães solteiras. Era uma cidade sem esperança de luz.

Aprendi a conviver com todos e com tudo isso sem participar de nada, indo à missa, confessando-me, embora em confissão comunitária, e comungando com mais frequência na Igreja Matriz, conquanto ainda muito pouco ou quase nada.

Nas minhas orações eu suplicava a Deus e a todos os Santos e Anjos para que me dessem força, pois sabia que era fraco para lutar por muito tempo contra tudo. Chorava e fazia inúmeras promessas. Mesmo assim houve dias em que eu corria desesperado, comprava sal em pedra e dissolvia-o em água, que jogava por toda a casa. Havia também momentos em que fugia

angustiado do local onde me encontrava, com meu corpo queimando e a minha mente parecendo que iria explodir - tudo era pavor e fervia.

Algo bastante suave me acalmava à noite, quando, já deitado, orava, falava com os Santos, os Anjos, Deus e Nossa Senhora. Parecia que os mesmos me afagavam delicadamente com palavras de coragem e tranquilizadoras. Por vezes tive o pressentimento de que alguma mão ajeitava o meu lençol, num gesto de conforto. Essas mesmas formas de afago surgiam quando eu entrava em alguma igreja para rezar a Ave Maria e conversar em pensamento com todos os santos que ali estavam representados por imagens, os quais, na sua grande maioria, mais de noventa por cento, eram por mim desconhecidos, e, sobre os demais cheguei a trocar entre eles os seus nomes.

Levava sempre comigo a opinião de que nunca deveria entrar numa igreja no momento em que eu necessitasse de ajuda, pois, para isso, orava à noite. E, quando eu me via ameaçado pelas tentações, entrava sempre para rezar como uma forma de crença na existência de Deus, de Nossa Senhora, dos Santos e dos Anjos ou quando sabia que alguém necessitava de ajuda.

O estranho é que, apesar de sair leve, quase flutuando, pouco entrava numa igreja, pois algo sempre me desviava dela ou não me deixava um tempo livre para tal.

As tentações que eu sentia eram tão grandes que tinha vergonha de contá-las a alguém. O meu pavor era indescritível.

UM DIA, O CAMINHO DE LUZ

a) A notícia e a viagem

Durante o tempo em que morei em São Paulo, só vinha ao Recife nas minhas férias de fim de ano. Embora a saudade que sentia de todos da minha família fosse grande, logo após poucos dias na casa dos meus pais, ia para a praia de São José da Coroa Grande, o lugar eu mais gostava. Foi lá, na casa dos pais da minha cunhada e prima Catarina, esposa do meu irmão Joaquim, que conheci Luíza, que viria a ser mais tarde minha esposa. O nosso casamento realizou-se em 26 de outubro de 1980, na Igreja de Nossa Senhora da Soledade, na Boa Vista, Recife, juntamente com o de Pedro e minha irmã Djane. Luíza estava encantadora e eu muito feliz, como sempre me sinto ao seu lado. O nosso primogênito, Rodrigo, nasceu no ano seguinte, em 30.10.81. Em 31.12.85 nasceu Clarissa e em 21.6.87 o nosso caçula Diego.

Os anos se passaram e, em agosto de 1989, um fato extraordinário aconteceu em nossas vidas, como passo a expor.

Um certo dia, ao sair do trabalho, fui à casa dos meus pais. Minha mãe, radiante, chamou-me e disse-me que tinha recebido um telefonema de Mércia contando-lhe que Nossa Senhora estava aparecendo na Igreja de São Bento, em Itatiba. No momento em que aquelas palavras iam saindo dos lábios de minha mãe, eu ia tendo uma vontade incrível de ir a todo custo para lá. A cada notícia que surgia sobre a aparição, aumentava o meu desejo de ir a Itatiba e uma força nesse sentido me tomava por inteiro. Sentia que era o instante desejado e esperado por mim para sair do tormento e crueldade por que passava, pois sempre pedia a Deus, a Nossa Senhora e a todos os Santos e Anjos para ter forças e superar todas as angústias e tentações que até então sentia calado e reservado.

Surgiram, de imediato, três problemas. O principal deles era a minha condição financeira, pois, além do pequeno salário, tinha dívidas a pagar; o segundo, o meu trabalho; e, o terceiro, a escola dos meus filhos.

Todos achavam que não seria possível a ida a Itatiba. Luíza lembrava que a despesa com a viagem iria nos prejudicar, pois ficaríamos sem condições de saldar as dívidas, de fazer feira, etc.. Diziam até, não só ela, mas, várias pessoas, que se tivéssemos de ver Nossa Senhora ela apareceria aqui mesmo. Por isso não guardei rancor nem raiva, porque as dificuldades pelas quais já passamos várias vezes me deixavam nervoso e com a pressão arterial alta. Desse modo, entendia a preocupação da minha esposa.

Em certos momentos eu achava que não viajaríamos. Fizemos cálculos, planejamos de várias formas e uma delas foi a de eu ir sozinho, solicitar ao meu chefe que adiasse o meu recesso de julho para agosto e falar com o diretor e professoras dos meus filhos sobre o assunto, caso eles fossem conosco.

No dia 04.08.89 uma força repentina agiu por mim e decidi viajar. Falei com o meu chefe e suspendi os pagamentos das dívidas, certo de que ao voltar resolveria tudo sem transtorno. Fui à casa dos meus pais e telefonei para a empresa de ônibus. Então, ainda com o telefone na mão, uma angústia tomou conta de mim e passei a sentir desde já saudade da minha esposa e dos meus filhos caso viajassem sozinho. Senti também que seria uma pessoa incompleta se não os levasse comigo. Pedi, por isso, ao funcionário da empresa de ônibus para aguardar umas horas enquanto eu resolvesse quantas poltronas iria reservar. Desliguei o telefone e fui tentar uma solução junto aos meus pais que se encontravam na sala. Meu pai disse que me emprestaria uma parte da ida e que o dinheiro para a volta resolveríamos numa outra ocasião. Telefonei de imediato para a empresa de ônibus e reservei três poltronas. Telefonei em seguida para Luíza dando a notícia e pedi que arrumasse as malas, pois partiríamos na tarde do dia seguinte. Assim, viajamos, Luíza, nossos três filhos e eu.

Passamos cinqüenta horas num ônibus semi-leito, quase sempre com uma criança no colo ou no braço. À noite, dormimos com um filho deitado sobre nós, como se estivesse em uma cama. Rodrigo, de sete anos, por ser grande e pesado, dormiu em uma poltrona.

Por fim, chegamos a São Paulo, como chegam milhares de nordestinos, mas, não para procurar emprego. Eu procurava encontrar aquilo que há anos e anos desejava, o meu conforto espiritual, a minha fé, o caminho para o Reino de Deus.

Apesar do cansaço da viagem e do frio, no dia seguinte acordamos cedo, tomamos café e fomos com Luiz Porfírio (Firo) para a Igreja de São Bento, local da aparição de Nossa Senhora.

Após nos contar tudo sobre as manifestações, Firo foi trabalhar e nos deixou rezando o terço, coisa que demorei muito a aprender. Embora tendo morado em Itatiba, não tinha conhecimento da existência daquela igreja. Só ao meio-dia é que Firo foi nos buscar de volta para casa. À tarde e à noite também estivemos na igreja para rezar o terço. Todos os momentos que tínhamos entre um passeio e outro, geralmente para conhecer e comprar algo referente às manifestações de Nossa Senhora, aproveitávamos para rezar o terço na Igreja de São Bento.

b) O início da maravilha. O “fenômeno”

No dia 12.08.89 saímos em dois carros para a cidade de Jambeiro-SP, onde mora Pe. José Sazame. Este padre possui o dom da cura e fabrica imagens de Nossa Senhora Rosa Mística. Em um carro, dirigido por mim, iam também Luíza, Rodrigo e Mércia e, no outro, Reginaldo, tia Dalva, tia Helenira, Aline, esposa de meu irmão José Manoel, e Lourdinha, esposa de Edísio Uchôa, meu primo.

No caminho, paramos para orar no santuário da Mãe, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável, de Schoenstatt, em Atibaia-SP.

Horas depois chegamos ao nosso destino, que era Jambeiro. Após darmos uma volta pela cidade, seguimos para a casa paroquial. Depois de comprarmos as últimas imagens e terços da Rosa Mística, soubemos que o Pe. Sazame morava em uma chácara e que não recebia ninguém lá, e que só aparecia eventualmente na casa paroquial quando necessitava dar um telefonema.

Logo depois que rezamos na capela da casa, fomos com uma religiosa conhecer a Igreja Matriz da cidade, onde estavam duas lindas e grandes imagens de Rosa Mística, tendo uma vindo da Alemanha e a outra da Itália, ambas doadas pelo Movimento Sacerdotal Mariano daqueles países.

Estávamos ouvindo as histórias das manifestações de Nossa Senhora em diversos lugares do Brasil quando o Pe. Sazame chegou na casa paroquial. Ficamos esperando alguns minutos na calçada, quando a Irmã nos mandou entrar na capela. Padre Sazame mandou que nos ajoelássemos, baixássemos a cabeça e fechássemos os olhos e nos deu a bênção. Benzeu litros de água, como também imagens, terços e medalhas que compramos em Atibaia.

Na volta de Jambeiro eu estava dirigindo o carro da frente e, logo atrás, Rege dirigia o outro. O sol estava insuportável, pois não havia protetor contra ele e nem a mão impedia que me ofusasse a visão, de modo que dirigí grandes trechos sem enxergar praticamente nada.

Luíza e Rodrigo dormiam e Mércia conversava comigo sentada no banco traseiro. Os assuntos eram os mais diversos.

Tenho astigmatismo, de modo que a minha visão fica perturbada com luminosidade intensa ou quando leio muito.

O sol estava fortíssimo, mas, de repente, ele, que estava se pondo, parou. Foi crescendo, ficando cada vez mais próximo de nós. Passou a ficar amarelo ouro, quase laranja. Havia um halo em sua volta, de cor branca. Rapidamente se distanciou, ficando tão pequeno que podia caber em um prato. Sua cor, nesse instante, já era azul, um azul diferente e brilhante. Seus halos agora eram um avermelhado e outro branco, contornando o halo azul. Voltou à posição inicial. Mudava de cor, afastava-se e voltava para perto de nós, girava e tremia. Parecia, às vezes, querer vir de encontro ao nosso carro. Eu olhava para ele como olho para qualquer objeto sem nada me incomodar.

Nesse instante Mércia me pediu para irmos à Igreja de São Bento quando chegássemos a Itatiba, pois ela também via o que o sol fazia. O pessoal do outro carro estranhou quando lhe disse para onde iríamos ao chegar na cidade.

Quando chegamos na igreja o sol já tinha se posto, de modo que resolvemos ir para casa.

Após o jantar, fomos novamente para a igreja para rezar e conversar com o Pe. Messias. Era quase meia-noite quando voltamos para casa.

c) O dia esperado por todos

Ainda em Recife, fiquei sabendo que no dia 13.8.89 iria haver uma manifestação de Nossa Senhora em Itatiba. Na véspera, dia 12, soubemos que deveríamos permanecer em jejum até o meio-dia do domingo 13.

O dia 13 chegou. Era um domingo nublado e frio. Com ele chegou o brilho e a esperança de um novo rumo para as nossas vidas, o dia que iríamos ver Maria, a Mãe de Deus, a Rosa Mística.

Ainda pela manhã o tempo esquentou, embora não se visse o sol.

Rezas do terço foram feitas durante toda a manhã, interrompidas apenas por uma missa celebrada pelo Pe. Messias.

Tiramos várias fotografias dentro e fora da igreja. Era enorme o número de fiéis ali juntos e com a mesma fé e esperança. Nesse ínterim muitos diziam estar vendo Nossa Senhora em lugares diversos. Rege, Lexandro, filho de meu irmão Luiz, e eu ficamos observando, ouvindo e trocando opiniões a respeito.

Apesar da vontade ser grande de ver Nossa Senhora, não deixei de aceitar, é claro, a opinião de Luíza que dizia que o importante era rezar o terço, que era o apelo de Maria Rosa Mística, e, caso ela quisesse, mostrar-se-ia para nós.

No momento em que estava rezando com muitos dentro da igreja, chegou a minha sobrinha Lea com a minha filha Clarissa e disse que tinha visto Nossa Senhora na torre da igreja, local onde várias pessoas diziam também que a tinham visto e estavam vendo. Confesso que não levei muito a sério o que dizia, pois pensei na possibilidade de ter sido influenciada por outros.

Ao meio-dia, rompido o jejum, foi iniciada uma procissão. O andor com a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística seguia na frente e, a alguns metros atrás, vinha outro andor com a imagem de Nossa Senhora, com o seu Imaculado Coração à mostra.

Todos que estavam conosco foram para casa descansar, para retornarem depois a fim de assistirem à missa das 16 horas, que seria celebrada pelo bispo da Diocese, Dom Antônio Pedro Misiano.

Às 16 horas, prestes a se iniciar a missa, quase todos tinham voltado, faltando, no entanto, Luíza, Clarissa, Diego, Firo e Beto Lula, que ficaram em casa. Aflito em não deixar ninguém perder o acontecimento previsto, peguei o carro e fui buscá-los, entrando em casa chamando por uns e gritando por outros.

Ao chegarmos ao pátio da igreja a missa já tinha começado. Era uma missa campal. Passamos com dificuldade por entre a multidão até encontrarmos um local excelente para nós. Coloquei Rodrigo no muro e fiquei com Clarissa, deixando Diego com Luíza.

Estranhamente, sem nexos, Luíza e eu iniciamos uma forte discussão, mas contornamos tudo, sentindo que era algo estranho e sem sentido, algo que parecia ser para que não participássemos da missa.

No momento da elevação, o sol saiu por trás das nuvens e iniciou a sua manifestação. Era uma apresentação triunfal. Tudo que era claro ficou dourado e o que não era ficou com cores que realçavam, aumentando ainda mais a sua beleza. O sol pulsava, ficava azul e dourado, com luzes e raios

coloridos em sua volta. O sino parecia estar na parte externa da igreja e sua cor era de um bronze límpido, parecendo que era novo e tirado da caixa naquele momento, tamanho era seu brilho. A lua, que estava por trás de nós, era de cor laranja e brilhante. Em sua volta apareceram nuvens de cor verde que tomaram a forma de uma cruz, da qual saíam raios luminosos. A lua posicionava-se no encontro dos braços da cruz.

Durante esse espetáculo maravilhoso, Diego começou a pedir água, não havendo nada que o fizesse parar. O jeito foi tomá-lo nos braços e ir comprá-la numa carroça situada na sombra da parede lateral e para os fundos da igreja. Enquanto comprava a água olhei para o metal do chaveiro e vi que estava todo dourado, mesmo na sombra.

O povo aplaudia e dava graças à Rosa Mística, à Maria Rosa Mística.

Não existe em lugar nenhum do mundo coisas mais maravilhosas do que os fenômenos dados e feitos por Deus, por seu filho Jesus, pela Virgem Santíssima e por todos do Céu.

Ganhamos o dia e caminhamos para ganhar o Reino do Céu, pois nossa fé surgiu ou cresceu fascinantemente diante de tamanha beleza e verdade.

Dona Julieta, sogra das minhas irmãs Dione e Djane, estava um pouco triste por não ter visto Nossa Senhora. Ela iria voltar a Ribeirão Preto - SP e em seguida para o Recife. Resolvi, então, levá-la para junto de um poste da rua e perguntei-lhe se estava vendo alguma coisa na lâmpada, no seu filamento aceso. Respondeu-me que não. Levei-a para olhar uma outra lâmpada que estava a uns cinqüenta metros desta, ambas da mesma marca, luminosidade e cor (branca). Ela estava azul bem clarinho, tornando-se depois em um roxo bem lindo e suave e, em seguida, rosa choque. Dentro dela, sempre visível, aparecia um branco lindo, como um algodão mais alvo, que dava o formato de Nossa Senhora de pé e com as mãos postas. Nesse instante, D. Julieta ficou com os olhos cheios de lágrimas e o coração ardendo de felicidade.

Essa segunda lâmpada foi um dos primeiros locais em que Nossa Senhora se manifestou em Itatiba, vista por um homem após sentir gotas d'água em seu corpo, embora não chovesse, vindas da árvore junto ao poste.

Após toda aquela grandiosa manifestação, soubemos do Pe. Messias e de um seu auxiliar que durante a missa choraram emocionados ao verem uma bola luminosa descer da cruz e lhes aparecer como Nossa Senhora.

Premiados eternamente com tamanha graça, fomos para casa. Fiquei para a segunda leva. No caminho, já pouco distante, olhei para a torre da igreja e avistei ao seu lado, na altura do relógio, uma luz rosa choque com

mais de um metro de altura, parecendo uma pessoa de pé, com as mãos postas, virada para a frente da igreja e de lado para mim.

No dia seguinte resolvi, juntamente com tia Dalva, aceitar o convite para conhecer um lugar na cidade. Prometi não revelá-lo para manter o silêncio e a paz que lhe são necessários. Daquele local, embora a uma distância de quase três quilômetros, nada nos impedia de avistar a Igreja de São Bento, ficando ambos os lugares situados em pontos altos da cidade.

Naquele lugar, que era uma igreja, fomos orientados em tudo pela freira que nos acompanhava. Após rezarmos, ficamos conversando, enquanto Rodrigo, Clarissa, Diego e Beto Lula brincavam, correndo e pulando. De repente, ao olhar para a Igreja de São Bento, avistei Nossa Senhora bem na torre. Tinha, aproximadamente, calculo, 175 cm a 180 cm de altura. Suas vestes eram de um azul mais belo que o próprio céu. Sua posição era de perfil, olhando para o lado esquerdo. Estava de pé, com as mãos postas em oração e tomava o lugar da cruz. Então, chamei Rodrigo e lhe disse: — “Rodrigo, lá na frente está a Igreja de São Bento, está vendo? Ali estão as janelas laterais e ali o terraço onde o padre celebrou a missa ontem. Veja se você vê Nossa Senhora!” Após olhar alguns instantes, gritou dizendo que estava vendo a Santa. A cada movimento que ela fazia, ora de perfil para a esquerda ora para a direita, de frente ou de costa, Rodrigo sempre confirmava tudo cada vez que o chamava da brincadeira com as demais crianças e da coleta de umas sementes chamadas lágrimas de Nossa Senhora.

Fiquei a olhar e a rezar por muito tempo.

A freira que nos acompanhava falou-nos que por volta das 14 h 30 min chegavam sempre dois anjos altos e, às 15 horas, iam embora com Maria, ficando apenas uma enorme mancha branca no local. Eu não vi os anjos, mas vi alguns raios de luz. De repente, Nossa Senhora não mais se encontrava lá.

A razão de eu usar meu filho Rodrigo deveu-se ao fato de, por ser uma criança, dificilmente pudesse imaginar tudo aquilo que eu estava vendo. Apenas perguntava-lhe onde e como estava Nossa Senhora.

De tarde fomos à igreja de São Bento e após rezarmos vários terços, o Pe. Messias foi chegando, viu a imagem que Mércia havia comprado para a minha mãe e perguntou-nos que santa era. Respondi-lhe que se tratava de Nossa Senhora da Paz. Disse-nos não conhecê-la, embora houvesse uma imagem dela ali no altar-mor, junto do sacrário. Neste momento, Rege e eu nos viramos para o altar-mor e vimos uma sombra na parede com o formato idêntico ao da imagem de gesso, com aproximadamente uns 80 cm de altura. Quando o padre chegou ao altar-mor, nós dois já a estávamos vendo nitidamente, de modo que Rege tirou uma fotografia dela do centro da igreja. Minutos depois a sombra desapareceu completamente.

No dia seguinte voltei ao local onde vi Nossa Senhora junto à torre da Igreja de São Bento. Então, novamente avistei Nossa Senhora, olhei-a de binóculo e tirei dela algumas fotografias.

As fotografias que Rege e eu tiramos foram todas reveladas em Recife. Algumas mostraram coisas belíssimas, que serão analisadas em ampliações para que haja uma maior clareza do que representam.

No dia 21.08.89 voltamos para Recife. Foi uma nova viagem, com uma bagagem mais rica do que qualquer tesouro do mundo, isto é, com a fé e a certeza de tudo o que vimos.

d) Caminhemos com Maria

É gostoso saber que Deus perdoa os nossos pecados, dando-nos a mão para vivermos eternamente ao seu lado.

Maria, por sua vez, não deixa dúvidas ao ser chamada Santíssima, isto é, muito santa. Vivendo da fé, sempre foi a FILHA escolhida por Deus para um dia gerar virginalmente seu FILHO Jesus. A majestosa filha, esposa e mãe de Deus teve ao seu lado São José, seu esposo, pai por adoção de Jesus, que a ajudou na sua caminhada para que, em breve, Jesus, morrendo e ressuscitando, nos redimisse dos nossos pecados.

Tudo isso é maravilhoso, graças a Deus! Não há no mundo algo que expresse o quanto é agradável e magnífico o encontro com a paz e a fé através dos olhos e do coração.

É Nossa Senhora com o seu sofrimento, chorando em desespero, que segura a mão do seu Filho, como ela mesmo falou em uma das suas aparições, para que não sejam enviados castigos à terra.

O que podemos fazer para diminuir as lágrimas e o sofrimento de Nossa Mãe, Virgem Santíssima, Maria? Simples e agradável solução existe. Nós é que colocamos em primeiro plano os nossos interesses mais mesquinhos, não dando para a nossa alma a oportunidade de salvação. Só enxergamos, entretanto, quão simples tudo é quando passamos a rezar, rezar compenetrados, falando com o coração e deixando todos os problemas da terra por alguns instantes esquecidos.

Como a própria Mãe Santíssima pede em suas manifestações, rezemos pelo menos um terço por dia, amemos mais os nossos irmãos e façamos, de vez em quando, pelo menos, um sacrifício, uma penitência. Nada disso é difícil. Difícil é iniciarmos. Assim, iniciemo-lo agora, já!

Lembremo-nos nas nossas orações dos momentos de sofrimento de Nossa Senhora.

Irmãos, Nossa Senhora há anos que de todas as formas vem tentando nos converter dos pecados, procurando-nos salvar do fogo do inferno.

São Bernardo já afirmava que “Deus pôde criar o mundo do nada, mas não quis salvá-lo sem a cooperação de Maria”. Assim, após lerem estas anotações, saberão o porquê da força, dedicação e interesse deste servo na divulgação do sofrido apelo de Nossa Mãe Santíssima, a Virgem Maria. Peço, então, que, ao invés de críticas, rezem, não duvidem, não esqueçam do que lerem e encontrem também o caminho que nos leva ao Pai.

Demo-nos as mãos e caminhemos juntos, com Maria, para o Reino de Deus.

AS MENSAGENS RECEBIDAS, PENSAMENTOS E ORAÇÕES

ANO DE 1989

8 de outubro de 1989, domingo. A primeira locução interior

O desejo de transmitir tudo que vi e senti em Itatiba era enorme e mal cabia dentro do peito. Qualquer conversa era uma oportunidade para contar tudo, mas, sempre havia o descaso de alguém que me tirava a vontade de continuar.

Antes mesmo de termos notícias sobre as manifestações em Itatiba, Luíza e eu fomos convidados para participar de um Encontro de Casais com Cristo - ECC, no Janga, Paulista, convite que nos foi feito por um casal muito amigo nosso e que o temos hoje como irmão, tão forte foi o laço que nos uniu. Dou graças a Deus por isso, pois foi esse casal que dirigiu os nossos passos ao encontro com Cristo.

Rubinho e Tânia, como são conhecidos e chamados no ECC, foram praticamente os primeiros a saber tudo o que aconteceu conosco em Itatiba e o que se sucedeu. Conversando com Rubinho sobre aqueles fenômenos, pediu-me que esperasse o final do Encontro para contar os acontecimentos de Itatiba. O mesmo me disse o nosso casal visitante e vice-coordenador do V ECC, Anderson e Natécia.

No último dia do Encontro, em 08.10.89, no início das atividades, quando recebíamos explicações sobre a caminhada de Cristo para o calvário carregando sua cruz, eu me senti tão mal que suava frio e não conseguia me concentrar. Tudo que eu queria era me levantar e começar a falar e contar o que se passou em Itatiba e tudo o que eu sentia no momento, como, também, principalmente isto: todo o desespero que Nossa Mãe Santíssima, Virgem Maria, passa por não conseguir o máximo de conversões entre os homens.

Não consegui permanecer sentado. Fui até Anderson e lhe contei o que estava se passando comigo. Ouvi dele, então, o que já havia escutado no dia anterior, isto é, que aguardasse, pois iria surgir oportunidade para eu falar. Saí, lavei o rosto, voltei ao local da palestra e permaneci rezando. Pouco depois uma voz penetrou em mim e me falou assim:

— Não te aflijas! Embora eu venha tentando, porém sem muito sucesso, e falando, mas sendo pouco ouvida, apenas sentes agora um pouco da dor e da angústia que já sinto há muito a respeito da salvação do homem.

Os homens não querem escutar a verdade e o meu apelo para que se convertam do pecado.

Não te aflijas! Acalma-te!

Agora sabes o quanto é doloroso querer transmitir e não conseguir.

Tranqüiliza-te! Em breve poderás iniciar a tua missão.

O Encontro terminou de noite com uma belíssima missa celebrada pelo Pe. Francisco Caetano Pereira, vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Ó, em Pau Amarelo, Paulista-PE.

Não há dúvidas de que esse Encontro é de grande ajuda para quem deseja reencontrar o sentido do amor, principalmente no tocante ao respeito mútuo e à prática dos Mandamentos da Lei de Deus. Por ter sido tão importante para mim e para Luíza e nossos filhos é que agradecemos eternamente aos nossos amigos e irmãos em Cristo, particularmente a Rubinho e Tânia Tibério Borba.

10 de outubro de 1989, terça-feira

Senti uma força enorme que me impeliu a rezar junto da imagem de Maria Rosa Mística, existente na sala do meu apartamento.

Não me lembro quando rezei junto à imagem, pois, até então, tinha o hábito de fazê-lo na cama ou no carro quando me dirigia para o trabalho.

Quando estava rezando, a luz da vela começou a fazer um jogo de cores e reflexos na própria imagem. Em seguida, embora a luz do corredor estivesse acesa, tudo escureceu, ficando apenas uma penumbra. Uma luz forte e dourada contornava toda a imagem. Esta ficava totalmente visível, mesmo na penumbra, ou dela aparecia somente o rosto. Repentinamente, no meio do jogo de luz surgiu a figura de um homem no próprio local da imagem de Nossa Senhora. No início foi difícil saber o que estava aparecendo, mas, aos poucos, foi clareando, até que, nitidamente e mesmo na penumbra do ambiente, surgiu um homem alto, magro e de barba bem feita e aparada. Rapidamente ele sumiu, aparecendo, então, da mesma forma, a imagem de um jovem com cabelos lisos e pretos que cobriam suas orelhas, cujo rosto era alvo e a pele era macia. Ao meus olhos, usava um terno fechado e escuro, diferente dos que se usam hoje em dia, de cor aparentemente cinza ou verde. Num instante esta segunda pessoa sumiu no jogo de luz, reaparecendo, então,

a imagem de Maria Rosa Mística, que não era a imagem que veio de São Paulo, de gesso, pois era diferente a que eu estava vendo naquele instante. Além dos frisos dourados e luminosos, duas rosas ficaram ininterruptamente reluzentes, a branca e a amarelo-ouro. A rosa vermelha não aparecia, embora eu sentisse que permanecia em seu peito.

Essa troca de imagens durou maravilhosamente muito tempo, acho.

A força que me levou para a sala foi muito estranha. Parecia que eu não estava andando e nem pensando por mim mesmo. Os meus movimentos foram automáticos.

Ao se iniciar essa manifestação nada mais fazia parte de mim. Foi como se eu me desligasse de tudo e vivesse somente aquele fenômeno. Até a própria vela sumiu, ficando apenas a sua luz.

A imagem de Nossa Senhora Rosa Mística ficou fixa, da maneira belíssima como narrei. Como que hipnotizado, fixei a minha vista nela e ouvi, sentindo na mente e no coração, a seguinte mensagem:

— Tem calma e fé! Estamos contigo.

Divulga tudo que tu vires e ouvires!

Na hora e no momento que de ti precisar, surgirei e não deixarei dúvidas.

Aos teus olhos me mostrarei e ao teu coração falarei.

Vive de amor!

Houve, na verdade, mais palavras de força e de conforto, porém, acho que Nossa Senhora e os Santos que naquele momento se mostraram queriam apenas que elas ficassem comigo, só para mim. Sinto, por isso, quais foram, de tal forma que passei a agir exatamente como as senti, não conseguindo, contudo, transmiti-las. Não me incomodo que seja assim, pois sinto uma paz enorme.

A voz que transmitia as palavras era tão suave, meiga e feminina que não tenho dúvidas ter sido de Nossa Mãe Santíssima, Virgem Imaculada, Maria.

Quando tudo passou, percebi que estava sentado no chão, encostado no sofá. Segurava o terço, pegando-o na última Ave Maria do quinto mistério. Terminei, então, de rezá-lo. O dia já vinha surgindo com o sol, e o céu estava nublado. Eram 4 horas.

Lembro-me que no momento que fui para a sala eram mais ou menos 22 horas.

A minha paz de espírito era tão maravilhosa que ficaria ali até o dia seguinte se não fosse o sono forte que me acabava de chegar.

Mais tarde, ao me acordar, corri para a casa de meus pais a fim de obter respostas para o que aconteceu. Chamei a minha mãe para a cozinha e lhe narrei tudo.

Apesar de não conhecer e não saber nada sobre os santos, algo me dizia que o santo magro, com barba e cajado era São José, que me foi confirmado por minha mãe. Perguntei-lhe, então, qual era o santo jovem. Ela me disse que achava ser São Domingos Sávio, que morreu jovem. Chorei emocionado e encostei meu rosto no ombro dela, encobrendo seus olhos também lacrimejantes.

Neste dia e nos outros procurei ansioso a história e a imagem do santo jovem. Encontrei sua história, mas, as imagens que vi em lojas e no Colégio Salesiano não correspondiam com a da visão que tive. Nas lojas que entrei me disseram que aquelas imagens eram do tipo artesanal, mas que haviam outros tipos de imagens. A verdade é que até hoje não encontrei uma que se parecesse com a que vi.

11 de outubro de 1989, quarta-feira

Por volta das 19 horas cheguei do trabalho, tomei banho e jantei. Depois rezei junto à imagem de Nossa Senhora, conversei com Luíza e Rodrigo e na, cama, li um pouco do livro “Conheça Mais Nossa Senhora”. Deitei-me já tarde para dormir.

Com toda a certeza eu não estava intranquilo e não tivera um dia ruim, porém não conseguia dormir, de modo que rolava de um lado para outro da cama, olhava para Luíza que estava dormindo, ia a todos os cantos da casa e voltava para me deitar, mas, nada, alguma coisa faltava para me acalmar. Algo me induzia para ir para a sala. As luzes estavam todas apagadas e somente a vela na sala permanecia acesa. Não resisti, fui até a sala, olhei, nada, voltei para a cama. Repentinamente, uma luz que vinha da sala parou na porta do meu quarto. Era uma luz forte e suave, como a de uma possante vela que percorreu suavemente o corredor. Entretanto, a luz não provinha da vela que estava na sala, pois esta fica por trás de uma parede. Levantei-me de um pulo e fui para a sala onde estava a imagem de Maria Rosa Mística. Deitei-me no sofá e fiquei a olhar para os quatro cantos da sala. Nesse momento, uma voz falou do mesmo modo que no dia anterior, isto é, por “locução interior”. Era uma voz firme, masculina, porém tão suave como a de Nossa Senhora. Essa voz mandou que eu me levantasse e me abençoou, dizendo:

— Eu te abençoo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

No momento em que me eram ditas estas palavras eu ia fazendo o sinal da cruz. Em seguida, disse-me:

— *Senta-te e fica à vontade!*

Sentei, não sei se no chão ou no sofá. Neste instante apareceu também um belíssimo jogo de luz, como da vez anterior, e surgiram ora Maria ora São José, até que na penumbra permaneceu a imagem nítida de São José que, pausada e suavemente, disse-me coisas sem precisar articular as palavras que me foram permitidas anotar mais tarde. Foram as seguintes, porém não na mesma ordem como me foram ditas:

— *Não temas!*

As pedras que te jogarem nada serão que pétalas de rosas diante da verdade e da fé.

As palavras que te enviarem pelos lábios jamais deverão adormecer teu coração, pois a voz que ouvirás no espírito se alimentará delas para obter mais força e soar mais alto.

No final de cada mensagem jamais haverás de esquecer de transmiti-la aos filhos de Deus Pai, aos meus filhos por adoção e aos filhos queridos e inesquecíveis da Virgem Imaculada, Maria.

Paz, perdão, sacrifício, compreensão, oração e fé!

Segue em frente, firme! Passarás por todos os obstáculos. Atropelarás tudo que tentar te parar. Passarás por cima e seguirás em frente, sem olhar o que ali ficou.

O caminho é um só e deverá ser transposto rapidamente e com glória.

A quem não acreditar em ti haverá oportunidade de se provar, para que mais uma alma se salve para o Reino do Céu.

Outros virão para te guiar, ficando visíveis aos teus olhos após cada uma das tuas palavras de fé e amor.

Não tentes saciar a sede com uma jarra de água, pois, por pequeno que seja o copo, tornar-se-á suficientemente agradável e necessário na hora certa.

Caminha firme, não desanimes, não tenhas medo de fraquejar! Estaremos sempre contigo, dando-te a mão e amparando teus joelhos para que não os machuques ao dobrá-los, pois tudo isso será em nome da SALVAÇÃO.

Paz, perdão, sacrifício, compreensão, oração e fé!

Em seguida, o jogo de luz tornou-se mais forte e contínuo, ora surgindo Maria Rosa Mística ora São José, ficando assim até terminar o fenômeno.

Aproximadamente meia hora depois, voltei para a sala e escrevi tudo. Passava já das 4 horas da manhã.

Em dúvida, parei e indaguei: “Minha Nossa Senhora, aconteceu? São essas mesmas as palavras?” De imediato obtive a seguinte resposta:

— *Está acontecendo.*

Para o bem suas palavras serão sempre as minhas. Utilizar-te-ás delas em meu nome para alegrar e aclamar meu Filho.

13 de outubro de 1989, sexta-feira

Após rezar o terço, pedi a Nossa Senhora Rosa Mística para me certificar de que o que vira nos últimos dias não fora imaginação minha, coisas sem fundamento ou mesmo simples reflexos de luz, embora vendo imagens que nunca tinha visto. De repente, mesmo com a sala clara pela luz do dia, a imagem de Nossa Senhora ficou toda dourada, reluzindo belissimamente. Por trás da sua cabeça, uma auréola do tamanho aproximado de um pires também brilhava, num dourado suave e realçante. Não tive, portanto, mais dúvidas.

20 de outubro de 1989, sexta-feira

Levamos, Luíza e eu, a nossa imagem de Nossa Senhora Rosa Mística para a Capela de Nossa Senhora de Fátima, no conjunto Praia do Janga, no Janga, Paulista-PE. O nosso objetivo foi atender ao pedido que Nossa Senhora fez a Pierina Gilli em Montechiari, Itália, para confeccionar imagens suas, tal como ela lhe apareceu em 22.10.47, e divulgá-las, pois através delas se manifestaria em prol da conversão dos seus filhos queridos. Mas, grande foi a nossa decepção, pois a imagem foi colocada na sacristia, onde seria pouco vista.

22 de outubro de 1989, domingo

Preparei um texto contando tudo sobre Nossa Senhora Rosa Mística, isto é, suas aparições e seus apelos em todo o mundo. Inseri também uma oração à Nossa Senhora Rosa Mística.

Em uma das manifestações da Virgem Imaculada, ela fala da sua tristeza por nunca a exporem em um local de destaque na maioria dos

templos, porque, se assim fizessem, facilitariam muito a sua desesperada luta contra o mal.

Pois bem, embora eu tenha preparado com tanto carinho o texto, ele não teve uma adequada divulgação porque só o distribuí quando a maioria das pessoas já tinha se retirado da capela. Triste e impaciente, percebi que não era ali que deveria iniciar a minha missão, pois, algo me dizia que Maria Rosa Mística não estava feliz. Tampouco eu estava, que sou um simples homem procurando servi-la, ajudando através dela os irmãos a se converterem do pecado pela divulgação dos seus desejos maternais. Desse modo, levei de volta a imagem para a minha casa.

Dias depois, quando assistia à missa na Capela de São Miguel, próxima da casa dos meus pais, na rua Marquês do Paraná, no Espinheiro, Recife, senti uma força interior que me mostrava a necessidade e a urgência de trazer a imagem para ali. Conversei, então, nesse sentido com D. Polinésia, uma senhora que há muitos anos cuida carinhosamente da capela, e ela concordou de pronto.

Houve imediatamente a aceitação por todos que freqüentam aquela casa de oração, de modo que verificamos a devoção dos fiéis, pois colocam flores aos pés da imagem e acendem velas a Nossa Senhora. Houve até quem solicitasse a permissão para levá-la para sua casa a fim de rezar o terço, o que já se faz na capela.

5 de novembro de 1989, domingo

Ontem, devido ao meu cansaço, Luíza e eu ficamos com os meninos na casa de meus pais para dormir.

Entre zero hora e uma hora da manhã deste domingo, acordei-me e algo me levou para a sala de jantar onde há uma imagem do Coração de Maria. Rezei a oração ao Divino Espírito Santo e, ao finalizar, ouvi a voz de Maria mandando dizer à minha mãe que mantivesse uma vela sempre acesa, pois a casa estava muito escura.

Verifiquei que o sentido da palavra “acesa” nada tinha a ver com a luz ambiente da casa, visto que a sala ao lado de onde eu dormia estava com duas lâmpadas fortes acesas.

Saí bem cedo para trabalhar no SESI de Paulista. Eram 5 horas. Trabalhei até às 17 h 30 min e voltei para a casa de meus pais. Eu estava muito impaciente e instável nos meus movimentos e atitudes. Não fui à missa e, com isso, cresceu ainda mais a minha impaciência.

Havia muita gente em casa e, por isso, sempre acontece aquele entra e sai em todas as dependências, principalmente no quarto de meus pais. Nesse ínterim, entrei também no quarto de meus pais, peguei o terço da minha mãe

e sentei-me na cama, ao lado de meu filho Diego que dormia. A luz estava apagada. De frente para mim estava uma mesinha que serve de oratório. Nesta mesinha encontram-se várias imagens e havia uma vela 7 dias que levei para minha mãe quando saí do trabalho. Dado momento, quando percebi, eu já estava terminando de rezar o terço, já na Salve Rainha. Eu havia tido uma locução interior, em que a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística e a vela, que era benta, mostraram aquele fenomenal jogo de luz e de imagem. Curioso é que todas as imagens que estavam no oratório sumiram na escuridão ou penumbra provocada pelo fenômeno, inclusive a vela, ficando apenas a sua luz. Como uma montagem, sobre a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística surgiu a figura de uma freira, que reconheci como tal pela roupagem que vestia. Tinha um véu preto e uma cobertura branca na testa que saía por baixo do véu. A capa era branca e longa até os pés, tão branca que o algodão ou espuma do mar comparados a ela não passam de coisas encardidas. Esta imagem ou figura não articulava palavras, mas sei que foi dela que ouvi rápido e suavemente o seguinte:

— Mostro-me a ti agora. Digo, porém, que não te preocupes em querer saber tudo de imediato e em pouco tempo, pois tudo e todos os significados serão esclarecidos aos poucos. As coisas surgirão e serão esclarecidas da mesma maneira.

Em seguida veio o jogo de luz e, em vez da freira, apareceu a imagem de um santo de estatura pouco menor que a de São Judas Tadeu, porém puxando um pouco para gordo, pois sua cintura era arredondada. Era calvo e possuía barba. A sua roupa era tão alva como a da freira que falamos. Acho que segurava na mão direita, não tenho muita certeza, um cajado ou algo branco, ou amarelo ou marrom. A sua comparação com São Judas Tadeu só me foi possível porque a sua imagem ficou visível ao mesmo tempo que a dele. A imagem de São Judas apareceu exatamente como é a do oratório.

A seguir, o jogo de luz ficou mais rápido e as imagens em cima da mesinha (oratório) voltaram a ficar visíveis, cessando, assim, o fenômeno.

O que muito me chamou a atenção foi que, embora a imagem da Rosa Mística estivesse quase de perfil em relação a mim, a figura da freira que apareceu sobre ela estava na mesma posição ou, então, de frente para mim. Quanto as imagens dos outros santos, apareceram ou de frente ou de perfil, olhando para a porta do quarto, em direção oposta para onde olhava a imagem da freira de perfil.

7 de novembro de 1989, terça-feira

Estava preocupado com a situação do meu irmão em Cristo, Rubinho, pois boatos diziam que o seu chamado repentino à Casa da Indústria tinha o caráter de sua demissão. Por isso, solidário à sua pessoa, tranquei-me na sala da chefia e rezei muito pela sua proteção. Minutos depois, Lourdinha Carvalho e Cândida Delfina, que são minhas amigas de trabalho, entraram na sala e vieram saber das novidades, tendo-lhes narrado tudo. Durante a conversa, que teve também um sentido espiritual, contei sobre a manifestação do dia 05.11.89. Elas ficaram arrepiadas e disseram que a freira era, sem dúvida, Santa Tereza D'Ávila, lembrando-me que a novena que me deram no dia 03.11.89 era dela e que ela era uma freira.

Não sabendo nada sobre os santos e ouvindo delas sobre Santa Tereza D'Ávila, fiquei completamente tomado pela emoção. Hoje eu sei parte da sua biografia, que li no livro “Um Santo para cada dia”, de Mário Sgarbossa e Luigi Giovanini. Quanto ao santo nada encontrei ainda, mas, brevemente saberei sobre ele.

Ainda neste dia, em casa, quando estava fazendo anotações, parei e, no final do primeiro caderno, escrevi algo pensando em dar a Rubinho e Tânia como força espiritual, que foi:

NA FÉ NADA NOS ATORMENTA

**Desejas o mal para mim?
Agradecerei a Deus o sofrimento espiritual e material.
Tiras-me o emprego?
Não ficarei desamparado.
Tiras-me o alimento do corpo?
Não deixarei de alimentar a minha alma.
Forças-me a pecar contra o meu irmão?
Não o farei. Rezarei por ti e por ele.
Por tudo isso,
Através de Maria Rosa Mística
Rogarei a Deus o Reino do Céu.
Arrancas-me os olhos?
Mesmo assim verás meu sorriso,
Pois a luz do Espírito Santo me mostrará o caminho.
Tentarás contra mim?
Rezarei por ti,**

Pois o que a mim desejares nada mais será do que
alimento para o meu espírito e para a minha fé.
Assim alimentar-me-ei para fortalecer a minha alma e
caminhar mais firme para Deus.
Através de Maria Rosa Mística rogarei a Deus por ti.
Irmão, em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus
Espírito Santo,
Através da Virgem Imaculada, Maria,
Perdoarei tudo que tentares contra mim.
Mesmo desejando-me o mal,
Mesmo sem alimento para o corpo,
Mesmo sem emprego,
Tentando contra o próximo,
Até mesmo cego dos olhos,
Não deixarei de te amar.
Pecadores nascemos,
Pecadores não devemos continuar.
Através de Maria Rosa Mística
Rogarei por nós a Deus.

ANO DE 1990

2 e 3 de fevereiro de 1990, sexta-feira e sábado

Na granja, quando estava em retiro, triste, desolado e com saudades de Luíza e dos meus filhos, apoderou-se de mim um desespero e uma vontade enorme de desistir de estar ali e voltar para casa. O opositor tentava-me fortemente. Deitei-me, então, na rede que armei no terraço e rezei o terço, lutando contra aquele desejo. Em dado instante o sol começou a me incomodar incrivelmente. Até mesmo quando a sua luz refletia na parede não tinha como escapar de seus raios. De repente ele ficou azul, como na manifestação do dia 12.08.89. Era um azul belíssimo. O sol tremia dentro de uma auréola branca. Chamei então o morador da granja de meu irmão Joaquim, que estava fazendo um serviço a poucos metros de mim, isto é, juntando o material que usávamos na construção de um oratório, e lhe pedi para que olhasse o sol, mas, não conseguiu, pois seus olhos ardiam como brasa, disse ele. Mesmo assim tentou outras vezes, porém não conseguiu olhá-lo. Eram 16 h 45 min pelo horário de verão.

As tentações que senti nesses dias na granja foram enormes e me prejudicaram bastante nas orações. Só não foram piores por que me dediquei à construção do oratório.

No sábado, dia 3, alegrei-me com a chegada de meu pai, meu sogro e Rodrigo que passaram praticamente toda a tarde comigo. Depois foram embora, ficando Rodrigo para voltarmos no domingo.

9 e 10 de fevereiro de 1990, sexta-feira e sábado

Fomos, tio Bazinho e eu, à tarde, até a casa de Helena Siqueira, uma Carmelita descalça que, devido à precariedade de sua saúde, teve que pedir à Santa Sé a dispensa dos seus votos religiosos.

A respeito disto, ela, com o perpassar do tempo, confiou-me o seguinte:

Após 22 anos de vida religiosa, na qual se sentia profundamente engajada, viu-se forçada a sair da clausura (que tanto amava), com licença

especial da Santa Sé, conforme já foi dito acima, por exigência do médico da sua comunidade. Era portadora, havia muitos anos, de um quisto no joelho, o qual provocara gravíssima infecção, que, àquela altura, não mais poderia ser extirpado por meio de cirurgia e ameaçava degenerar em gangrena, conforme o parecer médico. A Santa Sé lhe concedera um indulto de um ano de excomunhão. Infelizmente, disse-me, este ano não bastou para a solução do seu caso porquanto foram necessários dois anos de hospitalização para obtenção da sua cura.

Ante a gravidade do caso, vendo que não poderia regressar ao seu tão querido Carmelo, após o consenso do seu Diretor espiritual, pediu o seu desligamento definitivo da Ordem que tanto amava e ama, conforme sempre me diz. Afirmo com toda convicção que tem na Seráfica Santa Tereza de Jesus, fundadora das Carmelitas e dos Carmelitas Descalços e hoje Doutora da Igreja, a sua mãe e mestra espiritual, cuja doutrina de a maior mística de todos os tempos é será até o fim a luz que lhe serve de guia no caminho que leva à santidade.

Hoje, Helena é prêmio para quem convive com ela, ouvindo e falando com ela a respeito de tudo que é ligado à vida espiritual. Acho que é uma dádiva do Céu tê-la conosco.

Chegando em sua casa, após lhe ter sido apresentado pelo meu tio, contei-lhe toda a minha vida de maneira mais completa do que está registrado aqui, porquanto mostrei-lhe tudo através do meu coração: os meus sofrimentos de antes e a felicidade de que desfruto hoje.

Helena, com a tranquilidade que a caracteriza e a cultura e experiência de que dispõe em todos os sentidos, muito me confortou, esclareceu e orientou.

Este meu primeiro encontro com ela foi tão agradável e precioso para mim que as horas se passaram sem que eu sentisse.

Já era noite quando, finda a nossa conversa, tio Bazinho e eu recebemos a Sagrada Comunhão. Ela tem o privilégio de ter em sua casa uma Capelinha com o S.S Sacramento e ela é ministra da Eucaristia.

Após a Santa Comunhão, despedimo-nos dela e nos retiramos.

Ao chegar em casa, Luíza estava à minha espera na sala. Jantei e conversamos por horas, até mais da meia-noite.

Tudo estava agradavelmente calmo, inclusive a nossa conversa. Luíza deitou-se para dormir e eu sentei ao seu lado para rezar o terço e, em seguida, ler um pouco, porém acordei com o terço na mão, segurando-o em uma Ave Maria. Coloquei o terço sobre o criado-mudo e tornei a dormir. Por volta das 5 horas da manhã acordei e, sentindo um forte desejo, rezei na sala. De pé, fiz o sinal da cruz. Sentei-me no sofá e rezei o primeiro mistério do terço. Em seguida, ajoelhei-me e rezei todo o restante.

Não sei explicar, mas, sempre rezo o terço contemplando cada mistério sem pensar se é gozoso, glorioso ou doloroso, procurando, no entanto, relacioná-lo com o que estou sentindo no momento.

Naquele ocasião rezei-o da seguinte maneira:

- no primeiro mistério contemplei Jesus no Horto das Oliveiras;
- no segundo, contemplei Jesus na Última Ceia;
- no terceiro, contemplei a Ressurreição de Cristo;
- no quarto, a Assunção de Nossa Senhora; e
- no quinto, a Glória de Jesus à direita de Deus Pai, com Maria à sua

direita.

Já no começo das orações o jogo de luz da vela se iniciava. Entre o segundo e o terceiro mistério havia reflexos de luz na parede, do lado direito da vela e de mim, que foram ficando cada vez mais fortes.

Antes mesmo de eu terminar de rezar o terço, já era bem visível o formato de uma criança vestindo um timão branco. Seus cabelos eram claros e lisos e chegavam até o ombro. A criança estava de perfil para mim e olhava de frente a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística, alcançado-lhe até o ombro. Vi nitidamente o rosto de Jesus. Passaram-se alguns minutos até que Nosso Senhor me transmitiu por locução interior estas palavras:

- Não te preocupes! Tudo que estás vendo e ouvindo serão paulatinamente esclarecidos a ti.

É importante que continues recorrendo à minha filha Helena que aos poucos te ajudará na orientação espiritual, pois, para isso está preparada, sabendo dizer palavras confortadoras e seguras. Mesmo quando vierem rigorosas recebe-as com agrado, pois serão palavras de uma mãe a preparar seu filho para o caminho árduo e para a batalha.

Estamos bastante satisfeitos e gratificados com todas as nossas escolhas dos nossos filhos que formam o nosso exército. Todos, os que já retornaram para nós, os que já foram enviados e os que ainda hão de nascer estão com a marca, “a luz resplandecente da vitória”.

É doloroso e sofredor o caminho.

A cada pecado do mundo surge uma chaga no meu coração.

É doloroso saber que na batalha perderemos alguns filhos que colocamos no mundo.

Tu, como pai, coloca-te em nossa posição, vendo teus amados filhos se condenarem, sem ouvirem nossos afagos e súplicas.

Confia todas as dúvidas e palavras à Irmã Helena, pois sua vida faz partedo coração da minha Mãe e ela é para ti uma guardiã do teu caminho. Vocês dois se confortam mutuamente.

Não te preocupes com teus filhos. Não te envergonhes de tê-los fortemente enraizados em teu coração, de amá-los tanto ao ponto de surgirem dúvidas quanto a aceitar suas mortes, pois teu amor e o da tua esposa não são diferentes.

Se houvesse mais pais com amor pelos filhos como há em vocês, haveria tantas Maria e Jesus no mundo que seria mais rápida a certa vitória.

Quanto mais forte for a batalha, mais suave e confortante será a vitória.

Quanto maior e dolorosa for a chaga, mais suave e confortadora será a cicatriz.

Não te aflijas! Teus filhos estarão sempre bem guardados e serão luzes resplandecentes.

Tua esposa nada tem de se envergonhar. É, foi e sempre será fiel a ti e à tua caminhada.

Nesse instante um rosto tomava por algumas vezes o lugar do rosto de Jesus. Ficava tão junto da imagem infantil que seu nariz tocava em seu ombro. De perfil, era um homem aparentemente calvo, com um nariz grande como o meu, os olhos mostrando-se fundos devido a testa ser grande e saliente e com as sobrancelhas grandes e largas. Tinha uma barba fina e bem feita.

Para não ter dúvidas, perguntei de quem se tratava a imagem. Nosso Senhor me respondeu:

— É meu pai, pelo qual tenho um respeito e veneração especiais, pois foi peça importante para que eu chegasse aqui, cumprindo todos os desejos do Pai Celestial, nosso Deus. A ele devo minha força, minha educação de jovem e o exemplo digno de um verdadeiro pai. Infelizmente, nos Livros Sagrados pouco se fala deste homem, mais pela sua sublime humildade e reserva do que por necessidade de tal. Muitos anjos, santos e homens têm suas vidas esquecidas na continuidade do tempo, porém basta que saibamos seu início para sabermos seu presente.

Não te preocupes em como, quando e onde agirás, pois caminharás sobre nossos pés e agirás sob nossos atos. Cada palavra de conforto e fé que transmitires a alguém, assim como teus atos de comprovação das palavras e tuas ações para estabelecer definitivamente a vitória da certeza entre a dúvida serão abençoados por nós.

Perguntei a Jesus de quem era a imagem do homem com cajado que me falou no dia 11.10.89 as seguintes palavras: - “*Deus Pai, eu, teu pai por adoção, e a Virgem Imaculada, Maria*”. Ele me respondeu:

— *Não te aflijas, pois todas as palavras e imagens que a ti surgirem serão aos poucos desvendadas.*

Helena, com sua calma interior, irá ajudar e muito nas tuas curiosidades e dúvidas.

A imagem é de meu pai por adoção, José.

Não importa a hora, nem como e nem onde, nós continuaremos a nos comunicar contigo. Haverá tempo em que acontecerá com mais frequência.

Quero que te refugies de tudo e de todos sempre que fores rezar, meditar e falar conosco.

Conhecerás muito de nós e saberás tudo a respeito de nossas vidas e o por que surgirmos naquele momento.

Dize a minha filha Helena que os mínimos detalhes deverão ser estudados e repassados claramente para ti.

Pedi desculpas por estar sentado e não de joelhos. Tive a seguinte resposta:

— *Não há nada para desculpar. No amor de irmãos jamais deverá existir cerimônia.*

De hoje em diante nos trataremos como irmãos, pois a união será importante entre aqueles que seguem na batalha contra os adversários.

Jamais te abandonaremos e, quando te sentires derrotado e caíres, de imediato te levantaremos.

Estamos felizes na escolha.

Paz, amor, penitência e oração.

11 de fevereiro de 1990, domingo

Ao passar o fim de semana na granja com Dione, Plínio, meus sobrinhos e amigos, chegaram no final da manhã os meus pais, meu irmão Joaquim, Nieta e meu sogro.

Logo depois do almoço fui para um local bem calmo e isolado, que chamamos de córrego, e ali rezei a oração ao Divino Espírito Santo. Sentei-me num tronco caído no caminho e rezei o terço, utilizando para isto meus próprios dedos. Lembro-me que pela manhã não consegui concluir as minhas orações.

Quando terminei de rezar, percebi que dois galhos de árvores diferentes e altas afastavam-se no momento de um gostoso e suave vento e que entre eles aparecia o sol que, apesar da claridade, deixava-se ver naturalmente. Uma auréola contornava o sol. Minutos depois os galhos citados encheram-se de estrelas prateadas. Na dúvida, olhei para uma árvore mais afastada, do lado direito e fora dos raios solares, e vi que também estava cheia de estrelas prateadas, todas soltas, a balançar. Nesse instante Nossa Senhora falou-me algumas coisas, pedindo-me para não revelá-las a ninguém, mas, somente à Helena. Não era nada preocupante, apenas uma rotina como preparação para a missão.

Ao chegar na casa grande, pedi para minha mãe olhar para o sol. Estava quase todo mundo por perto, mas somente nós dois olhávamos. Minha mãe vinha e me contava o que estava se passando. Eu, por minha vez, olhava e confirmava tudo, pois o sol realmente se manifestava, ficando observável facilmente a olho nu. Uma grande nuvem escura ficou em sua frente, mas não o deixamos de ver novamente. Depois, esta mesma nuvem ficou avermelhada. Em seguida o sol ficou mais suave e nítido para logo depois minha mãe gritar, já dentro do carro, que ele estava dourado, o que era verdade.

Compreendi que o sol não completou sua manifestação porque levaram minha mãe para casa na cidade, pois ela era, naquele momento, a pessoa que deveria ver aquele fenômeno extraordinário.

17 de fevereiro de 1990, sábado

Levantei-me às 3 horas e poucos minutos. Fui para a sala e, como de costume, fiz a oração ao Divino Espírito Santo. Em seguida, ajoelhado, rezei todo o terço.

Não aconteceu o contato visual, mas, claramente, Nossa Senhora me falou em locução interior as seguintes palavras:

— *José, meu esposo, cuidará especialmente de teu irmão José Manoel, de tua irmã/cunhada Aline e de teus sobrinhos. Ele ficou radiante, felicíssimo, em ver que José Manoel tem um carinho bem especial por ele, lá no coração, e, por isso, satisfeito, resolveu, ele mesmo, cuidar da caminhada e dos olhos dele, José Manoel, e de toda a sua família na trilha da vitória triunfal. A vitória é certa, porém, nossa luta é para salvar todos, trazendo-os para o Reino de Deus e, assim, evitar tristeza em nós e mácula em seus corações.*

Perguntei a ela se poderia ver e falar novamente com Santa Tereza D'Ávila. Respondeu-me positivamente, complementando que, não só com ela, mas com todos que a mim já apareceram e ainda com muitos outros, dentre os quais os que não conheço nem deles ouvi falar.

Reforçou o que já me havia dito com relação a todo tipo de proteção à minha pessoa.

Falou-me que todos que escolhi serão abençoados por ela, como também todas as pessoas que com eles convivem em seus lares. Essa proteção, entre outros motivos, far-se-á necessária para que eles não corram perigo, não se vejam tentados a desistir e não percam a fé e a esperança.

Alertou-me para que não tenha dúvidas quanto a estar recebendo mensagens, dizendo que, mesmo na dúvida, estarei, de fato, comunicando-me com ela em locução interior e que não necessitarei de visão, bastando apenas a luz do Divino Espírito Santo.

Em seguida, continuou:

— Teus atos serão por nós abençoados; basta que, para isso, tenhas a intenção e fé em ajudar o próximo, confirmando nossas manifestações e apelos à conversão dos nossos filhos.

Após a bênção final que ela me transmitiu, encerrou-se a locução. Eram 5 h 14 min.

1 de março de 1990, quinta-feira

Após o jantar, sentei-me à mesa e fui repassar um pouco das anotações que já fizera. Eram 21 h 30 min.

A 1 hora da manhã do dia seguinte, guardei tudo e apaguei as luzes, deixando acesos apenas o abajur do quarto de Clarissa e a vela na sala. De pé, rezei a oração ao Divino Espírito Santo e, em seguida, ajoelhado, iniciei a reza do terço. Momentos depois tive que parar para atender Luíza que tinha se levantado. Voltei à sala e continuei a rezar. Logo depois, levantei-me e fui ver quem mexia no baú de brinquedos no quarto de Clarissa. Era Luíza que procurava alguma coisa. Chamei-a, então, para deitar-se junto de mim no sofá da sala, onde adormeceu, ficando eu sentado e rezando. Quase ao final do terço, a parede da sala pareceu ser de vidro, onde podia ver vultos numa penumbra. Durante essa maravilhosa manifestação, de debaixo do porta-imagem saíam raios de luz, ora prateados ora dourados e azuis, vindos do alto até o chão, rápidos e brilhantes. Por trás desses raios e na frente da parede aparecia um vulto claro, quase impossível de ser visto. Tive a impressão de que se tratava de Nossa Senhora em tamanho normal, de mãos

postas e ajoelhada. Entretanto, durante todo o tempo, algo se manifestava, tentando evitar que eu rezasse e que permanecesse ali. Era, sem dúvida, o desesperado opositor. Só o meu amor e devoção à missão de Nossa Mãe Santíssima faziam-me continuar para sentir a delícia de ver e falar com ela. Estava convicto de que era o momento de lhe ver e falar, e também a outros santos. Sei até que o vulto claro era a própria Virgem Santíssima, porém, com Luíza ali presente, percebi que não havia condições de continuar. Falei com Nossa Senhora e ela me tranquilizou, dizendo que voltaria breve a concluir essa manifestação.

Recordo-me, ainda, o que me chamou muito a atenção, isto é, que vi de relance a minha própria imagem entrando por uma porta aparentemente escura, tudo se passando dentro daquela parede de vidro.

Não sei se há alguma relação com o que está acontecendo, mas, para não deixar de contar nada a Helena, revelo que, por duas ou três vezes, quando estava rezando de pé a oração ao Divino Espírito Santo, senti que meu corpo crescia e enlarguecia.

9 e 10 de março de 1990, sexta-feira e sábado

À noite, percebi que a luz da vela faiscava muito e estava com uma cor laranja bastante forte, nunca vista por mim desde quando acendi a primeira vela em agosto de 1989.

Fui para a varanda olhar o céu. A lua estava clara, mais clara e mais próxima de mim do que já a tinha visto antes. Percebi, perfeitamente, que havia no seu centro o mapa do Brasil; depois, que o mapa se apresentava como se fosse um rosto de perfil. Lembrei-me, assim, da face de uma moeda antiga, da qual não me lembro o ano nem o valor. Muitas nuvens ao passar faziam a lua ficar mais nítida e clara, dando para perceber melhor o rosto e o mapa. Este rosto ora apresentava uma feição feminina ora masculina, mas, não esqueci a face da moeda.

Já a 1 hora e poucos minutos da manhã do dia 10, ao entrar para procurar o binóculo de Rodrigo e não o achando, deitei-me no chão da sala e rezei a oração ao Divino Espírito Santo e o primeiro mistério do terço em que contemplamos a visita do anjo Gabriel à Maria. Durante todo o tempo em que rezava, a vela, que já estava no fim, permaneceu toda vermelha, o que me fez lembrar do sangue de Cristo derramado na cruz. Vendo que havia parado de rezar o terço e que por algum motivo, talvez o sono, eu não continuaria, e, sentindo que nada mais aconteceria, levantei-me, toquei na vela, fiz o sinal da cruz e fui me deitar no quarto, deixando a vela ainda vermelha.

Ainda pela manhã, ao chegar na casa da minha mãe, contei tudo a ela, após lhe perguntar onde estava a coleção de moedas. Procurei, dentre as

centenas que existem, uma que tivesse um rosto. Para minha surpresa, verifiquei que, além de algumas prateadas, existiam uma poucas centenas cor de bronze, de diferentes tamanhos e valores, que tinham em uma das faces o mapa do Brasil. Sem escolher, peguei uma cor de bronze com o mapa e uma prateada com o rosto. Por curiosidade, após guardar todas as outras, veio-me na mente verificar se nelas havia algum número relacionado com a data do ocorrido, isto é, 9 ou 10.03.90. Fiquei, então, surpreso novamente em ver que a mais antiga, a bronzeada tinha o ano do meu nascimento, 1955, e a outra o ano de 1978, ano em que me formei e voltei de Itatiba para Recife. Ao mostrá-las à minha mãe, ela me falou que havia outras menores com o rosto. Então, peguei uma ao acaso e verifiquei que era de um modelo diferente. Coloquei-a em cima do móvel e constatei que as demais, embora fossem parecidas e do mesmo valor, variavam de data, tanto as cor de bronze como as prateadas. Ao guardar tudo, olhei a data desta terceira moeda e vi ser do ano 1975, exatamente o ano em que viajei pela primeira vez para São Paulo.

Na terça-feira, dia 13, fui contar o fato a Helena e levei as moedas para que as visse. Ela verificou numa delas a inscrição “Alimento para o mundo”. Noutra ocasião, observando de lupa, vi a palavra “carne” entre a palavra centavos e o ano de 1975.

14 de março de 1990, quarta-feira

Senhora e Meu Deus, amanheci angustiado e, por isso, resolvi ir até à Capela de São Miguel.

Gostaria de ter transmitido toda a minha angústia, embora não tenha sido fácil. Assim, minha Mãe, enquanto conversava convosco, escrevi tudo para que ficasse registrado para mim próprio e, se permitirdes, para todos os irmãos, principalmente para os que buscam a verdade e a fé, para os que, angustiadados, perdem o rumo do caminho, e para os pecadores e descrentes, a fim de que encontrem o Reino de Deus, a glória máxima da alma.

Não sei explicar, mas, cheguei em momentos a desejar, se fosse digno, estar com Deus, embora amando incalculavelmente a minha esposa, meus filhos e minha família, e amando, porém não nas mesmas proporções, os amigos e irmãs em Cristo.

Chorei, senti dores, não da insignificante carne, mas, do interior. Talvez, ó minha Mãe e Venerada Santíssima Virgem, seja pelo enorme sentimento que jorra do meu coração por Vós, juntamente pela adoração que tenho pelo nosso Pai Eterno, que toma todo o meu ser.

Senti, também, ontem e hoje, nas palavras de cada irmão, uma frieza enorme.

Senhora e Meu Deus!

Perdoai-me se magôo ou firo vossos corações, porém não posso deixar de lembrar que sou um simples homem, com dores e dúvidas.

Senhora, imploro-vos que, se não for real o que vejo deliciosamente e se não são verdadeiras as locuções que escuto no coração, apagai tudo, até mesmo os momentos mais doces desse meu engano. Entretanto, se são verdadeiros e do vosso desejo, mesmo que fechando os olhos ou tapando meus ouvidos, ou mesmo perdendo o dom de querer, mostrai-me cada vez mais firme, claro e constante tudo que um homem necessita para ser instrumento e arma na batalha contra opositor.

Senhora, se esta angústia que sinto não for necessária para a minha santificação para entrar no Reino de Deus, desprende-me deste corpo, caso não haja missão para mim; porém, se me quereis para ser instrumento das vossas mãos em busca da conversão dos homens, deixai-me nesta insignificante carne até a conversão da última alma.

Senhora, tende piedade de mim! Mostrai-me agora a verdade para as minhas dúvidas. Basta isso, Senhora, para que nunca mais vos peça algo para mim, pois não haverá nem perguntas e nem dúvidas, apenas o ser e o fazer vossos desejos.

Senhora, Mãe Santíssima, rogai por mim a Deus. Levai essas palavras a Ele, porém, Maria, transformai-as em suavidade e luz resplandescende, pois tenho medo que, ao tentar transmitir o sentido da minha dor e angústia, tenha pecado no tom da voz ou na cor forte da tinta.

Não importa, Senhora, que ninguém entenda as minhas palavras, que ache sem nexos cada uma delas, pois quem vos ama e venera e adora a Deus como eu, não terá esforço algum em sentir o significado delas. Peço-vos, apenas, Senhora, que, seja qual for o resultado desta minha súplica, sirva para que todos o entenda.

Acredito, Nossa Senhora, sendo vós minha madrinha de consagração sob o título de Fátima, sendo, também, o meu primeiro passo na descoberta desta maravilha, usando para isso o título de Maria Rosa Mística, e, tendo eu uma devoção enorme pela luz do Espírito Santo, que a angústia e a dor são por não ter eu a certeza de que fui capaz de chegar a tão grande amor e privilégio. Eis os motivos da minha dúvida.

Obrigado, Senhora e Meu Deus, por este momento de oração em vossa casa que tem São Miguel como anfitrião.

Amém!

Interessante é que, mesmo angustiado, tive palavras que fizeram a professora de religião da escola vizinha sorrir de satisfação e conforto diante de angústias que a afligem há anos. Seus olhos brilharam de confiança e alegria.

26 e 27 de março de 1990, segunda e terça-feira

Durante a noite sonhei e, neste sonho, surgiram dois nomes que me levaram a procurar saber sobre eles no livro “Um Santo para cada dia”, de Mário Sgarbosa e Luigi Giovannini, Ed. Paulinas.

Pela manhã procurei o livro e nele achei dois nomes de santos com o primeiro nome Leonardo, igual a um dos que sonhei: Leonardo de Nobloc, 6 de novembro, e Leonardo de Porto Maurício, 26 de novembro. Ambos têm uma história belíssima, mas, o que mais se identificou com o que pedia o sonho, talvez pela minha caminhada e época (próxima à Páscoa), foi o segundo. O outro nome foi Lúcio, mas, por existirem muitos santos com este nome na mesma data, 6 de maio, não pude identificá-lo. Entretanto, no final da página estava escrito: “Fatos históricos e lendas nada mais fazem que lembrar que Cristo vai escolher as suas ‘testemunhas’ em todas as latitudes e em todos os tempos e camadas sociais, sendo Ele caminho, verdade e vida”.

11 de abril de 1990, quarta-feira

Hoje saí de casa angustiado por não entender o porquê dos desentendimentos entre Luíza e eu, pois, por qualquer erro de minha parte não há diálogo, mas, sim, uma discussão. Sei que andamos nervosos, principalmente eu. Acho que seja pelo fato da demora do sinal e porque, não podendo dar seqüência à caminhada com os demais ao nosso lado, apesar de desligado de quase tudo, não consigo evitar de pensar nele. Não sei onde, quando e como virá, crescendo, assim, mais e mais, a minha aflição. Na verdade, gostaria que viesse logo, pois teria mais trabalho e mais pessoas compartilhando de tudo o que está se passando. Então, juntos, iríamos saborear a delícia de servir a Deus em busca da nossa salvação eterna.

Em chegando o sinal, dar-se-á um rumo maior e decisivo em minha vida. Coisas que guardo só para mim, por dever, seriam esclarecidas e divulgadas.

Sinto uma alegria imensa só em pensar que breve formaremos uma grande e saudável família, com todos por nós escolhidos.

Realmente, estou cheio de dúvidas sobre alguns fatos ocorridos recentemente, sobre os quais deverei tomar certas atitudes. Não sei se eram só pensamento ou missão, pois não entendi o desfecho do caso. Pensamentos vêm e ficam na minha memória e no meu coração, mas, não os revelo a ninguém por saber que devo esperar.

Há dias que desejo ver e falar com tio Bazinho, Helena e Amparo, mas, não consigo, pois, algo sempre interfere. Há quatro dias passados tentei falar com tio Bazinho por telefone, porém o seu telefone pifou nas duas vezes que iniciamos a conversa. No dia em que tia Licinha faleceu, cheguei a entrar na área do apartamento de Helena, mas, algo me fez retornar.

Quando estava no ônibus a pensar, sentou-se ao meu lado uma senhora que folheava um jornal. Em uma das páginas estava a foto de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, onde dizia que ela se encontrava na Matriz da Soledade. Resolvi, então, visitar esta igreja. Na verdade, eu ia para a Igreja da Conceição dos Militares, onde pensei que haveria a missa do Espírito Santo. Encontrei as portas fechadas. Comprei um jornal e li a reportagem sobre a imagem de Nossa Senhora. Depois, juntamente com um rapaz, consegui entrar por uma porta lateral, aberta especialmente pelo vigia para nós. Não nos demoramos mais do que dez minutos, o tempo que lhe havíamos prometido para ver a imagem.

Ao sair de lá e passando pela Universidade Católica, lembrei-me que era tempo de procurar o Pe. Camurça para me confessar auricularmente, pois já faz anos que isso aconteceu, acredito até que era menino. Este padre foi-me indicado por Helena e o achei formidável. Neste momento emocionante e um dos mais importantes da minha vida, só perdendo para as locuções e manifestações, senti-me como um rio represado que, com as comportas abertas, passou a correr livre pelo seu leito.

Voltei à Matriz da Soledade às 17 horas para a missa com o Pe. Antônio Martins, que veio de Portugal trazendo a imagem.

Até o dia de ontem não conseguia rezar o terço como gosto e devo rezar. Hoje, no entanto, apesar de tentações querendo desviar minha concentração, rezei-o de joelhos.

Quero, aqui, agradecer a Deus, à Minha Mãe Santíssima e ao Divino Espírito Santo que me ilumina em todos os momentos da minha vida. Ao meu Anjo da Guarda peço desculpas por lhe dar tanto trabalho, mas, nas minhas orações penso sempre nele. A todos os Anjos e Santos que estão a me guiar e, com certeza, a me proteger, recompensarei tudo, sem dúvida, ajudando a converter homens incrédulos e desesperados e pecadores. Lutarei para colocar suas mãos sobre a de Deus Pai, cheios de arrependimento e perdão.

12 de abril de 1990, quinta-feira

Por não saber o horário das missas, perdi praticamente todas. Mas, não me sentiria feliz se não participasse da missa e comungasse. Daí, pedi o carro ao meu sogro e fui à Igreja da Soledade para a missa das 19 h 30 min. Cheguei uns 30 minutos antes, de modo que aproveitei para rezar. Tentei rezar o terço, mas, não consegui, embora houvesse algumas pessoas rezando-o em voz alta. Rezei algumas vezes mentalmente. Durante todo o tempo em que estava na igreja, o opositor me tentava com pensamentos horríveis e nojentos, coisas que me envergonho até de me lembrar. Tinha vergonha até de ser alvo daquela investida. Suava tanto que o suor escorria pelo meu rosto, costa e todo o corpo. O opositor falava palavras de baixo calão, acompanhadas de imagens mentais, não visíveis aos olhos. Usava até mesmo a imagem da própria Nossa Mãe Santíssima Virgem. E, o pior é que havia cenas horríveis de sexo podre e aterrorizador, como se a Virgem fosse uma qualquer da vida. Deus me perdoe! Perdão Minha Mãe Santíssima, na verdade eu vos amo!

Minha vontade era sair correndo, tamanhos eram a minha vergonha e pavor.

De repente, olhei profundamente a imagem de Nossa Senhora de Fátima, minha madrinha, e orei. Pedi ajuda, falei bastante com ela, Nossa Senhora. Repentinamente, ela me falou as seguintes palavras:

— *Não te apavores e nem te envergonhes. Estamos felizes e satisfeitos por estares aqui. Sabemos que esses pensamentos que te envergonham não são teus próprios, mas, sim, do opositor que tenta te afastar daqui e de nós. Porém, teus reais pensamentos, o desejo e o motivo que te fazem estar aqui nós sabemos e, por isso, há satisfação e alegria em nós. Conhecemos o que é e o que não é teu. Não te vás, estamos contigo sempre. Lembra-te, como já te disse, nós estamos sempre contigo, protegendo-te, dando-te a mão e protegendo teus joelhos para não os ferires ao dobrá-los.*

Ao final da locução o padre entrou com os demais, após darem uma volta por dentro da igreja, iniciando-se a celebração.

O tormento realmente passou quando voltei ao meu lugar depois que comunguei.

13 de abril de 1990, Sexta-feira da Paixão

Passei parte da manhã e da tarde lendo o Evangelho narrado por São Lucas. Estava na casa dos meus pais.

Na parte da manhã fui com D. Polinésia até a Capela de São Miguel, pois sentia necessidade disso. Conversamos bastante. Rezei e orei mentalmente. Depois fechamos a capela e ela levou a imagem da Rosa Mística para a sua casa e eu fui para a casa dos meus pais.

À tarde fui para o quintal e li muito. De repente, resolvi ir até à capela da minha orientadora espiritual.

Ao fechar a Bíblia, perguntei, meio rindo: Senhor, não tens nenhuma novidade para eu levar a ela? No mesmo momento ouvi como resposta:

— *Leva a ti mesmo.*

Fazia mais ou menos quinze dias que não ia lá e, dentro desse período, cheguei a entrar em seu prédio, porém algo me fez recuar.

Neste dia 13.4.90 falei a Helena sobre a minha atual fraca memória, mas, somente para coisas religiosas, ou seja, quando termino de ler uma página não consigo gravar ou assimilar o que li nela. Entretanto, sei que tudo ficou lá dentro de mim, sem que consiga colocar para fora.

21 de abril de 1990, sábado

Quando estava lendo no quarto de meus filhos, às 17 h 20 min, veio-me, de repente, a necessidade de ouvir a voz de Nossa Senhora, ajoelhando-me e olhando para uma foto que veio de Itatiba (presente de D. Bernadete e família) em que Nossa Senhora Rosa Mística estava chorando em Louveira-SP. Junto da foto, em cima do guarda-roupa, coloquei a vela que tirei da sala. Então, ela, Nossa Senhora, me falou:

— *Não te preocupes, não fiques triste com o espaço que está havendo sem que vejas a nós. Em breve voltaremos a te aparecer e, inclusive, conhecerás outros. Enquanto isso, prepara-te e te cuida. Continuaremos a nos comunicar assim, em momentos inesperados e/ou necessários a ti. Não te entristeças por não estares tendo visões e pouco nos falarmos, porém, em breve, tudo voltará a acontecer mais forte e mais constante. Então, quando pedirmos silêncio de algo, não contes nem a ti mesmo para que o vento não ouça. Breve receberás o esperado sinal. As palavras que poderão ou deverão ser ditas virão sem observação. Porém, as que devem permanecer só contigo virão após aviso para que os ventos não as ouçam e levem-nas para as árvores e o mar.*

A partir deste momento, percebi pelas suas palavras que ela chorava. Daí, pedi que não chorasse, perguntando-lhe se era por minha culpa. Então, dobrei-me até a minha cabeça tocar no chão, ouvindo o que ela me falou:

– Não é por culpa tua, meu filho, pois, se tudo dependesse de ti eu estaria sorrindo e feliz. Não te preocupes.

Ainda chorando, falou-me na despedida:

— Um beijo e um abraço.

Antes de iniciar as leituras que fazia, rezei a oração ao Divino Espírito Santo. Dediquei as leituras religiosas, com orações e manifestações de Nossa Senhora, à conversão dos pecadores. Lembrei-me da aparição de Nossa Senhora aos pobres partorezinhos MAXIMINO e MELÂNIA, em La Salette, França, em que ela lhes perguntava: - *FAZEIS BEM VOSSAS ORAÇÕES, MEUS FILHOS ?*

22 de abril de 1990, domingo

Fui para a missa na casa de Helena. No momento que comunguei, ainda de pé, olhos fechados e mãos na testa, perguntei ao Senhor Deus por que chorava Nossa Senhora no dia anterior quando falava comigo. Tive as seguintes palavras:

— A dor e o sofrimento dela são grandes. Eu sofro e muitas vezes choro. Que dirá Nossa Mãe que vem sofrendo desde que eu me fazia parte de seu ventre!

Perguntei-Lhe quais os motivos. Então, Ele me falou:

— Não te preocupes com isso agora. Continua teu caminho, preparando-te mais a cada momento. Um dia tudo te será esclarecido.

24 de abril de 1990, terça-feira

Ao rezar o terço, parei e analisei diversas situações do mundo. Pensei, então, o que dizer sobre elas.

Após contemplar os 2º e 3º Mistérios Dolorosos:

- A injustiça não é invenção do homem. O pecado dele é se deixar fazer instrumento da sua realização;

- Se analisarmos tudo o que Jesus Cristo e Maria passaram de sofrimento, o porquê e o para que, todos nós lutaríamos para nos modificar e nos converter a Deus. Basta, apenas, pensarmos desta forma: - Como me comporto hoje? - Fecharei meus olhos e tentarei sentir toda a dor que passaram Mãe e Filho, mesmo que o faça em pensamento. Se for profundo o nosso pensamento, sentiremos um pouco dessa dor e veremos quanto foi profundo o sofrimento de ambos. Agora, pergunto: - Será que devemos ser responsáveis pela continuação deste sofrimento de Jesus Cristo e de Nossa Mãe Santíssima, Maria? - Será que deverá Jesus, filho de Deus Todo Poderoso e Pai Nosso, passar por tudo novamente, apenas para que possamos nos livrar dos pecados que por comodismo e irresponsabilidade não evitamos?

- Se quisermos caminhar sobre os passos da luz divina até o Reino dos Céus, a vida realmente infinita e verdadeira, basta que, antes de agir na hora da diversão, distração, trabalho e responsabilidade do dia-a-dia, paremos, ajoelhemo-nos e, fechando os olhos em uma concentração desejosa da resposta, façamos esta pergunta: - O que faria o Senhor Deus neste momento? Garanto que algo suave e profundo nos tocará a alma, vindo como resposta. Então, seguiremos de acordo com o que escutarmos, mesmo que o contrário nos pareça delicioso. Lembremo-nos de que, se não vier de Deus, só será delicioso para a satisfação da carne, porém, jamais da alma. Lembremo-nos de que, para nosso comodismo e egoísmo, deveremos tomar atitudes iguais àquelas que contém o Livro Sagrado em Mt 27, 24.

2 de maio de 1990, quarta-feira

Eram 16 h 30 min. No ônibus, olhei para o sol e ele estava enorme, prateado e quase não encandeava. Parecia que estava cheio d'água. Logo depois olhava para ele naturalmente. Havia momento que estava laranja ou azul e sempre com auréolas coloridas em seu contorno. Já na rua Barão de Itamaracá ele estava maior e mudava de cor com mais frequência (verde, lilás, azul, amarelo). Já a pé, corri para a casa de Helena, antes que não o visse mais. Entrei, chamei Amparo e mostrei-o, o que ela confirmou e admirou.

À noite, quando voltava para casa, a lua estava exatamente pela metade e sua cor era um dourado escuro.

Ao passar em frente à minha varanda, ainda no ônibus, olhei para a sala como geralmente faço, apenas para ver se está alguém acordado. Vi a luz da vela tão dourada quanto a lua, ao ponto de, realmente, me chamar a atenção. Ao entrar em casa confirmei sua cor.

Após tomar banho e jantar, sentei-me no canto oposto ao da vela, em frente à mesa, e fui rezar o terço.

Antes de iniciar as minhas orações, pedi a Nossa Senhora que nos tirasse uma dúvida, minha e da minha orientadora espiritual. Enquanto eu rezava o terço a vela iniciou o já conhecido jogo de luz diante da imagem de Maria Rosa Mística que minha mãe recebeu para colocar no oratório da granja.

Mas, continuando, o jogo de luz da vela se tornou mais rápido e a imagem iniciou o fenômeno já conhecido - penumbra, luz, nitidez, penumbra. A rosa amarelo-ouro da imagem ficou completamente visível durante todos os momentos.

Naqueles rápidos jogos três imagens apareceram, porém bem rápidas. Lembrei-me da primeira manifestação (São José, Domingos Sávio, Nossa Senhora), mas, as três imagens eram diferentes. Tenho apenas alguns detalhes delas, ou sejam:

- a primeira imagem foi a do rosto de uma magreza extrema, nunca citada aqui, mas que já apareceu outras vezes. Estava com um capuz;

- a segunda era a de um jovem alvo, alto, magro, rosto comprido e afilado, cabelos lisos e escorridos por cima das orelhas até o fim do rosto. Suas mãos estavam postas em oração e suas vestes pareciam com a da imagem de Rosa Mística. Já o vi em algum lugar, porém, onde foi não me recordo; e

- a terceira era a de um homem já maduro, com cabelos e barba castanhos. Seu cabelo era liso, cheio e de fios grossos, aparado no meio da nuca. Sua barba era fechada e bem feita. Seu rosto era arredondado e cheio. Pelo rosto verifiquei que era moreno, bem queimado. Vagamente me recordo de algo que segurava em ambas ou em uma só mão. Em seu traje havia um manto que não posso afirmar se era vermelho ou verde, ou o vermelho realçava no verde, caindo sobre ele no ombro. Esta questão das cores permaneceu confusa para mim. Tudo era rápido demais.

Neste momento, após este fenômeno, Nossa Senhora me falou algumas palavras, como em resposta à nossa dúvida. Foram as seguintes:

— *A resposta que tenho a dar é para confirmar o que já foi falado entre vocês dois hoje.*

Ela se referia a mim e a Helena, quando dizia que a ordem de Jesus era contar tudo a Helena, e que há a preocupação dela, Nossa Senhora, era mostrar a importância e gravidade do que virá como mensagens.

Nossa Senhora prosseguiu:

— *As palavras de nosso Pai são intocáveis, intransferíveis, imutáveis e inabaláveis. Apenas devemos adaptar as nossas as dele. Por exemplo: A Lei Federal é a lei absoluta na justiça dos homens; as leis*

estaduais devem ser escritas baseando-se nela e jamais deverão feri-la. Portanto, a lei máxima predominará sempre sobre as outras.

Na verdade, senti que ela queria nos dizer que sua mensagem sobre os ventos, etc., deveria ser seguida à risca, apenas adaptada a de Nosso Senhor.

Esperarei as palavras de Helena, pois, como Nosso Senhor falou, ela está preparada para me guiar.

Maio de 1990

Mensagem à família que, pelo amor do próprio Deus Pai, recebeu a graça especial de, ao ser escolhida, passar a viver dignamente PARA, COM e EM CRISTO.

1. Pode ser adotada a seguinte orientação geral para a divulgação desta mensagem:

- a cada sábado e domingo, à tarde, sendo cada tarde para uma parte desta família, deve ser realizado um encontro (considerem FAMÍLIA não só os laços de sangue, mas todos aqueles que estão de alguma forma ligados a ela, tais como sogro, cunhado, etc., e quem mais conheça o caminho iniciado misticamente por esta família);

- nesse encontro deve Aderbal estar presente para transmitir todas as mensagens já recebidas e que podem ser divulgadas. Helena tem a missão de orientar e esclarecer todas as mensagens e todos os itens que surgirem;

- um padre, com aprovação de Helena, deve participar, para que, antes de tudo, haja confissões;

- após as confissões, deve ser rezado o terço da Rosa Mística com as intenções de cada um ali colocadas e mais:

a) a conversão de cada um;

b) a saúde de todos;

c) a saúde de toda a família;

d) a união de toda a família;

e) a humildade total desta família; e

f) a paz UNIVERSAL;

- em seguida à reza do terço, deve ser feito o repasse das mensagens;

- no sábado ou domingo, antes da reunião, rezem o terço em cada lar e dediquem-se todos a seus pais e filhos. Realizem um lazer pela

manhã e, na refeição intermediária - o almoço - estejam presentes no lar-cabeça desta parte da família; e

- concluindo, na reunião, o repasse das mensagens, todos devem assistir juntos a uma Missa.

2. Há dias que estou enviando esta mensagem em locuções interiores, que tenho intensificado no dia-a-dia daquele que está com a responsabilidade de ouvi-la para, em seguida, transmiti-la a Helena, sua orientadora espiritual, que foi colocada em seu caminho pelo próprio Espírito Santo por ordem do nosso Pai Eterno. Após ter conhecimento das mensagens, Helena, filha preparada para tal missão, deve orientá-lo, explicando-lhe tudo dentro da Teologia Mística e mostrando-lhe que fatos semelhantes aconteciam e acontecem na vida dos próprios santos. Em terceira fase desta graça familiar, outra pessoa poderá, eventualmente, ter acesso ao assunto referente às locuções. Às vezes, nem tudo deverá ser dito a esta pessoa nem a mais ninguém. Com o conhecimento desse pivô orientador - Helena -, Aderbal deve ir aos lares dos seus amados a divulgar e mostrar a importância de cada mensagem, alertando assim para a seriedade da caminhada.

3. Não há como e nem por que duvidar de tal graça, pois a cada momento fatos acontecem para confirmar mensagens já existentes. E há fatos diversos já acontecendo, que o próprio Aderbal poderá narrar, com a explicação em seguida feita por Helena.

Enquanto estiver sendo feita a narrativa dos fatos e das mensagens, se alguém desejar esclarecer, solicitar esclarecimentos, falar, ou mesmo ir contra tudo ou qualquer conteúdo existente, desde o princípio até o momento atual desta graça, solicite a palavra e espere até o encerramento da explicação. Se alguém usar de atitude incorreta como forma de se negar a aceitar, ninguém, nem mesmo Helena, deverá dar-lhe uma só palavra, apenas esperar que essa pessoa permita a continuação da reunião. No entanto, se a rejeição for manifestada de maneira social, debater-se-á o assunto apenas tentando fixar a verdadeira resposta. Caso isto não aconteça, Helena encerrará o assunto, e Eu, Eu mesma, Sua Mãe, em um determinado momento que achar oportuno, darei a resposta.

4. O momento a seguir será transmitido como o principal do encontro, retratando os motivos de tristeza de Nossa Mãe Santíssima.

Medite, cada um, estas perguntas:

- *Qual a última vez que confessou a Deus seus pecados? (Helena explicará a importância da confissão auricular)*
- *Se fosse arrebatado desta vida, seria, dentro da vida que leva, conduzido para que lugar?*
- *O que faz atualmente para estar sempre com Deus?*
- *Como é o seu comportamento, já que faz parte de uma família que nós mesmos estamos conduzindo para o Céu, após realizar a sua missão como membro desta família?*
- *Reza regularmente o terço?*
- *Vai sempre à Missa aos domingos e Dias Santos de Guarda?*

TENHO ESTADO TRISTE COM VOCÊS, PELOS SEGUINTE MOTIVOS:

CRÍTICAS - *Críticas não fazem parte de um verdadeiro cristão, não da maneira como vêm sendo feitas. Isso vem sendo uma constante no meio de vocês. Se alguém tiver alguma crítica, não a faça. Cale-se em si mesmo e reze para que aquela pessoa, alvo dessa crítica, retome o verdadeiro caminho;*

EXIGÊNCIA DOS DEVERES - *Todos sabem das suas obrigações para com Deus, a família e o trabalho. Assim sendo, devem cumpri-las de maneira tal que não faltem a nenhuma delas, pois todas são caminhos de nosso Pai Celestial. Não há mais necessidade de algum de vocês ficar exigindo de outro que cumpra os deveres para com Deus. Convidem alguém para compartilhar dos momentos de oração sem impor, pois isto está causando também muito transtorno a esta família e tristeza em mim.*

A orientação é bastante necessária ao homem, não podemos abandonar essa obrigação, porém façamos com cautela, desejo único de ajudar e amar. Bastante amor! Não imponho religião, mas lembro que algumas não me consideram como devem, nem ao menos lembram-se ou sabem de meu sofrimento e de minha posição como FILHA, ESPOSA e MÃE VERDADEIRA e CHEIA DE GRAÇA. Outras religiões e seitas não condizem com a vontade de DEUS, pois colocam o homem sujeito a todo tipo de tentação, pavor, ódio e inconstância espiritual (Helena orientará no campo do espiritismo).

Peço a todos que orem pela manhã, de preferência um terço.

Nos domingos e Dias Santos de Guarda, deverá haver obrigatoriamente, como dever cristão, a oração do terço, de preferência em família de cada lar. Participem da Santa Missa e mantenham o convívio entre os pais e filhos desse lar, podendo, é claro, compartilharem com outros, pois o lazer alegria a alma (basta que seja sóbria e sadiamente realizado). Isto inclui também Reinaldo e Aderbal.

5. O que se segue foi dito pausadamente por Nossa Senhora:

Não há motivo de prazer sem a participação da família.

Qual a mulher que pode satisfazer um homem em todos os pontos, estando ele sem pecar, senão a sua própria esposa?

Qual a esposa feliz, que vive santamente para seu marido e filhos, que não traga sempre a luz do Altíssimo permanentemente em seu lar e no seio de toda a família?

Qual o filho amável e correto, que veja e sinta o verdadeiro sentido de família, que não goze do meu calor materno e do amor do nosso Pai Todo Poderoso?

De onde se consegue tirar alegria quando vocês, irmãos no sangue e no espírito, vivem em desarmonia?

Para serem CAIM ou ABEL não será necessária a violência física, basta apenas a intriga.

Lembrem-se sempre: não haverá paz nesta família enquanto não existir união no amor e nas orações.

Lembrem-se, principalmente, de que o OPOSITOR estará cada vez mais ativo em suas emboscadas. Suas armas são fatais para os descrentes. Tentará investir na desunião entre vocês. Buscará em cada um a mais maquiavélica e perigosa ação: A DÚVIDA DA FÉ.

Duvidar da existência da vida após esta é realmente falta de fé, e principalmente, e gravíssimo, é que neste momento não se acredita no próprio SER SUPREMO, nosso PAI DE MISERICÓRDIA, de AMOR e BONDADE: DEUS, a única verdade e razão de existirmos.

6. Repassem agora todos os Mandamentos (Helena explicará o assunto).

7. Não discutam se está certo ou errado, pois só estará certo aquele que segue verdadeiramente esses Mandamentos. É deles que se

deve tirar a certeza do caminho para o Reino dos Céus, para se viver após essa vida ao nosso lado, adorando, orando e servindo ao nosso Pai do Céu na vida eterna. Quem não os seguir não contemplará as maravilhas que ELE nos reserva.

8. Não é justo, saibam todos vocês: Não é justo que alguns ligados a vocês sofram constantemente apenas para que muitos vivam na alegria da insignificante matéria.

NÃO QUERO QUE MORRAM DE REZAR, MAS QUE PASSEM DESTA VIDA PARA A ETERNIDADE EM ORAÇÃO.

O tempo que Deus dá ao homem é suficiente para que o viva sadiamente, mesclando-o. Divida-se o tempo de cada dia para as orações, o trabalho e a família.

9. Você, ó pecador, fraco de fé, egoísta, FILHO MEU, não sabe que é culpado pelo sofrimento de alguém que escolhemos? Se soubesse a dor e a angústia que ele passa, você teria vergonha do caminho que segue! Filho, não tem tempo para lembrar-se de que a justiça divina vem e virá sem que avisemos?

Já se imaginou em outro local que não seja o Céu? Vem, vem filho, nós lhe desejamos aqui junto a todos, bem dentro do meu coração maternal.

Saiba que, a cada atitude incorreta que você pratica, cresce a chaga no coração do nosso PAI, aumenta a minha dor, e atormenta em angústia e sofrimento pessoas que você ama.

10. Quero falar agora da HUMILDADE:

Como suportaria saber que dentre os doze escolhidos não está o seu nome?

Como reagiria se, após tanta conduta incorreta no seu modo de ser e agir, com críticas contra irmãos, racismo, possessividade, falta de humildade e reserva, soubesse que seu nome está entre aqueles doze?

Todos devem estar preparados para esse momento, todos.

Não se pode caminhar sujo onde só existe higiene.

Não se entra em uma casa cheirando a estrume.

Não se pisa em tapete com os pés sujos de lama.

NÃO HAVERÁ SINAL, REVELAÇÕES E NEM PAZ ENQUANTO NÃO HOVER DEDICAÇÃO A ESTA CAMINHADA E AMOR PLENO ENTRE TODOS.

O respeito deverá existir em todas as ocasiões.

Viver NA e PARA a família.

11. Repetiu Nossa Senhora:

Não é justo que as pessoas que foram escolhidas por nós nesta primeira fase da missão de vocês se façam os próprios bois de piranha no percurso desta caminhada e que alguns de vocês façam o papel das próprias piranhas.

12. *Ah, você que não está acreditando! Sinto um pesar imenso por você! Não há tempo para dúvidas. Coloque força na fé que, aparentemente, para confundir, o opositor está lhe fazendo parecer que ela (a fé) está agindo. Mas, na verdade, esta fé está alojada apenas na menor partícula do seu coração. Não acreditar nesta missão é ter uma fé fraca e, em sua limitação, é colocar diques à ação do próprio Deus.*

E prosseguiu Nossa Senhora:

Deus escolhe quem ele quer, onde e quando quer, em qualquer ocasião, não importa quem seja, como e onde age. E Ele escolheu inicialmente UM que é alvo da sua dúvida. Quem sabe, porém, se não o fez justamente para você sentir como e onde anda a sua fé?

13. *Rezem pelo menos um terço ao dia.*

Façam orações com intenções e súplicas recorrendo a um Santo da devoção de cada um.

A perda de uma Missa aos domingos e Dias Santos de Guarda é pecado de confissão antes da comunhão seguinte.

14. Em um certo momento, Nossa Senhora me proporcionou visões de Santos, cores, luzes e penumbras que me levaram a ter preciosos sentimentos. Em seguida, falou, com uma voz pesada e angustiada, quase sem forças, como a de uma pessoa profundamente sofrida, afirmando que ninguém que não a escute poderá imaginar o quanto sofre por causa de nós e que sua dor é realmente inimaginável e incalculável.

Disse, ainda:

Minha dor é grande. Não consigo sorrir. Desculpe, meu filho.

Agradeço a homenagem a mim realizada, porém não posso negar a verdade, pois trairia o nosso Pai Celestial. A dor veio e é cada vez mais forte. Por isto só posso agradecer àqueles que se esforçaram, pela sua

dedicação. Agradeço também àqueles que ali estavam com amor para comigo e aos que só foram para satisfazer a mim ou a alguém. Obrigada, gostei da sua presença. Aos que faltaram por motivo justo, eu fui ao seu encontro. Aos que não foram por motivos banais, por comodidade ou censura, reflitam sobre esta atitude. Sei, claro, que muitos que se dedicaram a esta homenagem também são motivo desta minha dor, pois agem e pecam como os outros. Não pude ficar feliz justamente pela dor da tristeza que me causam muitos desta família.

Sentindo a grande tristeza do meu escolhido e querido filho Reinaldo, por me ouvir e sentir a minha dor, percebi que ele desejava transmitir-lhes o tamanho desta dor. Assim, coloquei-lhe no coração as palavras, apenas para ilustrar seu sentimento, pois o fiz sentir um pouco de tudo durante aquele momento.

Exemplificou Maria, Nossa Mãe Santíssima:

Sinto-me como uma mãe aniversariante, que, apesar de estar cercada de pessoas a me parabenizar e festejar o meu dia, não podia retribuir a felicidade por estar com um filho meu em um leito de hospital.

Disse, ainda:

Tu mesmo, filho meu, sentiste, sem entender, o vazio da minha presença, embora eu estivesse ali.

Mostrou-se, então, magoada com as censuras e críticas em relação a mim, dizendo:

Queiras ou não, Reinaldo foi por nosso Pai escolhido para receber de nós a orientação e de vocês a dor da ambição, da negligência, da irresponsabilidade e de todos os outros pecados de vocês.

Ele, meu filho Reinaldo, não poderia sofrer como já sofreu no passado e sofre agora apenas para se colocar em destaque perante esta família.

Quem de vocês sabe o quanto ele foi perseguido pelo opositor? Qual de vocês filhos ingratos, pode imaginar o peso e o tamanho do tormento, da angústia e da dor que ele sentiu e sente?

Nenhum, nenhum de vocês seria capaz de suportar tudo sem deixar transparecer ou falar; porém, ele não, ele nunca falou a ninguém. Sua vida era de pavor, desespero e vergonha de ser FRACO. Sabem, porém, quem o confortava quando à noite ou nas tentações suplicava

chorando, pedindo forças para não cair, não se render? EU o confortava ... (Helena, minha filha, Aderbal, contem um pouco desta passagem; falem da coberta que Eu mesma ajeitava carinhosamente, sem que ele entendesse que aquele sentimento de conforto estava sendo realizado por uma mãe cheia de carinho e amor para com aquele que, se dizendo fraco, vencia as mais cruéis investidas do opositor).

Ainda não acreditam, filhos meus? Vocês não são dignos de tê-lo em sua companhia.

Lembrem-se de que aos justos e puros de espírito basta a certeza do Céu, porém, aos pecadores, a nossa proteção e cuidado.

Qual o médico que irá atender a um homem são?

Saibam, saibam todos, que ele, Reinaldo, por ordem minha, calar-se-á até que vocês se acalmem e o respeitem como coisa minha. Este assunto está fechado em sua alma até que Eu o mande falar, pois até mesmo a maneira e o sentido com que as dúvidas são colocadas já estão muitas vezes carregadas de censuras a ele.

Quem não acredita é como eu já disse: tem uma fé fraca, pois quem crê em Deus sabe que Ele é onipotente.

Oh, filhos sem fé! “Por que Reinaldo?” “Por que Reinaldo?” Nunca mais haja esta pergunta, mas sim: “Por que nós?” “Por que nossa desmerecedora família?”

Nunca se esqueçam: O que nosso PAI CELESTIAL deseja não se interroga, cumpre-se!

Para os santos, a felicidade será eterna, e, para os pecadores, o sofrimento e castigo não terão fim.

15. Quero que cada um de vocês, a partir de agora, empenhe-se em curar as chagas do meu DIVINO FILHO e aliviar a minha dor causada por vocês. A partir de agora, aquele que trair nossa confiança sofrerá também a dor do pecado, e assim se lembrará que não pode haver mais entre vocês um pobre e infeliz Judas Iscariotes. Sua dor atingirá também alguém que ama, para que se lembre que é causa de sofrimento do nosso Redentor, meu DIVINO FILHO.

Tudo que se relaciona com este assunto não deve - e assim determino - ser objeto de comentários entre vocês. Guardem tudo, cada um, dentro de vocês mesmos. Dúvidas deverão ser tiradas com Helena, ou por alguém indicado por ela, pois este assunto ainda deverá permanecer no seio desta família.

16. *Prometo que, se seguirem tudo como peço, mostrarei a cada um que esta é a verdade.*

Não se afastem do nosso PAI CELESTIAL, pois o tempo não demorará a vir, e não queremos que sejam surpreendidos quando estiverem em um local onde não lhes dê tempo de retornar à nossa estrada.

Não há muita opção para vocês, pois que a justiça do Senhor virá. Virá, isto é certo! Creiam!

Filhos, vocês não imaginam nem um pouco o que seja o inferno. Por isto, por conhecer, suplico a cada um que opte pela felicidade eterna: O Céu.

Eu os amo com todas as minhas forças e, como prova disso, estarei sempre ao lado de cada um.

Pecando ou orando, sofrendo ou sorrindo, lembrem-se sempre da minha presença.

Se tentarem seguir o que peço, terão a certeza sentida em seus próprios seres.

PAZ, AMOR, PENITÊNCIA E ORAÇÃO.

Eu os amo.

Maria.

7 de maio de 1990, segunda-feira

Hoje estou desanimado e descrente, não de Deus, mas, de tudo que está acontecendo.

Sinto-me fraco de espírito e de fé.

É como se a certeza tivesse sido arrancada de dentro de mim durante a noite, deixando um vazio no peito e dúvida na mente.

Penso em desistir de tudo, desta caminhada.

Estou sofrendo bastante a dor do desânimo e da dúvida.

Penso ser alarme falso e ilusão e de as pessoas me julgarem com seus próprios corações traídos.

Sinto que a coisa vai em largos passos, cresce bastante.

Vejo dúvidas em cada olhar, gestos e palavras das pessoas.

Há uma incógnita, até mesmo para mim, diante de tão importantes manifestações e locuções.

Com tudo isso e por tudo isso, paro amargurado, olho para a minha vida passada e pergunto, já afirmando: Como eu e por que eu? Na verdade,

há bastante gente ignorante e que errou muito nesta vida, porém, mais merecedora e preparada do que eu. Não sei quem são, mas, sei que existem.

Sem demagogia, sinto-me bastante incapaz, insignificante, desmerecedor e fraco para tal maravilha, responsabilidade e graça. No entanto, se é o desejo deles, façam de mim instrumento de qualquer ação de sua vontade. Para isso, serei fiel e grato, pois, o meu ser a mais ninguém pertence, senão a Deus.

17 de maio de 1990, sexta-feira

Pela manhã, tio Bazinho nos fez uma surpresa, indo à nossa casa juntamente com o meu sogro, o Sr. Lamartine. O motivo da sua visita era esclarecer alguns momentos e situações (graças) que estamos passando, tendo a minha pessoa como receptora de imagens e locuções. A conversa, esclarecedora e alerta, foi bastante necessária, devido à intranquilidade por que estávamos passando, Luíza e eu, em decorrência de dúvidas, incertezas, etc., da parte dela, por eu não poder revelar tudo o que estava se passando. O opositor, claramente, aproveitava-se dessa situação, investindo contra mim e tirando, por alguns dias, a minha concentração e o necessário recolhimento.

Esclarecido o fato, ficando Luíza e o Sr. Lamartine a par das graças, fomos todos para a casa dos meus pais passar o dia.

À noite, fomos para casa. Lá chegando, liguei o televisor no quarto de meus filhos para assistir ao noticiário. Luíza foi para a varanda, onde ficou por bastante tempo, acho que por mais de uma hora.

Ao terminar o noticiário, fui para a sala e perguntei-lhe o que havia. Nada, respondeu-me. Ela estava olhando o movimento da rua e acho que estava pensativa também.

Rezei o terço, devagar e calmamente, parando de vez em quando para fazer atos de desagravo e amor a Deus, à Nossa Senhora, Santos e Anjos, pois o pobre e infeliz opositor tentava tirar a minha tranquilidade e concentração, fazendo esforços inúteis para levar meus pensamentos a se fixarem nos pecados da carne. Começo a perceber que ele não é tão inteligente como dizem, pois, não entende que, a cada investida dele, aproximo-me mais de Deus e firmo o meu compromisso de ser todo eu instrumento de Nossa Senhora, Nossa Mãe, a Santíssima Virgem, em busca da salvação dos irmãos que AINDA estão sem se curvar ou aceitar a luz do Divino Espírito Santo, o verdadeiro caminho da felicidade eterna.

Quase no final, tive uma conversa agradabilíssima com Nossa Senhora. Foi uma conversa suave, tão tranqüila como o vôo de uma gaivota. Voltado todo para isso, pois procurei esse momento, ela iniciou dizendo mais ou menos estas palavras:

— Não te preocupes, pois tua fé nunca deixou de existir, sempre esteve contigo, mesmo nestes últimos dias. Nós estamos satisfeitos contigo, pois, sabemos que tua fé é grande e segura e que no momento de necessária comprovação tu a mostrarás sem vacilar, mesmo que para isto seja necessário o extremo. Tua dúvida é devida à transformação que vens sofrendo. Hoje, tua fé e devoção ao Nosso Pai são grandes e firmes, porém, estás mais tranqüilo, pois não necessitas de tanta correria e sede para provares a ti mesmo e não fiques ansioso e angustiado para receber comprovações e provas de nada. Antes tu sentias, não uma grande fé, mas, sim, uma sede insaciável. Por isso, corrias desesperado e desorientado à jarra d'água. Hoje, no entanto, apenas um copo d'água te é suficiente para essa sede, unicamente por saberes que a nossa vontade será feita, mesmo quando tu mesmo desacreditares ou aches que não vá acontecer por não estares atento. Um exemplo que dou é o que estamos te fazendo. Estamos peneirando teus sentimentos, deixando somente o necessário à vida espiritual. Não há necessidade de correr desesperado, pois, caminhando, apreciarás e chegarás no destino. Está acontecendo contigo aquilo de que te avisamos: “ Não tentes saciar a sede com uma jarra d'água, pois um copo será o suficiente quando precisares”. A partir de hoje tua fé e caminho serão mais suaves e menos desgastantes para ti. Não te preocupes em não estares indo à granja, onde tiveste belíssimas visões e recebeste decisivas locuções, pois, a vontade do Nosso Pai é decisiva. Caso Ele queira, serás até transportado para lá. No momento que quisermos nós te teremos no local, pronto para qualquer coisa.

Conte tudo detalhadamente à Helena sobre nossa filha Alice, tudo, pois, se meu Filho afirmou que ela está preparada é porque suas explicações estarão sempre iluminadas pelo Espírito Santo.

Caso ela, Helena, seja, um dia rigorosa contigo, não te preocupes, pois, ela, depois de um ou dois dias, te será suave quando te explicar o porquê daquela sua atitude. Não são as palavras ásperas ou suaves que demonstram o sentimento das almas, mas, sim, suas intenções e atitudes.

Neste momento, ou, durante esta locução, a imagem e a vela exibiam rápidas manifestações. O rosto de uma freira surgiu; o do santo ou santa jovem que apareceu no dia 2 de maio veio em seguida; e, depois, o rosto magro e com capuz. Estas imagens apareceram várias vezes, rapidamente e sem muita nitidez.

Nervoso, por Luíza permanecer ali na varanda sem falar nada, sem querer compartilhar e olhando a rua; nervoso, também, com as imagens rápidas e sem nitidez; e, cheio de dúvidas, pedi, implorei e perguntei: Por que

não surgiam nítidas as imagens, mesmo sendo do tamanho como sempre vieram? Não entendia o porquê da não nitidez do rosto, das vestimentas e das coisas que carregavam. Meu dilema e angústia eram porque não poderia transmitir a Helena, com certeza e clareza, como eram as imagens, o que dificultava a ligação delas com a locução ou o sentido de se mostrarem ali. Por exemplo: A freira era Sta. Terezinha ou Sta. Tereza D'Ávila? O rosto jovem era de um ou de uma santa?

Nossa Senhora se despediu, dizendo:

— Não estamos aborrecidos com as tuas reivindicações e palavras, pois, entendemos tudo e te damos razão. Porém, lembra-te que tudo te será esclarecido.

Não te preocupes com tuas palavras aparentemente rudes, pois, entendemos e concordamos.

Um beijo e um abraço forte.

Pergunta a Luíza se não quer rezar o terço?!

Perguntei-lhe e ela já o tinha rezado.

Nossa Senhora, então, disse-me para ir dormir, e, que, talvez naquela noite ou madrugada eu poderia ter uma surpresa agradável. Ela repetiu algumas vezes dizendo que, se fosse necessário, chamar-me-ia para aquele local a qualquer momento, como sempre aconteceu.

Assim, finalizou, dizendo novamente:

— Um beijo e um abraço, meu filho.

Perguntei-lhe, até, por que não interferia na atitude de Luíza ali na varanda. Ou a mandaria dormir ou a traria de uma vez para junto de mim, pois ela parada ali na varanda me deixava incomodado, sem conseguir me concentrar.

Quando Nossa Senhora me mandou chamar Luíza, disse-me:

— Tu estás muito individual nas orações em casa!

24 de maio de 1990, quinta-feira

Deitei-me cedo para dormir, deixando Luíza e sua irmã Ana acordadas. Estávamos todos já dormindo, quando me acordei e fui para a sala rezar o terço. Passavam três minutos da meia-noite. Rezei-o sem me

preocupar com quaisquer manifestações sobrenaturais. Há muito tempo que não fazia isso com tanta disposição e tranquilidade.

Um vento frio e gostoso entrou na sala como se me alertasse para o que viria acontecer. Mesmo assim, rezei todo o terço, colocando-o depois sobre a mesa. Entretanto, quase no seu final, antes da Salve Rainha, o fenômeno se iniciou: jogo de luz, penumbra e imagens de santos diversos. Estes foram aparecendo rápido e repetidamente, substituindo a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística: São Pedro de Alcântara, pálido, esquelético e com capuz, de frente e com a cabeça curvada um pouco para baixo; uma freira com as vestes iguais as de Sta. Tereza D'Ávila; um, magro, de barba, calvo e rosto afilado; outro, jovem, como o das manifestações anteriores (2 e 17 de maio), etc.. Tentando ver se havia algo em suas mãos, que não estavam mais escondidas pela penumbra, divisei uma pequena pomba luminosa, segurada carinhosamente pelas asas, na altura do peito de cada um que surgia. Sua posição, lembro-me agora, era idêntica a que vejo na Igreja do Divino Espírito Santo, com o peito de frente para mim, as patas avermelhadas realçando do branco e junto ao corpo e sua cabeça erguida a fitar-me. Em dado momento, a imagem da freira segurando a pomba fixou-se por toda a locução, quando Nossa Senhora começou falando mais ou menos estas palavras:

— Não te preocupes em procurar detalhes nossos, pois, o motivo da nossa mensagem de hoje já percebes. Um dia verás esta pomba pairando sobre ti e penetrando em teu próprio coração. Não debes temer isto, pois, será uma grande glória para ti e para todos que te cercam. Vê bem, tua alegria e tua glória, não tua tristeza! Por isso, deixa acontecer normalmente, sem temor.

Perguntei-lhe quem a segurava. Então, ela me respondeu:

— Todos nós a seguramos e ela faz parte de nós também.

Falamos muitas coisas, estando eu mais ousado, perguntando e querendo respostas, porém, agora, passando a aceitar com tranquilidade as dúvidas, a penumbra, etc., do jeito que se apresentem. E, continuou:

— Quanto aos Santos, dize a Helena como os estás vendo, pois, mesmo sem nitidez, será o necessário.

O nosso filho José Sazame estará aí como já havia te falado. Ao te encontrares com ele fala sobre o teu encontro com ele no Jambeiro. José Sazame é meu filho pródigo.

Após algumas conversas que não me recordo, Nossa Senhora repetiu o que me dissera a respeito da pomba. Depois de algumas palavras trocadas entre nós, Luíza apareceu, saindo do quarto. Quando ela voltava, chamei-a, dei-lhe meu lugar e mandei que olhasse para a imagem. Depois de algum tempo, perguntei-lhe se via alguma coisa diferente. Ela me falou que não, nem mesmo na mão da imagem. Saí, deixando-a sozinha na sala por algum tempo. Depois, já de volta para o quarto, Luíza deitou-se e eu, sentado, já para me deitar, ouvi a voz de Nossa Senhora em tom de brincadeira, como se estivesse sorrindo, dizendo-me:

— *Espera! Um beijo e um abraço forte, meu filho, como sempre o faço!*

Senti que ela me lembrava que não esperei para finalizar, conquanto sinta que era só isso que faltava em nossa conversa de hoje. Agradei-lhe, sorrindo também.

3 e 4 de junho de 1990, domingo e segunda-feira

À noite, ao me deitar, embora estivesse com o terço na mão, não consegui rezar, tamanho era o sono que se apoderou de mim; daí, pedi desculpas à Nossa Senhora e adormeci. Pela madrugada, despertei de súbito e algo me forçou a ir para a sala. Tentei voltar a dormir, mas, a certeza do chamado foi mais forte, de modo que me levantei, estando ainda tudo escuro e todos dormindo, meus filhos e minha esposa. Fazia bastante frio, motivo pelo qual me enrolei no lençol. Por ser ele branco e temendo bastante que Luíza ou uma das crianças por ventura se acordasse e se assustasse vendo-me assim, sentei-me no canto oposto ao da imagem, junto ao telefone.

Rezei o terço das dores de Nossa Senhora e, quase no final, a vela e a imagem de Nossa Senhora já exibiam a manifestação, embora lentamente.

Percebendo e sentindo que as imagens se pareciam com São Judas Tadeu e Sta. Terezinha, ainda procurei confirmar, tentando apanhar mais detalhes. Nesse ínterim, iniciou-se um diálogo entre uma voz feminina e eu. Quando perguntei quem me falava, escutei o seguinte:

— *Não te preocupes com quem somos, basta-te escutar a voz de Maria, ela é quem irá te falar.*

O diálogo já havia se iniciado há algum tempo, devagar e tranqüilo, como se eu falasse sem querer e achando que ninguém me ouviria. Lembro-

me que falava me desculpando e pedindo a Deus, ao Espírito Santo e à Nossa Senhora para me darem força, aumentarem a minha fé e o fogo do meu amor por eles.

Ela, Nossa Senhora, me falou:

— Não há necessidade de ficares ansioso, angustiado e triste, pois, a tua fé, teu desejo e teu amor nós conhecemos. Nós te amamos muito. Não sabes o valor e o amor que damos a ti.

Notei, neste momento, em suas palavras, um sentimento enorme, incalculável, de afeição e grande amor por mim. Pude sentir um abraço apertado e ardente, envolvendo-me em seu peito. Senti até que trancava os dentes para demonstrar mais força no seu amor. Sorri e enchi meus olhos d'água, agradecido e feliz.

Falou-me também que eu era um importante botão em seu jardim e que eu não calculava o valor que tinha; e, que eu era o mais importante de um jardim, porque minha luz crescerá tanto ao ponto de comandar um pelotão do seu exército.

Lembro-me que falou sobre meus pais, confirmando um pensamento ou mensagem a mim feita quando caminhava pela rua, dizendo:

— Quando Odete, tua mãe está recolhida em seu quarto, o seu oratório é como um próprio altar-mor, garanto. Se admiras minha filha Helena, imagina, pois, que ela, tua querida mãe, está mais à frente. Teu pai chegará a um nível próximo ao dela, porém ela estará sempre acima. Não te preocupes, pois, não só ele, teu pai, mas, muitos que achas difíceis de se converterem serão cristãos de fé forte, porque estão sendo semeados e enraizados firme e sofredamente, vindo de baixo de rochas e florindo acima delas. Então, nada os destruirá, porque, do semear à colheita, foram lutando e se fortalecendo para brotarem.

Caminha com cuidado e não deixes que o opositor te puxe e te desvie do teu caminho. Passarás por muita luta e dor, mas, quando chegares ao topo do monte em que caminhas, olharás para trás e sentirás o perfume agradável das flores que semeaste nesta caminhada. O brilho que verás estará em todo o caminho e a dor desaparecerá.

O que queres? O que queres para ti? Dize tudo, filho, seja de ordem material ou espiritual!

Fui bastante sincero quando lhe falei que, se me separasse da carne sem deixar um asilo, um orfanato e um hospital beneficentes iguais ou melhores do que já idealizei, achava que não seria de todo feliz. Falei,

também, que gostaria de concluir rapidamente a reforma do meu apartamento para ter um lugar onde orar e escrever tranqüilo; e, de ter um transporte para ir com a minha família para as missas e diversos locais, encurtando o tempo de locomoção, como também para poder ir à granja quando sentisse necessidade de ali rezar. Pedi pela saúde de todos os meus, principalmente por Tito, meu sobrinho, e Helena. Senti, então, no fundo da minha alma, que tudo isso será realizado. Todavia, Nossa Senhora, com algumas palavras que não me lembro, fez-me ver que só dependerá de mim e da fé daqueles que querem se curar, como se eu fosse ser mais um instrumento de Deus Pai na cura dos irmãos. Disse-lhe que não acreditava nisso, porque jamais seria digno de tal graça. Imaginem, eu, Reinaldo! É muito ! Não há dúvida que meu pensamento foi longe, achava. Entretanto, o que eu experimentava era tão forte quanto todas as forças que já me dominaram antes. Foi como se ela quisesse me dar a certeza .

Lembro-me, mais ou menos, que ela disse ainda:

— Pensas que não podes iniciar, mas, depois do resultado, verás que podes, tudo está contigo.

Neste momento já percebia que a primeira prova seria Helena.

Há muito tempo que venho sentindo a necessidade de agir, pedindo e orando pela saúde de todos, principalmente pela de Helena. Já me ofereci, inclusive, para substituí-la. Mesmo no início desta locução pedi a Deus que me colocasse no lugar dela. Nesse caso Helena poderia nos ajudar muito mais com saúde, visto ser a carta principal deste baralho, a maestrina desta orquestra. Imaginem-na andando sem dor! Sinto que o andar não significa apenas a cura dela, mas, também o sinal que esperamos, já que os primeiros a saber seremos nós dois.

No meio do nosso diálogo, Nossa Senhora, após uma pausa, falou-me firme:

— A partir da próxima locução não deverás contar nada a ninguém. Só Helena deverá saber e falar às pessoas, pois sentirá o que é ou não necessário guardar.

Não te preocupes com as investidas do opositor a teus filhos. Nada acontecerá de grave com eles e, se algo de aparentemente perigoso vier a acontecer, fica tranqüilo, tudo terminará bem, pois nós estamos com eles e os próprios anjos da guarda protegem-los-ão.

Não te preocupes em contar nada a Helena porque ambos são únicos entre si e, portanto, tudo que foi dito a um e a outro estará protegido por nós contra o opositor.

Falou-me também algo incluindo, além dela, seu esposo José, seu Filho, o Pai e o Espírito Santo. O que senti nesta locução foi algo tão maravilhoso que gostaria de ouvir sempre, pois a tranquilidade e a alegria geral tocaram-me por completo. Nunca senti tanto amor e calor fraternos, garanto e afirmo que não, nunca.

Percebi que a minha responsabilidade é e será grande, tão grande quanto deverá ser minha dedicação. Mesmo não querendo ver que sou significativo aos olhos e coração de Deus Pai, sinto que poderei ser um instrumento de cura dos homens.

No final, Nossa Senhora ainda me falou:

— *Achas que não és capaz? Então, faze, tenta iniciar e verás. É formidável poder ser instrumento de Nosso Pai na cura do corpo e da alma. Sentirás tudo isso. Inicia, tenta e depois tudo terá continuidade.*

Não sei se farei, pois sou tímido e medroso. Tenho vergonha de que seja só desejo oculto em mim. Envergonho-me em pensar que passarei por ridículo, obcenado e fanático religiosamente.

No fim, ela me falou tão forte e calorosamente que senti no pensamento o calor do seu beijo e do seu abraço ao se despedir. Já quando me dirigia para o banheiro, ela interrompeu meus passos, falando forte e suave:

— *Os santos são São Judas Tadeu e Sta. Terezinha, mas, tudo se tornará claro para ti e dará para apreciares os mínimos detalhes. Se quiseres podes contar ao teu tio Bazinho o que te falei hoje, porém, da próxima vez em diante nada mais será permitido, até segunda ordem.*

Pedi para que me concedesse tempo para rezar, ler, caminhar, recolher-me, etc.. Solicitei, inclusive, que me tirasse do SESI, conquanto não sacrificasse o alimento, a saúde e a educação dos meus filhos e esposa.

5 de junho de 1990, terça-feira. Casa de Helena

Após comungarmos, Helena e eu oramos, agradecendo aquele momento, principalmente eu pedindo a Deus Pai que enviasse o Espírito Santo sobre ela e que a curasse de todos os males físicos, pois sua fé, força e amor espiritual Ele já conhece, sabe que são enormes. Recorri à Nossa Mãe Santíssima, Rosa Mística, não deixando de vir fortemente na lembrança a inevitável presença de Santa Terezinha e de sua mãe Sta. Tereza. Senti naquele momento que não somente elas, mas, muitos ou todos os santos e

anjos uniam-se comigo na minha oração ao Nosso Pai Eterno. Mais forte ficou a minha confiança quando ouvi Helena dizer com segurança, entre lágrimas, que confiava à Nossa Senhora a sua certeza de cura.

5 e 6 de junho, da terça para a quarta-feira

Em um sonho inquieto, acordei meio sonolento e tornei a dormir. De repente, vi um vulto no escuro, junto ao guarda-roupa. Perguntei quem era. Era Rodrigo que mais uma vez surgia para que eu não pudesse dormir a fim de ir para a sala. Ao chegar na sala - Rodrigo já havia dormido novamente - vi manifestações da imagem e da vela e estabeleceu-se um diálogo belo e agradável entre a Nossa Mãe Santíssima e eu. No final, alertou-me para que não me entristecesse caso não me lembrasse das palavras que, por hora, eram apenas para mim, mas, que, um dia, após ver o sinal, conseguiria dizer tudo à sua filha Helena. Falou-me várias vezes que o sinal já bate à minha porta e que está tão próximo de mim que posso quase apalpá-lo. Senti no fundo do coração que havia ligação com Helena, não pelo desejo de vê-la curada, mas, sim, porque o sinal viria através dela.

Nossa Senhora mandou dizer ao meu tio Bazinho, seu filho especial, que o amava e que esse amor não era menor nem diferente do que tem para comigo e Helena. Pediu para que nós aceitássemos e confiássemos na decisão tomada quanto a não nos comunicarmos em relação às locuções, pois assim era necessário e do desejo do Senhor. Deu-me mais certeza ainda quanto à cura de Helena, fazendo-me sentir preparado para vê-la como o próprio sinal, pois sua cura será realizada graças à vontade de Deus.

Falou que o Arcanjo São Miguel está pronto para a nossa caminhada e que ela e ele se tornarão visíveis aos olhos de muitos em sua morada especial (a Capela de São Miguel); que haverá muitas conversões; que muitos verão e acreditarão; que muitos esperarão o momento preparado para eles e estarão confiantes no seu interior, apenas não sentindo no exterior até que seja o seu momento; que o mundo saberá e conhecerá tudo e todas as mensagens; e que tudo crescerá ali, principalmente a fé, a devoção e as conversões.

Disse que haverá momentos de sofrimento e sacrifício para mim e os escolhidos, porém serão recompensados com a visível e bela caminhada e com os seus resultados; que nenhuma situação dos escolhidos será empecilho para a sua e nossa missão; que eu serei um dos mais completos filhos videntes dela porque, além de ver, ouvir e conduzir um pelotão, ainda receberei mensagens.

Ela me pediu que eu ore mais e faça bastante penitência e que, a partir de agora, a minha dedicação deverá aumentar.

Disse-me ainda:

— *Mesmo que estejas descrente, incrédulo e sem muita certeza de que és capaz de ser instrumento de Nosso Pai para curar, sabe que Helena já terá iniciado seu caminho para a cura desde o momento em que na madrugada de hoje (6.6.90) pedires com firmeza.*

Perguntei-lhe como poderia dizer a tio Bazinho que ela o amava se me havia proibido de lhe falar sobre as locuções. Então, disse-me:

— *O recado é especial para ele; não haverá problema nenhum que saiba de ti. O que for para ser dito a alguém será possível que tu mesmo o digas.*

Pela manhã, orei tão forte como nunca havia feito, não somente compenetrado (pois isso fiz um dia), mas, com palavras altas e fortes. Foram palavras profundas e belas, admirei-me. Tudo girou sobre a cura de Helena. Agora, no momento, não consigo me lembrar das palavras, mas, se depender delas, sei que Nosso Senhor curará não apenas Helena, mas, todo mundo.

Ainda pela manhã liguei para tio Bazinho e lhe transmiti o recado de Nossa Senhora.

À tarde, fui para a casa de Helena. Durante o caminho, no ônibus, fui rezando e sendo por vezes interrompido por pensamentos fortes sobre as últimas locuções e a responsabilidade que me foi dada - o dom da cura. Confesso que para tão grande graça ainda me sinto insignificante; por isso creio mais em Deus e a Ele agradeço eterna e profundamente.

Apesar de tentar chegar na hora marcada na casa de Helena, não consegui esperar e cheguei meia hora mais cedo.

Ainda em casa, passei toda a manhã pensando na possibilidade de uma decepção, ou seja, saber que Helena havia sentido dores fortíssimas (como uma piora), porém, no mesmo instante, veio-me a lembrança do inverso, isto é, lembrei-me que a minha avó paterna, dois dias antes de falecer, recuperou-se praticamente cem por cento. Assim, senti na alma e pensamento que minha orientadora espiritual deveria sofrer uma piora para, em seguida, iniciar seu processo de cura. Esse pensamento me vinha até mesmo no ônibus. Não entendia o porquê daquela preocupação.

Ao chegar à casa dela, perguntei-lhe logo como estava. Então, ao ouvir que passara uma noite de sofrimento e dores, senti tudo desmoronar em mim, mas, ao ir estonteado para o terraço, lembrei-me da comparação entre o aviso da morte e o da cura (minha avó e Helena).

Mesmo assim, ainda com dores no peito, pois tudo era novidade (ações e pensamentos), fui para a capela orar, enquanto Helena almoçava. Após fazer as orações ao Divino Espírito Santo, sentei-me. Quando já ia iniciar o meu queixume a Nosso Senhor, pois estava angustiado, aflito e cheio de grandes interrogações, Ele próprio, de imediato, falou-me em locução interior, nitidamente, firme e em voz alta:

— Não quero ouvir nada aqui, agora. Fala tudo que queres e deves no momento em que estiveres junto de minha filha Helena. Não deves ter dúvida alguma do que acontece. Lembra-te da segunda mensagem que te demos: “Estaremos sempre a segurar tua mão para não caíres e protegendo teus joelhos para não os ferires ao dobrá-los”. Não deves continuar dependendo dos outros sempre que tiveres algo para fazer ou sempre que ouvires alguma coisa. Deves aprender a caminhar com teus próprios pés. Para isso falou a ti minha mãe: “Para o bem, tuas palavras serão sempre as minhas e teus atos serão por nós abençoados”.

Após a locução, senti que deveria realmente iniciar a eliminação da timidez ali, junto da pessoa que somente abaixo de Deus, de Maria, dos santos e dos anjos se encontra, Helena, pois até diante dela me vejo insignificante para tal graça (ser instrumento de Deus para curar), visto que ninguém mais me deixaria tão tímido e amedrontado. Não que me sinta digno para curar os outros, pois seria menos constrangedora a minha situação, porque Helena é o próprio instrumento do Divino Espírito Santo para o meu caminho e é ela que recebe dEle a chave de cada porta de salas escuras para abri-las e me mostrar a luz do verdadeiro sentido da estrada. Por isso, sempre me perguntei: — Se eu posso, por que não ela mesma? Estou certo, foi iniciada a cura, porém esta certeza só foi possível após uma longa e decisiva conversa com o meu tio e filho especial de Nossa Senhora, Aderbal. Com essas pessoas que passam a me cercar, sinto a ação do próprio Espírito Santo, pois, observando bem, vejo que em mim não há inveja, ciúme e nem receio de me abrir, mesmo no tocante aos meus sentimentos mais íntimos. Basta-me sentir a necessidade de orientação ou de tirar um peso desnecessário da minha alma e abro-me sobre isto com toda confiança.

Oramos intensamente, Helena e eu. Em seguida ajoelhei-me e dei início a uma oração cada vez mais profunda na qual eu me colocava cada vez mais intensamente na presença de Deus. As palavras que pronunciava então brotavam espontâneas do meu interior sem nenhum pensamento preconcebido. Tudo jorrava de dentro de mim espontaneamente.

Helena e eu comungamos juntos em seu quarto, pois, no momento, seu estado físico não lhe permitia ir até à capela.

Achei que Helena havia compreendido que o desejo de Jesus era de que ela, como prova de sua confiança (visto que eu lhe havia dito que tudo só dependia do grau da sua confiança), tentasse andar após a sagrada comunhão. Mas, o momento não era aquele. Ela não conseguiu andar. Como ela própria me confessou com toda sinceridade, isto não a abalou nem decepcionou. Eu, no entanto, pensando o contrário, isto é, imaginando que ela estava sofrendo e sentia-se como alguém que no momento em que confiava via esta mesma confiança frustrada, e isto devido à minha maneira errônea de me expressar, senti-me muito triste. Apoderou-se de mim uma grande aflição. Eu me perguntava angustiado: — Por que servia eu de instrumento de sofrimento e decepção, justamente para com ela a quem estimo tão profundamente e de quem dependo tanto espiritualmente por expresso desejo de Nossa Senhora, que a este respeito me disse palavras tão cheias de certeza e ordens? Isto me causou uma angústia difícil de expressar. Pedi-lhe então licença para me ausentar um instante e ir até a capela. Para lá me dirigi realmente angustiado, sofrido, envergonhado e decepcionado comigo mesmo.

Mal entrei, porém, na capela e logo, partindo do grande e lindo Crucificado que lá existe e que domina realmente o ambiente, enchendo-o de unção, uma voz suave, porém enérgica, forte e capaz de mudar minha situação de angústia em paz e serenidade, disse-me:

— *Calma! Calma! Calma!*

Helena sempre me repete a definição tão bela e teológica da grande Santa Tereza de Jesus que disse: — “A palavra de Deus realiza o que exprime”. Foi o que então aconteceu comigo. A minha angústia extrema (porque, como já expliquei, eu julgava que ela estaria sofrendo e decepcionada) converteu-se em paz e serenidade.

Voltei para junto dela que, querendo exatamente me confortar, pois percebera meu sofrimento, relatou-me como Santa Tereza de Jesus, que estivera parálitica algum tempo, foi curada pela intercessão de São José, porém lentamente, aos poucos, conforme ela própria relata no livro de sua vida.

Voltou-me, então, a paz e tranqüilidade. Senti-me compreendido e reconfortado.

Aliás, quero assinalar aqui que muitas vezes vejo-me, assim, assaltado pela angústia. Sofro sobretudo porque me vejo repentinamente cheio de dúvidas, angústias e tentações contra a fé a respeito do caminho por onde Deus vai me levando. Sou tentado contra a confiança. Sou forçado a trabalhar para manter minha família e isto me rouba todo o tempo que desejaria empregar no recolhimento, na oração, em santas leituras, e

principalmente na Santa Missa. E a privação de tudo isto é muito penosa para mim. Sinto-me como alguém pendurado sobre um abismo escuro e segurando-me apenas num ramo de árvore seco que parece prestes a se quebrar. É terrível, então, o meu sofrimento, minha angústia, meu temor. Creio que o Senhor me sustenta em Sua mão e espero nisto, mas, não sinto propriamente esta confiança: é um tremendo vazio, um vácuo terrível que só a Divina Misericórdia pode acudir e eu não posso descrever.

16 de junho de 1990, sábado

Passei o dia na casa de tio Bazinho. Rezamos e lemos bastante. Tive uma conversa com Flávio, seu filho, que durou cerca de 1 hora. Em seguida chamei tio Bazinho e Betânia, vindo ela com Marcos, seu namorado. Durante a nossa conversa falei pouco sobre o que sofri na vida, sobre a ida à Itatiba, as visões e algumas locuções. Respondi perguntas curiosas e de dúvidas. Depois ouvi Marcos explicar sinceramente sua opinião e garantir que ele mesmo rezaria por tudo e toda a caminhada nossa.

No final, ao sairmos do escritório de Flávio, ele mesmo me pediu para saber de Nossa Mãe Santíssima Virgem algo que lhe orientasse no seu caminho de dúvidas e sofrimentos que vinha passando no momento. Falei para ele que o fizesse pessoalmente, pois, como me contou, tenho certeza que ela realmente e por alguma razão já se mostrou a ele, acordando-o misteriosamente durante a noite.

À noite, uma surpresa para nós aconteceu: a chegada de Leãozinho, Penha e filhos e, em seguida, de tio Everaldo e tia Maria José que foram rezar o terço e que se surpreenderam ao nos ver.

Conversamos um pouco e, em seguida, iniciamos o nosso momento de oração, guiados por tio Bazinho. Na sala havia a imagem de Nossa Senhora Rosa Mística, flores e uma vela 7 dias acesa.

Durante a reza senti um desejo de me recolher e de não estar ali, mas, como não queria me retirar para não chamar a atenção, permaneci rezando, embora impaciente. De repente, Nossa Senhora me falou:

— Não te preocupes. Tudo está acontecendo porque tem que acontecer, porém, não te esqueças de que estaremos sempre contigo, mesmo que a situação seja difícil.

Senti que aquilo que ouvia deveria ser, sem dúvida, transmitido para tio Everaldo, pois era para ele. Percebi, inclusive, que ele e nós devemos observar sua caminhada daquele momento para a frente.

Embora tenha sido para tio Everaldo, achei que nós poderíamos e deveríamos pegar uma carona na tranquilidade que Nossa Mãe Santíssima lhe dava.

Durante esta locução veio-me à lembrança a visão em relação à vela, à lua e às moedas.

Acho que devo registrar aqui a forte impressão que sinto há meses ao observar o céu, à tarde, entre as 14 e 17 horas, principalmente na hora exata do sol se pôr. A imagem que vejo se formar, o conjunto de nuvens, dá-me a impressão de catástrofe violenta, como guerra, explosão, coisas graves feitas pelo homem e pela natureza. O formato é belo, mas, o sentimento e a impressão que tenho são de pavor, de algo destruidor. As nuvens apresentam-se brancas, prateadas e laranja claro e escuro, quase avermelhadas. E, dando um toque em todas as impressões visuais e espirituais, nuvens negras estão sempre presentes. Tudo é belo e curioso, levando à meditação, e ao mesmo tempo assustador. É o que sinto no coração. Parece que tudo é um aviso, porém ninguém nunca comentou o fato. Pode não significar nada, mas, sinto levemente que não deixa de ser um aviso dos céus. Será guerra, explosão, dilúvio? Ou serão apenas simples fenômenos da natureza, em quadros vivos, em lindas cores, colocados na moldura do universo e pendurados por Deus no infinito para nos mostrar que tudo que Ele criou é belo, mesmo quando sentimos medo? Fica, assim, isso registrado, sem confirmação de nada, apenas como um alerta, por ora sem resposta clara.

ooo O ooo

Na Capela de São Miguel sentimos o crescer da fé e a necessidade das pessoas que ali entram buscando algo que em seu interior é um sentimento de esperança. É vagaroso e arrastado o crescimento do número de fiéis que vão se juntando ali a cada sábado e domingo. Sinto tranquilidade e satisfação no próprio sacerdote que, com seu jeito apressado de sempre, celebra a missa. Sua preocupação com a devoção à Nossa Mãe Santíssima com o título de Rosa Mística é visível e confortadora para mim que dou e sempre darei tudo para a conversão dos homens através dela.

ooo O ooo

Há muitos meses que estamos confeccionando e distribuindo o Terço das Lágrimas de Sangue de Nossa Senhora. Enfim, estamos verdadeiramente integrados na batalha de Nossa Mãe Santíssima.

As reuniões, os encontros, e os grupos de orações já se encontram iniciados. Impressiona a velocidade do desenvolvimento da semente lançada

por todos nós. Até agora, graças a Deus e a Maria, a luz divina é comprovada, não havendo nenhuma semente lançada da qual não se tenha ou não se recolha o fruto dias depois. A engrenagem é perfeitamente lubrificada pela nossa sede, alimentada com a energia e o amor marianos e conservada em movimento suave e constante pelo Espírito Santo, e administrada, é claro, pelo Nosso Pai Eterno. A cada momento que cresce a produção, mais peças se encaixam a esta engrenagem para atender à demanda, à necessidade.

ooo O ooo

Atualmente, todos os momentos e datas importantes são esquecidos ou dificultados para mim. Um estranho desânimo toma conta de mim quando resolvo rezar o terço ou orar mais profundamente. Então, vem mais uma vez o esgotamento e reluto para vencê-lo, sabendo claramente que meu sentimento é o oposto. Sinto-me numa roda gigante em alta velocidade, com náuseas, tonto. Sei que a alavanca está onde está, mas não consigo alcançá-la e, assim, parar o seu movimento.

26 de junho de 1990, terça-feira

Expus a tio Bazinho a necessidade que sinto de passar horas em recolhimento, afastado de tudo e de todos. No entanto, meus compromissos e a falta de ambiente adequado são impedimentos que me deixam por demais angustiado.

Tio Bazinho convidou-me para ir à sua casa e, à tarde, fomos para o apartamento de Helena. Em seguida chegou o meu irmão José Manoel. Reunimo-nos, então, os quatro, para conversar e ficamos ouvindo histórias de santos e passagens bíblicas contadas por Helena que, geralmente, nos dava exemplos sobre tudo que lhe perguntávamos.

A tarde passou, chegou a noite e saímos de lá quase às 23 horas.

Durante a reunião fiquei inquieto, a ponto de não me concentrar na conversa e, inclusive, de não absorver nada do que se falava.

Entre a tarde e a noite, algo que já vinha me mandando ir para a capela foi mais forte do que a vontade de não chamar a atenção para os meus atos. Assim, pedindo licença, fui até lá e, de imediato, ajoelhei-me junto do altar. Orei ao Espírito Santo e à Nossa Senhora. Neste momento, ouvi em locução interior uma voz firme e forte, porém suave. Senti até que, ao falar, sorria por vezes e que era uma voz por mim conhecida - a do próprio Jesus Cristo. Ele, Jesus, confortou-me, explicando a minha situação atual. Suas palavras foram mais ou menos as seguintes:

— Acalma-te, não fiques aflito! Tudo o que está acontecendo em tua vida é obra minha. Estamos reformando toda a tua vida, seja espiritual ou materialmente. Sabemos o que estás passando, mas, fica ciente que é tudo necessário para que possas, no final, ter a condição e a tranquilidade para nos atender, para te dedicares à tua missão na nossa caminhada. Não te preocupes! Não há motivo para aflição, pois agora sabes que tudo é da nossa vontade. Não te preocupes porque neste momento).

Senti, então, aumentar a minha responsabilidade em não errar, crescendo ainda mais a minha força, fé e segurança. Eu me emocionei e chorei sem controle. Lembrei-me, em seguida, que deveria voltar para a sala e não queria que soubessem que chorei para não pensarem que eu estava exagerando. Então, recolhi o choro, lavei o rosto e voltei para a sala.

30 de junho de 1990, sábado

Eram 9 h 57 min. Pouco depois de termos chegado à casa dos meus pais, Rodrigo veio a mim, amedrontado e desconfiado, dizendo que a imagem do Coração de Jesus fechou e abriu os olhos para ele quando ia para o quarto.

Sua desconfiança, medo e dúvida são visíveis em suas ações, porém ele é tranquilo.

15 de julho de 1990, domingo

Eram 17 horas e eu transitava de carro pela Av. Conde da Boa Vista com um primo, quando, de repente, vi que o sol estava grande e com luz pouco prateada. Embora fortíssimo, conseguia olhá-lo normalmente. Já próximo ao Sport Club do Recife, ele já estava laranja escuro e maior. Havia uma auréola esverdeada e outra avermelhada. Ele parou de se pôr durante um tempo e, às vezes, movimentava-se de um lado para o outro, ligeiro. O sol ficou assim até chegarmos no Curado. As nuvens estavam alaranjadas e avermelhadas, mesmo após o sol já se ter posto.

21 de julho de 1990, sábado

Eram 12 h 20 min, quando no meio da reza do Terço da Misericórdia senti algo muito forte ao contemplar a face de Jesus Cristo pintada numa madeira amarelada, tendo abaixo, em cor preta, a Oração de São Francisco. Confesso que pensei ser o início de uma visão com locução, mas, digo com toda a serenidade que isso não me fez crescer a vontade de orar ou ficar concentrado a esperar, tanto que minha mãe entrou e conversamos; do mesmo modo, Helena, a senhora que trabalha como doméstica, também entrou para lavar o banheiro ligado ao quarto onde eu estava e nada se me alterou. Li, ainda, a Bênção de São Francisco que trago comigo em um folheto, onde na frente está o rosto de Jesus e no verso, acima da bênção, estão escritas palavras preciosas ditas por Nosso Senhor à Irmã M. Pierina, que morreu em 1945 em Milão, e à Irmã M. de São Pedro, morta em 1848 em Tours, e um trecho do Evangelho de São João (14, 22). Em seguida, como se manda no final da Bênção de São Francisco, rezei 3 Pai Nosso, 3 Ave Maria e 3 Glória ao Pai.

Feito isso, voltei a ler o livro que ganhei de tio Bazinho ontem à tarde. Este livro - “Dize aos meus sacerdotes”- contém mensagens de Nosso Senhor e, algumas vezes, de Nossa Senhora à Irmã Faustina no decorrer dos anos de 1905 a 1938, onde Ele fala, pede e manda divulgar tudo sobre a sua misericórdia divina.

Há alguns dias venho sentindo no interior da alma que há uma mensagem de alerta e repreensão para a minha família e todos os que no momento se encontram presentes. Tenho relutado comigo mesmo para que não seja verdade, mas que seja apenas fruto da minha imaginação, embora me domine sempre quando estou sozinho ou ouvindo palavras do Senhor lidas ou contadas por alguém. Já quis escrever essa mensagem, mas alguma coisa me desaconselha, fazendo-me sentir que pouco registraria do que realmente quer o Espírito Santo. Hoje, porém, quando rezava, parei para oferecer a minha dor e a tristeza que sinto há dias devido à incompreensão da minha esposa e de alguns parentes que acham desnecessários e extravagantes os momentos que eu e tio Bazinho passamos a orar e falar das coisas de Deus. É como se fosse um caminho de pedregulhos e espinhos para pés feridos e com barreiras de lâminas pontiagudas e amoladas que somente ao ser tocadas já ferem e machucam. Ofereci também todas as minhas alegrias pela conversão dos homens e pelo atendimento às minhas súplicas. Pedi para mim apenas força para continuar, entregando-me inteiramente a Ele, e que fizesse de mim tudo que desejasse, pois que agradecerei sempre qualquer coisa que venha dEle ou que seja para Ele, com alívio para as suas chagas.

No meio da leitura, logo depois de Helena sair do quarto, deparei-me com o pensamento na referida mensagem. Pedi, então, ao Nosso Pai para, se possível, enviar-me um sinal de que é dEle o desejo de transmiti-la a todos.

Imediatamente, ouvi dEle, com certeza, algumas palavras que compreendi, mas que talvez não as consiga colocar aqui tal como me vieram. Todavia, terão o mesmo significado ou sentido.

Falou-me do seu grande amor por mim, deixando-me sentir a sua expressão de carinho e amor estampados em sua fisionomia. Mandou-me um forte beijo e abraço e, em um momento, não me lembro qual, referiu-se a mim como irmão, amigo e filho - sei que se referia sobre o relacionamento dEle comigo. Na verdade, é difícil imaginar que Deus se baixe tanto para isso, porque existem tantos que poderiam ser e fazer mais em seu nome, sem que Ele necessitasse descer tanto. Pode até ser que seja para me dar força nesta caminhada, diante desta forte dor que passo no momento.

Recordou-me as seguintes palavras:

— Para o bem, tuas palavras serão as minhas e teus atos serão por nós abençoados. O tempo que estás tendo, no momento, sem locuções e visões é dado por nós mesmos e, em breve, tudo voltará com maior intensidade. Teu sofrimento está sendo permitido para a alegria do teu espírito e conversão dos teus irmãos à minha misericórdia. Não te preocupes, mesmo quando pecares ou caíres em tentação, pois, serás sempre digno de mim, porquanto conheço a tua luta, desejo e sofrimento para estares sempre preparado para viver ao meu lado na vida eterna. Sei o quanto estás ansioso para escrever tudo. Eu mesmo peço para que o faças, pois, tu mesmo nos falaste num momento de angústia espiritual: - “Permite-me, Senhor, que eu registre tudo para a minha necessidade e para que ajude os meus irmãos pecadores”.

Lembro-me que, no final, minha mãe abriu a porta e me falou algo, saindo logo depois. Ele, como que sentindo um grande contentamento, falou sussurrando:

— A tua mãe, tua mãe, gostaria de fazê-la exemplo e símbolo de santidade para muitos dos teus e de outros.

Senti que Ele a admirava e respeitava a sua posição, embora, sem dúvida, o seu desejo era realmente tê-la sempre à frente das pessoas para que caminhassem igual a ela. Não entendi, pois se Ele me demonstrou no espírito tanta confiança, admiração e amor por ela, por que não usa a sua própria vontade para isso?

Após uma pausa, falou-me:

— *Não tenhas medo ao falar, pois, Eu envio sempre o meu Espírito de Luz e Verdade para utilizar-se das pessoas quando desejo alertar ou transmitir algo para a conversão dos homens. Se observares, é o meu próprio Espírito de Misericórdia que fala através de ti, pois, em outros momentos não dirias nada a muitos deles, não por medo, mas, por respeito* (senti que Ele se referia às pessoas que hierarquicamente devo respeitar - pai, mãe, tios, etc., e àqueles com os quais não tive aproximação no passado). *Aonde e de onde mais vem o amor senão de mim mesmo?*

Neste momento exclamei: - Senhor, muitos homens também falam de amor! Então, Ele me disse:

— *E eu também não moro no coração de todos? Vá, pega a caneta e o papel e escreve tudo que te lembrares, mas, o que não conseguires escrever estará registrado no teu espírito.*

Um forte beijo.

Paz, amor, penitência e oração! Oração!

Muitas coisas lindas ainda me foram ditas, isto é, palavras e frases inteiras que me confortaram, fortaleceram e emocionaram, mas que, apesar dos meus esforços, não as consigo transmitir.

ORAÇÃO DIÁRIA A DEUS, ATRAVÉS DA NOSSA MÃE SANTÍSSIMA

Todas as vezes que eu rezar o terço ou orar mentalmente, roga, Senhora, ao Teu Filho para que Ele atenda sempre às minhas súplicas.

Senhor Nosso, Deus Eterno de amor e de misericórdia, olha para as lágrimas de sangue desta que sempre Te amou no mundo e mais grandiosamente nos Céus. Olha para as lágrimas desta que ininterruptamente luta, sofrendo horrores, e para a dor de uma mãe dedicada que vê seus filhos caindo em desgraça, nas tentações e no pecado.

Tenho certeza, Senhor, que serei plenamente atendido, pois até aos Anjos e Santos imploro para que levem as minhas preces a Ti.

Amém!

23 de outubro de 1990, terça-feira

Acordei cedo. Ontem à noite meus filhos me esperaram do trabalho para cantar o “Parabéns p’ra você” e cortar um bolo pela passagem do meu aniversário (35 anos).

Após o café da manhã, demorei-me um pouco pela casa e, em seguida, recolhi-me no quarto para rezar o terço e tentar colocar orações e escritos em dia, pois já fazia meses que estavam atrasados. Diego e Clarissa ficaram parte do tempo entrando, brincando e falando comigo, até que, depois de alguns delicados pedidos, me atenderam e permitiram que, com a porta fechada, voltasse às orações. Esta minha atitude veio através de uma vontade repentina de recolhimento, não mais forte do que a preguiça, desleixo e outros sentimentos inexplicáveis e estranhos que conflitam com o pequenino, quase invisível, sentimento de força e luz como se me apresenta.

Iniciei esta peregrinação de oração e retomada de verdadeiro desejo pela reza do terço quando contemplava os mistérios dolorosos, estando no Pai Nosso (acho eu) do terceiro mistério. De repente, automaticamente, fitei os olhos no rosto da imagem de Jesus que fica ao lado da minha cama, na parede, e algo mais forte e decisivo me fez parar de rezar. Uma luz viva e suave cercou toda a imagem que, na maior parte do tempo, ficou como é na realidade, mas, as palavras que eu ouvia pareciam vir dela em locução interior. Por duas ou três vezes um rosto belíssimo, acho que mais de anjo do que de mulher, tomou o lugar do rosto de Jesus na imagem, olhando para a frente, para a porta, ao contrário do de Jesus que olhava para baixo, tristonho. A cor da imagem permaneceu sempre a mesma que é. Cristo, na imagem, tem a coroa de espinhos e uma tinta vermelha representando sangue em sua testa.

Embora a locução tenha se encerrado quase neste momento, sinto dificuldade em transmitir na íntegra as palavras que ouvi. É difícil explicar, mas, mesmo não conseguindo registrá-las inteiramente, sinto-as todas dentro de mim, do mesmo jeito que as escutei, com clareza, lentidão, segurança, pausas e exclamações.

É importante garantir que jamais modificarei o sentido das mensagens, sejam quais forem, pois tenho a convicção de que somente assim poderão ser feitos corretamente os seus estudos e divulgações.

Quero ressaltar que foram palavras belíssimas, profundamente objetivas e, apesar das frases de alerta a respeito do sofrimento, todas de amor e tranqüilidade. Foram palavras firmes e certeiras, nas quais havia um sinal de alerta a tudo e a todos. Portanto, digo, foram palavras belíssimas,

cheias de amor, queimantes, suaves e que se encaixavam entre si, isto é, palavras com uma penetração lenta e flutuante, porém firmes como um tiro certo de uma flecha que atingiu o alvo, sendo este todo o meu ser. E, assim, iniciou-se a mensagem:

— *Estou agora a te falar!*

Jamais deixarei um irmão se alimentar de ilusões para que não ocorra decepção. Se fosse ilusão eu mesmo interferiria. Não deixaria nenhum irmão se enganar, iludir-se, nem mesmo aqueles pecadores que aumentam todos os dias a chaga do meu coração. Mas, tu, realmente, foste escolhido para que Maria, minha Mãe, seja a mulher que pegará a tua mão para caminhares à frente de um grande rebanho.

Minha Mãe é a cheia de graça e Ela te escolheu para seguires ao nosso lado, guiando um exército nesta guerra.

A guerra já acontece. É esta que te falo.

Não olhes para trás! Não suportarias a carga do sofrimento, pois somarias o que passou ao que virá. Se olhares para trás verás a tragédia no campo de batalha.

Não desanimes, estamos contigo!

Luta para vencer os sofrimentos e tentações, mas, se caíres, não te desespere, retoma o caminho.

Não caias, pois as tentações são fortes, mas, ao venceres, verás como é deliciosa a vitória. Então, saberás como não é difícil superá-las e como é compensadora a vitória nesta guerra.

Foste escolhido, vence! Para isso, basta agires corretamente - e deves fazê-lo - e dedica-te a isto.

Sabe que não serás jamais derrotado e que não fracassarás.

Assim é, meu filho, meu irmão! Nesta guerra receberás todo o estilhaço destas armas que atingem nossos irmãos.

As trincheiras a cada momento se enchem de corpos que sofrem e gemem. Mesmo assim, eles não nos permitem protegê-los colocando uma barreira à sua frente. Eles sofrerão, porém tu sofrerás também e mais fortemente, porque sofrerás com a dor e angústia da alma, e nós não podemos fazer nada, pois eles nos aprisionam sem nos permitirem ação.

AS CORRENTES DO PECADO TAMBÉM SÃO FORTES.

Não haverá derrota para ti porque, de dois, se um se salvar já és vitorioso. Deixa o que ficou, pois os que te seguem lutam para trazê-los a viver conosco.

Nós te amamos!

Eu te amo com um amor tão forte como de um verdadeiro irmão, um amor de misericórdia que me é dado pelo nosso Pai Eterno.

Nós te amamos!

Não olhemos para trás, pois a dor que sentiremos pelos que ficarem no campo de batalha será recompensada pelos muitos que se salvarão. Apesar das possíveis perdas, a vitória será certa.

Eu te abençoo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Neste momento fiz o sinal da cruz de pé, pois durante a locução estava sentado e recostado no espelho da cama.

Após a locução voltei a rezar o terço e, depois, fiz estas anotações. Em seguida orei, escrevendo:

Senhor, neste momento suplico-Vos como o mais insignificante irmão: dai-me o Vosso querer com o triplo da necessidade para a minha santificação. Dai-me com esta mesma intensidade a força, a sede, a fidelidade, o amor e a fé de que necessito, não apenas como um homem, mas, como o homem mais pecador deste universo, para que eu seja capaz de ajudar a todos os demais a juntamente comigo chegarem ao Reino dos Céus e, assim, adorar, amar, orar e servir sempre a Deus Pai por toda a eternidade, juntos de Vós, de Nossa Mãe Santíssima e de todos os Santos e Coros Celestes. Amém!

O curioso é que enquanto tento, embora com dificuldade, explicar tudo o que está em meu coração, minha mente e todo o meu ser, sinto que, na verdade, não digo nada profundamente, mas, externo apenas sentimentos fortes, sem demonstrar a verdadeira sede de querer a todo custo mostrar-me e ser ouvido por Deus, não para me destacar, mas somente com o objetivo de diminuir o sofrimento dos meus semelhantes, podendo ser instrumento de Deus para ajudar os necessitados.

Na verdade, não quero, jamais, ser descoberto ao ajudar, o que será para mim de enorme proveito.

Enquanto escrevo tenho a impressão de estar relatando tudo o que senti em locução interior, tamanha a força com que os sentimentos são transformados em palavras e formam frases que parecem rasgar o meu corpo para saírem, mas, em seguida, percebo que nem tudo o que escrevi traduziu integralmente aquele sentimento. No final sinto como esvaziar-me todo.

Necessitando transmitir mais ainda a minha aflição e angústia, por não ser nada do que desejo para estar com os Céus e, ao mesmo tempo, ajudar os demais, continuei orando.

Senhor Meu e Vós, Minha Mãe!

Com todas as forças que não sou capaz de expressar e nem de transmitir em toda a sua grandeza, mas que, bem sei, são de Vós conhecidas, visto serem a reunião de todos os meus melhores desejos e sentimentos, os quais são em mim suscitados por Vós e mais ninguém, peço-Vos: fazei-me apenas o mais forte e dedicado servo e instrumento das Vossas S.S. vontades. Apesar de indigno de tantas mercês e merecedor apenas de lutas e trabalhos, necessito sumamente da plenitude das Vossas graças e misericórdias para poder enfrentar as lutas e trabalhos que para as Vossas glórias me enviardes. Além disto, peço-Vos apenas - e já é muito - que, no final da minha caminhada, eu receba como prêmio a alegria de ter contribuído para a conversão, senão de todos, pelo menos de muitos ao Vosso amor.

Neste momento, peço-Vos ainda a conversão imediata de todos os meus, que guardo no meu coração e que confiante deposito em Vossos S.S. corações. Sabendo que sou indigno de merecer tal graça, apresento-Vos este meu pedido, não apenas como meu, mas como sendo o pedido daqueles que pela sua santidade de vida são dignos de obter tudo isto e muito mais do Nosso Pai Celestial através dos Vossos pedidos, ó Jesus, ó Maria! Pessoalmente nada quero, a não ser o que quiserdes Vós. Não desejo ser servido, mas servir e, depois, dizer: sou servo inútil. Amém!

Após encerrar este momento, voltei para a posição inicial e tentei ver e sentir tudo novamente. Nada disto aconteceu, apesar do meu esforço.

31 de outubro de 1990, quarta-feira

Após tanto tempo sem condições reais de concentração e tranqüilidade para orar, ler e rezar o terço, além de até mesmo não estar sendo assíduo às missas, penitências e sacrifícios, coloco-me agora pronto para atender à ordem que há pouco recebi de Nossa Santíssima Virgem, que foi:

— *Filho, recolhe-te para anotar, registrando tudo que necessitas registrar e que há tempo não o fazes.*

Pensei, confesso, que haveria algo mais, como, por exemplo, manifestações e profunda locução, mas, de imediato, a voz meiga e firme de Nossa Mãe continuou:

— Não importa se haverá ou não algo mais. Recolhe-te, apenas com o único objetivo de escrever as locuções já enviadas e quase esquecidas no tempo.

Eu estava completamente relaxado e de pé na varanda, a olhar o movimento da rua. Confesso que relutei para não acreditar e nem atender o que me ordenava, pois, de um tempo para cá, aproximadamente de setembro até hoje, encontro-me em um estado confuso, vivendo esse período de um modo difícil de entender. Tudo se passa em todo o meu ser. Sinto angústia pelos acontecimentos tristes, fortes e marcantes, como também por sentir que sou atualmente uma pessoa perseguida pelas tentações do pecado. Sinto tristeza, preguiça, desleixo, aflição e expectativa; vontade de tudo de positivo crescer em mim, apagando esse sofrimento transbordante. Sei que tudo isso se dá porque luto e reluto com toda a minha quase nenhuma força, que ainda existe em alguma partícula mínima de mim, para que a fé, a sede, a garra, o desejo, a dedicação e santidade destruam tudo de negativo que ora reina em mim. A luta é grande, apesar da fraca força que encontro e tenho como arma.

Estou como um homem que na escuridão caminha a atravessar uma ponte de madeira, segura apenas por cordas que a fazem balançar continuamente, havendo buracos enormes e falta de madeira em seu piso e sem ter corrimão. Atrás e em seu percurso tudo é perigoso e trágico. Em baixo, um grande abismo, profundo, com pedras, e um rio de correntes e cachoeiras violentas. Tenho que arriscar chegar ao lado oposto, onde estarei mais seguro e onde poderei caminhar no claro, embora que, com esta certeza, ainda seja desconhecido o percurso.

Não enxergo nada. Sei que há grandes perigos em minha volta, como sei que a solução é chegar ao outro lado. Apesar de tudo, sou tomado pelo medo e dúvida: se só existe esta ponte para o outro lado ou se é realmente o outro lado o lugar que espero que seja; do mesmo modo, se devo continuar arriscando ou se paro e espero algo acontecer e mude a situação.

Em tempo:

Durante as reuniões da família em casa de Helena, feitas separadamente por cada família componente, restringi-me apenas a orar, a participar das missas e, algumas vezes, a ler o missal quotidiano.

Logo após a reunião da família de meus pais, ao saber da inesperada reação de alguns, tive uma angústia e tristeza que perduram até hoje, que

foram aliviadas, em parte, após eu mesmo analisar profundamente as reações havidas e a mensagem que Nossa Senhora enviou, meses antes, para essas reuniões. Garanto e provo que houve entre as reações e a mensagem um encaixe perfeito, como a mão e a luva.

Deste momento em diante só me pronunciarei à Helena e somente para lhe pedir desculpas pela falta de educação e pelo mau comportamento de alguns dos meus.

As agressões e reações foram tão fortes que meu irmão José Manoel foi agredido moralmente e até hoje vive retraído.

Alguém do nosso convívio, infelizmente, vive a se contrapor a tudo que se refere às graças de Rosa Mística e à missão. Outras poucas pessoas, além de não acreditarem - confesso que acho comum -, dizem ser MENTIRA, palavra que segue junto a reações fortes, violentas e agressivas, tudo para colocar a pique a verdade sentida e algumas vezes vista (manifestações do sol e graças) por muitos de nós.

De tudo isso, o que não consegui ainda aceitar foi a palavra MENTIRA, pois nos meus olhos ninguém vê nada, no meu coração ninguém pode entrar e dos meus momentos ninguém tem idéia. De tudo isso, só e apenas eu e os Céus podemos compartilhar, como também acontece com cada homem. Assim, como não posso criticar suas atitudes e pensamentos, gostaria que Deus libertasse aqueles que vivem sob coação de caráter patriarcal ou emocional destas pessoas que se mostram possessivas, proibindo ou bloqueando as suas maneiras de pensar e de tomar decisões.

Coisas agradáveis aconteceram e vêm acontecendo até hoje, porém as negativas as sufocam em muitos de nós.

A maioria das pessoas não percebe que suas atitudes estão erradas na maneira como são tomadas. O erro não se encontra em duvidar ou descrever dos fatos, mas, sim, em condenar a verdade e o sentimento existentes nos outros. A atitude dos que condenam serve, entretanto, para acentuar a fé dos demais.

Com essa dor, tristeza e angústia, enfim, com todo esse conflito, fiz o que me foi ordenado por Nossa Mãe Santíssima, isto é, calei-me. Contudo, determinadamente disse à Nossa Senhora que gostaria de **continuar a minha missão**, porém, pedi que ela se apresentasse e me falasse, como também os Anjos e os Santos, de maneira clara, sem deixar dúvidas, pois gostaria de vê-los e escutá-los. Mesmo ao pedir assim, há dias que escutava, mas não ligava, a voz insistente, suave, marcante e doce de Nossa Mãe Santíssima. Voz que me fazia parar tudo, sem perceber que havia parado, ao trabalhar, rezar ou ler o missal quotidiano. Só percebia o que havia acontecido após Nossa Senhora encerrar a locução, que geralmente era rápida, acho eu. E, após tanto tempo

passado, ainda hoje sinto as palavras como as escutei, mas sinto dificuldade em colocá-las no papel e em prática.

Tentarei registrar aqui alguma coisa para facilitar o estudo da caminhada por qualquer pessoa competente.

Lembro que meu lema nesta caminhada é e sempre será a VERDADE. Quero a verdade, vinda, é claro, das pessoas que, competentes, tenham algo a dizer sobre tudo. Mesmo que esta verdade diga e mostre que tudo não passa de uma forte coincidência, de uma ilusão ou mesmo de um problema de saúde minha, garanto que não deixarei de prosseguir no caminho que leva à santidade, pois, poucos sabem o que fui ou como fui na vida, assim como poucos sabem o bem que causou esta transformação. Poucos são aqueles que sabem o que sinto e o que passo desde o momento que resolvi assumir esta caminhada.

Confesso que menos dor e preocupação tinha eu na vida que levava antes da ida a Itatiba, embora sofresse tentações horríveis, fosse criticado por todos, considerado como anti-social e tivesse um casamento à beira do abismo, além de outras coisas tristes que não convém citar. Àquela vida jamais voltarei, pois, tenho a graça de ter sido escolhido por Nosso Senhor e Nossa Mãe Santíssima para uma missão em que recebi a luz da verdade, do amor e do verdadeiro caminho que só a alma vê e sente. Quem duvidar lembre-se que, mesmo sendo nós pecadores, somos também e sempre filhos de Nossa Senhora e de Deus Todo Poderoso, tendo como irmão nada menos do que o Salvador do Mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. Não haverá nada que me faça negar essa verdade. Acreditem apenas nisso: somente eu e o Céu sabemos de onde veio tanta certeza da minha mudança.

Voltar à vida anterior é aceitar o inferno como recompensa, e, isso não faz parte de mim, Quero poder viver com vocês no Céu, não como prêmio, mas, como dever, como reparação pelo sofrimento causado ao Nosso Pai, à Nossa Mãe e ao Nosso Irmão, tanto como simples homem como Deus.

Palavras de Nossa Senhora neste instante pronunciadas:

— Filho, não te aborreças e nem te angusties tanto. Mesmo que não queiras ou acredites, sou eu mesma que te falo agora. Tudo está de fato acontecendo porque queremos. É verdade, nada é ilusão ou simples desejo. Nós te entendemos e sabemos a razão de teu desejo e dúvida em relação às graças e locuções.

Presta atenção, muita atenção! Neste mundo turbulento e pecador de hoje ainda é comum alguém ouvir de outro uma palavra de carinho e de amor. Até mesmo os criminosos e outros pecadores escutam de outro homem essas palavras. Assim, é mais fácil entender, acreditar e

aceitar essas palavras que são comuns a cada homem do que acreditar nas graças que enviamos. Nós sabemos, é claro, o quanto está sendo difícil acreditar, pois são raras as pessoas que escolhemos para essas graças especiais.

Lembra-te das palavras de Meu Filho: —“Tudo o que está acontecendo na tua vida, as mudanças materiais e espirituais, é obra minha para que possas ter mais tranquilidade e para que te dediques mais a nós”.

Tem calma! Um dia terás tudo mais claro e sem dúvidas. Lembra-te sempre, jamais nos afastaremos de ti e nunca deixaremos de te querer como um escolhido para essa nossa missão. Apenas dedica-te à oração e ao cumprimento dos Mandamentos de Deus.

Outubro de 1990

Há alguns dias atrás, após tanto tempo sem rezar o terço e estando muito mal para me concentrar nas orações, resolvi, repentinamente, sentar-me na cama, ao lado de Luíza que dormia, e rezá-lo.

Após alguns mistérios, a pequena imagem da Rosa Mística e a vela, que estavam em cima do guarda-roupa, começaram a fazer um jogo de luz. A imagem ficou com o rosto completamente pálido e a luz da vela faiscava, quase que se apagando e reacendendo-se com mais força. De repente, Nossa Senhora começou a falar comigo, dizendo palavras belíssimas, que no momento me lembro de poucas e que falarei em seguida, tão logo tente descrever a imagem que surgia na imagem de Rosa Mística.

Algum tempo depois de se iniciar a locução, um pequenino rosto se formou na metade do rosto da imagem de Rosa Mística. Este rosto, perfeitamente nítido, era de um homem de pele morena escura a negra, com cabelos baixos e próprios do negro e com a calvície se prolongando um pouco nas laterais superiores da cabeça. Ao longo do corpo da imagem de Rosa Mística, o corpo do homem nitidamente se formava, com as mãos postas em oração e afastadas para a frente e para o alto, na altura entre o pescoço e o rosto, dando a impressão de ele estar olhando para cima. Um terço grande e escuro caía e saía de entre seus dedos. Estava de joelhos, um no chão e o outro em flexão para a frente. Sua roupa era escura, talvez marrom, e ele tinha um capuz por trás do pescoço. Não percebi bem, mas, acho que não tinha barba e aparentava não ser tão jovem, não tendo mais do que 45 anos. Enfim, o que mais me chamou a atenção, além da nitidez, foi a

sua posição, que dava uma expressão de profunda oração e súplica a Deus. A imagem de Rosa Mística continuou por toda a locução com o rosto, isto é, metade dele, mais alvo do que a mais alva neve, o restante continuando com a sua cor original.

Em locução ouvi estas palavras:

— Mesmo que não acredites, estou aqui para te falar.

Tudo em breve voltará a acontecer com mais clareza e certeza. Para isto é necessário que te dediques mais à vida espiritual.

Serás tentado a pecar muito mais (lembrei-me da tentação da carne que ultimamente se faz muito forte em mim).

Lembra-te que o pecado só é bom para o corpo, mas, uma tragédia para a alma (“O pecado só é bom para o corpo” - frase que um dia usei num dado momento e que Nossa Senhora usou agora). *Luta para vencer, mas, se caíres, levanta-te, pois nós estaremos sempre contigo.*

Não abandones Helena, minha filha, pois é ela quem pode e deve te orientar nesta caminhada. Não importa quem ou quantos te ajudem, Helena jamais deverá ser afastada de ti. A importância dela para ti é tudo neste caminho. Ela é para ti a mãe espiritual na Terra e tu és para ela a paz, a tranquilidade e o conforto. Pode o Santo Padre estar a teu lado a te falar, porém, mesmo assim, é ela, Helena, a pessoa principal nesta caminhada, pois só ela pode entender misticamente tudo em relação a ti (a imagem do Papa formou-se na minha mente, como se ele falasse algo para mim com uma expressão de orientação. Esta imagem apresentava-se como ilustração ao que eu ouvia).

Dedica-te ao máximo!

Tudo que desejas e suplicas, tudo, será compreendido, eu prometo, basta que para isso vivas cada vez mais te dedicando à oração, às missas e aos Mandamentos.

Procura começar a caminhar com tuas próprias pernas, daí, um dia, aonde Helena estiver ficará orgulhosa e cheia de alegria, juntamente com todos nós.

Não te preocupes com os teus, pois jamais os abandonaremos e nada de grave irá acontecer a eles. Nada de grave, mesmo que aparentemente isso vá acontecer.

O que pedes e suplicas será atendido, depende tão somente da tua dedicação e da maneira correta de caminhar.

Ora e participa mais, cada vez mais, das missas.

Não deverás falar nada a ninguém sem antes obteres a permissão de Helena, mesmo que algo te pareça sem importância.

*Um abraço e um beijo, meu filho.
Tudo está como deve ser.
Estaremos sempre ao teu lado.
Dorme e descansa em paz.*

No dia seguinte, quando saía do trabalho para ir almoçar na casa da minha mãe, perguntei à Nossa Senhora se podia contar tudo da noite anterior à minha mãe. Tive, então, esta resposta, enquanto caminhava:

Nada que for proibido, nada, incluirá tua mãe, pois, como já falamos, ela está em um local de destaque, é tua mãe; portanto, é merecedora de caminhar assim, ciente de tudo, e, com isso, teu pai também fica ciente e caminha, participando juntamente com vocês.

11 de novembro de 1990, domingo

Já de noite, após ter passado parte da manhã e da tarde falando das maravilhas de Deus com algumas tias, uma irmã, Luíza e um cunhado, jantei e fui escrever um pouco, passando para o caderno mais uns trechos do livro “A Imaculada no Plano de Centro Divino”, do Pe. Ângelo Rainero, O.S.J., Estudos Bíblicos-Teológico-Ascético, Roma - Milão, 1926, a mim enviado por empréstimo por Dona Bernadete, de Itatiba-SP. Ainda não consegui ler atentamente nenhuma página deste livro e não consigo assimilar o que nele leio.

Em um determinado momento fui interrompido por um forte, nojento e aterrorizador pensamento que, com certeza, partiu do próprio opositor. Naquela investida pecaminosa, ele fazia passar, crescer e repassar em minha mente horríveis cenas de sexo da mais baixa expressão, utilizando imagens de Jesus e de Nossa Mãe Santíssima, a Virgem Maria. Após relutar muito, ainda escrevendo, parei apavorado, levantei-me, tomei água, rezei o Pai Nosso, o Credo, a Salve Rainha, à Rosa Mística e ao Espírito Santo e nada me fazia parar de ver passar em minha mente aquelas cenas. Então, peguei a água da cura, benta pelo Pe. José Sazame em Jambeiro, São Paulo, e tomei um pouco dela, joguei-a na cama em direção à Luíza que dormia e nas crianças em seus quartos e, depois, joguei-a também na sala, rezando o Pai Nosso, e ordenei que ele, o opositor, se retirasse, fosse embora e nunca mais voltasse, pois, ali só havia lugar para Deus, Nossa Senhora, os Santos e Anjos de Deus. Mesmo assim, somente me tranquilizei um pouco após pegar o terço de Rodrigo e colocá-lo no pescoço, deitando-me em seguida para dormir.

12 e 13 de novembro de 1990, segunda e terça-feira

Pela manhã do dia 12, no caminho para o trabalho, o meu pensamento pairava longe, numa viagem saudável e gostosa. Lembro-me que antes orava, quando, de repente, senti-me dialogando com Nossa Senhora.

À noite, aproximadamente às 23 horas, só me lembro que sorria ao falar com ela em locução interior. Foi uma conversa ótima e agradável, apesar de rápida. Nessa locução, perguntei se podia iniciar a segunda etapa com a família, etapa que não posso ainda registrar aqui, mas que posso falar dela à Helena e ao Pe. Valdenito. A resposta veio de imediato, como sinal positivo.

Nossa Senhora pediu-me para rezar, deixando de lado o papel e a caneta, pois eu estava fazendo anotações. Sentei-me na sala, rezando o terço com vistas a uma compenetrada e profunda oração. Senti que Nossa Senhora me prepararia com orientações, força espiritual e confiança para atravessar mais esse obstáculo. No entanto, ao sentar-me no chão, recostado na almofada, adormeci pesadamente ainda no primeiro mistério do terço, só me acordando de madrugada, quando Luíza me chamou.

No dia seguinte, pela manhã, lamentei-me arrependido e envergonhado dolorosamente. Pedi muito perdão e desculpas a ela que, sorrindo, disse-me que não me aborrecesse nem ficasse daquele jeito, pois, se fosse realmente necessário, ter-me-ia acordado, mas, vendo-me naquele sono, dormindo profundamente e vencido pelo cansaço, deixou-me continuar. Entretanto, pediu-me para rezar à noite, sem dizer para que finalidade, o que fiz a partir das 23h 55 min.

Notei, dias depois, que a ausência de concentração para orar, os momentos de tristeza, de angústia e de dor na alma e a falta de dedicação e de força na fé foram substituídos pela esperança de tudo transbordar em mim e de mim, voltando, assim, à minha paz interior.

A soma de tudo o que se passou nos dias 12 e 13 deste mês, juntamente com o que percebi em seguida, alertou-me para que seja cauteloso e paciente, conquanto deseje dar urgente continuidade à caminhada, de modo que devo esperar o melhor momento conforme for enviado por Nossa Mãe Santíssima e seu Divino Filho Jesus.

Embora ela, Nossa Senhora, tenha-me permitido dar seqüência, mostrou-me, por outro lado, que ainda não estou preparado para isso. Foi, de fato, uma maneira interessante, agradável e forte que ela utilizou para tal. Na verdade, como posso reunir rebanho para um momento tão importante, se pelo menos não consigo a concentração necessária para rezar?

24 de novembro de 1990, sábado

Cerca das 10 horas, estive com Pe. Valdenito em seu consultório. Foi para mim uma conversa agradável, onde respondi coisas, contei fatos e tive orientações e esclarecimentos diversos.

É necessário ressaltar que o Pe. Valdenito, além de ser um conceituado sacerdote, é também profundo conhecedor da vida mística. Ele é orientador de outros casos místicos e conhece locais famosos pelas aparições de Nossa Senhora, como atualmente o é Medjugorje, aldeia situada na Bósnia-Herzegovina que fazia parte da Iugoslávia. Ele é também conhecido de muitas pessoas como um excelente profissional da área de psicologia.

24 a 26 de novembro de 1990 de sábado à segunda-feira

Na madrugada do domingo tive um sonho que não levei muito a sério, mas, que, pela manhã, por alguns instantes, recordei. Nessa noite, Luíza, nossos filhos e eu dormimos na casa dos meus pais.

No sonho, uma mulher estava muito mal de saúde. Era D. Julieta, sogra de Dione e Djane, que mora vizinha à casa dos meus pais. Em certo momento senti-me na obrigação de ficar a sós com ela, pois já se encontrava pior e à beira da morte. Eu teria de lhe dizer algo importante, isto é, revelações por mim recebidas em locução interior. Ao comunicá-las, ela estava deitada em sua cama e eu sentado ao seu lado, pegado em sua mão, enquanto as outras pessoas estavam tristes e impacientes na sala. Como eu havia desejado e pedido à Nossa Senhora, sua recuperação e cura só deveria acontecer momentos após eu já estar longe do local, para que ninguém a mim atribuisse o mérito do milagre que, como todo e qualquer outro, só pertence a Deus e só se realiza por Ele.

Pela manhã, um belo domingo de sol, como não conseguia me concentrar ou me recolher para rezar o terço, li o jornal. Por volta das 11 horas, colocamos uma mesa na área da frente de casa e fomos jogar dominó, papai, Reginaldo, Paulo Fernando, Paulo Henrique (estes dois, filhos de tia Bezita), “seu” Pedro (esposo de D. Julieta) e eu. Às 13 horas paramos para almoçar e, depois, papai, Paulo Fernando, “seu” Pedro e eu fomos jogar baralho. Entre as 14 h 30 min e 15 horas, “seu” Pedro saiu para apanhar outro baralho em sua casa e papai aproveitou para beber água. De repente, voltou “seu” Pedro, mandando dizer à mamãe que Julieta estava passando mal, retornando para casa em seguida. Liguei imediatamente o fato ao sonho e contei parte dele a Paulo Fernando. Fui atrás de mamãe na casa deles. Ao chegar lá, vi, não a Julieta mãe, mas, a Julieta filha deitada no carro do seu

namorado e com a cabeça no colo da sua mãe. Era ela, Getinha, que passava mal, chorando e falando que eu entendia e conhecia Henrique (colega nosso que, anos atrás, tirou sua própria vida aos dezesseis anos de idade). Falava também de oração, muita oração. Nela havia muito pavor e desejo de falar, que se misturavam e lhe causavam aflição. Nesse momento, após perguntar a Sérgio, seu namorado, se ele era espírita e respondendo-me que sim, procurei saber de mais alguma coisa que ela poderia me contar. Na minha busca acerca dos acontecimentos, soube que isso vinha acontecendo desde a madrugada passada, quando ela, em uma cidade, acho que Moreno, fez alguém telefonar para sua casa pedindo oração - eram mais ou menos 4 horas. Agora, queria urgentemente falar com Dinho, seu irmão e meu cunhado, porém não quis entrar em sua casa, reagindo apavoradamente quando a chamaram, de modo que pediu para que a levassem para a casa de papai para telefonar de lá. Quando entrei por último, já com a intenção de deixá-los a sós para não perturbar nem me fazer de intruso, ela, sentada à mesinha do telefone, chamou-me gritando e chorando, colocando a mão no rosto. Ao chegar junto dela, pegou fortemente as minhas mãos e falou tão baixo que somente eu, acho, escutei o que dizia: - “Rosa Mística quer que eu participe das orações de vocês em casa”. Percebi que se referia aos cenáculos de orações que fazemos uma vez por semana, ora na casa de mamãe ora na casa dela, em que somente a família participa. Nós a deitamos no sofá da sala. Mesmo pensando em deixá-la à vontade com sua mãe e seu namorado, ela sempre me chamava quando estava aflita ou queria falar algo. Entendi que ela dizia o seguinte: - “Henrique há muito tempo tenta pedir oração para ele, muita oração”. Dizia, com voz grossa e arrogante, que era João e que chamasse Solange. D. Julieta pegou o telefone e ligou para Solange, mas ela não estava em casa. Ao saber disso, falou com toda a certeza, mandando Sérgio ir buscá-la na churrascaria do pai, pois ela estava lá, dizia. Agressiva, dizendo que era João, mandava retirar as crianças, como se delas não gostasse (eram Clarissa e Diego), e, no mesmo momento, reclamava dizendo que havia alguém fumando. Era, realmente, Paulo Henrique que, lá fora, jogava em meu lugar.

Percebendo que eu não podia me retirar, levei-a para o quarto da minha mãe. Com ela, de joelhos, e nossas mães de pé atrás de nós, rezamos o Pai Nosso, o Credo, o Glória ao Pai, a Ave Maria e a Oração da Misericórdia. Impressionante é que por três vezes ocorreram momentos que me deixaram certo da veracidade de algo. Primeiro, foi quando ela, na mesinha do telefone, dizia que todos precisavam participar das orações e que Nossa Senhora não excluía religião (lembrei-me da mensagem para a família). Segundo, foi que, ao lhe dar meu terço, ela, emocionada e aflita, gritava, dizendo: — “Mãe, mãe, esse terço é sagrado, esse terço é abençoado”. Aproveitando, então, a oportunidade, perguntei-lhe de quem era e quem o

abençoou. Pegando-o com ambas as mãos e levando-o ao peito com força e emoção, respondeu: - “É seu e foi Rosa, a Maria”. Na verdade, ela não sabia que o terço era meu e nem tão pouco que ele viera de Itatiba, como presente de D. Bernadete que, por sua vez, recebeu-o com outros vindos de Medjugorje e que foram bentos por Nossa Senhora durante uma de suas aparições ali. O terceiro momento foi quando orávamos no quarto: eu parei, ela, porém, de mãos postas e segurando o terço, continuou rezando e olhando para mim; até mesmo a Oração da Misericórdia ela continuou sozinha, o que me chamou muito a atenção.

No final das orações, Sérgio voltou trazendo Solange. No mesmo instante chegaram Kátia, Dinho, Petrônio e Lucinha. Aproveitei e saí do quarto, deixando-os a sós. Mamãe e D. Julieta já haviam se afastado para rezarem o terço.

Pouco depois da minha saída, Getinha mandou me chamar por Solange. Pegou na mão de Petrônio, mandou-me prestar atenção, dizendo que eu sabia, e disse a Petrônio que ele estava muito afastado. Percebi, então, pelo gesto que fazia, apontando para a cruz do terço, que o afastado significava “afastado de Deus, dos deveres para com Ele”. Daí por diante fui como um intérprete para ela e para todos que ali se encontravam. Ela pediu muito para todos fazerem parte das orações, como também para que se orasse e celebrassem missas em intenção de Henrique, que tentava há muito tempo pedir, pois, tinha bastante necessidade. Saí por alguns instantes a pedido de Dinho e fui à casa de Helena, onde, impossibilitado de falar com ela, conversei com o Pe. Milcíades que me orientou.

Após tudo passar, fiquei triste e preocupado, porque as pessoas atrapalharam, tenho certeza, sinto isso.

À noite, após voltar da missa, fui conversar com D. Julieta. Soube, então, que “seu” Pedro teve um irmão de nome João, aquele que se relacionava com a voz e a reação de Getinha, até mesmo no momento agressivo em relação às crianças e ao cigarro, e que, como Henrique, apesar de já casado e pai de alguns filhos, também tirou a sua própria vida. Outro João foi seu avô, reconhecido pelo “sou João avô”, conforme dizia Getinha.

Agora, no momento que escrevo este fato, Lucinha, esposa de Petrônio, ligou para me dizer que, com relação à conversa minha e de Kátia, em que achávamos que o João era João Batista apóstolo, nome dito por Getinha, lembrou-se do seu tio que tinha o nome de João Batista e que também tirou sua própria vida.

Na noite do dia 25, quando fui conversar com D. Julieta, Getinha estava com um terço no pescoço, sentada na cama. Com ela estavam Sérgio e três senhoras espíritas kardecistas, amigas de Sérgio.

Pedi a D. Julieta que convencesse Getinha a falar comigo num outro dia. Assim, aguardei.

À tarde e parte da noite do dia seguinte, tio Everaldo esteve em minha casa, quando conversamos e esclarecemos coisas das minhas anotações. Após a saída de tio Everaldo, Plínio, meu cunhado, veio com sua irmã Getinha, sua mãe e Sérgio. A um pouco menos das 20 horas, enquanto Plínio e Sérgio jogavam na sala, fomos para o quarto de casal, D. Julieta, Getinha e eu. Luíza estava rezando o terço na casa de uma vizinha. Rodrigo, Clarissa e Diego dormiam em seus quartos.

Ao meu ver, a nossa conversa foi positiva. Conteí-lhes passagens de orações, angústias, desesperos, sonhos e locuções ligados a ela, Getinha, e sua vida.

Vale aqui lembrar que, antes da mensagem do dia 24.4.90, em que no final da locução Nossa Senhora chorava, entrei em doloroso e profundo recolhimento e em oração, após estar tranqüilo rezando o terço junto de Luíza e dos meninos, quando, de súbito, veio-me a imagem e a vida de Getinha. Foi por causa desse momento que escrevi, registrando uma análise das diversas situações do mundo. Foi nesse dia, também, que Nossa Senhora falou do vento, árvore e mar. Principalmente, foi, ainda, quando perguntei a Nosso Senhor, no dia seguinte, na comunhão: - Por que chorava Nossa Senhora? Ele me respondeu: — *A dor e o sofrimento dela são grandes. Eu sofro e muitas vezes choro. Que dirá nossa Mãe que vem sofrendo desde que eu vivia em seu ventre!*

Já era quase 1 hora da manhã quando terminamos a conversa. Ela, por sua vez, entendeu e, como já havia resolvido, irá, juntamente com Sérgio, participar dos cenáculos na família e irá passar a rezar o terço.

Acho que, mais uma vez, unidos em oração vencemos um obstáculo, uma tragédia espiritual.

Obrigado, Senhora Maria Rosa Mística, por interceder por nós junto ao vosso Filho!

28 de novembro de 1990, quarta-feira

Eram 6 h 30 min quando o telefone tocou. Ainda na cama, atendi D. Julieta que estava do outro lado da linha. Após desejar-lhe um bom dia, perguntei-lhe como iam as coisas. Disse-me ela: - “Graças a Deus, tudo está ótimo. Getinha quer saber o nome do padre e o seu endereço para ir conversar com ele. Já rezamos o terço hoje e quase que ela desmaia. Reinaldo, Getinha quer saber por que ainda está com o corpo dormente?” Expliquei-lhe o que sabia e lhe indiquei Dom Fernando e Pe. Camurça.

Ao sair de casa, fui pegar o carro de Dinho e Djane e levei a âmbula para Dom Fernando benzer. Como ele não estava, esperei-o até às 12 horas. Expliquei-lhe tudo sobre a pessoa que viria e deixei marcado o encontro. Às 12 h 20 min, ao telefonar para Getinha, a fim de informar-la sobre o horário disponível, isto é, das 14 às 15 horas, D. Julieta já havia ido ao seu encontro na cidade para irem falar com Dom Fernando, na Igreja de São Lucas, em Ouro Preto, Olinda. Soube depois por D. Julieta que ele e Getinha conversaram, aproximadamente das 13 às 16 horas, e que o resultado foi excelente, pois Getinha gostou bastante.

Hoje, segundo vejo no semblante de seus familiares, tudo corre maravilhosamente. Getinha e Sérgio participam dos cenáculos da família, vão à missa e rezam diariamente o terço.

Percebemos que o que eu esperava aconteceu. O caso dela aproximou seus irmãos, cunhados e cunhadas, se não por completo, mas, pelo menos, como um grande passo para a maior glória e testemunho de Deus.

29 de novembro de 1990, quinta-feira

Ao despertar, senti-me feliz e agradecido pelo rumo que tomou o caso de Getinha. Por esse motivo resolvi jejuar durante todo o dia e assistir a uma missa em agradecimento a Deus.

Ao me sentar à mesa para o desjejum, algo me fez parar, olhar para a imagem de Rosa Mística e rezar, ora cabisbaixo ora fitando a imagem. Ao me levantar para ir à cozinha, ouvi claramente a voz de Nossa Senhora em locução interior, que dizia:

— *Não quero que jejues!*

Duvidando do que acabara de ouvir, novamente me falou:

— *Não quero que jejues!*

Não entendi o porquê disso, pois eu estava mesmo disposto a fazê-lo por todo o dia e me sentia feliz por isso. Ao me sentar novamente à mesa, parei, sem que quisesse, e voltei-me totalmente para Nossa Senhora, fitando a sua imagem. Ouvi, então, de Nossa Mãe Santíssima:

— *Não quero que jejues, mas, sim, que te alimentes bastante, porque precisas estar bem quanto a saúde do corpo a fim de preparares a alma para a caminhada, isto é, para uma missão que, em breve, repercutirá por todo o mundo.*

Na verdade, a palavra mundo me fez achar que exagerei no pensamento, porém, logo em seguida ela repetiu:

— *Sim, no mundo!*

E, fez-me sentir na alma que esta missão e caminhada não é somente da minha família, mas, de todos aqueles que aceitarem a verdade e a missão, não importa onde viva esta pessoa, pois, a coisa aumentará com a responsabilidade, a fé, a determinação e a dedicação de todos nós. Senti também que será algo muito sério e importante. Para terminar, carinhosamente ela me falou:

— *Filho, alimenta-te bem, pois não estás com boa saúde física e não quero que te enfraqueças, mas que te fortifiques.*

Nós te amamos.

Um beijo e um abraço.

1 e 2 de dezembro de 1990, sábado e domingo

Ao saber, dias antes, que Marta, prima de Luíza, estava com um caroço interno na cabeça, que uns diziam ser maligno e outros que era um cisto que não atingia o sistema nervoso e que era benigno, pedi à tia Dalva que providenciasse um cenáculo na casa da enferma, dedicando-o à sua pronta recuperação.

Na madrugada do domingo, tive um sonho tão marcante que parecia estar vivendo realmente aquele momento. Neste sonho eu me vi obrigado a fazer uma visita a Marta e orar junto dela. Ao acordar, senti-me tão seguro e confiante que não cabia em mim de felicidade. A fé parecia ter atingido um tamanho tão grande que não cabia mais dentro de mim.

À noite, fui para a casa de tio Jackson e lá fiquei até as 20 h 30 min conversando com a minha avó, tia Dalva, tia Socorro, Danielle e Christianne. Depois, tia Socorro, tia Dalva, Danielle e eu fomos à casa de Marta. Fiquei conversando com Loyola, seu pai, no terraço, enquanto tia Socorro e tia Dalva conversavam com sua mãe Lusa na sala e Danielle com Marta e o namorado no jardim.

Como eu não conhecia a família, fiquei sem jeito para prolongar a conversa e dizer o verdadeiro motivo da minha visita. Desse modo, orei interiormente, pedindo pela saúde e conforto de todos daquele lar. Fiz isso

várias vezes, tentando chegar junto de Marta em espírito, já que o contato das mãos não seria possível, tal o bloqueio que os outros me causavam. Já para ir embora, no jardim, olhei-a várias vezes, fixando meu olhar e pensamento nela e em seu rosto, e orei compenetrado com toda a força e desejo de ser atendido por Nossa Mãe Santíssima e Seu Filho.

Ao sairmos da casa, Danielle disse que havia percebido as minhas olhadelas demoradas e meditativas para Marta, de modo que lhe pedi para não falar a ninguém.

Antes de sairmos, fiz tia Dalva e D. Lusa acertarem um cenáculo para o dia seguinte, segunda-feira, às 19 h 30 min. Pedi à tia Dalva que comunicasse à nossa família para, nesse mesmo dia e horário, fazer uma forte corrente de oração na intenção de Marta.

Na terça-feira soube que foram muitas pessoas ao cenáculo e que o primeiro mistério do terço foi oferecido à Marta e a “seu” Lamartine, meu sogro, e que, neste mesmo dia, Marta faria exames e marcaria a cirurgia. Não sei, posso estar enganado, mas, acredito que nem a cirurgia será necessária.

6 e 7 de dezembro de 1990, quinta e sexta-feira

Realizei nesses dois dias um desejo e uma necessidade cristãs: instalei a luz do Santíssimo na Capela de São Miguel. Todos, até agora, gostaram.

8 de dezembro de 1990, sábado, Dia de Nossa Senhora da Conceição

Foi realizada uma missa na capela de São Miguel em homenagem à Nossa Senhora da Conceição. O celebrante foi o Pe. Milcíades, de Campo Maior, Piauí, que está hospedado na casa de Helena. Participaram desta missa muitos dos nossos parentes e pessoas da comunidade. A idéia desta missa partiu de tio Bazinho.

Pela primeira vez foi celebrada uma missa naquela capela com a nova âmbula doada pela Fraternidade Betânia e com a lâmpada que marca a presença do Santíssimo no sacrário.

Já à noite, durante o aniversário de Victor, filho de Dinho e Djane, e os aniversários de casamento do Sr. Pedro e D. Julieta (37 anos) e de Paulo e Cássia, senti tanta dor e angústia na alma que me sufocavam. A

dor era tão grande que as lágrimas me chegavam aos olhos e retornavam, não permitindo que eu desabafasse e jogasse tudo para fora.

Ó Senhor, quando será aliviada em mim essa tão forte dor e angústia da alma? Quando, Senhor? Quando irei poder rezar, meditar e caminhar com alegria, tranqüilidade, força, confiança e fé transbordante? No fundo do poço escuro da alma guardo acorrentado todo esse sofrimento, que cresce a cada momento que olho para os meus amigos e parentes que vivem duvidando e, às vezes, agredindo-me com palavras e insinuações indiretas. Senhor, dói-me também ver pessoas nossas deixando-se influenciar por outras, principalmente por aquelas que tiveram momentos especiais oferecidos por Santos e por Ti mesmo, mas que se calaram, negando, como Pedro, a verdade, tornando-se túmulos tristes e frios e deixando de sentir na alma o delicioso e místico sabor dos Céus para tão somente atender a caprichos de seres humanos insensíveis às Tuas graças. Senhor, eu os amo, amo todos eles, do mesmo jeito que amo os que me causam alegria. Por isso, sofro mais por eles do que por estes me alegro.

Senhora! Deus meu! Se as imagens choram como demonstração da presença de Maria e do seu sofrimento, fazê Senhor que em cada lar dos nossos familiares descrentes haja lágrimas de sangue nas imagens ali existentes para que se convertam.

Obrigado, Senhor!

Por eles sofro e sofrerei agora decidido, sabendo que assim ajudarei todos a se converterem.

Amém!

ooo O ooo

Há meses que venho sentindo algo difícil de compreender e suportar. É como se eu estivesse absorvendo toda a angústia e sofrimento daqueles que não enxergam a verdade desta caminhada e, pior ainda, daqueles que, firmes em não aceitá-la, continuam relutando para não se confessarem, irem à missa e participarem de cenáculos ou reza do terço que, por sinal, são pedidos de Nossa Mãe Santíssima em todo o mundo.

Penso até que o Espírito Santo não está comigo, pois, até as minhas tentativas para orar são como se eu estivesse num deserto, em que o calor e sede são enormes e que, após caminhar tanto e devido ao esgotamento físico, não tenho forças para beber a água que desejava e procurava. Em consequência vem o desânimo, mas, mesmo assim, luto com unhas e dentes

para estar logo mergulhado num lago de águas cristalinas, conquanto não consiga saciar o meu verdadeiro desejo e necessidade.

As minhas orações parece que não têm o fogo e a luz do Espírito Santo. Parece até que Deus Pai, Jesus, Maria, Anjos e Santos me escutam mas não me respondem.

Para que eu não caia nas fortes tentações de desespero, lá na frente, em um determinado local deste caminho escuro, onde só o desejo angustiante e seguro por um fio me faz continuar, vejo uma luz, acontece algo e um fruto brota em consequência da semente que plantei quando passei em algum ponto desta estrada. Sinto, então, um alívio, um pequeno alívio, e sigo onde os espinhos não furam meus pés, mas, o meu próprio coração.

O sofrimento é tão grande que as lágrimas que me chegam aos olhos não conseguem rolar no rosto, mas as sinto chegar; o coração aperta, a alma geme e as lágrimas secam. Assim, a dor aumenta cada vez mais sem que eu consiga que ela diminua.

Na verdade, este é o caminho que sigo: uma estrada de barro duro no alto sertão. O sol é causticante. Caminho descalço, sem água e sem comida. No chão há cascalhos e espinhos e rachaduras devido à seca. A vegetação é seca, morta. À frente vejo mais estrada, cada vez mais, e o sol faz com que tudo fique embaçado como fumaça. O caminho é uma reta estrada, sei porque sinto, não sabendo contudo o que vem a cada passo. Vejo, de repente, um local onde tomo apenas um pouco de água e um pouco de comida, quando tenho de seguir, pois ainda não é ali o meu lugar de parar.

Sei, é óbvio, que Deus é o dono dessa estrada e que o destino da minha chegada é o Céu. Sei que a semente é o meu amor, a dedicação e o desejo da salvação dos meus irmãos em Cristo, sentimentos que foram colocados em mim por obra e graça de Nossa Mãe Santíssima e aceito por Seu Filho, Nosso Irmão Jesus. Sou apenas o regador e a enxada. A água e o fertilizante são o próprio Espírito Santo que, alimentando a fé e a devoção, faz os frutos brotarem e crescerem no coração dos homens amadurecendo para a glória do Nosso Pai Eterno. Para que a praga (o opositor) não os destrua, esses frutos são protegidos pelos Anjos da Guarda e pelos Santos. Disso tudo só temo é que o tempo não seja suficiente para que amadureçam, não atingindo, assim, a finalidade a que foram destinados por Deus.

13 de dezembro de 1990, quinta-feira

Estive com Helena Siqueira. Na verdade, não precisei falar muito porque ouvi de seus lábios o meu próprio sofrimento com relação ao momento que eu vivia. Eu mesmo não teria me expressado de maneira mais

completa e real, pois, parecia até que ela via em minha alma tudo que passo nestes últimos meses.

16 e 17 de dezembro de 1990, domingo e segunda-feira

Pelo meu estado conflitante e angustiante, venho passando um período difícil até de conviver comigo mesmo. O nervosismo doloroso da alma me faz somente querer paz e sossego.

Gosto, realmente, de estar junto de Luíza e dos nossos filhos, sentindo o calor do carinho e do amor que tenho por eles e que deles também recebo. Com eles, nada me faz falta, lembrando, é claro, que os Céus sempre estão conosco para que vivamos em harmonia e superemos os difíceis momentos. Às vezes, necessito muito da companhia de alguém que me compreenda e caminhe comigo, principalmente da de Helena.

Há dias que Luíza reclama, e tem razão, do meu nervosismo e silêncio. Para ser exato, há uns quinze dias. Vivemos quase sempre alegres e tranquilos, mas ela nunca compreende e aceita os momentos que necessito de paz e sossego, em que preciso ficar sozinho. São ocasiões de sofrimento e de muita angústia, porém são passageiras. Se eu tentar lhe explicar, como já tentei, o que para mim é lógico e aceitável, ela não entende, pois são poucos aqueles que realmente me compreendem, ou sejam, apenas os que conhecem ou que vivem a vida mística. É justamente por não entender que ela não aceita, reclama e sofre, fazendo-me sofrer muito mais. Infelizmente, não percebe que, se compreender esses instantes, ela e os meninos não sofrerão e o sofrimento em mim diminuirá consideravelmente. É engraçado como o homem deve respeitar o nervosismo ocasional de sua esposa, mas nunca vê respeitado o seu recolhimento!

No começo da noite deitei-me na rede armada na varanda. Peguei no sono, ficando Luíza assistindo à televisão. Já tarde, acordei-me e fui para a cama, onde Luíza já dormia e também Clarissa que de vez em quando sai de seu quarto e vai para o nosso. Já quase dormindo, senti algo pavoroso, fortemente irônico e ameaçador, que dizia: - *“Vou investir mais uma vez contra sua mulher. Prepare-se que vou aterrorizá-la novamente!”* Ainda com os olhos fechados, acho que meio dormindo, rezei o Credo, o Pai Nosso e a Oração da Misericórdia. Penso que as repeti algumas vezes. Meu medo era que ele investisse, não só contra Luíza, mas, também contra os meninos. De repente, dei um pulo e agarrei Luíza que gritava, tremia e pulava na cama. — “Vá embora, vá embora”, dizia ela. Firmemente ordenei ao opositor que fosse embora. No mesmo instante, Luíza deitou-se encolhida e gemendo fortemente. Levantei-me, acendi a luz, peguei água benta, fiz o sinal da cruz

em todos nós, coloquei pequenos crucifixos junto de seus travesseiros, rezei e fui dormir receoso de que ele voltasse para infernizar Luíza ou agisse contra as crianças ou mesmo contra o meu sogro. Neste instante, pedindo proteção à Nossa Senhora para eles, ouvi dela:

— Não te preocupes, não permitirei que isto venha novamente a acontecer. Dorme tranqüilo. Mandarei que os Anjos da Guarda e Santos fiquem a protegê-los especialmente quanto a isso, e, eu mesma estarei atenta. Se ele tentar novamente, apressará o esmagamento da sua cabeça.

Percebi que ela se referia especialmente à ação contra as crianças. Demonstrando ainda receio, ouvi dela várias vezes essas palavras. Apesar dos fortes gritos, Clarissa não acordou.

Nesta mesma madrugada, senti, em certo instante, uma forte e estranha força que me dava a certeza de poder ver o próprio opositor. Não sei explicar como senti isso, mas afastei tal possibilidade por já estar preocupado em evitar as suas investidas. Realmente, naquele momento faltou-me força, acho, para encará-lo. Mas, sinto que um dia poderei fazê-lo com segurança e tranqüilidade; no entanto, nesta noite (fase), que falam S. João da Cruz e Sta. Tereza, é impossível lutar e encarar facilmente todo e qualquer pecado, dor e tormento. Minha certeza da coragem futura é que, há alguns meses, por muito tempo, no delicioso sabor espiritual, desejei por muitas vezes encará-lo e dizer-lhe muitas verdades, sem medo nem vacilação. Hoje, porém, ele teve sorte de me pegar preocupado com o bem estar de Luíza, das crianças e do meu sogro, que dormiam e que são indefesos até mesmo acordados.

18 de dezembro de 1990, terça-feira

Perguntei a Luíza, pela manhã, se tinha lido o que deixei para ela dentro de sua gaveta. Ela me respondeu que sim e reclamou, perguntando por que eu não havia dito antes. Respondi que tudo já tinha sido dito a ela por tio Bazinho, por Helena e por mim, mas, às vezes, acontecia-lhe um bloqueio e ela não aceitava, agindo como se tudo fosse novidade.

Após a nossa conversa chamei-a para o quarto e a interroguei sobre o que aconteceu na noite do dia 16 para o dia 17 próxima passada. De nada ela se lembrou e apenas muito vagamente achou que tinha acordado toda arrepiada. Isto foi verdade, pois eu mesmo fiquei horas assim.

Aproveitei para lhe explicar o motivo que me leva a não lhe contar tudo o que venho passando e que tenho anotado, pois o opositor pode, no

seu desespero, investir contra ela e aproveitar-se para prejudicar a nossa caminhada e a nossa missão. Assim, se ela não souber de tudo, em virtude de por enquanto não ser necessário, sofrerá menos, muito menos. Basta que entenda a minha atitude e os meus momentos, superados rapidamente pelo amor e pela satisfação de estarmos todos juntos, ela, os nossos filhos e eu.

À noite, fiquei deitado no chão da sala assistindo à televisão. Lembro-me que o meu sogro, antes de ir dormir, perguntou-me que horas eram. Verifiquei no painel do vídeo e eram 22 h 10 min. Sozinho na sala, somente com a claridade da televisão e da vela 7 dias, fiquei ali deitado. Repentinamente, olhei para o conjunto formado pela imagem de Rosa Mística, pela vela e pelas flores, que fica no alto e acima do televisor, e verifiquei que a luz da vela fazia a costumeira oscilação, isto é, diminuía de intensidade, em seguida aumentava, quase se extinguía e depois tornava a aumentar a luminosidade. Em dado instante, na penumbra, quase não se via o jarrinho com flores. O que me chamou, sobremaneira, a atenção foi o manto da imagem, que é creme bem claro e com frisos dourados, mas, que, naquele momento, estava azul bem suave. Por algum tempo fiquei em dúvida: será que é um sinal de locução ou é impressão minha? Ainda cheguei a rezar um pouco, mas, logo adormeci, mesmo contra a minha vontade, e me acordei bem mais tarde, para continuar a dormir no quarto. No dia seguinte levantei-me cedo e, com o pensamento voltado para a noite anterior, rezei bastante. Ainda meio confuso, desculpei-me e pensei que, se naquela ocasião tivesse desligado o televisor, poderiam ter ocorrido uma visão e uma locução, o que não seria necessário, pois, se tivessem de acontecer, aconteceriam, mesmo que o televisor estivesse ligado. Neste momento, interrompendo o meu pensamento e a oração, Nossa Mãe Santíssima, tenho certeza, disse-me em locução interior:

— Filho, entendo o teu pensamento, mas, lembra-te, lembra-te do que te foi ordenado há algum tempo atrás: “Quero que te recolhas sempre que fores rezar, meditar e/ou conversar conosco”.

Nossa Senhora lembrou-me que preciso estar sempre revendo as mensagens e que, caso eu siga a sua vontade, terei brevemente uma locução, no meu tempo e não no dela (dos Céus). É como se ela quisesse me preparar na noite anterior para uma locução futura e bem próxima.

ooo O ooo

Desde a madrugada do dia 17 que meu sono é intranquilo e cheio de receios, pois, o opositor passa parte da noite a me ameaçar, sempre do mesmo jeito. Confesso, infelizmente, que as suas ameaças me apavoram muito. Tenho certeza que é ele. Entretanto, ao pedir a proteção de Nossa Mãe Santíssima, ouço a sua voz suave a me tranquilizar, ameaçando o opositor. Realmente, ao ouvir a sua voz nada mais escuto do infeliz e desesperado opositor, porém, meu receio permanece por muito tempo devido às suas investidas contra Luíza, que fica aflita e aterrorizada.

20 de dezembro de 1990, quinta-feira

Hoje, às 16 horas, estive com Helena. Ficamos até às 20 horas sem parar de conversar, tudo sobre a nossa caminhada espiritual.

Já mais tarde, após terminar o cenáculo familiar na casa de D. Julieta, sogra de Dione e Djane, notei em Plínio, meu cunhado, um desânimo e uma enorme tristeza. Perguntei-lhe se tudo ia bem, mas, embora respondendo afirmativamente, notei em seu semblante o contrário. Forcei um pouco e ele me disse que o que lhe preocupava, que realmente lhe entristecia, era a ausência constante dos meus irmãos, cunhados e sobrinhos em todas as ocasiões de oração. Comecei tentando lhe explicar que no momento eu não poderia participar desses encontros, pois minha alma achava-se aberta em carne viva, a sangrar, e, por isso, qualquer ausência vista por mim a tocava, crescendo, assim, a minha dor e angústia. Para não lhe aumentar a dor, disse-lhe apenas que não poderia participar desses encontros e lhe pedi para entender que é apenas por algum tempo, até passar a fase (noite) em que me acho.

Luíza, que escutava ao lado, falou em tom de censura sobre a minha atitude, dizendo que não havia nada demais, pois, era apenas uma reza de terço. Mostrei-lhe que o momento era impróprio para mim e que ela não conseguiria entender, como também os demais, mas apenas aqueles que passam ou passaram por esse caminho místico. Nada adiantou e só serviu para, por pouco, se iniciar um conflito e discussão entre Luíza, Plínio, Dione e eu. Encerramos o assunto quando mamãe lhes mandou aceitar o fato sem querer entender, vendo que realmente não chegariam a isso. Em seguida, firmemente, Plínio terminou, dizendo: - “Na verdade, o que devemos deixar é de ser curiosos”.

21 de dezembro de 1990, sexta-feira

Saí de casa, pela manhã, e fui direto para a Igreja do Rosário dos Pretos, onde cheguei após o encerramento da missa das 9 horas. Mesmo assim, realizei meu segundo objetivo, isto é, peguei água benta, ajoelhei-me, orei e perguntei à Nossa Senhora e ao Espírito Santo onde estavam aquela sede, aquela decisão e aquele caminhar firme e cheio de força, fé e fogo que habitavam em mim e que hoje procuro e não encontro, nem mesmo a esperança de tê-los um dia, tamanho o vazio e a fragilidade que agora encontro em mim. Disse-lhes que eu estava com medo de que pensassem que eu não os queria mais, pelo menos nas proporções anteriores, mas que também estava lutando para que todas aquelas coisas maravilhosas ressurgissem com maior intensidade que antes. Neste instante, já sentado, ouvi palavras firmes e suaves de Nossa Mãe Santíssima que ora me confortavam ora me esclareciam e em outros momentos me mostravam a necessidade de lutar contra as forças opostas a tudo aquilo. Foram, mais ou menos, estas as palavras:

— Não te aflijas. Deves lutar para superar as forças opostas à tua caminhada e missão. Procura estar mais vezes no templo de tua religião, seja qual for ele, aqui ou em outro lugar. O importante é estares mais tempo conosco, com o nosso Pai, com o meu Filho e com o Espírito Santo. Não estás conseguindo rezar nem, pelo menos, um terço. Luta mais para conseguir superar isto. Tua caminhada e missão também dependem de ti. Lembra-te que prometemos jamais tirar de ti esta missão. Sei que estás cansado e fatigado por tudo que passas, mas, quando terminar essa fase, faz tudo como te falei agora.

Pensei em escrever ali mesmo tudo que ouvira, porém, ela mesma me ajudou a decidir, dizendo:

— Se quiseres, podes anotar aqui e agora; caso não queiras, deixa para depois.

Estou agora na Igreja do Espírito Santo, sentado no batente, junto à imagem de Santo Inácio, e são 11 h e 8 min.

Pode não ser importante para quem ler esta pequena mensagem, mas, na verdade, para mim, marca uma nova tomada de posição e força para superar a preguiça e o desleixo em que me encontro há meses. Acho, inclusive, que tenho até momentos de irresponsabilidade e comodismo. Sei, agora, que além desta fase (noite), sou também responsável pela falta de meu próprio recolhimento e de orações. Sou culpado por me deixar levar por momentos opostos. Sinto também que os Céus esperam de mim uma atitude

forte, decisiva e vitoriosa para reerguer aquilo que eu mesmo procuro angustiado e desesperado. Sei, concluo, que o que procuro encontra-se, na verdade, adormecido em mim mesmo, pois sinto sincera e fortemente isso. É por esse motivo que vejo tanta importância neste pequeno momento. Foi, de fato, um soar do sino celeste que me fez compreender a verdade que busquei neste instante de oração. A resposta veio suave.

Hoje, aqui na Igreja do Espírito Santo, quem celebrará a missa será o Pe. Valdenito.

Após a missa, soube dos milagres de cura que Nossa Senhora, Rainha e Vencedora Três Vezes Admirável, está fazendo há muitos anos por todo o mundo. Assim sendo, comprei um escapulário grande de Nossa Senhora com este título e pedi ao Pe. Valdenito para benzê-lo. Ele o benzeu e também a mim, no altar, quando atendia à fila, pessoa por pessoa. Ele não me reconheceu na ocasião, mas, só depois, quando uma senhora perguntou o meu nome.

Aquele escapulário já tinha o seu destino antes mesmo de comprá-lo, pois, vendo-o grande e belíssimo, pensei em enviá-lo para D. Helena, mãe de Zelândio, meu cunhado, que se encontrava muito mal na UTI de um hospital, com várias complicações clínicas - o caso era sério.

Com medo de haver rejeição por parte da minha irmã e do meu cunhado, por saberem que era eu quem presenteava o escapulário, pedi à minha mãe que o entregasse à Diana que, por coincidência, se encontrava na casa de mamãe quando cheguei. Estava ali uma oportunidade para que o escapulário fosse entregue. Tudo parecia ser idéia de mamãe e o escapulário seria colocado na cabeceira do leito no hospital. Soube, dias depois, que D. Helena se apegou muito a ele, colocando-o, inclusive, no pescoço, e que se recuperou.

ANO DE 1991

2 de janeiro de 1991, quarta-feira

Estava impaciente, por isso coloquei o filme Irmão Sol, Irmã Lua no “video cassete” e fui assisti-lo com Luíza que, logo após, foi para o quarto dormir. Ali, com as luzes apagadas, exceto a do banheiro do corredor, fiquei até acabar o filme. Em seguida, ainda deitado no sofá, pela necessidade que senti naquele instante, rezei todo o terço. Cada mistério foi oferecido, coisa que faço há algum tempo. O primeiro mistério ofereci aos apóstolos; o segundo, a todos os santos; o terceiro, às santas; o quarto, a todos os Coros Celestes; e, o quinto, a todos os videntes de Maria, Nossa Mãe Santíssima, e a todos ligados a locuções e visões vindas do Céu.

Em certo instante da minha oração, a imagem de Nossa Senhora já estava toda luminosa e dir-se-ia que não era de gesso. Apresentando um forte brilho, tinha a forma da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Um viés de uns cinco centímetros contornava o seu manto, que era de cor predominantemente verde, com friso e detalhes prateados, de modo que o conjunto era realmente deslumbrante e inesquecível. No local da imagem pombas luminosas voavam da parede ao teto, ininterruptamente.

Após uma pausa, disse ela:

— *Gostaria que houvesse o maior número possível de pessoas na próxima reunião da família.*

Esta mensagem veio para ser dita em três partes, a saber: a primeira, a todos os presentes; a segunda, a alguns, individualmente; e, a terceira, somente a Helena. Posso dizer também que ela permitiu ou desejou que antes da divulgação da mensagem eu lesse um certo documento que preparei justamente para uma ocasião como essa. É um documento forte, porém, é necessário que seja transmitido para todos naquele momento. Apesar de ter sido eu que o preparei, é visível nele a ação do Espírito Santo.

Reforço aqui, pelo deslumbramento que ainda hoje sinto, **a maravilha que eu realmente vi.**

MENSAGEM DE REINALDO À PEQUENA E GRANDE
FAMÍLIA DE NOSSA SENHORA, EM 5.1.91

Invocando o Espírito Santo, tenho agora a oportunidade de dizer para os presentes e, em breve, para os ausentes o que há muito venho desejando e pedindo à Nossa Mãe Santíssima. Ouçam, aceitem ou discordem, respeitarei as suas opiniões. Não imponho os meus sentimentos, a minha verdade ou até mesmo os meus desejos a ninguém.

Passado todo esse tempo, desde uma mensagem que recebi em locução interior, por ordem dos Céus mantive-me ausente a cada um daqueles encontros, ora com momentos doces ora amargos. Confesso que o gostinho doce eu senti e ainda sinto, mas, no entanto, o amargo é que permanece todo tempo, tendo de suportá-lo até que o mel elimine este entrave que me sufoca.

Gostaria de escrever tudo isso sem o auxílio do Espírito Santo para que fosse apenas Reinaldo, porém, tenho certeza que nada que escrevesse teria sentido ou tocaria o coração de alguém. Assim, agradeço por ter em mim e comigo este verdadeiro fogo e luz da verdade e do amor e, com isso, não ser apenas um insignificante homem, mas, sim, um verdadeiro CRISTÃO. Reconheçamos que sem o amor do Pai e do Filho não haveria o Espírito Santo, e sem a vontade do Pai não haveria a Encarnação do Verbo e não conheceríamos Maria, filha do Pai Celestial, mãe do Filho de Deus e esposa do Espírito Santo. Eu não sou nada, apenas sou um insignificante instrumento em suas mãos. Pedi ao Espírito Santo para fazer destas humildes palavras dardos de amor e compreensão do seu próprio fogo para atingir o coração de todos.

Lembro que todos aqueles que em qualquer parte do mundo estiverem em contato conosco são, sem dúvida, membros da família a que se refere Maria, Nossa Mãe Santíssima.

No dia 8 de dezembro de 1989 participávamos, Luíza e eu, de um Encontro de Casais com Cristo, quando passei a sentir uma angústia que parecia interminável e que era insuportável. O tempo, apesar de estar nublado e com baixa temperatura, não impediu que eu suasse frio e abundantemente. Já não aguentava mais de tanto sofrimento quando uma voz interior, suave, firme e feminina, me disse:

— *Não te aflijas! Apenas sentes agora um pouco da dor e da angústia que já sinto há muito, tentando, sem muito sucesso, e falando, mas sendo pouco ouvida, as palavras da salvação do homem.*

Neste instante a minha vontade era de me levantar e dizer lá na frente daquela platéia o quanto sofria Nossa Mãe Santíssima tentando salvar seus filhos, salvar a nós pecadores que muitas vezes pecamos ou erramos por comodismo ou egoísmo. No momento em que ela se despediu eu já estava calmo e parecia que nada havia acontecido, isto é, os sofrimentos e as angústias da alma que sentira minutos atrás. Esta foi, realmente, a ocasião em que tudo se iniciou. Outros belos momentos aconteceram e acontecem ainda, porém nos três primeiros meses fiquei praticamente como um cego em meio a um tiroteio. Minha angústia era compartilhada por minha mãe e, através dela, por meu pai que acompanhava em silêncio. Ela é testemunha de como eu me sentia aflito por não saber o que estava acontecendo. Tive visão de jovens, homens e freiras sem saber de quem se tratavam. Não os conhecia. Como poderia saber que santo usava paletó, no caso do jovem São Domingos Sávio, se nem ao menos sabia distinguir as imagens da Sagrada Família, como aconteceu comigo em Itatiba, na Igreja de São Bento? Se via São José era o mesmo que olhar para Santo Antônio, etc.

Certo dia, conversando com um casal amigo sobre o que estava acontecendo comigo, indicaram-me a Irmã Letícia, do Colégio Santa Gertrudes, em Olinda. Passei várias vezes defronte do colégio no Alto da Sé, mas, nunca cheguei a falar com ela. Um dia, estando eu bem mais confuso, mamãe me mandou falar com tia Dalva para que indicasse a freira amiga, uma carmelita descalça, que por questão de saúde tinha saído do Convento. Tia Dalva, sem que eu lhe dissesse o que se passava, disse-me para falar com tio Bazinho que, no mesmo dia, sem saber também do que se tratava, apresentou-me, então, a Helena, que passou a me ouvir e a observar tudo, sem, no entanto, se pronunciar por muito tempo. Apreendi, então, com Helena, que aquela forma de comunicação denominava-se **LOCUÇÃO INTERIOR**. É bom que se afirme que todo o momento da locução é de imensa paz e de uma beleza indescritível e, ao se acabar, parece que tudo ocorreu em não mais que 10 minutos, quando, no entanto, durou uma noite, ou uma manhã ou uma tarde inteira. Ao retomarmos ciência deste mundo ainda estamos como que flutuando. Não há cansaço nem nada de ruim, apenas uma paz imensa, sem falar na imediata saudade deste instante. Agora sei como se sentiram e se sentem os que, desfrutando desses momentos, se entristecem quando é chegada a hora de ouvir o seguinte: — ***A partir de hoje não mais me verás neste mundo dos homens, pois encerrou-se a fase de mensagens a ti.*** Nem mesmo a promessa de ***que estarei sempre aqui ao teu lado*** nos anima totalmente. Sei, porque, no período que passamos sem ter esses momentos, sofremos a sede do querer e a saudade do ter. Por tudo isso, peço como membro desta família, que não aceitem críticas ou critiquem esta adorável criatura de Deus, Helena, sem ao menos sentirem vocês próprios o

carinho, a sinceridade e a profundidade de conhecimentos TEOLÓGICOS e tudo o que Deus, Nosso Pai, a presenteou durante os seus oitenta e três anos de vida. Sua humildade não permite que se fale aqui das suas qualidades. Permita-me, Helena, que eu convide em seu nome cada um, de preferência os maridos com suas esposas e depois os filhos, para aproveitar melhor as deliciosas ocasiões de esclarecimentos e de explanações de que necessita para, assim, sentir o calor fraterno que reina neste lar, pois o próprio Deus aqui se faz presente no Santíssimo Sacramento na capela ao lado.

Em um sonho que tive, algo me ordenava que deveria ler a vida de dois santos. Pela manhã, ao me levantar, por estar com o sonho fortemente gravado na mente, peguei o livro “Um santo para cada dia”, de Mário Sgarbossa e Luigi Giovannini, Ed. Paulinas, e nele achei os seus nomes. Ao ler sobre eles, verifiquei que todas as passagens tinham, de certa forma, mensagens e ligações com a nossa caminhada. Entretanto, uma coisa que estava escrita e que chamou muito a minha atenção foi a seguinte: - “Fatos históricos e lendas nada mais fazem que lembrar que Cristo vai escolher as suas ‘testemunhas’ em todas as latitudes e em todos os tempos e camadas sociais, sendo Ele caminho, verdade e vida”. Como havia sido em sonho a ordem que recebera e não em locução ou visão, li esta frase para Helena e ela me esclareceu que todos os avisos recebidos por nosso admirável pai por adoção José foram através de sonhos, como, por exemplos, a gravidez de Maria por obra do Espírito Santo e a fuga da Sagrada Família para o Egito e o seu retorno daquele país.

Durante a reunião de cada uma das famílias, dos meus tios e dos meus pais na casa de Helena, eu orava, participava das missas e algumas vezes lia o missal quotidiano, exceto durante a reunião da família dos meus pais, pois estava com meus sobrinhos e filhos. Logo após a reunião da minha própria família, ao ficar sabendo da inesperada reação de cada um, tive angústia e tristeza que perduram até hoje, aliviadas, é claro e em parte, depois de analisar profundamente essas reações frente a própria mensagem enviada por Nossa Senhora para essas reuniões, pois houve, como verifiquei, um encaixe perfeito da mão com a luva. À noite, tive uma dor tão grande e sufocante no peito que não me contive e, diante de muitos dos meus, na casa dos meus pais, explodi envergonhado, imaginando como tudo havia ocorrido. Passado esse momento só me pronunciei à Helena, pedindo-lhe desculpas pelas faltas de alguns dos meus. As agressões e reações impensadas foram tão fortes que um de meus irmãos vive até hoje retraído, sem ao menos demonstrar satisfação ou aceitação de uma mensagem a ele próprio enviada por São José num momento difícil de sua vida. Ele, tio Bazinho e Helena

foram caluniados no sentido de estarem manipulando situações. Pessoas do nosso convívio, infelizmente, contrapõem-se a tudo que se refere a graças enviadas por Nossa Senhora para nós e nossa missão. Graças a Deus, trata-se apenas de uma minoria que nelas não acredita, o que é aceitável, e que diz serem MENTIRA. Usam assim desta palavra forte, violenta e agressiva, para se oporem à verdade sentida, presenciada e testemunhada por milhares de pessoas por ocasião da manifestação do sol, das lágrimas de emoção, dos milagres e das conversões acontecidas. De tudo, o que ainda não consigo aceitar é a palavra MENTIRA. Através dos meus olhos ninguém vê; no meu coração ninguém pode entrar e sentir; e, dos meus momentos ninguém tem idéia. Apenas Deus e eu podemos compartilhar. Assim ocorre com cada homem. Como não posso e não devo criticar suas atitudes e pensamentos, gostaria que Deus libertasse todos os que vivem por elas coagidos, seja conjugal, materna ou paternalmente. São pessoas que se mostram muito possessivas, bloqueando de alguma forma o pensamento e a decisão de outros. Peço a Nossa Senhora que acolha em seus braços aqueles que no momento de fraqueza se recusaram a dar testemunho ou omitiram suas verdades sobre esse assunto. Lembrem-se de Pedro que foi perdoado, mesmo tendo negado Cristo três vezes, e de Judas Iscariotes que, infelizmente, por vaidade ou vergonha, se enforcou por não confiar na misericórdia de Deus.

Coisas agradáveis aconteceram e vêm acontecendo, porém, as negativas nos sufocam. Algumas pessoas não refletiram ainda nas suas atitudes e estão erradas na maneira como as usaram, não por duvidarem ou descreverem completamente, mas, por condenarem pura e simplesmente a verdade e criticarem os sentimentos dos outros. O confronto entre as nossas verdades pode estar acontecendo apenas para a comprovação da fé, abalada por fatos e atitudes diversos que não nos convém lembrar.. Viemos ao mundo para sermos santos, por isso convertamo-nos a tempo. Lembremo-nos de São Paulo, de Santo Agostinho e de São Dimas, o médico ladrão que foi crucificado ao lado de Jesus e que foi salvo nos seus últimos instantes de vida. Não nos esqueçamos da mulher pecadora que beijava e enxugava os pés de Jesus com os seus próprios cabelos. Recordemos os milagres de Jesus, as suas curas, os espíritos imundos jogados aos porcos, o filho pródigo, etc.. Se vocês perguntarem por que eu, Reinaldo, responder-lhes-ei: talvez por ser o mais pecador. Um médico não é chamado para atender um homem em perfeita saúde. Deus não veio para os santos, mas, para os pecadores. Nós é que necessitamos de sua visita para podermos estar com Ele na eternidade. Quantos de nós gritam que crêem, são dignos, têm fé inabalável, mas, nem ao menos seguem os Mandamentos da Lei de Deus e da Igreja? Quantos de nós estão mergulhados na possessividade, no egoísmo, nas críticas e calúnias e nos prazeres banais e materiais? É por tudo isso que é mais fácil a passagem

de um camelo pelo buraco de uma agulha. Precisamos fazer uma auto-análise de todos os nossos atos. Quantos de nós esquecem ou não querem acreditar que o Juízo Final virá? Quantos de nós criticam nossa religião e receberam seus sacramentos sem ao menos vivenciá-los? Muitos de nós condenam ou desprezam as palavras e mensagens contidas na Bíblia apenas por comodismo e egoísmo, para usufruir de um caminho mais fácil, mesmo sendo este caminho o errado. Alguns preferem confessar seus pecados diretamente a Deus, porém demonstram com isso a falta de conhecimento das palavras contidas nos Livros Sagrados. Saibam que a confissão ao padre é um sacramento criado pelo próprio Jesus Cristo para a nossa remissão.

Diante de todos esses acontecimentos eu não poderia deixar de atender à Nossa Senhora, calando-me até segunda ordem. Calei-me, mas, pedindo-lhe que me permitisse continuar essa missão. Solicitei-lhe que as locuções fossem bastante claras, como também as visões.

Meu lema desde o início é e sempre será a “verdade”. Quero a verdade, vinda, é claro, das pessoas que, competentes, tenham algo a dizer sobre tudo. Deste meu lema são testemunhas mamãe, Luíza, José Manoel, Helena, tio Bazinho, tio Everaldo e os padres Fernando e Valdenito. Nada mudará essa verdade, nada. Não deixarei de prosseguir nessa caminhada rumo à santidade, pois poucos sabem o que fui e como fui na vida, como também poucos sabem o bem que me causou e causa essa transformação. Poucos são aqueles que sabem o que sinto e o que passo desde o momento que resolvi assumir esta condição. Noutra época eu não me interessava pelas pessoas e nem por seus problemas, que dirá assumir uma responsabilidade tamanha! Para que? Apenas para aparecer? Estar preocupado com os outros? Não! Muitos aqui sabem que nunca me preocupei com ninguém, senão comigo mesmo. Os momentos de hoje são tão difíceis, dolorosos e angustiantes na alma, que, confesso, menos sofrimento e preocupação tinha eu na vida que levava antes da minha ida para Itatiba - onde sofri tentações horríveis -, quando era criticado por todos como anti-social. Meu casamento, por culpa minha, estava à beira do abismo e, antes, fatos tristes ocorreram, que não convém citar. Àquela vida passada jamais voltarei, pois, tenho a graça de ter sido escolhido por Nosso Senhor e Nossa Mãe Santíssima para uma missão, em que recebi a luz da verdade, do amor e do verdadeiro caminho que só a alma vê e sente. Quem duvidar deve se lembrar que somos pecadores mas também filhos de Deus e de Nossa Senhora, e de São José por adoção, tendo como irmão o Messias, o Salvador do Mundo, Nosso Senhor Jesus Cristo. Por tudo isso, nada me fará negar essa verdade.

Acreditem, sei de onde veio a certeza desta mudança.

Voltar à vida anterior é aceitar o inferno como recompensa, e, isso não faz parte de mim. Quero viver com todos os meus no Céu, não como

prêmio, mas, como dever, como reparação pelo sofrimento causado por nós homens ao Nosso Pai Celestial, à Nossa Mãe Santíssima e ao Nosso Irmão, Deus e Homem, Jesus Cristo.

Não basta lermos livros de escritores famosos e até mesmo de padres. Será que tiveram na prática uma vida mística, locuções interiores, visões? Tiveram graças especiais e viveram santamente, cumprindo os Mandamentos, os Sacramentos e os votos? Uma coisa é a teoria; a outra, mais profunda, é a prática. O mergulhar nas graças especiais que os Céus nos enviam, isto sim, é a verdadeira TEOLOGIA MÍSTICA. Dizer que Deus não ameaça, não castiga, é desconhecer várias passagens dos Livros Sagrados, dos Evangelhos. Respondam-me: - Como Jonas foi parar na barriga de uma baleia e por quê? Por que o Papa Pio XII desmaiou quando leu a terceira profecia de Fátima? Deus não exige e nem obriga ninguém a amá-Lo e adorá-Lo, mas não esqueçamos que, apesar da sua misericórdia, Ele criou o inferno, que é eterno tanto quanto o Céu. Ele não obriga ninguém, porém entregou a Moisés os Mandamentos, Sua Lei. Em qual desses fatos bíblicos vocês também não acreditam?

Será que com a fé que têm ganharão o Céu? Será que o ganharão com a vida que levam aqui na terra, com seus dotes e suas ambições? Será que entrará no Céu o possessivo e o faltoso com a humildade e a caridade? Também com as dúvidas sobre a existência de Deus, do Espírito Santo e do inferno, sobre Pedro apóstolo, sobre o Papa e os padres? Idem sobre a conversão de Paulo, de Santo Agostinho, de Santo Inácio e de tantos outros? Em que se baseiam para afirmar que as lágrimas e o sangue chorados pelas imagens de Nossa Senhora não são lágrimas nem sangue? Em que se baseiam para negar as aparições de Nossa Senhora em Fátima e em Medjugorje, dizendo que não são reais? De quantas palestras e cenáculos participaram? Quantas missas assistiram no ano que passou? Quantos terços, que são apelos constantes de Nossa Mãe Santíssima, foram capazes de rezar? Quantas vezes, humildemente, foram ao encontro do Sacramento da Reconciliação ou da Penitência? Qual o sentido da confissão auricular e quem a instituiu? Só escondemos dos outros o que temos vergonha e medo e só temos vergonha e medo do que realmente é errado.

Onde está a fé daqueles que se afastaram da Igreja?

Eis uma parte da mensagem de Nossa Senhora (31.10.90) quando eu lhe pedia para me esclarecer alguns pontos:

— Presta atenção, muita atenção! Neste mundo turbulento e pecador de hoje ainda é comum alguém ouvir de outro uma palavra de carinho e de amor. Até mesmo os criminosos e outros pecadores escutam

de outro homem essas palavras. Assim, é mais fácil entender, acreditar e aceitar essas palavras que são comuns a cada homem do que acreditar nas graças que enviamos. Nós sabemos, é claro, o quanto está sendo difícil acreditar, pois são raras as pessoas que escolhemos para essas graças especiais.

Outra mensagem, recebida no dia 23 de outubro de 1990, que marcou pela força e explanação do perigo que passamos, transmito agora a todos para o nosso recolhimento e avaliação pessoal.

Disse Nosso Senhor, no momento em que eu mergulhava inesperadamente em oração:

— Estou agora a te falar!

Jamais deixarei um irmão se alimentar de ilusões para que não ocorra decepção. Se fosse ilusão eu mesmo interferiria. Não deixaria nenhum irmão se enganar, iludir-se, nem mesmo aqueles pecadores que aumentam todos os dias a chaga no meu coração. Mas, tu, realmente, foste escolhido para que Maria, minha mãe, seja a mulher que pegará a tua mão para caminhares à frente de um grande rebanho.

Minha mãe tem a graça e ela te escolheu para seguires ao nosso lado guiando um exército nesta guerra.

A guerra já acontece. É esta que te falo.

Não olhes para trás! Não suportarias a carga do sofrimento, pois somarias o que passou ao que virá. Se olhares para trás verás a tragédia no campo de batalha.

Não desanimes, estamos contigo!

Luta para vencer os sofrimentos e tentações, mas, se caíres, não te desesperes, retoma o caminho.

Não caias, pois as tentações são fortes, mas, se venceres, verás como é deliciosa a vitória. Então, saberás como não é difícil superá-las e como é recompensadora a vitória nesta guerra.

Foste escolhido, vence! Para isso, basta agires corretamente - e deves! - e que te dediques.

Saibas que não serás jamais derrotado e que não fracassarás.

É, meu filho, meu irmão! Nesta guerra receberás todo o estilhaço destas armas que atingem nossos irmãos.

As trincheiras a cada momento se enchem de corpos que sofrem e gemem. Mesmo assim, eles não nos permitem protegê-los, com uma barreira à sua frente. Eles sofrerão, porém tu sofrerás também e mais

forte porque sofrerás com a dor e angústia da alma, e nós não podemos fazer nada, pois eles nos aprisionam sem nos permitirem ação.

AS CORRENTES DO PECADO TAMBÉM SÃO FORTES.

Não haverá derrota para ti porque, de dois, se um se salvar já és vitorioso. Deixa o que ficou, pois os que te seguem lutam para trazê-los a viver conosco.

Nós te amamos!

Eu te amo com um amor tão forte como de um verdadeiro irmão, um amor de misericórdia enviado a mim por nosso Pai.

Nós te amamos!

Não olhemos para trás, pois a dor que sentiremos pelos que ficarem no campo de batalha será recompensada pelos muitos que se salvarão. Apesar das perdas possíveis de acontecer, a vitória será certa.

Eu te abençôo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo!

Gostaria agora, antes de passar à parte mais importante deste dia, que é a mensagem de Nossa Mãe Santíssima, de confessar que ao final desta minha mensagem percebi que nela estava presente o próprio Espírito Santo, pois sem Ele eu não poderia ter transmitido o que sempre tive vontade de dizer, porque sozinho eu não seria capaz.

Não colocarei aqui um ponto final, mas, sim, o desejo de iniciarmos uma verdadeira união, compreensão e fraternidade de almas de toda essa nossa Pequena e Grande Família. O dia 25 de dezembro já passou, mas nunca é tarde para anunciarmos o nascimento do Messias, o Nosso Salvador e Irmão Jesus Cristo.

Feliz 1991!

Obrigado!

MENSAGEM DE NOSSA SENHORA À SUA PEQUENA E GRANDE FAMÍLIA, EM 5.1.91

— Meu filho, dedica-te mais a nós e à tua própria caminhada. Opositor, é certo, tenta com unhas e dentes te desviar do caminho e até mesmo evitar que sigas como queres e deves. Não te deixes vencer por ele. Tem força e calma, pois sabemos o que realmente queres. No momento das tentações lembra-te de nós e das maravilhas que te damos e daremos. Lembra-te principalmente das tuas próprias palavras, palavras que usas sempre para mostrar a verdade e o caminho (Nossa Senhora refere-se à frase “O pecado é delicioso apenas para o corpo, mas é um veneno para a

alma”. Confesso que usei essa frase pela primeira vez no dia que, tocado pelo Espírito Santo, três dos nossos irmãos converteram-se quando sadiamente nos divertíamos na casa de um tio nosso).

Gostaria que houvesse o maior número possível de pessoas na próxima reunião na casa de Helena (5.1.91).

É necessário que todos pratiquem e vivam a humildade. O que falta nesta família é a reserva e a humildade.

Tu, meu filho, deves ser mais humilde, muito mais.

Fica sempre no anonimato em tuas ações (neste instante ela me fez relembrar uma mensagem de Nosso Senhor para mim e o estado da minha alma naquele momento de intimidade dEle comigo).

A partir de hoje quero incumbir a todos os presentes a missão de bater à porta do irmão para que, quando o Senhor chegar à mesma, já esteja aberta. Esta é a missão inicial de cada um presente a esta reunião e desta grande família. O tempo e a missão é de conversão.

Releiam e pratiquem a mensagem da família (referiu-se à mensagem para a família em agosto de 1990).

Cada um possui a chave do seu coração. Abra-o, dentro encontrará um baú que, no fundo, abriga uma caixinha de relíquia. Nela encontrará o como fazer e o que fazer na vida em relação a tudo que falo agora. Caso haja dúvidas de como usá-la, procurem alguém preparado e de plena confiança de cada um. Não importa quem seja este alguém, basta, no entanto, que sinta a luz do Espírito Santo naquela pessoa.

Quanto de vocês realizam ou participam de cenáculos na comunidade? Quanto realizam ou participam de cenáculos no próprio lar com a família? Realizem ou participem de cenáculos no lar, em família, pois aí haverá momentos de descontração, confiança e intimidade entre todos e nós.

Não parem de crescer nas orações e nos cenáculos. Gosto muito de cenáculos. Estou presente a todos. No Cenáculo, após o sinal do Meu Filho, Nosso Senhor, Pedro converteu milhares de pessoas.

Sei o que estás passando, o quanto sofres, mas, deves lutar e te dedicar mais às orações, missas, etc..

Começa a caminhar com teus próprios pés, é necessário. Basta agires para o bem.

Nunca te afastes de Helena. Não te deixes vencer por ações opostas. Embora sem ânimo, permanece sempre com Helena.

Caminha, filho, e um dia, como já falamos, um dia Helena se orgulhará e estará feliz junto a nós a te ver caminhar como deves.

Filho, eu te amo muito e jamais nos afastaremos de ti.

Em particular, com todo o meu amor de mãe, eu te perdoo de todos os pecados cometidos até este momento. Deves, no entanto, procurar um sacerdote, representante do Meu Filho, e dele, em confissão auricular, receber a absolvição destes pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Não quero que anotes nada agora. Somente permitirei que o faças após repassares tudo para minha filha Helena.

São normais as dúvidas, os sentimentos e o momento por que passas. Entretanto, tem confiança e fé, pois tudo está como deve ser. No nosso tempo tudo caminha como deve. Apenas te peço para que te dediques mais, ores, participes de missas e te recolhas, tudo em maior proporção. Luta para e por isto, é necessário. Na verdade tudo depende de ti, mais de ti. Luta! Luta!

Não te preocupes no que dizer aos meus filhos que estarão na reunião, no encontro. Tudo estará bem e será dito o que deve ser ouvido.

Eu te amo. Nós te amamos e estaremos sempre ao teu lado, mesmo que caias.

Um beijo e um abraço.

Na terça-feira da semana seguinte (8.1.91), impaciente por não estar fazendo nada, levantei-me da cama de minha mãe e, vendo um jornalzinho de Medjugorje, peguei-o, sentei-me na área da frente de casa e comecei a ler. Já no início, emocionei-me ao ver ali praticamente a mesma mensagem de Nossa Senhora a mim dita e repassada para a família em nosso encontro no primeiro sábado deste mês. Embora com outras palavras, o sentido foi o mesmo.

Contei, de imediato, este fato à minha mãe e, logo após, ainda emocionado, à tia Bezita que acabara de chegar.

Dias depois, verifiquei que nas mensagens anteriores também existe esta correlação.

O importante de tudo isso é que sempre recebo locuções antes de receber esse jornalzinho de Medjugorje. Assim, não há perigo de confusão ou ilusão se fosse o caso de o ler antes.

18 de fevereiro de 1991, segunda-feira

À noite, quando retornei do trabalho, jantei e fui assistir a um pouco de televisão. Em seguida, desliguei o televisor e, deitado, comecei a rezar nesta ordem: ao Espírito Santo, à Rosa Mística e o terço. Ao começar a reza do terço eu estava sentado, mas logo me ajoelhei. Repentinamente, fiquei completamente arrepiado, peguei água benta e rezei o Credo, o Pai Nosso, a

Ave Maria e tudo que me vinha à mente. Benzi todos os ambientes, meus filhos e minha esposa e ordenava que, em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, o opositor se retirasse e não voltasse mais, pois, tudo ali pertencia tão somente a Deus e para Ele vivíamos. Logo após, ainda arrepiado, ajoelhei-me novamente e rezei todo o terço para, depois, me sentar no sofá. Neste instante a imagem da Rosa Mística ficou iluminada e surgiu, claramente, o busto de um sacerdote de pele clara, de meia idade, ligeiramente calvo, com cabelos lisos e penteados para trás e, além de óculos, usava uma bata preta com um colarinho alto e branco. Acho que alguém que conheço sabe ele quem é e que faz ou fez parte de algum momento espiritual dessa pessoa. Após um bom tempo ali, clara e visivelmente em decorrência da luz forte no local da imagem, apesar de as luzes estarem apagadas, este sacerdote sumiu e apareceu outra imagem. Esta, por sua vez, apresentava-se de corpo inteiro. Tratava-se de São Judas Tadeu. Ele me disse muitas coisas, isto é, revelações e fatos íntimos a mim relacionados. Dentre as coisas que me falou, disse-me:

— Não desanimes. Crê que tudo o que vem acontecendo em relação às locuções e visões é verdadeiro. Para tanto, vê os frutos.

Tudo está do jeito que deve ficar, até que a semente plantada brote e frutifique satisfatoriamente.

Estás muito preocupado com as coisas materiais, de modo que deves cuidar mais da tua caminhada e, portanto, da tua missão. Deves, na verdade, te dedicar mais às orações e deveres de um cristão que tem a graça dada por Deus. Luta para não caíres em tentação e, para isso, é necessário, sempre que fores tentado, que te lembres da importância de estares sempre livre dos pecados.

A cada momento que estiveres em falta com os Mandamentos, mais frágil ficarás perante o opositor.

Lembra-te de que até mesmo quando pecares estaremos juntos de ti. Assim, sentirás sempre a nossa presença.

Muitas de tuas faltas para com os Mandamentos dependem da tua própria força de vencer.

Deves, de fato, te dedicar mais à tua missão, pois é necessário para que sejam alcançados os objetivos a que nos propomos.

Tudo o que pedes para o bem daqueles que desejam ajudar será realmente atendido. A saúde de uns e os teus objetivos e de outros serão atendidos. Tem calma e confia no que escutas através de nós.

Gostaria hoje de falar sobre os costumes.

O desejo, os Mandamentos e as palavras de Nosso Senhor serão sempre os mesmos. Eles não se modificam com o passar do tempo. O

conteúdo de suas palavras, de seus desejos, não sofre reforma, pois as suas palavras foram proferidas para durarem eternamente.

Se os homens verificarem e analisarem com o coração aberto e a alma pura, verão que os costumes, que chamam moda da época, estão cada vez mais ferindo o coração de Nosso Senhor. Ah, se o mundo parasse um pouco para refletir sobre a vida que leva! As mulheres fazem da “evolução aparente” uma arma para o pecado. Vejam, assim, o seu comportamento na sociedade e nas suas vestes. São elas as principais responsáveis pelo pecado da carne, pois seduzem e provocam os pensamentos dos homens, levando-os à fraqueza da carne e, assim, ao pecado e pecados. Muitas, é claro, agem proposital e principalmente na maneira de se vestirem; outras não se apercebem de que o mundo que as cerca jamais deixará de ser provocado por suas ações inocentes, que são, porém, uma arma para o pecado.

Analisem, agora, a evolução da ciência. Quantos avanços em armas que destroem a natureza e tudo que nela habita. As indústrias, onde a ambição faz com que o homem perca a razão, fazendo com que outros o sirvam apenas como máquinas e que, quando não mais servirem para seu lucro, serão descartados, fazendo-os sofrer horrores com seus filhos e esposas, passando as mais cruéis necessidades.

A violência, dentre elas o seqüestro, os crimes, as drogas, a liberdade impensada e desenfreada que se vive. Por tudo isso o homem perde a sua condição de ser racional, principalmente quando existe e geralmente há o dinheiro. Ninguém se lembra que o dinheiro foi a única e forte razão para Judas Iscariotes trair Jesus, Nosso Senhor. Na verdade, quantos Iscariotes surgem no dia-a-dia desta aparente evolução?

Ah, se os homens colocassem Deus em primeiro plano, o mundo não necessitaria de uma Justiça Divina!

Vê, filho, sente a necessidade da urgência de videntes e missionários, principalmente para a conversão, antes que seja tarde. Não se pode cruzar os braços e simplesmente esperar sinais e mensagens. É necessário que se seja o próprio sinal e mensageiro da verdade de Deus. Sempre, todos os dias, se quiser, cada homem é um pedaço da estrada rumo ao Céu para um irmão nesse mundo que vive os últimos tempos da geração.

Muitos desta família, diversos, muitos, não entendem o porquê de tanta mensagem sem sinal nem revelações. Por isso, digo que se faz necessário tirar a trave do próprio olho para, em seguida, se tirar o argueiro do olho do próximo. Não se deve servir a alguém quando se está com as mãos sujas, pois, é bem possível que se suje aquele a quem se está servindo.

Nós te amamos muito.

Não te preocupes, tudo será atendido, isto é, a saúde e as situações daqueles por quem intercedes. Para isso é necessário que te dediques cada vez mais, e, isso não vem sendo feito.

Estaremos sempre contigo.

Amor, paz, oração e penitência.

No final da locução, antes da despedida do dia, disse São Judas que Nossa Senhora havia abençoado parcialmente tudo que eu colocara na sala e que em breve tudo seria abençoado novamente.

Durante toda a locução senti fortemente a presença de Nossa Senhora.

28 de fevereiro de 1991, quinta-feira

Passei todo o dia em casa. Pela manhã assisti à televisão e, à tarde, após almoçar com Luíza e nossos filhos, sentei recostado no espelho da cama e fui ler o Missal Quotidiano. Li os Evangelhos da segunda até a quarta-feira desta semana e, nesse momento, Luíza deitou-se ao meu lado e conversamos diversos assuntos. Em dado instante adormecemos. Acordamos à noite, já além das 18 horas, e sentei na cama e li o Evangelho desta quinta-feira.

Após o jantar, eu e Luíza nos sentamos na sala para assistir ao noticiário na televisão e fomos, em seguida, passear um pouco em volta do conjunto habitacional onde residimos. Ao voltarmos, sentamos na sala para assistir novamente à televisão, mas Luíza logo dormiu no sofá, de modo que fiquei sozinho assistindo a um filme que me prendeu a atenção até o seu final. Enquanto o assistia - confesso que não conseguia deixar de fazê-lo -, rezei para ao Espírito Santo, à Nossa Senhora Rosa Mística, o Glória e a Oração da Misericórdia. Ao findar o filme, apanhei o terço no meu quarto e fui para a varanda. Neste momento, ao olhar para a lua, já pela segunda vez nesta noite, vi que estava inteiramente amarela e com o rosto e o mapa do Brasil. Não acreditando, olhei-a várias vezes. Nem as nuvens conseguiam escondê-la, mas, ao contrário, tornavam-na mais clara. Abri a grade e fui para fora do terraço. Olhei-a de várias posições e locais e não consegui apagar aquela imagem, por mais que tentasse ver a lua como a vemos sempre.

Não me lembro se já disse antes, mas, gostaria de registrar aqui que aquela mancha que acham parecida com São Jorge em seu cavalo eu a vejo, há alguns meses, com o formato de Nossa Mãe Santíssima, de perfil e até a cintura, carregando o menino Jesus deitado em seus braços, em decúbito dorsal, na altura de seus seios e com a cabeça inclinada para frente, a olhá-lo.

Nunca tendo falado isso a ninguém, pedi a Dione, Plínio e Getinha para olharem a lua e verem se achavam algo diferente nela. Muitos meses depois, Dione lembrou-se de perguntar se a figura na lua era de Nossa Senhora com o Menino Jesus, o que confirmou o que venho vendo.

Registro também aqui, com pesar, o comodismo e a falta de dedicação de minha parte. Além de me sentir fraquejar por causa das tentações, na quinta-feira passada contei ao meu confessor todos os meus pecados e a situação em que me encontro social e espiritualmente. Dentre as minhas falhas constam a perda da missa há duas semanas, a falta de orações, principalmente a reza do terço, e, o pior, com um pequeno pretexto faltei novamente à missa do domingo próximo passado. Mesmo arrependido demais e não entendendo o porquê, não consigo superar o comodismo que ora vence o desejo e a necessidade profunda que sinto na alma. Meu sentimento se confunde com meus atos e, por isso, sinto-me vazio, como uma mata ou terra seca sem esperança de pelo menos um pouco de orvalho à noite. Vejo-me cada vez mais duvidoso desta graça que recebo. Estas dúvidas me chegam, não porque descreia em Deus, Maria, Santos e Anjos, mas, porque me acho cada vez mais desmerecedor de tudo. Realmente, o que me mantém ainda fiel a esta caminhada é a modificação que sinto no meu eu e os belos e marcantes acontecimentos que surgem em nossa frente e nossas vidas, principalmente conversões, já que as curas dependem tão somente da fé dos próprios doentes. Através de locuções vejo também as graças que Nossa Mãe Santíssima e Santos concederam a pessoas que nem percebem os presentes que receberam de Deus em resposta às minhas pobres súplicas.

Agora, já a 1 h 57 min, escrevo esta passagem para que não se perca no tempo e se torne difícil de ser registrada depois. Em seguida a algumas anotações particulares, rezarei o terço após tantos dias sem fazê-lo.

Quanto à minha vida com Luíza e os meninos, nunca estive tão bem, graças a Deus. O mesmo digo da minha satisfação com o meu trabalho.

Neste instante, às 2 horas, ainda vejo a imagem na lua. Garanto e dou a minha palavra, sempre que forço ter uma locução ou visão isto jamais acontece, mesmo em um determinado momento da minha vida quando, apavorado e angustiado com algo particular, necessitava urgentemente de auxílio. Mesmo assim nada aconteceu. Por isso, passei vários dias triste e desgostoso com tudo, dizendo em tom pesaroso e argüidor: Por que, Senhor? Por que Senhora? Por que não se mostram ou não falam comigo neste momento que preciso? Depois tudo passou e percebi que não havia necessidade disso e que Deus nos ajuda principalmente no silêncio.

Em algum registro meu falei de Céu, nuvens, etc., mencionando-os com aspectos catastróficos. Acho que isso teve, de alguma forma, ligação

com a Guerra do Golfo, não tenho certeza, mas, era mais ou menos dessa maneira ou pior.

16 de março de 1991, sábado

Estava no meu quarto assistindo à televisão e, nas demais dependências do apartamento havia um corre-corre e falatório. Eram Luíza, suas irmãs Ana e Ceça e nossos filhos, num total de seis crianças entre um e dez anos de idade. Estavam todos se aprontando para ir ao aniversário de Jaime, filho do meu irmão Joaquim e de Antonieta. Eram mais ou menos 18 horas. Em certo momento, Rodrigo entrou no quarto de Clarissa e gritou para Luíza que a imagem da Rosa Mística andou para a frente. Luíza, receando que outros ouvissem, pois estavam todos no mesmo quarto, mandou que se calasse. Ele, por sua vez, veio me dizer como aconteceu e, a seu pedido, botei a mão sobre o seu peito e constatei que o seu coração batia acelerado. — *Pai - disse ele - eu entrei no quarto para trocar de roupa e só vi a imagem da cintura para cima por causa do guarda-roupa. De repente, ao olhar para cima do guarda-roupa, onde estava a imagem, esta desceu do seu pedestal e se movimentou para a frente, deixando-se ver por inteiro.* Foi aí, então, que Rodrigo saiu correndo, com medo.

18 de março de 1991, segunda-feira

Há mais de um mês que venho acumulando problemas de diversos tamanhos e tipos. Sei que se os passar totalmente para Luíza só servirá para nos deixar nervosos, o que não deve acontecer, pois, pelo menos um de nós deve ter tranqüilidade bastante para cuidar melhor dos afazeres de casa e, principalmente, das crianças. Assim, é preferível não tocar nesses assuntos, pois, na realidade, ela já os conhece e suas tarefas de dona-de-casa levam-na a esquecê-los, sendo melhor continuar desse jeito.

Muitas coisas desagradáveis têm acontecido conosco e os problemas têm aumentado. Na segunda-feira, não agüentando mais, saí cedo de casa, assisti à missa e, em seguida, fui para a casa de meus pais. Sem apetite desde o domingo à noite, deitei-me na cama de meus pais e li o Missal Quotidiano, no que se refere a esta segunda-feira.. Ao olhar para a vela vi que faiscava. Não sei por que me levantei e peguei o livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora”, do Movimento Sacerdotal Mariano. Abri uma página ao acaso e todas as palavras se encaixaram perfeitamente aos momentos que há algum tempo venho passando. Infelizmente não posso dizer o que li, pois, se assim o fizer, mostrarei o meu estado de alma atual, o que só posso revelar ao meu confessor. Nada diferia da minha vida, tudo estava ali,

meu dever, meus sofrimentos, luta, visão para o futuro. Assim que terminei a leitura, ainda comovido e surpreso, chamei minha mãe e, após ler tudo para ela, perguntei-lhe: Entendeu? Respondeu-me: — *Não*. Mas, está tão claro, disse-lhe. — *Acho que não é para mim* - respondeu-me, então. Percebi, assim, que não adiantava lhe explicar o conteúdo da mensagem, pois ninguém sem conhecimento místico saberia identificar o estado da minha alma e teria a resposta para minha dor e angústia.

À noite, já entrando pela madrugada, a luz da vela em nosso apartamento estava alaranjada e quase vermelha. Lembrei-me, como sempre é o caso, da penitência.

Atualmente, receio aumentar as súplicas por que me sinto incapaz de ser atendido. Ao mesmo tempo anseio ajudar todos que a mim recorrem pedindo orações, de modo que resolvi o seguinte: oferecer todas as minhas horas e situações para o que for mais necessário, sem pedir nada para mim, mas, sempre para os outros. Só farei outros pedidos, que são muitos, quando Nosso Senhor der a solução que achar conveniente para os primeiros. Assim, minhas alegrias, dores, sofrimentos, trabalhos, horas, intenções, atitudes, orações, penitências e sacrifícios eu os ofereço humildemente como agradecimento antecipado a Deus pelo que nos quiser dar como resposta. Garanto, ainda, que cada problema solucionado servirá como testemunho forte da existência e presença de Deus Pai, Todo Poderoso. Fora isso, sem esse objetivo, não adianta suplicar. Não há necessidade que eu diga isso, mas, fico feliz em saber que aquilo que foi pedido foi atendido, mesmo porque recebi ordem para me calar sem demonstrar o que sinto. Basta que as pessoas envolvidas reconheçam e agradeçam a Deus o que Ele nos dá como recompensa da nossa fé e confiança n'Ele.

30 de março de 1991, Sábado de Aleluia

Tenho sido bastante tentado contra a fé. O opositor fica a me falar quase todo instante que Deus não existe, que o mundo surgiu cientificamente, que não há vida após a morte, que somos apenas carne que apodrece e nada mais e que, por isso, devemos aproveitar o máximo. Diz ainda que não há pecado, que o que existe realmente são regulamentos escritos pelo próprio homem há centenas de anos atrás para que o mundo não caia em tanta violência e desgraça, para que não se torne difícil de se viver e que devemos gozar da vida única que é esta que vivemos. Disse também ele: — *Você é muito tolo, está perdendo todo o prazer que a vida lhe dá - mulheres, dinheiro, etc.. Veja onde você mora e onde trabalha. Quantas mulheres sedutoras e prazerosas existem e que levariam você aos mais deslumbrantes*

prazeres do sexo. Deixe de ser idiota, não posso acreditar nem aceitar que você troque todos os prazeres deste mundo por algo que não se tem certeza. Sua certeza das coisas que se diz serem de Deus não existe, pois elas não existem, foram criações dos homens para limitar as ações dos outros até sua morte. Como você ficaria se, ao morrer, descobrisse que não há vida alguma após esta e que tudo acabou para você e para quem morreu, sem viver a verdadeira vida de prazeres, meta do ser humano?

Além do que narrei acima, passo por situações difíceis, financeiras e outras, que me deixam impossibilitado de seguir tranqüilo como necessito.

Sinto um vazio dentro do meu peito e uma sede tão grande que não sei como saciá-la. Esta sede penetra na minha alma sem que eu consiga evitar. Ah, que quantidade enorme de amor necessito para saciar esta sede! É tão imensa que viverei o tempo que Deus me der sem que alcance o amor necessário para sarar a minha angústia. Sei que o amor que dou a Deus é menor do que qualquer outro dado por alguém. Duvido que seja suficiente para alcançar o Céu, mas, mesmo assim, tento chegar a Deus cultivando-o na minha alma. Se eu pudesse transformar em som a dor e a angústia que estou sentindo, o mundo inteiro ouviria um forte gemido de súplica a Deus para que coloque em mim o mais forte amor que possa existir para Lhe doar e acalmar assim a minha alma que tanto sofre. A minha dor maior é a minha ânsia em descobrir o que preciso sentir por Deus. Quero oferecer a Ele, mas não consigo saber, o que deseja a minha alma. Por enquanto, ofereço-lhe apenas a incógnita deste sentimento que, por ser tão puro e sincero, me angustia, mas que não preenche nem um pouco o vazio que se encontra em mim.

Por me sentir triste com essa secura no meu eu, agravei a ferida em minha alma quando tentei preencher meu tempo de recolhimento lendo Santa Terezinha do Menino Jesus. Percebi nessa leitura quanto custa a santidade, como é difícil chegar a ela e quanto é difícil, talvez impossível, amar a Deus como Santa Terezinha o amou na terra e, sei, mais ainda o ama no Céu, na simplicidade do seu coração. Não foi apenas sentimento, foi também demonstração sincera e constante. O amor de Santa Terezinha para Deus era o seu pensar, seu caminhar, higiene, alimento, prazer, lazer, vida, sentimento, meta, tudo, tudo o que entre a terra e o Céu existe de puro. É, por isso, que cresceu minha ferida na alma, pois é isso que me falta e que sei não chegar ao menos a me igualar ao sêmen que gerou esta santa ao comparar o meu amor ao dela. Dar um amor menor também não é nada, pois tudo recebemos d'Ele. Ter na alma o desejo de dar a Ele tamanho sentimento, sabendo que talvez nem na eternidade chegaremos a tê-lo, é saber que não sou nada e assim devo me posicionar, enquanto sofrendo lutarei para conseguir matar esta sede que em minha alma se encontra, num deserto com o sol causticante ou no alto-mar, náufrago, isolado, procurando algo a que me agarrar e tendo em cima de

mim um sol tão forte que me enlouquece de sede, com os lábios a rachar. Mas, creio, ainda chegarei com vida ao solo firme.

Por isso entre trancos e barrancos, entre esperança e sofrimento, ora vendo luz, mas muitas vezes no escuro, rezando e lendo, procuro aliviar essa angústia. Escrevendo, tento expressar meus sentimentos aos Céus e registrá-los para os homens.

Senhor, dá-me o amor que necessito para curar ou aliviar Tuas chagas e, assim, merecer de ti a misericórdia para todos nós.

ooo O ooo

A cada crescer do amor é maior os sofrimentos pelos nossos pecados.

Quanto mais amamos a Deus, menos compreendemos a indiferença e a frieza do homem.

Amar a Deus é sofrer com e pelos irmãos.

Sofro por quem se esquece do sofrimento do Senhor.

Ter mãe é ter orgulho de ser filho.

Nosso Senhor é tão maravilhoso e misericordioso que só poderia ter sido enviado pelo Pai e concebido através do Espírito Santo em uma mãe como Maria.

Amar a Deus é entregar-se confiante a Ele.

Ter fé é agradecer a Deus, mesmo em lágrimas.

Deus não escreve torto, nós é que entortamos as suas obras.

Deus nunca falha nem tarda, apenas chega na hora certa.

O imediato de Deus não é necessariamente o nosso breve.

O nosso tempo está em cada momento com Deus.

Um pecado nosso é uma algema em Deus; um arrependimento sincero é uma chave que abre esta algema.

Se opositor fosse realmente inteligente não nos jogaria nos braços do Senhor, apavorados com suas diabólicas investidas. Nós é que somos fiéis a Deus para perceber isso.

Se fizermos tudo o que o Senhor deseja, ainda é pouco pelo que Lhe fizemos.

O pecado só serve para saciar a carne e condenar a alma.

Duvidar dos Livros Sagrados é se acomodar à vida banal.

Vivendo é que demonstramos a Deus se somos gratos por existirmos.

A cada passo que damos obtemos do Senhor um sorriso ou uma lágrima.

Maior que meu amor a Deus é o amor que ainda quero Lhe dar.

A melhor maneira de amar a Deus está no desejo de alegrá-Lo através do amor pelo irmão.

Uma prova de amar a Deus está no desejo de amá-Lo sempre mais.

Por eu ser tão pequeno, somente Deus com Sua misericórdia pode me enxergar neste mundo.

Por ter fé é que sei que Deus me considera propriedade Sua, embora eu saiba que não sou nada.

Da maneira que vejo a maioria dos meios de comunicação de hoje, percebo duas coisas: a primeira, é que os responsáveis devem ser ateus, sem respeito ou pudor; a segunda, é que saciariam sua vida profissional se tivessem hoje como matéria de notícias o tempo de Sodoma e Gomorra.

ooo O ooo

Caminhei muito às escuras,
iludido e incorreto.
Hoje caminho sob a luz de Deus
com seus braços abertos.

Eu quero sentir um amor
tão profundo e ardente
que me faça tão feliz
na abundância deste prazer.
Sentir transbordar de mim
o amor que não consigo ter.
De tanto amor me queimar,
ó Deus, quero sentir!
Fico infeliz por não ter
aquele amor tão profundo
que me faria tão grande
em relação ao tudo.
Quero ser humilde e pequeno
no mundo que hoje habito,
mas, o maior amado Teu,
como deve ser um filho.
O meu coração de amor queimar,
meu corpo pelo amor ser levado,
através deste amor me santificar
para que no Céu eu possa ser
digno de habitar.
Do amor farei meu caminho,
no amor minha morada,
com o amor ser missionário
para ajudar os irmãos.
Quero do amor ser exemplo
de tudo que no além do limite
Deus nos deseja.
Para que na prática ou nas palavras
mostre aos irmãos
o motivo e necessidade da conversão.
Por não sentir este amor
que desejo há muito tempo,
peço a Deus que um dia
preencha todo o meu peito
com este amor
que quero sentir por Ele,
pois não o sentindo choro,
sofro e sufocado o almejo.
Não tenho palavras concretas
para a ninguém explicar

o quanto estou sofrendo
 por não conseguir amar.
 Aquele que é meu tudo,
 - Sem ele o tudo é nada,
 Aquele que enviou Seu Filho Amado
 para que sofrendo calado
 morresse para nos salvar.
 Ah, como sou vazio
 sem este amor que quero ter!
 Apenas este amor será um pouco
 do que a Deus hei de oferecer.

2 de abril de 1991, terça-feira

Na Matriz de Casa Forte, durante a missa de primeiro aniversário do falecimento de tia Licinha e de sétimo dia do falecimento de seu sobrinho Jairo, após ter recebido a comunhão e estando ajoelhado no corredor lateral da igreja, pois esta se achava superlotada, Nosso Senhor me falou em locução interior:

— Não sofras tanto, meu filho, pois eu já sofri por todos. Quero que te recolhas em oração ao chegar em casa, pois desejo te falar.

Na realidade, eu vinha sofrendo um pouco em consequência de fatos que ocorrem no dia-a-dia, como pessoas nossas sem rezarem, sem irem à missa, praticarem outras religiões e seitas, não acreditarem e acharem que a nossa caminhada é invenção minha ou de Helena e de tio Bazinho, etc..

Ao chegar em casa, tomei banho, jantei e fui assistir à televisão. Ao término de um jogo de futebol, desliguei o televisor e fui rezar. Orei ao Espírito Santo, à Rosa Mística e a Novena da Misericórdia. Depois, de joelhos, rezei o terço. Tive um pouco de medo ao sentir o opositor querendo me perturbar, mas, consegui ir até o final, pois havia sido orientado por Jesus para esse momento de recolhimento. Ao terminar o terço, sentei-me no sofá, já com a locução iniciada juntamente com o jogo de luz da vela e com a imagem de Rosa Mística iluminada.

Eis o que recebi de Jesus em locução:

— Meu filho, não quero que sofras tanto, pois esses sofrimentos já foram sofridos por mim.

Quero que fiques sempre à vontade quando quiseres ou te recolheres para conversar conosco. Não há nada de errado em ficar

sentado ou deitado, seja onde for. Não importa que estejas na sala, no banheiro ou na mesa, despido ou vestido, porque, para nós, o que interessa é a alma, não o corpo, pois não olhamos para o corpo. Sentar à mesa sem camisa, andar e falar deitado conosco sem camisa não nos entristece, porque o importante é que se esteja à vontade e com respeito, pois tudo isso são etiquetas ditas pelos homens, não por nós. No entanto, peço que sempre respeites a opinião dos mais velhos.

Quero que na próxima reunião faças o que tem de ser feito. E, do que deve ser feito, parte já sentes na alma e na mente. Não te preocupes, sê apenas fiel ao que sentes.

Muitas coisas foram ditas, mas, no momento, não consigo colocá-las todas aqui.

No final, sem eu esperar, Nosso Senhor me mandou pegar as imagens, terços, medalhas, Bíblia, etc., tudo de caráter religioso ou para esse fim, e levá-los à Sua presença para que Ele benzesse. Algum tempo depois disse-me Ele:

— Estou colocando nestes objetos unções e algo de mim mesmo. São graças especiais que fazem destes objetos presentes de graças enviadas por mim em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. Quem orar e pedir algo com a verdadeira fé diante de ou com algo que esteja aqui presente, ou quem rezar com um desses terços, obterá a graça que almeja, bastando que seja para o bem dele ou de alguém. Curas, conversões e outras graças serão por mim concedidas.

Na próxima reunião desejo que faças o seguinte: Manda os presentes fecharem os olhos e tentarem imaginar uma pessoa que não está comigo. Frisa bem que todos sempre terão a mim, pois neles resido. Após essa fase, pede para que fechem os olhos, por ser o melhor meio de não serem conturbados e desviados de suas concentrações. Inicia, então, uma oração pedindo graças para quem tem a verdadeira fé. Não te preocupes com as palavras, pois o próprio Espírito Santo te utilizará para tal.

Um beijo e um abraço.

Eu te amo. Nós te amamos.

4 de abril de 1991, quinta-feira

Em um determinado momento do dia, recebi esta pequenina locução de Nosso Senhor:

— *Falo-te agora para afirmar que tudo o que minha mãe benzer terá o mesmo valor, unções e graças de quando for bento por mim. Tanto faz eu ou ela benzer qualquer coisa.*

Algum tempo depois da locução encerrada, percebi por que São Judas Tadeu disse na locução do dia 18.2.91 que Nossa Senhora abençoou tudo parcialmente e que em breve haveria uma nova e definitiva bênção. Todos os terços e demais objetos já tinham sido abençoados por ela.

6 de abril de 1991, 1º sábado do mês. Reunião da Pequena e Grande Família na casa de Helena.

Durante o cenáculo fui orar na capela ao lado, por sentir necessidade. Ajoelhado, ouvi de Nosso Senhor estas palavras:

— *Filho, vai e faze o que deve ser feito.*

Não te preocupes com coisa alguma, pois estarei contigo todo o tempo.

Sabe que até na tua vida na terra, até no Céu, ajudarás alguns e não agradecerás a outros. Serás aceito por alguns e rejeitado por outros. Escuta! Eu mesmo até hoje sou desacreditado por muitos. Por ser desacreditado, fui apedrejado, expulso, ironizado e crucificado.

Vai e faze o que deves fazer.

8 de abril de 1991, segunda-feira

No domingo, passei a manhã e parte da tarde na granja com muitos dos que estiveram na reunião da família no sábado passado. Ao voltarmos, Luíza, nossos filhos, Joaquim, cunhados, sobrinhos e eu, fomos até a casa de meus pais, após termos almoçado juntos. Ao chegarmos, depois de Carlos e Ceça, meus cunhados, terem ido embora, deitei-me com Diego no quarto e logo adormeci. Era um pouco antes das 19 horas. Quase à meia-noite, levantei-me e fui tomar um cafezinho, pois não havia jantado. Como eu não tinha rezado o terço, fui para a sala com o terço bento por Nossa Senhora, o mesmo que ganhei de dona Bernadete, que mora em Itatiba - SP, e que veio de Medjugorje e que, desde janeiro até este sábado, estava com Waltinho e Wanúsia. Logo que rezei a oração ao Espírito Santo e à Maria Rosa Mística, recebi em locução interior uma mensagem de Nossa Senhora, mandando-me anotar de imediato o que iria dizer. Escutando a sua voz, escrevi:

— Filho, na próxima reunião debes dizer o que agora te falo.

Meu Filho enviou para a reunião próxima passada momentos profundos, com graças especiais e imediatas. Alertou para as tentações contra a fé, na maioria das vezes mostrando-as como indecisões, dúvidas, desinteresses e preguiças que muitos chamam de indisposição. Para muitos foi ocasião de uma verdadeira e urgente auto-avaliação, afirmo que no momento exato, nem cedo nem tarde, antes que iniciassem a descida angustiante e incorreta da montanha, pois, ali, essas pessoas iniciariam a descida até o fundo do poço.

No começo dessa referida concentração de almas, filhas minhas, *Meu Filho* te chamou na capela e te mostrou o quanto sabia Ele ser difícil aquele instante, alertando-te de que devido a circunstâncias como aquelas, quiseram apedrejá-Lo, foi ironizado, expulso e crucificado, pois foram momentos em que muitos não entendiam, como também foram momentos em que alguns agradeciam por sentirem que as palavras haviam sido a eles dirigidas enquanto que outros não as aceitavam.

Muitas vezes, até sua morte, Ele, *Meu Filho* e Senhor Nosso, passou por isso; sei, pois dou testemunho - não como simples mãe, porém, como seguidora de suas caminhadas - que, se Deus, Deus n'Ele próprio existente, não atuasse, o homem Jesus não conseguiria ter forças para tanto, pois o homem pela sua própria natureza foi e será sempre fraco enquanto homem.

Embora angustiado por não saber como serias recebido, tu, obedientemente, como já esperávamos que fosses, transmitiste para todos os teus irmãos, que se agrupam como tios, primos, irmãos, cunhados, amigos, esposa, todos sem exceção amados por ti, o que *Meu Filho* Jesus ordenou que disseses, pois no amor vives em nós e te alimentas.

Como sempre acontece e sabemos, nesta hora sempre surge o que é mais comum aos homens, ou seja, a polêmica, antes do aceitar ou fazer. É claro que isto é necessário, mesmo porque desta ocasião sentirão o resultado, o fruto como resposta.

Nada enviamos que não tenha sentido para a alma. Infelizmente, o que contém esta alma é fraco, isto é, o corpo, a carne, veículo de todo pecado.

Muitos, no início, esqueceram-se do importante: o Senhor não lhes deixará, sempre estará com vocês.

Todos, sem exceção, colocaram dúvidas, muitos até se exaltaram mais que outros, dizendo: “Como é possível acontecer isso? Como posso me sentir sem Deus?” Ah, não sabiam eles que tudo para nós tem apenas o seu tempo de vir e, hoje, um mês após, veio o verdadeiro motivo!

Deixamos passar todo esse tempo, sendo aquele momento o assunto do mês em muitas ocasiões, em que por várias vezes foste alvo de críticas e dúvidas. Alegra-te, pois apesar disso foste capaz de lhes transmitir um instante de reflexão, embora tenham te condenado.

Assim, vejamos:

Todos, sem exceção, em silêncio, atentem e meditem no fundo da alma.

Em primeiro lugar, desejo que se lembrem da afirmação arrogante que fizeram: - “Como posso pensar em estar sem Deus?!” Sim, lembrem-se sempre deste momento, pois, todos esquecem isso quando saem da missa, cenáculos e de ocasiões como esta de hoje. É muito fácil se mostrar ofendido e achar impossível pensar em estar 30 segundos sem Deus, quando, na realidade, o que geralmente acontece é, sim, esquecer-se e ficar-se apenas com o “Deus conosco” e nunca com o “vós com Deus”. Pergunto: Pecar é estar com Deus? Então, por que as críticas, as ofensas, ligar-se a cenas obscenas da televisão, que peço para desligar, quando a alma se aflige e corre perigo? Por que ferir o próximo com agressões, indiferenças e tudo o mais que no fundo da alma sabemos ser errado?

Ah, e as orações? E os encontros com Deus em sua morada? Ali está o Santíssimo, ali está o verdadeiro momento de afirmarmos toda a nossa paixão e fé e dizermos ao Senhor: - “Senhor, estou aqui para agradecer por existir, por ter podido caminhar durante todos esses dias que antecederam a este momento. Obrigado Senhor por estares sempre comigo. Senhor, eu realmente quero também retribuir esta presença Tua em mim, certo de que estou também conTigo. Eu não só te amo, Senhor, eu sou Teu e Te adoro.” E agora, quantos de vocês vão poder dizer isto com as palavras cravadas na alma em vez de colocadas apenas na língua? Falem sempre com a alma, principalmente nestes instantes. Falem todas as vezes que tiverem vontade e dúvida. Peço apenas que esperem a ocasião adequada, pois muitos estarão com a alma em chama e não suportarão tumulto.

Na verdade, todos que se expressaram naquela oportunidade do dia 6.4.91 falaram o que realmente acontece com a alma pecadora. Assim, analisem:

- Primeiro, o meu filho Flávio. Viu muitos com o Senhor e outro distante. Realmente, embora o Senhor com seu amor e misericórdia esteja com ele, esta pessoa não está com o Senhor, pois se estivesse não estaria em pecado, ou não pecaria;

- segundo, Julieta. Escuridão e pavor, quis abrir os olhos e não conseguiu. Isso realmente acontecerá no Juízo Final. O homem, ao se defrontar com Deus, estará sujeito a viver na escuridão, arrependido e

querendo ter a Ele, mas, nada mais será feito. Os olhos fechados são, na verdade, a ausência do Pai Celestial em sua vida;

- Amparo. Sempre a agradável Amparito, não é Helena? Seu sofrimento, embora por alguns segundos, tornou-se longo tempo. Não poderia deixar de acontecer, é de seu feitio amar tanto e sofrer junto a quem ama, ou seja, a todos. Ela, Amparo, mostrou o verdadeiro sentimento do cristão, o amor, o mais importante mandamento do Nosso Pai. E, ao mesmo tempo, difícil de explicar na íntegra, sentiu o sofrimento de uma alma em pecado. Diga-se de passagem, é claro que não é o caso da sua alma, a alma bela de Amparito;

- muitos apenas viram a escuridão, apenas a escuridão. Ah, não é apenas a escuridão! Significa o que chamam fundo do poço; e

- outros, felizes, não viram nada, nem ao menos Deus, e, sim, nada. Esse é o purgatório.

Prestem atenção, ninguém aqui presente viu seu próprio julgamento final. Uns viram algo para poder se expressar, servindo apenas como exemplo do que desejou Meu Filho, Vosso Irmão e Senhor Nosso.

Lembrem-se, Deus perdoa os arrependidos e, para isso, sempre estará de braços abertos dizendo constantemente: - “Vinde a mim as criancinhas, que são todos vocês”.

Aderbal, por que esta preocupação? Não confias em mim?

Agora estou triste, pois, muitos de vocês usaram o nome deste meu filho Reinaldo nestes dias como escravo no tronco, onde o chicote foi a crítica, a calúnia e a falta de credibilidade nas graças que enviamos através deste irmão. Lançaste a primeira pedra que te veio à mão. Mas, por ordem minha, humildemente, ele, Reinaldo, meu filho amado, devolverá a mesma, não a arremessando contra ti, mas, em tuas mãos, para que a guardes como símbolo da lição que agora aprendeste, como o freio definitivo a esta reação tão desagradável e entristecedora. Não peças perdão a ele, pois sabes bem que ele, Reinaldo, está sujeito a cometer o mesmo erro. Porém, de coração, fecha os olhos e pede perdão a Deus por todas as pedras que lançaste aos irmãos durante toda a vida.

A ele, Reinaldo, encoraja-o. Se há alguém que necessita deste afeto e conforto, aí estão duas almas que se juntam para ajudar a tantas outras no caminho do Céu, Helena e Reinaldo.

Unidos agora no conforto dos meus braços, fechem os olhinhos com fé, dizendo na alma, com o coração:

Senhor, dá-me a confiança e a fé que necessito, a força que almejo, o amor que é tão íntimo e somente trínito, para que eu possa caminhar como devo e agora quero para conseguir o Céu, e ali, dando

graças, sentir sempre o Deus Pai por toda a eternidade. E, antes disso, que eu seja testemunha exemplar de Teu amor misericordioso.

Senhor, chegando até a Ti através de Tua mãe Maria, Teu pai por adoção José, todos os Santos e Coros Celestes, ao som de suave canção entoada por todo o Céu, caso seja do Teu desejo, atende o que unidos aqui na terra, insignificantes, humildes, pecadores, mas, filhos de Deus, pedimos neste momento e por todo o sempre:

- a conversão dos que agora vejo em minha mente e de todos, iniciando pelos mais necessitados (nomes);

- a cura dos meus que agora Te falo (nomes), não apenas para saciar o meu desejo, mas, com o objetivo de que, ao serem curados, possam esses enfermos dar testemunho da Tua verdade e misericórdia; e

- atende, Senhor, o que Te suplico agora neste momento (pedidos).

Meu Senhor, curaste leprosos, cegos e aleijados e ressuscitaste crianças, jovens e adultos, como sabemos de Lázaro. Nisso tudo cremos, Senhor, e, por crermos, pedimos que nos cures das dores do corpo, das dores da alma, da angústia, da fraqueza, deste mal que reside no meu corpo, consequência de sermos frágeis. Enfim, meu Senhor e meu Deus, tem misericórdia de nós e de todo mundo com a mesma intensidade com que sofreste cada dor em tuas chagas.

Senhor, meu Salvador, dá-me Tua força somada à de Tua Mãe e de Teu Pai José durante toda a vida que passaram aqui na terra, para que eu possa, a cada momento, diante de Ti, dizer: Senhor, eu correspondo a Ti, com Tua presença em mim, estando também sempre conTigo. Amém!

Obrigada.

Paz, oração, sacrifício, penitência, amor, muito amor.

Amo a todos.

Vossa Mãe, Maria.

No final desta mensagem e oração, Nossa Senhora, ainda em locução, enviou os seguintes recados (omitirei alguns particulares):

— Aderbal e Helena: Reunir Conceição, Everaldo, Fernando, Ceciliano (filho), Bezita, Plínio, Dione, Waldir, Erundina, Dinaldo, Jackson e Betânia para prepararem a Páscoa de toda a grande família.

Cada opinião deve ser respeitada, pois todos sentem necessidade de contribuir.

Não se pode parar aquilo que deve crescer. Se se louvar uma vez, deve-se louvar sempre mais.

Deve-se, a cada momento especial como esse, demonstrar satisfação, desempenho e não deixar de fazer bem feito por achar que não se deve ou que a coisa não merece esforço.

Tudo o que se faz corre-se o risco de elogios e críticas, mas muitos que criticaram ontem elogiaram hoje.

Quem está satisfeito mostre alegria; quem está triste alegre-se.

Este momento que preparam é o reencontro feliz com Deus. Assim, como deve ser planejado?

Conceição e Betânia deverão convidar José Vieira, cunhado e tio, para fazer parte desta elaboração.

Aderbal não tomará parte.

Helena e o padre celebrante apreciarão o conteúdo após estar preparado.

Cabe a Waldir, Ceciliano e Jackson se encarregarem de levar a elaboração à apreciação de Helena e do padre celebrante.

Convidar a todos, principalmente parentes de sangue mais próximos, sem exceção.

- Julieta, Sérgio, Marcello, Danielle, Kleber, Isabelle, Paulo Henrique, Eduardo (Júnior), Waltinho, Socorro (tia Socorro) e Francinne: não retardem o que tem urgência de ser feito. Iniciem o trabalho com os jovens.

Os jovens terão muito trabalho nesta luta.

Procurem unir não somente a comunidade do Barro, mas todos os jovens possíveis, formando uma grande irmandade dentro da minha e nossa família.

Persistam no bater à porta de cada coração fechado.

Tragam logo para junto de vocês, em primeiro lugar, Saulo, Tereza, os sobrinhos de Mércia, os sobrinhos de Reinaldo e os irmãos desses jovens.

Cada momento deve ser caminhado no mais puro desejo de nos ajudar a agrupar esse rebanho que ora se encontra desgarrado.

Juntem-se os jovens e cheguem à casa de cada um pessoalmente. Convidem-nos a participar das festas e encontros. Ajam naturalmente como já vinham planejando. Para isso, Danielle, Kleber, Julieta, Marcello e Sérgio esclareçam tudo a Socorro e vejam o que ela tem a dizer. Respeitem sempre as idéias dela, tentando uní-las às de Reinaldo, mas, caso haja divergência de opinião entre ambos, analisem juntos, porém, como é ela Socorro, que estará à frente de vocês, prevalecerá sua opinião se não houver solução satisfatória entre o grupo.

Alimentem as necessidades que os jovens, sem ferir os Mandamentos, desejam e nas quais se realizam. Após alimentá-los, dêem aos poucos, sem exigir, aquilo que é a nossa meta - conversão.

Comecem a uní-los pelos mais fáceis de ligação, tanto na aceitação como na distância de onde moram em relação a Socorro.

No final desta parte fui para a sala e, após rápidas palavras, disse Nossa Senhora, encerrando:

— Se um dia eu chorar aqui através desta imagem, não fiques triste, pois não é este lar o motivo destas lágrimas. No entanto, debes deixar que façam com esta imagem o que deve ser feito.

Um beijo e um abraço, meu filho.

18 de abril de 1991, quinta-feira

Fui à casa de Helena Siqueira, minha orientadora. Lá encontrei o Padre Antônio Maria Martins a conversar com ela. Na ocasião, Helena lhe revelou as graças que Nossa Senhora nos está dando, família partícula da sua grande família do mundo.

Após me pedir para rezar por ele, claro que apenas por ser mais uma alma a reforçar sua proteção na oração, Pe. Martins despediu-se e foi embora.

O restante da tarde e parte da noite ficaram reservados para Helena me esclarecer e orientar sobre dúvidas que tinha. No final, já para ir embora, falamos sobre uma pintura de seu pai na sala. Perguntei-lhe, então, se havia uma de seu irmão. Não, respondeu-me, não tenho, mas tenho fotos dele. Pegando a caixinha das mãos de Amparo, foi me mostrando uma por uma as fotos dos seus parentes e amigos. De repente, peguei uma foto de um padre que tenho certeza ser o mesmo que vi na locução do dia 18.2.91. Perguntei a Helena quem era e tive como resposta uma bela história como revelação importantíssima na vida dela e que agora faz parte da nossa caminhada. Disse-lhe, então, que aquele era o rosto que ví na locução de São Judas Tadeu. Dias depois, Nossa Senhora me falou que o motivo da roupa ser diferente era apenas para gravar em mim a imagem concreta de ser aquele busto o de um padre e que, portanto, bastava a lembrança do rosto e a certeza de ser um padre para descobrir de quem se tratava. Foi o que ocorreu.

28 de abril de 1991, domingo. Depoimento de Patrícia Amaral, minha sobrinha

— *Tio, ontem eu estava olhando a imagem de Nossa Senhora quando, de repente, o seu rosto começou a ficar vermelho e não parava de ficar assim. Eu passava a mão, ela porém não parava de ficar vermelha. Dado momento, a sua boca se abriu e estava sorrindo e vi o branco dos seus dentes. Por que, tio, ela sorriu para mim?*

Respondi-lhe e pedi para que guardasse segredo.

Essa imagem é uma das que foram bentas por Nossa Senhora e depois por Nosso Senhor e que Luíza, nossos filhos e eu presenteamos a Ana e aos seus dois filhos.

29 de abril de 1991, segunda-feira

Triste, peguei o livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora”, do Movimento Sacerdotal Mariano, 11ª edição, abri ao acaso e tive uma forte resposta ao meu atual estado de espírito: “2 de setembro de 1980, Nova Iorque, Estados Unidos - *O obstáculo da grande divisão*, página 268” e “8 de setembro de 1980, Inverness, Florida, Estados Unidos. Natividade de Maria Santíssima - *Virá a vós como fogo*, página 269.” Logo depois fui para a sala, saindo do meu quarto, e, do mesmo jeito, o reabri e li o que está na página 48; “8 de junho de 1974 - *Quero fazer reviver Jesus*”. Em seguida li as páginas 325 e 326 do livro “Imitação de Cristo”, Editora Ave Maria Ltda., S. Paulo, 17ª ed., 1987.

Sinceramente, ao finalizar estas leituras, nada mais tinha a fazer senão entender o árduo caminho, o porquê e o quanto é e será difícil caminhar nessa estrada, com essa missão e diante dessa difícil e pequena e grande partícula dentro toda a família de Nossa Senhora. Retomei as forças e me preparei para mais um dia de trabalho.

2 de maio de 1991, quinta-feira

Senhor! Minha Mãe Santíssima!

O quanto estou sufocado pela angústia e excitação espiritual só nós realmente sabemos. Sabeis também o porquê desse estado de alma no qual ora me encontro. Por isso, perdoai-me caso eu seja rude nas palavras. No entanto, não posso guardar algo que realmente me aflige e angustia. Senhor, meu Irmão e Pai, tu mesmo me disseste uma vez que preferes ouvir de Teus filhos aquilo mesmo que já sabes, para que pelo som da nossa voz chegando a

Ti sintas a intensidade do desejo, do amor e do arrependimento em que nos encontramos. Sendo assim, aflito e sem saber mais como proceder, falo-Te agora escrevendo, para não deixar de registrar no papel aquilo que está cravado no meu coração.

Meu Senhor! Minha Mãe, Santíssima Virgem! Por que as coisas são tão difíceis?

Senhor! Senhora! O que necessito fazer para poder ser ouvido e atendido no que há meses venho pedindo? Na verdade, nada peço para mim mesmo, mas, sim, para os outros, coisas até que ajudariam a milhares. Tu sabes, ó Pai, que tudo o que peço será transformado em testemunho da Tua existência: é urgência nas conversões e amor entre os irmãos do mundo inteiro. Quanto a mim, encontro-me num estado de alma em que ainda luto contra mim mesmo, contra meus próprios pecados e defeitos. Contudo, sinto que o que vejo e ouço são realmente graças de um Pai, Irmão e Mãe que, nos amando, tentam a todo custo nos conduzir pelo caminho certo, onde a luz do Espírito Santo nos mostra que esta é a via que nos conduz ao Céu.

Não é fácil acreditar nos nossos irmãos que nos mostram, a partir de visões imaginativas e locuções interiores, o quanto será compensadora a conversão e a vida de oração no amor para com o próximo, unidos pelo mistério da Comunhão dos Santos.

Senhor e minha Mãezinha! Por que não me atendeis ou pelo menos não vos pronunciais em relação ao que peço e ao que me dedico para que algo aconteça em benefício de nossa caminhada, dessa nossa missão?

Inúmeros são os pedidos a mim dirigidos para que, no momento das minhas orações e/ou intimidades convosco, suplique por eles e por suas intenções. Se forem atendidos, façam com que tudo seja transformado em testemunho da Tua graça misericordiosa. Aproveito agora este momento íntimo para dizer que não peço um lugar de destaque entre os homens, mas que todos os nossos, ao verem e sentirem as graças chegarem através das minhas súplicas, comecem a atender o desejo de Nossa Mãe Santíssima, Virgem Maria, de nos ver seguindo os passos de Seu Filho Jesus.

Senhor! Senhora! Dai-me uma resposta, uma solução, para a aflição e angústia que ora sinto e que não consigo transmitir.

Agradeço de coração as graças e curas que aconteceram em resposta às nossas orações.

Senhor! Abre os corações fechados dos nossos para que possam perceber as graças que estamos recebendo. A ti apelamos para que nos convertamos antes que seja tarde.

10 de maio de 1991, sexta-feira

Em casa, pela manhã, após orar, estava lendo os Evangelhos da semana anterior e os desta semana, inclusive os Santos de cada dia, pois precisava reorganizar os meus momentos de recolhimento, oração e leitura, já que ultimamente não tenho conseguido, embora deseje angustiado fazer isso. Nesse ínterim, Nossa Mãe Santíssima me falou, suave, pausada e firmemente:

— Meu filho, a partir de hoje quero que te recolhas em ti mesmo, sem falar nada sobre assuntos religiosos e principalmente sobre esta caminhada. No entanto, tens a liberdade e o dever de atender alguém em particular que necessite e que te peça, como também o de participares das reuniões da Pequena e Grande Família. Quanto a isso nós te orientaremos. Por outro lado, apenas tua mãe poderá saber o que se passa e, isso, por consentimento nosso, além de Helena, Pe. Valdenito e quem deverá saber, pois são eles os responsáveis pela tua orientação e pelos estudos sobre essa graça.

Para que voltes a falar, dialogar e transmitir algo espontaneamente, espera o sinal para isso.

Dias depois comentei alguns assuntos sobre a caminhada, graças, curas, etc., com Plínio, Dione e mamãe. Neste mesmo dia Nossa Senhora me repreendeu, dizendo firmemente:

— Nem isso quero que aconteça. Não debes falar nem tão pouco expressar ou manifestar opiniões sobre nada que não seja liberado por nós.

Recolhe-te em ti mesmo em tudo e sobre tudo até segunda ordem!

Após essa locução a minha sede cresceu em relação à leitura, apenas a leitura exclusiva de um livro. Percebi o porquê e para que sou conduzido à leitura do mesmo.

É necessário ressaltar duas coisas importantes no estado de alma em que me encontro. A primeira é que não consigo ouvir nem fazer oração vocal, pois, fico intranquilo e impaciente e, por isso, os cenáculos são insuportáveis para mim, como também os terços. Assim, fico meditando e, no meu íntimo, dirijo-me ao Pai através de Nossa Mãezinha, de Nosso Irmão Jesus, dos Santos e dos Anjos. A segunda é a leitura, pois, percebo que, quando não sacia o meu espírito, perco o estímulo e não a continuo, as frases então se embaralham e não consigo ler; e, se forço, os meus olhos ardem e lacrimejam. No entanto, se o assunto coincide com a necessidade da minha alma naquele momento, leio até o livro todo, tranquilamente e captando tudo facilmente.

Sinto-me intranquilo por não conseguir atender os meus próprios anseios e outras obrigações de cristão e de cidadão. Sei o que necessito e quero fazer, mas não consigo me concentrar. Desse modo, sinto-me impotente, incapaz e em falta para com essa obrigação e, por isso, me angustio. Não consigo realizar aquilo por que luto para ser fiel a Deus e a minha própria vontade.

Ultimamente, também as visões imaginativas não estão ocorrendo. No entanto, há diálogos constantes entre nós através de locução interior, isto é, perguntas e respostas, esclarecimentos, repreensões, alertas, etc.. Em certa ocasião exaltei-me aborrecido e fui ríspido com Nosso Irmão e Senhor, porém, na mesma hora, tranqüilo, suave e firme deu-me uma resposta que me obrigou a revelar. Enquanto conversava com Helena e ela me falava de sua noite passada, quando sofrera dores enormes em sua perna e coluna, eu dizia aborrecido a Jesus: Estás vendo, Senhor?! Como podes permitir isso? Estás escutando dela mesma! Sabes que ela vive na fé e na confiança em Ti. Conheces a fidelidade que tem a Ti, a Teu e Nosso Pai, a Tua e Nossa Mãe e a todos os Santos e Coros Celestes! Tu vês as noites que ela passa sofrendo, mas, no entanto, nem as dores és capaz de sanar! Perdoa-me, Senhor, mas não consigo aceitar isso! Como posso, se sei que nada negas a ninguém! Sinto muito, mas, atendo-me à liberdade que me deste, ao me dizer que “entre irmãos não deve haver cerimônia”, digo: Senhor, está difícil de aceitar esta condição e até mesmo esta espera; se colocaste Helena como a chave das diversas portas da minha caminhada, como não dás a ela a saúde do corpo, já que o restante, por Tua graça, reconheço, ela conserva perfeitamente bem? Neste mesmo momento disse-me Ele:

— *Calma! calma! Fica calmo! Digo, novamente, que tudo vai como deve.*

Continuou firme e decidido:

— *Se eu te mandar agora ordenar à Helena que se levante e ande normalmente, és capaz de fazê-lo?*

Neste momento parei e vacilei. Confesso que minha resposta foi: Não, acho que não! Então disse-me Ele:

— *Estás vendo, meu irmão?! Como posso fazer o que pedes, se tu mesmo sabes que não estás pronto?*

Nesse mesmo dia perguntei à Nossa Senhora se poderia reunir os doze escolhidos. Imediatamente tive sua resposta:

— *Não! Aguarda que o sinal será dado.*

Conquanto as tentações em relação à fraqueza da carne e aos Mandamentos estejam acontecendo, já não está sendo tão difícil de superá-las, embora ainda aconteçam em pensamento ou, raramente, em atos, sem muita gravidade.

15 de junho de 1991, sábado

São 22 horas e estou na granja. Digo que há três dias o opositor vem tentando me apavorar com suas ameaças de investidas como as anteriores, mas, pelo menos, até agora, estou conseguindo ficar tranqüilo, principalmente porque Nossa Senhora continua me afirmando que a vigília contra essas possíveis investidas permanecem com a mesma intensidade, inclusive a dela própria.

A dedicação da família em relação à Capela de São Miguel, no Espinheiro, Recife, cresce e hoje caminha com mais decisão por parte de alguns dos nossos, inclusive do Pe. Barros.

Vale à pena dizer que nem mesmo os livros que estou lendo me é permitido dizer quais são.

Sinto que momentos passados estão sendo esclarecidos no meu próprio interior, como, por exemplo: Por que Domingos Sávio em minha primeira visão imaginativa?

23 de junho de 1991, domingo

Hoje, véspera do dia de São João, encontro-me como o velho que sempre todos os dias entrava na igreja e ficava ali ajoelhado horas a fio. Era ele pobre e humilde. Um outro homem, que também ia a esta igreja, observava-o a rezar e, um certo dia, perguntou-lhe o que rezava, ao que respondeu: — *Nada, pois não sei rezar.* Perguntou-lhe ainda, como falava com Deus. Disse-lhe, então, o velho: — *Ah, nós nos entendemos muito bem! Eu me ajoelho, fico olhando para Ele (o Santíssimo) e Ele fica olhando para mim. Assim, Ele me entende e eu a Ele.*

No meu caso a coisa vem acontecendo mais ou menos desse jeito, pois não consigo transmitir o que sinto e passo, devido a ser tão confuso o

meu momento atual. Com este estado da minha alma, que já se faz longo, fico impaciente e sofro até mesmo a falta de ambiente que ela, minha alma, deseja. As pessoas me incomodam e o barulho, por mínimo que seja, deixa-me impaciente. Meu desejo é estar mais ou menos aonde me encontro agora, isto é, na granja do meu pai. No entanto, apesar da bela natureza, com suas árvores, o rio, os pássaros, etc., vejo que não é este ainda o local, embora veja na alma um lugar calmo e fresco, com árvores frondosas e água cristalina correndo em seu leito. Ali, sentado no chão, à sombra de uma grande árvore, mergulho em uma profunda oração, ao som do canto melodioso dos pássaros e iluminado pelo sol. Neste ambiente e através deste mergulhar na oração, conseguiria, com certeza, dizer tudo que há muito tento. É óbvio que eu sei a compreensão do nosso Pai Celeste no tocante ao que Lhe quero falar, porém, sei também que só ficarei confortado quando conseguir me dirigir a Ele em palavras, tamanho o sufoco que me engasga. Saciarei, assim, o desejo de com Ele me comunicar, mergulhado numa oração tão profunda quanto possa uma alma neste mundo. Neste instante todo o Céu compartilharia. Na verdade, meu corpo ali só representaria o homem junto à natureza. Seria um corpo pecador, unido aos animais inocentes e irracionais, em contato com a vegetação e tudo que Deus criou. Não desejaria a companhia de outro ser humano, que neste período me incomoda, como também me incomoda a oração vocal, a voz do homem ou qualquer som que ele possa produzir. O incômodo é tão forte que penso até estar com os ouvidos mais aguçados. Até mesmo a minha voz me incomoda. Assim, todas essas coisas, inocentemente, deixam-me impaciente. É claro que busquei este local aqui na granja, onde há realmente árvores, rio, pássaros e sol, mas, no entanto, ainda não é este o ambiente que pede minha alma. Chego mesmo a pensar que não o encontrarei aqui neste mundo. O pior é que, nesse estado em que me encontro, impaciente e incomodado, vem a angústia de não conseguir saciar o meu desejo de mergulhar em oração. Completando tudo, há a difícil tarefa de escrever por necessidade do meu eu, pois somente assim consigo dizer um pouco do que passo. Mesmo que conseguisse fazê-lo por completo, ainda assim não poderia, devido à ordem que me foi dada por Nossa Mãezinha Santíssima. Com esse silêncio e proibições fico isolado, sem diálogos, perguntas, respostas, esclarecimentos e orientação. Só com muito esforço é que consigo dizer o que estou sentindo à Helena, minha querida mãe espiritual e orientadora, e registrar tudo para que sirva de estudo e análise por Pe. Valdenito ou por quem de direito.

Como posso expor tanto se o nada bloqueia o tudo?

Sinto que o transbordar de amor toma todo o meu ser, enquanto sufocado espero o momento de se abrirem as comportas dessa represa para que, aliviado, possa banhar o exterior, permitindo, então, o deslizar suave das

graças celestiais no leito dessa estrada, irrigando todas as sementes plantadas em cada oração.

Sinto-me como um cálice que ainda está recebendo um espumante champagne, mas que, a qualquer momento, transbordará eternamente o mais saboroso líquido nesta festa de núpcias, do qual outros cálices serão alimentados e passarão a transbordar e alimentar outros.

Os momentos sem visões imaginativas e locuções interiores tornam-se séculos de saudade e angústia. Contudo, mostram que nada sou se Deus não quiser que eu seja. Nada faço nem farei se não for Deus atuando em mim.

O recolhimento cada vez mais se torna necessário e profundo. Sei que após o dia de hoje deverei evitar diversos locais, até mesmo e principalmente os ambientes onde estejam pessoas do meu convívio e conhecimento, para que não piore o meu estado de alma, conforme já descrevi antes. Na verdade, a ordem que recebi é para conviver nesse período apenas com Luíza, nossos filhos e, é lógico, com Helena e com quem de direito nesse assunto, além das pessoas com que convivo no ambiente de trabalho.

Nesta madrugada, há quase uma hora da manhã do dia 24, estávamos quase todos sentados em volta da fogueira quando, ao olhar para a lua, verifiquei que estava estampado um rosto tão nítido que achei possível ser visto por outra pessoa. Estávamos brincando descontraídos e a olhar para o céu na curiosidade de ver as estrelas e verificar a possibilidade de amanhecer com ou sem chuva. Ao me levantar para ir dormir, chamei minha irmã Dione e pedi que procurasse algo na lua. Pela manhã, perguntei-lhe se havia visto alguma coisa e ela me respondeu que não. À noite, em casa, saí do quarto e fui para a sala, de onde vi uma claridade fraca e prateada no ar. Fui até a varanda, olhei para o céu e vi a lua mais próxima do que o normal, de um amarelo suave e quase totalmente tomada por um nítido rosto de perfil. Senti, imediatamente, que era o mesmo rosto que vi estampado de madrugada, porém, mais escuro - era o rosto de São Francisco de Assis. Fui ao espelho verificar se ele tinha alguma semelhança comigo, mas, tenho certeza, era o rosto do santo. Por algum tempo tentei ver a lua como ela geralmente se nos apresenta; saí várias vezes do local, mudei de posição, porém nada mudava. Imaginei-a até de cabeça para baixo, mas, foi inútil. Outro fato curioso é que todas as noites eu a vi próxima do Cruzeiro do Sul, mas, nesse dia, apesar de ser uma noite estrelada, ele, o Cruzeiro do Sul, não se achava ali e o rosto do santo olhava justamente para o local onde ele aparecia.

ORAÇÃO DO SILÊNCIO

Eterno Pai!

Obrigado por poderes sentir o que desejo dizer e que não consigo. Fico aliviado em crer que sou também Teu filho. Conforto-me em saber que do Teu amor misericordioso recebemos essa Sagrada Família - Jesus, Maria e José - que, na intimidade e amor conTigo, roga e intercede por nós. Ó, Senhor, como é fortalecedor podermos seguir o exemplo de São Domingos Sávio, Santo Agostinho, Santa Tereza, Santa Terezinha, São Judas Tadeu e muitos outros na confirmação do Teu amor e na certeza de podermos chegar à santidade.

Pai Eternamente Misericordioso, neste momento de angustiante silêncio causado por não conseguir rezar, minha alma se ajoelha e meus olhos se voltam para o céu e, tendo a certeza de que estás de braços abertos, coloco-me como sou, insignificante filho Teu, para aceites e atenderes tudo aquilo que desejo Te falar e pedir e não consigo. Posso dizer a mim mesmo que lutarei para ser sempre fiel e para estar sempre conTigo, como estás sempre em mim e comigo.

**Obrigado, Pai Eterno, por me escutares através do meu silêncio.
Amém!**

Neste período angustiante que atravesso surgem momentos de clareza. Eles são rápidos e geralmente me pegam de surpresa, quase sempre quando estou indo no ônibus para o trabalho. Nesses rápidos instantes surgiram os esclarecimentos que senti profundamente na alma, chegando a sorrir admirado da maneira como vieram e de onde vieram.

A primeira explicação foi a visão que tive no início das locuções, ou seja, em 10.10.89, quando vi o jovem São Domingos Sávio e, em seguida, a estranha identidade de sentimento e de vida com Santo Agostinho, que tive conhecimento quando buscava resposta para o que se passava comigo.

De São Domingos Sávio me vem a certeza de uma caminhada difícil e importante. Trata-se de uma luta para passar de pecador a santo, que deve ser a meta de todos aqui na terra para se eternizarem no Céu, de uma batalha constante para afastar o opositor da minha caminhada, defendendo-me das suas emboscadas e tentações. Mostrou-me ele também a necessidade de buscar forças para esta caminhada. Para isso devo seguir os seus passos, caminhando sobre suas próprias palavras e decisão de vida que ainda jovem determinou: — *Antes morrer que pecar e comungar sempre que o sacerdote permitir*. Com ele aprendi que devo estar sempre bem com Deus, afastando

ao máximo o perigo de estar vulnerável ao opositor, como também procurar conviver com as outras pessoas nesta caminhada.

Já Santo Agostinho, esse grande exemplo de amor a Deus, é o marco zero desta nova vida que hoje levo, como também é o exemplo da minha fraqueza anterior. Foi nele que me sustentei para obter a força necessária para esta caminhada, na luta contra as tentações, inclusive a maior delas, a da carne. Foi lendo a sua história que tive a certeza de que podemos deixar de ser pecadores para nos tornarmos santos. Da sua vida veio-me a credibilidade da minha conversão após tanto caminhar erradamente. É lógico que não conseguirei chegar a igualar-me a ele, porém, seguindo seu exemplo e seus passos, conseguirei crescer bastante na santidade que busco.

25 de junho de 1991, terça-feira

Meu Deus! Deixa que eu Te fale em silêncio o que não consigo dizer rezando. Recebe tudo com toda a força que sai de mim, para que eu não sofra mais a angústia desta prisão do meu transbordar de amor para conTigo. Atende-me como Teu filho pródigo que, contrito, volta correndo para, aquecido no fundo do Teu coração, viver por todo o sempre orando, adorando e servindo a Ti. Amém!

6 de julho de 1991, sábado

Se eu fosse escrever tudo o que acontece comigo ainda hoje em relação ao meu estado de alma, seriam apenas alguns fatos que eu acrescentaria ao depoimento que fiz em 25.06.91. Reforço, porém, o problema das tentações e investidas do opositor, que se tornam mais sérias e fortes ao ponto de me tornarem mais angustiado. Entretanto, consigo superar, pelo menos, as tentações dos pecados graves, não permitindo que se alegre o infeliz demônio. Sinto também, inexplicavelmente, dificuldade de rezar. E, por não estar, portanto, conseguindo rezar como desejo, sofro confusamente, sufocando-me entre o meu real desejo e o inexplicável.

Confesso que ainda não segui completamente o que me ordenou Maria. Agradeço, contudo, por saber que ela entende o porquê, mas, espero que me mostre o quanto deseja que seja realizado, o mais rápido possível.

Hoje, pela manhã, acordei, como sempre, esperando que não fosse assim, isto é, desanimado em sair de casa, principalmente para ir à reunião da **pequena e grande família dentro da imensa família de Nossa Senhora**. Esta denominação me foi dita por ela mesma em uma recente locução,

quando se referia ao nosso grupo, que antes chamava de **pequena e grande família**. Como se vê, aí está o que realmente representamos como grupo de oração e de missionários, pois, individualmente, já sabemos que somos seus filhinhos queridos.

Bem! Por muito relutar, fui com Luíza e os meninos para a casa de mamãe e, por ser dois ônibus para ir e dois para voltar, sempre incomodamos alguém para nos trazer de volta para casa devido à hora adiantada. Ao chegarmos, avistei Marcello, filho de tio Jackson, no terraço. Confesso que pensei logo na possibilidade de ter de ir com ele para a reunião, pois, é claro, não o deixaria ir sem companhia. Minutos depois, perguntei-lhe se estava animado para a reunião, recebendo uma resposta negativa e explicações de desânimo. Confesso a coincidência com o que eu também sentia, mas vi crescer em mim a responsabilidade de não deixá-lo desistir. Após o almoço, Paulo Fernando, filho de tia Bezita, chegou e tratei logo de chamá-lo e, desculpando-me, pedir que levasse Marcello quando fosse para a reunião. Naquele momento, o desânimo aumentou e fui para o quarto a fim de dormir, sabendo que ali ficaria até tarde. Logo que me deitei, olhei para a imagem grande de Maria, Rosa Mística, e disse, não para a imagem, é óbvio, mas para a minha Mãe Santíssima: Minha Mãe, perdoa-me, mas não consigo me animar para comparecer a essa reunião; vou tirar um rápido cochilo e logo me levantarei para me reunir ao grupo e rezar com ele, porém, daqui mesmo; não irei, pois estou desanimado e gostaria que a senhora me perdoasse. Neste exato instante, levantei-me da cama a fim de verificar se era verdade o que eu via: Nossa Senhora estava sorrindo, sem separar os lábios. Era um sorriso que eu não entendia o porquê dele. Perguntei-lhe, já bem junto da imagem: Não é possível! A Senhora está rindo mesmo, é? Por que estás rindo? Mesmo assim ela permaneceu sorrindo. Sem entender, achei que consentia que eu dormisse e, satisfeito, agradei e deitei-me novamente. Virei para a parede e a deixei sorrindo. Acho que, antes mesmo de repousar a cabeça no travesseiro, adormeci profundamente. Acordei com o chamado da minha sobrinha Mariana que trazia o telefone sem fio. Atendi, era D. Julieta, a sogra de Djane e Dione, minhas irmãs. Pedia-me para dar uma carona a alguém da sua casa (que é junto da de meu pai). Quase sem falar e sem abrir os olhos, respondi-lhe sem poder lhe negar, que sim. Ainda tentei dormir novamente, porém não consegui. Preocupado com a hora, para não atrasar o pessoal da carona, levantei-me, troquei de roupa e, ao chegar na sala, meu pai me disse que não havia mais necessidade, pois todos já tinham ido. Levei, então, Luíza e os meninos para a casa de Ceça, sua irmã, pois ela tinha um compromisso urgente e inadiável lá.

No caminho da casa de Helena, local da reunião, comecei a sentir uma incômoda dor de cabeça, mas, mesmo assim, fui para lá, chegando como

sempre atrasado. O apartamento estava lotado, havendo mais de setenta pessoas que se acomodavam do jeito que podiam, no chão, de pé, dois em uma cadeira, etc. Eu fui para a saletinha que liga a sala aos quartos, à capela e ao banheiro. Durante a reunião, enquanto todos rezavam, nós os quatro que nos achávamos na saletinha, conversávamos um pouco. Confesso que não me liguei muito ao cenáculo e nem ao que se falava ali. De repente, a dor de cabeça passou e me recolhi na capela, inesperadamente, como preparando o meu espírito na luz do Espírito Santo. Só voltei a ter noção do que se passava ao meu redor quando se encerrou o meu mergulho na oração. Poucos minutos depois, transmiti o que recebera em locução. Só notei que realmente havia transmitido algo de valor após uma convidada nossa, que hoje faz parte desta família e que estava presente com o seu grupo de oração, confirmar e explicar tudo, baseada em mensagens que recebera, relacionando-as com alguns trechos do Evangelho que estava aberto em suas mãos para revelar-nos essa ligação, pois já as tinha analisado anteriormente. Esta senhora que conheci nessa tarde e nesse momento chama-se Míriam. Logo depois que muitos falaram, inclusive Helena, foi aberto ao acaso o livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora” e feita a leitura da mensagem em voz alta. Estava ali toda a confirmação do que falei e do que falou Míriam ao ler o que havia grifado no Evangelho dias atrás. Foi mais uma vez a confirmação da palavra e da presença de Nossa Mãe Santíssima e da sua aprovação ao que fazemos. No final da nossa reunião, analisei o sorriso de Nossa Mãe manifestado através do simples objeto, isto é, uma frágil imagem de gesso, conquanto seja uma bela obra de arte. Percebi que o seu sorriso dizia o seguinte: “Quero só ver se não vais a essa reunião! Espera e verás!” E, nesta simples graça, mostrou-me a importância e a responsabilidade que há na frequência a este momento de união, no amor, na fé, na caridade, enfim, na fraternidade através da oração conjunta. É, na verdade, em outras palavras, uma maneira de CRER EM DEUS PAI, pois cada um de nós confirma a sua presença livremente, porque ninguém é obrigado e nem forçado a comparecer e nem tampouco a dar a satisfação do porquê.

Na hora da missa na Capela de São Miguel, tentei me sentar na frente mas não consegui, indo, assim, para o último banco.

No momento da elevação eu estava de pé, quando, em locução, escutei Nosso Senhor ordenar-me:

— *Quero que recebas a comunhão!* (Ajoelhei-me).

Quero que recebas a comunhão! Para isso perdão todos os teus pecados até este momento!

Na fila da comunhão Nosso Senhor me falou:

— *Após me receberes nesta comunhão, retorna ao teu lugar e, de joelhos, entrega-te inteiramente a este momento. Não te preocupes com coisa alguma, nem mesmo com o andamento da missa. Deixa tudo a meu critério.*

Fiz exatamente como me ordenara.

De repente, tudo se desligou de mim. Mergulhei em oração jamais acontecida antes. E, escutei a locução do Nosso Irmão Jesus, completamente alheio ao meu entorno. Entretanto, dela só posso dizer algumas coisas.

Ali, ajoelhado, algo tomava todos os espaços contidos no meu interior e girava, tentando explodir ou sair jorrando seu conteúdo. Era algo impressionante, maravilhoso por saber que vinha de Deus. No entanto, meu medo era grande, pois achava que iria desmaiar de tanto esforço para conter aquilo que crescia e girava dentro de mim. Gostaria imensamente de poder explicar pelo menos um pouquinho do tanto que passei, mas, por ser algo tão grande e misterioso ao nosso mundo, não consigo, por não existirem palavras e nem frases que me ajudem. Sei que o que me sustentava ali firme e isoladamente do mundo era a voz calma, agradável pela suavidade, mas firme de Nosso Senhor, que me dizia:

— *Elevar-te-ei ao alto!*

Estava neste momento me sentindo tão leve que pensei estar flutuando e subindo. Acho que isto só aconteceu no meu interior, caso contrário Getinha e Sérgio, que estavam próximos, poderiam ter-me visto subindo ou, então, ter percebido algo estranho.

Quando tudo passou, receei estar sendo observado devido ao forte sentimento do que vivi naquele instante. Estávamos já no final da missa.

A perda da noção do que se passava ao meu redor é como se um botão tivesse sido acionado, desligando-me de tudo o que estava ali e passando a ouvir a voz de Deus, estando com Ele em um lugar diferente, agradável, embora não saiba aonde. Já no momento que me lembrei onde estava é como se tivesse aterrizando de uma viagem que, desta vez, pensei ter demorado. Interessante é como me senti após tudo isso, completamente leve.

2 de agosto de 1991, sexta-feira

A caminhada anda mesmo difícil e angustiante, pois até agora eu continuo vivendo a angústia e o sufoco dos três últimos meses, inclusive com

maior pressão do opositor, sem conseguir rezar e ter tranqüilidade para orar. Basta dizer que venho tentando encontrar um confessor que me faça sentir bem, não somente ao me confessar com ele, mas, também, ao lhe falar sobre a condição que vivo como vidente. Procurei, nesse sentido, Frei Geraldo, Frei Lira e outros.

Hoje, saí de casa, não para trabalhar, mas, para doar sangue. Ao sair do HEMOPE peguei um ônibus e só Deus sabe quanto relutei para ir à igreja do Carmo procurar um confessor. Ao chegar, perguntei por Frei Lira, mas não estava. Frustrado mais uma vez por não conseguir falar com ele, fui rezar na igreja. Depois fiquei olhando as imagens. Estava tranqüilo porque consegui falar muita coisa que há meses não conseguia. Ao chegar junto da imagem grande de Nosso Senhor Crucificado, além de olhar para ela, fiquei observando a reação das pessoas que ali chegavam. Vi uma senhora ficar olhando para ela, parada por algum momento, depois passar os dedos no fogo da vela e com essa mesma mão fazer o sinal da cruz; em seguida tocou na grade de ferro que protege a imagem, falou alguma coisa, fez novamente o sinal da cruz e se retirou. Confesso que achei um exagero, principalmente colocar os dedos no fogo.

Minutos depois, ali parado, estava pensando entre pegar o ônibus para casa ou para a casa de meus pais, por haver uma certa necessidade de falar um assunto com minha mãe, relacionado com a caminhada. Neste momento de indecisão, olhei para a imagem de Cristo que me falava, o que registro aqui, embora sem transmitir tudo, porém o bastante:

— *Filho, ajoelha-te e olha atento para esta imagem que me representa quando sofri na cruz. Vê estas chagas que aí estão. Foram feridas dolorosas, mas, a pior chaga e a pior dor encontram-se ocultas no meu peito, no meu coração. Esta chaga contundente foi causada pelos homens que, sem fé e crença no meu amor e verdade, me crucificaram. No entanto, sofro a cada momento, mais e mais, sem intervalo de segundos, porque nestes momentos, durante todos os dias, um irmão e filho acrescenta ou abre mais uma chaga neste coração. Então, meu irmão, sei o quanto estás sofrendo calado e não tens como aliviar essa dor. Mas, saibas também que o que passas não é nada, nada, em relação ao que passei e passo. Supera e não sofre tanto! Sei do teu esforço para conseguir um confessor; sei da dificuldade para tal; por isso, Eu mesmo perdôo todos os teus pecados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Fico feliz em ver tantos irmãos te seguindo nesta caminhada, unindo-se e lutando para trazer mais e mais ovelhas para junto do rebanho, que por muitos e muitos anos se encontravam desgarradas como elas. São esses momentos e vocês que me fazem feliz e acalmam as minhas*

dores. São essas atitudes e amor a mim através dos outros que acalmam e aliviam estas chagas. Acreditem todos nisso, olhando e analisando as ovelhas que voltam a esse rebanho e, principalmente, a ti mesmo. Analisem pessoalmente o que faziam, o que fazem e o que lutam para fazer.

Dividamos, tentando sarar por completo as nossas dores.

Paz, humildade, fraternidade, oração, amor, muito amor.

Do irmão Jesus.

Dou a minha palavra que somente olhei para a imagem detalhadamente quando me foi ordenado. O restante do tempo esqueci, até mesmo onde estava. Vi todos os momentos que passavam, como em um filme na alma, enquanto Jesus falava. Vi também particularizadas muitas passagens da vida de muitos de nós desta família e entendi perfeitamente o que Ele quer nos dizer, e garanto que no momento não há prova maior da veracidade das graças que Deus nos lança. Nós somos e seremos sempre a maior prova a nós mesmos; basta deixar crescer o amor e a fé que se aprisionam em nossos corações.

Após essa locução, parecia que meus problemas nunca haviam existido.

UMA PROVA DA FORÇA DO TERÇO

Durante todo esse período de angústia e sofrimento que já revelei, cheguei ao ponto de prejudicar o meu relacionamento em casa. Confuso e sufocado e sempre com o opositor tentando a cada instante, fazendo-me travar uma constante luta para não cair, cheguei a uma certa noite que chamo de **pico da montanha do diabo**, pois é toda construída de sofrimentos, pensamentos e tentações que incluem pecaminosa e diabolicamente as imagens de Jesus, Maria, Anjos e Santos, sempre com o opositor fazendo-me sentir a sua presença, tamanho o pavor e muitas dores. Nesta noite, sem ter mais onde colocar tanta dor e sofrimento de alma, estando a ponto de explodir, peguei meu terço e comecei a rezar após tanto tempo. Travei uma acirrada luta. A cada mistério era um martírio para concluí-lo. Por fim, após umas duas horas, terminei a reza, tranqüilo e confortado. Quando me levantei eram 3 horas da manhã.

3 de agosto de 1991, sábado

Com a Capela de São Miguel enfeitada, fizemos a reunião da Pequena e Grande Família de Nossa Senhora. Ali, pela primeira vez, reunimos dois grupos dos três que devem ser unificados. Nós e a Fraternidade Betânia estávamos ali, enquanto o terceiro reuniu-se em oração lá mesmo em Boa Viagem, no local de costume. A Capela de São Miguel, no Espinheiro, estava quase cheia, faltando pouco espaço para ser totalmente ocupada, acho que à espera do restante dos grupos.

Na hora que falei, pensei não ter transmitido nada de importante, apenas um pouco da mensagem do dia 2.8.91. No entanto, após o encerramento da reunião, muitas pessoas se mostravam tocadas e emocionadas com o que falei. Inclusive, algumas pessoas em conversa revelaram o quanto tinham a ver com tudo ou parte do que falei. Era como uma orientação, uma resposta ou um alerta para elas, sem contar os momentos de reflexão que muitas confessaram ter tido e aprovado.

6 de agosto de 1991, terça-feira

Recebi uma locução de São Judas Tadeu. Dialogamos e, mais uma vez, ele, o santo de quem eu tanto reclamava e com quem arengava, mostrou-me no mais profundo da minha alma o quanto me ama e considera. Chama-me sempre de meu irmão e, às vezes, para se mostrar responsável por mim, diz filho, como ouvimos os nossos mais velhos nos chamarem aqui neste mundo. Além do conforto que me proporcionou, garantiu que sempre irá comprovar que estará a me proteger de tudo, por mais que pareça impossível.

Gostou bastante da minha promessa de divulgar o seu nome e disse, entre outras coisas:

— Fico muito feliz, alegre mesmo, quando recorrem a mim, pois vejo duas coisas nesse ato: a primeira, a fé que se demonstra no momento que se recorre e, a segunda, a confiança que nos é provada. Se ajudar a quem nos ama já faz parte de nós mesmos, imagina quando um ou outro irmão lembra-se de nós!

Quem recorrer a mim, eu atenderei. Não há por que desesperar, pois, como já foi dito, o vosso urgente nem sempre é o nosso breve.

Obrigado por recorrer e confiar em mim. Somos irmãos.

Amo-te muito.

Judas Tadeu.

30 de agosto de 1991, sexta-feira

No início da caminhada sentia-me na obrigação, como missão, de unificar todas as religiões, mas de uma maneira fraterna, onde os cristãos, todos nós, respeitássemos a religião do outro. Passei muitos meses imaginando a construção de templos que tivessem uma porta dando para um único local, como explicamos abaixo.

Em um determinado terreno seriam construídos em tijolos e cimento vários templos formando um círculo e com uma acústica tão fabulosa que o som de um não interferisse no dos outros. Cada templo seria ocupado por uma religião, nunca por uma seita. No fundo de cada um haveria uma porta que daria para um só local, isto é, para o centro do círculo formado pelos templos. Este local central teria uma cruz enorme, rodeada de lago, praça e árvores e com animais. O teto seria de fibra transparente, tipo vidro e, indiferentemente de segmentos religiosos, nós, irmãos em Cristo, compartilharíamos daquele único local. Todas as criaturas viveriam ali os momentos mais puros do amor, com respeito e fraternidade. Enquanto o sol, as estrelas e a lua brilhassem ali, o teto estaria aberto para que o prazer com a natureza ficasse ainda mais real. E, quando chovesse, este teto se fecharia, permitindo-nos, assim, continuar ali abrigados contra o mau tempo. Naquele local, portanto, não haveria distinção de religião, mas, sim, a união para vivermos um único e delicioso momento.

Outro pensamento que também me marcou muito foi o desejo de iniciar a destruição dos templos de Lúcifer e seus seguidores, como expomos a seguir.

Armado de uma imagem de Nossa Senhora, água, terço e crucifixo, todos bentos por um padre com experiências místicas, eu entraria nesses templos de horrores, ilusão e pecado e destruiria tudo, com tanta força e fé, garantido pelas armas que levei, que ninguém conseguiria revidar os golpes que eu desse, mais com palavras firmes do que com qualquer outro ato.

Ambos os pensamentos são tão nítidos em minha mente mais do que eu possa transmitir a alguém. Eles martelaram fortemente minha cabeça durante os primeiros seis meses da caminhada, fazendo-me crer, sem dúvida, que são minha missão e que acho serem reais.

Hoje, entretanto, por ver e ouvir tantas discussões e reações acirradas entre seguidores de diversas religiões, aproveitei, aflito, para suplicar em íntima oração o que segue, durante a missa na Igreja do Espírito Santo, celebrada pelo padre Valdenito de Oliveira. Com a igreja lotada, sentei junto à imagem de Santo Inácio e orei, escrevendo o que meu coração pedia:

Ah, que maravilha seria, principalmente para Nosso Deus, Único e Verdadeiro, se todos os povos ou igrejas se unificassem! Ó, Senhor, envia Teu Espírito para primeiramente nos mostrar através da Tua Luz qual a verdade dentro de tanta polêmica e conflito! Ó, Espírito Santo, faze-nos através da Tua verdade, que é única, compreender os Evangelhos de uma só maneira, a Tua! Não nos permitas mais, Senhor, Deus Pai, Filho e Espírito Santo que continuemos vivendo tanto bombardeio de diversas interpretações do Evangelho! Senhor, Deus trino, se, graças a nossa fé, buscamos a Ti, por que não compartilharmos também de uma só voz contida nos Livros Sagrados? Mostra-nos, Senhor, o verdadeiro caminho que conduz o homem quando houver o Juízo Final. Mostra-nos uma alma que vai para o Céu, o purgatório ou inferno e como eles são. Pai Eterno, isto, como bem sabes, é forte arma de contradição que nos divide em diferentes segmentos religiosos.

Além dessa polêmica que divide o mundo inteiro, há também aquela que nós católicos sofremos quanto à descrença das demais religiões no tocante à vida virginal de Tua Filha, Mãe e Esposa, Maria.

Sabes, Senhor, sou católico, apostólico e romano praticante, lutando com todas as minhas forças para seguir sempre Teus Mandamentos e respeitando o Teu representante máximo na terra, que é o Papa. Para mim, o único objetivo é o Céu. Importo-me com a verdade, sofrendo dores na alma por aqueles que nem ao menos tentam viver os Teus Mandamentos.

Senhor, envia Teu Espírito para que Ele me mostre como catequizar e converter os irmãos dentro da mais pura e singular verdade. Que todos os dogmas e mistérios da fé sejam transmitidos por mim dentro da mais clara e pura verdade, a ponto de todos dizerem com certeza: - Eu creio no Evangelho e nos Livros Sagrados, tanto quanto creio em Deus.

Pai Nosso, para que eu possa ser um instrumento Teu na eliminação desta separação entre nós irmãos quanto às nossas divergências e para que eu fale aos homens com segurança e com a Tua verdade, permite-me conhecer e entender não somente todo o conteúdo dos Livros Sagrados, como também, em visão, ver uma alma no momento da separação do corpo e para onde vai e como é esse lugar, que acredito ser realmente o céu, o purgatório ou o inferno.

Deus, Pai Eterno, sabes muito mais do que eu próprio que tudo que agora Te falo se resume apenas em um só sentimento: ser fiel e Te servir sempre aqui na terra como no céu.

Por crer em Ti, acredito que serei atendido no que agora Te suplico.

Amém!

8 de setembro de 1991, domingo

Hoje, à tarde, tive um sono incontrollável. Dormi a tarde inteira e cochilei um pouco à noite. Agora, neste instante, é que percebi o motivo pelo qual deveria descansar para poder dar seqüência à nossa caminhada. Agradeço, pois, a Deus por este instante, e não esqueço de Lhe agradecer sempre. Hoje é um dia muito importante para mim, unicamente pelo fato de que há alguns dias eu não estava correspondendo à credibilidade de Nosso Pai, de Seu Filho e de Sua Filha e Esposa Maria.

Deitei-me para dormir, ordenado como fui. Levantei-me e agora encontro-me pronto para anotar algo que comecei a receber em locução enquanto fazia minha oração.

Gostaria, antes de iniciar, de narrar rapidamente um fato acontecido hoje pela madrugada. Rodrigo acordou-me assustado quando dormíamos na sala, isto é, Luíza, nossos filhos e eu. Adquirimos o costume de, vez por outra, dormirmos todos juntos no calor do amor e do aconchego familiar. Rodrigo, pois, acordou-me assustado, dizendo que via um rosto na vela 7 dias acesa junto à imagem da Rosa Mística. Dizia ele que estava muito nítido e que era de Nossa Senhora. Tentei acalmá-lo e, ainda com muito sono, fui dormir. Um pouco depois, abri os olhos para vê-lo e saber se estava dormindo, mas, ele se encontrava sentado no sofá rezando o terço. Como sempre, a sua pergunta é: — *Pai, eu rezei, como sempre faço, porque acontece isso?* Explico sempre que não há motivo para o medo e que pode ser, realmente, Nossa Senhora. Peço que não comente com ninguém e isso cumpre fielmente, parecendo até que nada aconteceu. Acho necessário informar que ele não conhece nada das minhas locuções e visões e que raramente se fala com ele sobre religião, a não ser como orientação a assuntos da sua curiosidade, no catecismo e nos momentos de oração. Este silêncio sobre locuções, visões, videntes, milagres e graças acontecidas por todo o mundo é necessário para que não haja influência sobre nós no sentido de que aconteçam distorções prejudiciais à nossa caminhada.

MOMENTO DE REFLEXÃO

Para ser lido e praticado na reunião da Pequena e Grande Família dentro da Imensa Família de Nossa Senhora, no dia 14.9.91.

— *Utilizo mais uma vez o meu filho e nosso amado Reinaldo para transmitir um grande e importante momento dentre os que já passaram e os que hão de vir.*

Nesta ocasião, abram os seus ouvidos e mentes para escutarem e gravarem tudo, ao mesmo tempo que seus corações devem absorver tudo com a fé e a confiança que até então não explodiram em vocês. Façam uma reflexão de tudo e de quanto já provei o meu amor e confiança nesta pequenina e grande família, partícula de toda minha família do mundo inteiro, mas que tem uma missão de uma importância tamanha na minha luta em busca da vitória final contra o opositor. Na verdade, filhos meus queridos, gostaria que no fundo de suas almas não atuassem essas dúvidas e incertezas que vivem martelando os seus cérebros, porém, peço com todo o amor e esperança guardados no meu Coração Imaculado que confiem nesta verdade que transmiro a nosso amado Reinaldo. E, falando dele, não poderia deixar de lhes pedir para confortá-lo e lhe dar a força que tanto luta para não perder e que quase já não está conseguindo. Isto, meus filhos, cada um pode e deve fazer, basta apenas seguir firme, dando exemplo de filhos do Altíssimo e filhos obedientes desta que tanto implora as conversões e a dedicação nesta caminhada. Arregacem as mangas e trabalhem e lutem por cada um dos seus, muito mais do que por vocês mesmos. A ausência e o silêncio ferem com flechas de angústia o meu filho Reinaldo. Para ele não é necessário que se diga quem ou quantos estão de braços cruzados, ou duvidando, ou, quem sabe, descrentes desta caminhada. Ele recebe também o dom da percepção, mesmo distante daquele que está adormecido nesta decisiva caminhada. Lembrem-se ou saibam que cada um de vocês é responsável por muitos para chegarem à conversão, como também faz-se alavanca para reerguer cabeças e olhos baixos, sem se falar que deve agir como revigorador de mentes confusas em relação a esta missão que apenas se iniciou. Conversem, troquem idéias, busquem respostas, comuniquem-se, rezem, orem, ajudem-se entre vocês mesmos, principalmente entre aqueles que passam por qualquer tipo de sofrimento ou problema.

Agora, neste momento, gostaria que cada um buscasse uma posição confortável para esta reflexão sobre passagens que nós proporcionamos na caminhada do meu filho amado Reinaldo, que fala por nós aos que dentro desta família devem viver a nossa vida.

Onde estava você quando este jovem quebrava a cabeça e errava tanto?

O que fazia para ajudar a aliviar seu sofrimento e perseguições diabólicas?

Onde você se encontrava no mês de agosto de 1989? Pois, ele estava na escalada ao encontro da conversão. Naquele período, ainda no Recife, o dardo da caminhada o atingiu. Lá, em Itatiba, converteu-se plenamente, concretizando assim sua preparação para caminhar à sua frente.

O que você fazia nos dias 5 a 21 de agosto daquele ano de 1989? Ah, ele vivia em orações e dedicava-se, sem perceber a mudança, pois era ele mesmo quem havia mudado. E no dia 13 do mesmo mês, o que fazia? Ele, junto com muitos, na ocasião da celebração da missa das 16 horas, no momento da elevação, presenciou um sinal belíssimo que eu mesma envie para aquele local, sob o sol, do sol e da lua.

O que acontecia com você no dia 8 de outubro do mesmo ano? Ele, no entanto, angustiado, recebia, sem entender, a primeira locução, locução que você deve analisar pessoalmente, trazendo para si próprio o que ela contém.

Como você está caminhando hoje? Já perguntou ou procurou ao menos buscar dele aquela resposta que vive enterrada na garganta e que prejudica o fluxo da credibilidade nesta caminhada também sua?

Ele se acomodou? Não. Apenas está com suas ações limitadas, quem sabe por sua causa, pela dificuldade ou comodismo que você implantou entre a necessidade do diálogo e a omissão.

Onde se encontra você nesta caminhada? Por que se encontra apenas aí? O que lhe impede de avançar mais? Sabe que muitos esperam por você em algum lugar da sua estrada para poder caminhar também e que se você demorar poderá ser tarde para ele?

O que você faz com as palavras e mensagens que lhe são repassadas por Reinaldo? Guarda-as apenas? Esquece-as? Emociona-se somente no momento? Vive todo dia cada uma delas?

Quero que você se fortaleça na sua religião. Como pode ser um bom decorador de lares alheios se você não consegue nem arrumar a sua própria casa?!

Se você confia no que está vendo crescer ainda à sua volta, trate de crescer também. Faça um esforço a mais, pois, tudo tem o porquê e nunca deixo de comprovar o que digo em minhas mensagens.

Neste mês comemora-se o dia do meu comandante, o comandante de todo o meu exército, o anjo que a mando do Pai jogou Lúcifer no reino de sofrimento eterno por escolha deste próprio opositor, que também era anjo. Miguel é, também, por isso, peça importante na caminhada de todos os batalhões. Por isso, acreditem, não foi por acaso que aqui vieram se reunir vocês. Juntem os acontecimentos que chamam de coincidência e verão o que falo. Também vocês serão testemunhas de muito mais,

consequência das suas dedicações à esta capela. Se fosse por comodismo de Reinaldo, era mais fácil a capela que fica junto à sua casa, a qual, por homenagem e devoção a mim, chama-se Nossa Senhora de Fátima, e, que, com este título o recebi (Reinaldo) por sua mãe Odete como afilhado. Sim, sou também sua madrinha.

Gostaria, como também Miguel, São Miguel, que dedicassem alguns finais de semana a esta capela que é dele, o meu comandante que travará conosco a batalha final. Prometo que eu e Miguel intercederemos por cada um que se mostrar dedicado a esta capela e no que aí com fé e humildade nos for pedido. Esta será a minha recompensa e prova do meu carinho em relação a esta simples morada do Pai, Filho e Espírito Santo e que tem como anfitrião São Miguel.

Quantas vezes você faz sacrifícios para passar noites em festas ou dias em lugares longe do seu lar? Então, por que também não faz em prol desta sua caminhada?

Lembre-se de que tudo tem um porquê e que as respostas às vezes demoram ou surgem quando menos esperamos. Se você não teve ainda pelo menos um pouco de resposta a algo desta caminhada, procure entre os seus esta resposta ou olhe no interior da sua própria vida espiritual.

A cada reunião, além do que temos para vocês, será repassada uma mensagem. Gostaria que não ficasse apenas nas palavras ou no papel, mas, sim, que sirva como guia na sua caminhada. Você, que olha agora sem dar o merecido crédito, busque a resposta já, para que não caia em descrença e se perca do caminho.

Escutem bem as minhas palavras carinhosas, de uma mãe que os ama. Meu filho, nosso amado Reinaldo, ao nascer, nasceu para nós e vocês; ao sofrer, fortaleceu-se para superar obstáculos passados e vindouros; ao converter-se, abraçou inconscientemente a missão de todos nós. A sua primeira locução, que recebeu após lembrar a cruel caminhada de Meu Filho ao calvário, durante o V Encontro de Casais com Cristo, no Janga, Paulista, revelou-lhe a dificuldade que passamos e passaremos juntos até a vitória final. Hoje, com alegria, eu o vejo lutando com todas as forças para ser fiel à confiança que depositamos nele.

Hoje, no entanto, gostaria de vê-los e ouvi-los caminhar e dizer sem vacilar que serão também lutadores e fiéis a esta nossa caminhada.

Percebam que ele, Reinaldo, é o elo entre os Céus e vocês, porém todos são filhos meus e principalmente do Nosso Pai Eterno. São todos irmãos, como são irmãos do Meu Filho Jesus e devem caminhar sempre sob a luz do Espírito Santo.

Paz, amor, união, fraternidade, oração, muita oração.

*Sua mãe, Maria.
Confio em todos.*

14 de setembro de 1991, sábado

Em um momento da missa que eu participava, sentado como sempre no último banco, durante o Ofertório algo me fez olhar para a imagem de São Miguel, ao mesmo tempo em que ouvia esta rápida locução interior, porém singela e penetrante:

*— Não poderia jamais deixar de manifestar a minha satisfação. Estou grato e feliz pela dedicação e devoção à minha pessoa. Expressarei a minha gratidão intercedendo por todos junto ao Pai Celeste. Em breve transmitirei uma mensagem mais completa.
Miguel.*

Outubro de 1991

Há dias que fiz minha última anotação. Este espaço de tempo não significa, contudo, que nada mais tenha acontecido. As locuções continuam, como também os momentos de oração, de esclarecimentos, etc., embora com pouca frequência, acho até que por me encontrar atarefado e passando por situações difíceis. Esses momentos não são unicamente temporais, que me deixam, logicamente, destemperado para o dia-a-dia, mas, principalmente, e o que é pior, também espirituais, que me fazem sentir como uma bomba humana que, querendo explodir, apenas incha, dando espaço para mais angústia e sofrimento. Se pegarmos anotações passadas, verificaremos que algo parecido já registrei, porém, desta vez tudo é mais volumoso. Acredito até que seja pelo fato de estar mais apurado nos sentimentos e um pouco melhor conhecedor das coisas divinas. Percebo, assim, o perigo que correm as almas que praticam erros em sua caminhada de cada dia. Sofro, principalmente, ao ver, não apenas com os olhos mas também com o coração, que muitos ouvintes das mensagens de Nossa Senhora e Senhor do Céu, membros desta Pequena e Grande Família, continuam mergulhados ainda em fantasias exteriores e atos sem humildade e que se utilizam ainda da boca para criticar e ferir consciente e inconscientemente, de maneira viciosa, os irmãos em Cristo. Vendo tanta coisa errada ainda acontecendo entre nós, observando em alguns o completo comodismo, percebo que muito pouco ou quase nada

foi feito em benefício de nós mesmos, principalmente no tocante a atender aos apelos de Nossa Mãe Santíssima. É necessário que saibam todos que temos uma missão e uma obrigação como cristãos, independentemente de se acreditar ou não nas graças que esta Pequena e Grande Família vem recebendo do Céu através de Nosso Jesus, Nossa Mãe Maria, Nosso Pai José, Santos e Anjos. Muitos, por serem tão acomodados, não procuram nem debater certos assuntos que vivem formigando no peito, apenas pelo medo de, ao serem esclarecidos, verem cair a capa protetora do seu motivo de ausência, de comodidade ou outras atitudes não condizentes com a orientação da Igreja Católica. Como pode ser aceitável buscar-se conhecimentos em livros de seitas e outras religiões, se ao menos não se conhece de fato o bê-a-bá da nossa própria religião? Qualquer cristão de bom senso sabe que para se analisar outro campo deve-se primeiro conhecer o próprio, pois, sem isso não há análise.

Assim, pergunto: - Como posso ser um bom engenheiro se não entendo de matemática?

Aos que vivem ainda sem se definir na vida, apesar de já termos comprovado muita coisa, digo: - Quem escolhe o melhor pasto para suas ovelhas é o pastor. Se uma ovelha vive se afastando desse pasto e corre para comer em outro local, corre o risco de ser arrebatada por um lobo ou de se alimentar de ervas daninhas.

Na verdade, são inúmeros os casos que me levam a sofrer bastante. Esse sofrimento parece mais um produto químico que corrói tudo que temos dentro de nós, que atinge os sentimentos mais necessários para a felicidade, que apaga nosso sorriso, nosso ânimo e nossas forças, enfim, tudo que existe em nós para podermos sentir gosto pelas coisas da vida. É como um líquido tóxico que nos adormece e nos desanima, não havendo graça no que vemos e vivemos, de modo que, por mais que queiramos agir, as ações dos outros nos impedem.

Sinto-me como se estivesse tendo uma câmbra profunda em todos os meus sentimentos.

No início desta fase, no meu interior, senti fortemente a necessidade de me recolher inteiramente. O próprio Espírito Santo atuou em mim para que este sentimento passasse a agir. Hoje, apesar deste sofrimento angustiante que sinto, e, com razão, inaceitável e incompreensível para alguns que me cercam, percebo tanta coisa acontecendo em nosso meio, pois posso enxergar além dos limites dos meus olhos. Por ser impossível chegar até alguns e seus problemas, em razão da falta de humildade e do comodismo, espero que se sintam curiosos e venham a mim. Assim, terei condições de lhes dizer o que há muito guardo para cada um, sem que fiquem sabendo do que se trata entre si.

Neste período, a dificuldade e o desânimo para escrever e, principalmente, para ler é castigante. É difícil entender como o desânimo me impede de buscar nos livros o que desejo aprender mais com tanta sede. O pior é quando resolvo ler. Vou para um local tranqüilo, fico à vontade, mas, ao ler uma frase a anterior já foi esquecida, quando não acontece o que Santa Tereza D'Ávila chamou de “a louca da casa”, que é o pensamento se desligar da leitura e viajar para lugares e momentos outros, fato que geralmente acontece comigo antes mesmo de terminar a primeira frase. É quando, após me esforçar e me ver impossibilitado de prosseguir, fecho o caderno ou o livro e espero outra ocasião.

Como é difícil fazer as pessoas verem e seguirem o que é tão certo e claro! Por que as pessoas não buscam a resposta para as suas dúvidas, utilizando-as como material de análise e estudando-as dentro do próprio ambiente onde tiveram lugar? Não podemos ver o que há no pico da montanha se, em vez de a escalarmos, procurarmos descobrir o que lá existe escalando outra montanha.

É preciso que nos demos as mãos, que falemos a mesma língua, caminhemos na mesma estrada e compartilhemos do mesmo ideal para chegarmos ao mesmo objetivo, ao mesmo fim. Por não estarmos agindo desta forma, não atingimos ainda nem o mínimo que Deus deseja de nós. Não sei de vocês, mas acho que é muito penosa essa situação.

Estando vivendo esta situação, não sei o que é mais penoso, se o dia, onde necessitamos viver cada instante, ou se a noite, quando, ao escurecer, acabou-se o dia e nada melhorou. A noite é terrível, pois, apesar de dormirmos, não repousamos, apenas fechamos os olhos para chegar ao dia seguinte e vivê-lo, ainda cansados do dia e da noite anteriores.

Meu Deus! Quantos gritos já deste, quantas verdades mostraste aos homens! Eles praticamente nada ouviram e nada enxergaram.

Mãe querida! Quantas lágrimas choraste e choras! Quantas súplicas e apelos fazes aos teus filhos! Não adianta, eles não se esforçam para fazê-las cessar e não as entendem

Ó, Anjos da Guarda! De quantas situações perigosas os salvastes e por quantas vezes os protejestes! Mas, errados eles vivem, não se lembram e não vos agradecem.

Irmãos Santos que no Céu vivem! Quantas vezes intercedestes por nós, pois tantos foram os pedidos feitos! Mas, materialmente eles vivem e não se lembram.

Benditos os Coros Celestes, servos primeiros de Nosso Pai Eterno! Por quantas vezes trabalhastes por nós, expulsando do Céu Lúcifer, anunciando o Verbo à Maria, protegendo a Sagrada Família,

adorando ininterruptamente a Deus, anunciando o Deus Ressuscitado, levando para o Céu a Nossa Mãe Querida, protegendo-nos a cada dia! Não adianta, são incrêus, são omissos.

Como sofro, mas, no entanto, ao Céu inteiro agradeço e este sofrimento ofereço em busca da conversão dos irmãos que continuam surdos, cegos, descrentes e indiferentes às graças que do Céu lhes vêm.

Amém!

ooo O ooo

O mundo se entregou tanto a saciar o desejo animal de hoje que atropela com pecados e dores o amanhã eterno do Espírito.

A riqueza do mundo não se encontra nos astros, mas, sim, nos Livros Sagrados.

Só há um passado que será sempre presente e futuro: O Evangelho.

As verdades do homem resumem-se apenas nos Mandamentos da Lei de Deus.

Ser cego de espírito é querer buscar a verdade fora da Palavra de Deus.

Por que quebrar a cabeça e sofrer tanto em busca de uma vida melhor se, para isso, basta que abramos os Livros Sagrados, leiamos os seus capítulos e versículos e depois os vivamos?

11 de outubro de 1991, sexta-feira

Ao chegar na casa de minha mãe, recebi a notícia de que Denise, do grupo de Boa Viagem, uma vidente, que recebia locuções do Arcanjo Gabriel, havia falecido. Por ser seu amigo e muito ligado a ela e ao seu grupo de oração, senti muito. À tarde fui ao velório, onde fiquei por alguns minutos e conversei com Míriam, amiga íntima dela e também membro do grupo de Boa Viagem. Falei igualmente com a filha de Denise e me retirei, para voltar mais tarde. Às 18 horas, assim que entrei na sala do velório, Míriam me chamou e, juntos aos demais, em volta do corpo, rezamos o Pai Nosso e a Ave Maria. Em seguida, após ser apresentado a algumas pessoas, afastei-me,

ficando ao lado da imagem de Nossa Senhora que o grupo havia levado. Era a mesma imagem que vem chorando. Neste momento, tranqüilo, desliguei-me do ambiente por um rápido instante e recebi esta locução:

— Estou bem e feliz. Não sofri nada. Quero que todos vejam a minha partida desta maneira:

Viajei em um navio que navegava por seu leito instável. Apesar disto, aproveitei todos os momentos e paisagens. Muitas paradas houve enquanto eu viajava. Uns desciam e outros subiam e, assim, esse navio seguia. Após viajar tanto, viver e conhecer tanto, cheguei ao término da rota que devia fazer nesta viagem e, então, desci e outros subiram. Esse navio não parará nunca de navegar em seu leito e não cessarão de subir nem de descer passageiros. O importante, contudo, é estar no navio certo, e, isso eu fiz. Não esqueçam que todos devem viajar nesse navio sem deixá-lo parar e sempre preparados para descender no seu destino no final da viagem, providenciando também para que durante e no término de sua viagem haja sempre novos passageiros para esse navio.

Estou feliz e assim quero que também estejam todos.

Guardei isto durante uma semana, martelando muito minha cabeça.

Perguntei à Helena se alguém podia ouvir um recém falecido em locução interior. Ela me respondeu que podia, se o mesmo já estivesse no céu. Dessa maneira, revelei o que se passara. Agora, irei perguntar à Miriam se Denise havia falado algo sobre navio ou viagem antes de falecer ou mesmo após, para, em seguida, contar-lhe a locução.

Há algum tempo atrás revelei a pessoas da nossa Pequena e Grande Família que algo iria acontecer, como investidas do opositor de diversas maneiras. Essas pessoas transmitiram, então, a outras o que lhes contei. Na realidade, alguns fatos vêm acontecendo, mas ninguém liga uma coisa à outra, tamanho o descuido e a omissão de muitos que partilham da caminhada, dificultando até que os avisemos pessoalmente. Essa indiferença e frieza de alguns está tão grande que me falta coragem e ânimo até mesmo para transmitir e falar algo nas reuniões.

22 de outubro de 1991, terça-feira

Pela manhã, quando me aprontava para ir trabalhar, uma força decisiva me fez pegar o caderno e, ainda sentado na cama, pois calçava os sapatos, escrevi esta mensagem que recebi em locução interior:

— Não poderia jamais deixar de manifestar a minha satisfação. Realmente sinto uma grande alegria em ver essa família dedicando-se, rezando, confiando e pedindo algo a mim. Poucas pessoas no mundo ao menos sabem ou se lembram de mim. Se as pessoas soubessem a força que me foi concedida pelo Pai saberiam também o quanto consigo dEle nas intercessões.

Faço das palavras e promessas de Maria, a Mãe do Céu, as minhas palavras e promessas.

Agradeço a todos o que estão fazendo por este templo, onde, como devoção, puseram o meu nome. A prova maior desta satisfação esta na resposta maior a esta pergunta: - Quantas igrejas possuem o meu nome como anfitrião? - palavra que tu, Reinaldo, usas e que aprovamos. Quantas igrejas, capelas ou outros locais sagrados de oração têm a minha imagem? Garanto que será difícil encontrá-los. Assim sendo, veja o quanto estou grato a esta família por atender ao chamado e por sua devoção a mim. Muito mais porque estou sempre ligado à Nossa Mãe Santíssima na memória de todos que se agrupam e formam a Pequena e Grande Família da Virgem Santa.

Quero agradecer a todos, em especial àquela baixinha e impaciente que reergue agora, resgatando, aquilo que morreu há muito nesta capela e na maior parte do mundo: a lembrança, a homenagem, a ação da fé e a veneração aos irmãos do Céu. Agradeço, pela força e decisão, a procissão.

Lá, em uma folhinha esquecida em um livro já bastante velho, amarelada, encontra-se algo de grande valor para os fiéis. A caminhada teve início, seguiu em frente, chegou à capela e foi adiante. Nesse período, alguém veio de longe, desacreditado e, de imediato, revolucionou esta Pequena e Grande Família que se convertera. Muitos, todos, desconhecendo, acharam estranha para ser católica, mas, no entanto, ele, Reginaldo, vinha, trazido pelo tempo, para colocar no seio desta família uma arma eficaz contra as diabólicas ações do opositor, o TERÇO DOS COROS ANGÉLICOS. Quando começou a se espalhar rumores diversos, eu, eu mesmo, coloquei nas mãos de outros esse mesmo terço, que passaram a encontrar em outros livros e locais.

Que sirvam a todos como lições três coisas que jamais, mais do que nunca, a partir de hoje, sejam esquecidas:

- em primeiro lugar, é que críticas são uma falha humana. Portanto, cala-te quando tu fores fazê-las, mesmo em tom de brincadeira, pois, assim mesmo, ferem. Existem pessoas indicadas para alertar,

orientar e aconselhar, pessoas que possuem o dom apropriado e que agem no momento conveniente;

- passando à próxima lição, chegamos ao não julgueis, pois cabe tão somente ao Pai julgar, orientar e até mesmo punir quando necessário; e

- a terceira, é que um ato de amor lançado através de graças e mensagens, que com certo privilégio recebe esta família, não se recebe e depois, simplesmente, engaveta-se, achando-o apenas lindo e emocionante, mas, sim, deve ser relido e meditado a sós ou em grupo e, a partir de então, seja posto em prática, conforme está escrito. Por não fazerem isso, o passo que dão é tão insignificante que não se percebe. No entanto, há muito ainda para caminhar.

Do primeiro ao último aqui presente, saibam que cada um é peça nesta máquina a fim de que se caminhe. Se uma para, outras estão sujeitas a parar ou quebrar. Algumas outras peças, que são um pouco mais importantes apenas pela posição que ocupam, fazem o papel de máquina para os vagões e necessitam da ação de todos, que servem de combustível, para assim poderem puxar esses vagões sem problemas. Se em uma máquina falta óleo, o que acontecerá com ela?

Quero que vocês ajudem aos que não caminham nesta missão, os que por algum motivo não se aproximam de vocês, e aos pecadores. Ajudem-nos da forma mais poderosa que há: a oração.

Desculpem-me, queridos irmãos, por tão grande mensagem. No entanto, isso representa muito a falta de caminhada de todos vocês. É muito desgastante para todos nós. É bastante triste vê-los assim tão apáticos e até mesmo buscando, além de tudo, outros meios de saciar suas curiosidades e de solucionar seus problemas. O caminho é esse que estamos lhes dando. Cuidado para não sofrerem um desastre espiritual buscando outras estradas. Se buscarem refúgio em outras fontes, comprovam a vocês mesmos, a nós e aos demais que são fracos na fé. Quando falo outras estradas, falo em algo que não seja os Livros Sagrados e ambientes puros e cristãos.

Ao nosso filho Reginaldo e à baixinha Dione, um abraço especial com um beijo forte. A ela e Plínio digo que o sacrifício tem sua recompensa e que busquem solução, mesmo que não traga logo o conforto. Entretanto, estou, como prometi, sempre ao lado de vocês. Aos demais, presentes e ausentes, confiem na minha intercessão e, ao pedirem, mostrem-se cada vez mais fortes em sua fé.

Reginaldo, reflete bem quanto a tua vida. Os Livros Sagrados e as mensagens que já foram enviadas e as que surgirem servirão para ti, as mensagens sendo um reforço para a vivência do Evangelho. Une-te cada

vez mais a essa família que também é tua. Não sabes e não sabem, mas, és importante. Se acreditares no que digo, segue e provarei adiante.

Aos demais, não esqueçam que a fé leva à confiança, a confiança à veneração e esta, por sua vez, à intercessão junto ao Pai, e Ele, sem dúvida, atenderá.

Caminhem na paz, na humildade, na oração, muita oração, tudo com amor e muito amor.

Miguel (Arcanjo São Miguel).

Assim que terminei de escrever, calcei os sapatos e fui trabalhar. Eram duas horas mais tarde do que quando comecei a me preparar para sair.

24 de outubro de 1991, quinta-feira

Sofrer é achar que o mundo parou no momento mais triste e difícil da vida.

Encontro-me nesses dois meses em uma situação muito dolorosa. É um sofrimento tão forte que acho até que não suportarei mais nem uma gota dele. Para tentar explicar, devo dizer o seguinte: Sinto um buraco no centro do peito, maior que o meu próprio tórax. Ele é escuro e armazena todo o meu eu. Não há oxigênio, mas, sim, vírus de angústia, dor, tristeza, desânimo e aflição. Estas e apenas estas coisas são consumidas em cada respiração que executo. Minha vontade é de gritar, tentando soltar o que se prende aqui dentro do peito. Contudo, sem explicar, apenas abafo tudo na dor que penso, reluto e me esforço mas que não consigo encontrar o modo para me libertar dela.

Sabe? A dor quando é forte demais nós nos encolhemos, trincamos os dentes, fechamos os olhos e gememos em silêncio. Assim estou agora, sentindo esta dor que, por ser na alma, passa a ser mais dolorosa e difícil de ser lançada fora.

Ah, que dor imensa na alma, que de tão forte e angustiante deixa-me até sem saber como resistir a ela!

25 de outubro de 1991, sexta-feira

Disse-me Nossa Senhora em locução interior:

— *Recolhe-te plenamente.*

Isso ficou martelando a minha cabeça.

27 de outubro de 1991, domingo

Neste dia um certo problema detonou de uma vez. Avisei a todos a respeito de um perigo, fechando as portas de todos, mas, sem perceber, a minha encontrava-se aberta ou apenas encostada. Era uma situação difícilíssima que jamais, se Deus quiser, venha a acontecer com mais alguém. Achei que não havia solução. Nesta mesma noite, deitado em um sofá, vi a vela 7 dias ficar completamente avermelhada e sua chama, parando de crepitar, formar um cogumelo de cor branca, como nuvem, formando um belo conjunto. A imagem da Rosa Mística passou a apresentar o já conhecido fenômeno, aparecendo o rosto esquelético com capuz, depois um jovem de pele lisa e de rosto comprido e magro e, em seguida, um homem maduro, de barba aparada, de rosto alvo e arredondado, corpo forte e cabelo preto, liso e aparado arredondadamente na nuca, deixando as orelhas à mostra. Neste momento dei um pulo, ligando a vela à situação que eu estava passando. Ao pular no sofá, mamãe, que estava deitada no outro, assustou-se perguntando o que era. Não falei, não sei porquê, mas apenas apontava o conjunto de objetos ali, isto é, a vela e a imagem.

Sem sono, passei a escrever uma carta para alguém. Em meio àquela concentração, parei com Nossa Senhora me falando:

—*Tem calma!*

Estes momentos servem para demonstrar a todos a fé e a confiança em Nosso Pai. É muito simples se ter fé nas horas de bonança, mas, nas tempestades se apavoram e se sentem fracos e incapazes de obter de nós proteção adequada. Não acreditam que para um problema tão forte, no seu entender, haverá a mão protetora desta mãe ou de um irmão do Céu.

Acredita, tudo isso será clareado em teu breve. Os raios de luz penetrarão pelas frestas da porta.

Quanto ao problema que faz alguém (...) descrever, fica tranqüilo que eu mesma oportunamente modificar-lhe-ei a maneira de pensar. Tens a minha proteção, sou tua Mãe do Céu, mãe de todas as mães. Tens, como um pai, José, pai que se dedicou à família, protegeu-nos e nos amou e ama a todos.

Tem calma e recolhe-te completamente!

Não se arrebanha ovelhas espantando-as.

Descansa!

29 de outubro de 1991, terça-feira

Quando eu ia para a casa de papai, ouvi uma voz que me dizia na mente:

— *Granja. Vá à granja!*

Imaginei-me, assim, na granja, relaxando em meio à natureza. Ao chegar na casa de papai, chamei mamãe para ir comigo, embora tivesse relutado para não acreditar no que ouvira.

Ao chegar na granja, fiz de tudo, menos parar para pensar no que me fazia sentir a necessidade ou o objetivo de estar ali. Não resisti e fui passeando até o córrego. Ao chegar, não vi nada e nem ouvi nada. Aproveitei a tranquilidade e rezei a oração ao Espírito Santo, o Credo e o Pai Nosso. Demorei um pouco olhando as árvores e o coqueiro novo. Certo de que nada iria acontecer, convicto de que tudo fora ilusão ou desespero, passei a andar em direção da estrada. De repente, o sol, sem os seus raios, deixou o céu com um prateado suave. Olhei-o, para verificar se tinha algo a ver com o céu, e vi o mesmo redondo e amarelo, um amarelo avermelhado. Mexia-se como se estivesse com frio. Neste momento ouvi esta locução de Nossa Senhora:

— *Há muito tempo venho te mandando que te recolhas. Hoje te mostro por que te ordenava. Eu te fiz alertar os irmãos em perigo devido às emboscadas do opositor. Disse que seria nas famílias, entre casais, pais e filhos, irmãos e irmãs e demais amizades, e que seria de ordem material, espiritual e/ou social. Hoje, no entanto, vemos tudo acontecendo, não só entre vocês, mas no mundo. Contudo, as pessoas não meditam, não mudam e não se protegem. Mando que te recolhas completamente e até segunda ordem para não sofreres tanto. Continuas sendo o que chamei de boi-de-piranha. Alerta mais uma vez a todos.*

Não se arrebanha uma ovelha tangendo-a. Tem calma! Caminha tranquilo!

Tranqüiliza-te!

Oração, paz, amor, humildade e união, principalmente para orar.

Beijo.

Tua Mãe.

ANO DE 1992

18 de março de 1992, quarta-feira - Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, Recife

Acredito que, apesar da minha falta de conhecimento gramatical, o que escrevo neste dia dará, pelo menos um pouquinho, uma noção do que passo, que já dura tanto.

Se o que sinto é o motivo de ficar calado, o que faço agora para dizer o que sinto?

Senhor, se olho para a tua imagem, meus pensamentos se afogam na turbulência da angústia do não fazer e não saber. A dor do querer e não conseguir mistura-se ao sentimento de fraqueza e culpa por não poder realizar o que outrora (a partir de 12.8.89) consegui fazer. Quisera, Senhor, poder arrancar do peito todos os instantes de angústia e dor espiritual que agora e há muito passo. Vivo sufocado. A dor e tudo o mais cerceiam-me os sentimentos que lutam para jorrar sobre o mundo através das minhas desejadas porém bloqueadas ações e palavras. Com essa dor e angústia vejo a indiferença dos homens dispersos pelo mundo, como os meus parentes a quem amo, que deixam passar despercebidamente - por descrença e comodismo - as graças que recebemos, esquecendo-se até mesmo dos Mandamentos.

Como farei e onde buscar a fórmula para dizer tudo o que não consigo explicar? A cada dia que passa vejo os meus sentimentos como se fossem um animal que, preso, luta ferozmente para abrir a jaula em que se encontra, estraçalhado-a, e que é o meu coração. É justamente a ocasião em que se unem o tormento, a dor e a angústia, realmente insuportáveis. Nesta hora, vejo-me tentado a desistir e a acreditar que tudo é engano e ilusão. Sinto-me, então, relapso, fraco e indiferente à maravilhosa graça que recebi. Não há nada pior do que as tentações da dúvida, como também do desprazer dos exemplos negativos que nos são dados, principalmente pelos parentes mais chegados e pelos amigos.

Encontro grande dificuldade para me expressar ao escrever.

Como é ruim quando fico desesperado e com um nó na garganta por não conseguir expressar o dilúvio de emoções espirituais que ocorrem no íntimo do meu ser, principalmente quando estou diante do Santíssimo, mesmo quando, poucos minutos antes, achava que seria fácil fazê-lo. Se penso que falaria horas e horas, apenas consigo balbuciar um pouco daquilo que gostaria de dizer, diante do desespero e do sufoco que passo.

Senhor, outra vez nada te direi, porque não consigo, mesmo necessitando e tendo tanto para te falar.

Ajuda-me, Senhor, a fazer tudo o que desejas de mim. Nada mais importa. Deixa-me certo de que, apesar de eu não conseguir falar nem agir, aceitas a minha súplica. Permite-me, Senhor Nosso, falar e agir em Teu nome para que eu não estoure de tanto reter em mim a vontade e o prazer de Te servir, querendo ajudar os nossos irmãos necessitados ao longo da nossa caminhada.

Senhor, dá-me a certeza dessa caminhada, tirando as dúvidas do meu peito que foram introduzidas pelas tentações do opositor que se utiliza até mesmo das pessoas que nos são mais queridas, os parentes e amigos.

Senhor, pelo volume do sofrimento, da angústia e de outros sentimentos, reflexos de tudo que falei, acredito que em mim não há espaço para suportar mais nada.

Ó, Senhor, ao olhar para Ti neste sacrário, sinto que estás olhando para mim. E, ao tentar sem êxito Te falar, peço-Te que me deixes sentir novamente Tua voz para que me fortaleça e, assim, eu possa até mesmo sofrer mais pelos Teus interesses.

25 de abril de 1992, sábado - Capela de São Miguel

Durante a missa sofri como nunca tinha sofrido antes. Uma grande dor penetrou em mim tão profundamente que acredito ter atingido minha alma.

De repente, não conseguindo me controlar, após ter comungado e me ajoelhado, chorei convulsivamente com as mãos no rosto. Acho até que alguém ao meu lado ouviu, embora tenha me esforçado para que isso não acontecesse. Não sei se o sofrimento me fazia pensar em Lúiza e nos nossos parentes ou se esses pensamentos repentinos eram a causa da minha dor, mas, ali, ainda na Santa Missa, peguei um pedaço de papel e escrevi o seguinte:

Meu sofrimento maior acontece quando estou orando, olho para o meu lado e não vejo quem desejo tanto que esteja comigo. Nesta ocasião ofereço todos os momentos pela realização deste meu anseio.

30 de maio de 1992, sábado - Capela de São Miguel

Chovia muito, saí de casa às pressas e fui para a Capela de São Miguel, no Espinheiro. Levei comigo Rodrigo, meu filho mais velho. Ao chegarmos, já tinha se iniciado a missa. Sentei-me, como de costume, num banco perto da porta de entrada. Em certo momento, ouvi Nossa Senhora dizer:

— *Fica atento que algo irá acontecer!*

Não entendi e não me liguei muito a isso. Imaginei, apenas que seria uma manifestação, como por exemplo, algo em meio àquela forte chuva, pois haveria uma procissão em homenagem a Ela, **no seu mês de maio**. Esses pensamentos foram rápidos e passageiros, pois logo se foram e voltei a me concentrar na missa. No momento do ofertório subitamente me ajoelhei. Sem me controlar, esqueci onde estava e, mesmo havendo muita gente, perdi a noção do que se passava em meu redor. Nesse ínterim, não sei precisar o instante, o celebrante exortou os fiéis para que o acompanhassem na oração que fazia. A partir daí nada mais escutei. Só ouvia o que me chegava por locução interior. Somente voltei a tomar conhecimento do que se passava na Capela quando os fiéis disseram o Amém no final do Pai Nosso. No instante da locução muitas coisas me foram ditas, tudo muito importante, porém, embora estejam nela gravadas, quase nada consigo anotar, conquanto me lembre de tudo.

Posteriormente, assim me falou Nossa Senhora:

- *Meu filho!*

Deves guardar a calma e o silêncio nas situações de represália e em outros momentos difíceis.

Deves dar exemplo de boa conduta nesta caminhada.

És o testa de ferro, o peito de aço, a draga que abrirá o caminho desses que te seguem. Deves arrancar a lama, as pedras e os espinhos para facilitar a passagem de muitos. Se parares, serás para muitos deles uma barreira difícil de se ultrapassar, daí pararem também.

Terás momentos de tristeza e momentos de alegria; sorrirás e chorarás. No entanto, deverá ser assim. Um dia olharás para trás e sorrirás, vendo que sofreste tanto, mas que, no fundo, a dor não era tão grande como sentias. Verás até mesmo que sofreste exageradamente, porém, tudo isso apenas será porque venceste aqueles momentos difíceis. Tens a missão de aliviar o fardo de alguns irmãos para que cada um carregue o seu próprio fardo. Deus só aquilo que a pessoa pode suportar.

Muitas e muitas mais coisas Ela me disse. De repente, Nosso Senhor interrompeu e me falou:

— *Minha Mãe te escolheu para essa missão especial e isso fará até o fim. Não te preocupes, pois, embora não aparentes, está caminhando com fidelidade e no caminho já esperado e como deve ser.*

Todos os que têm fé poderiam fazer muito mais por Ela. Ela há muito que chora de tristeza, mas, agora, neste momento, suas lágrimas são de alegria. Agradeço aos responsáveis por esta homenagem que vocês estão prestando à Minha Mãe. No entanto, diga apenas aos que sabem sobre a caminhada.

Não tenhas medo. Sê forte! Estamos sempre contigo.

Um abraço.

Jesus.

4 de junho de 1992, quinta-feira

Neste dia recebi duas mensagens para uma mesma pessoa, porém uma delas deverá ser repassada para o grupo que estiver presente na reunião do próximo dia 6, na casa de Helena.

Esta mensagem veio de Nossa Mãe do Céu:

— *Dizes me amar, ter fé e confiar; que acreditas na caminhada e que caminhas. Por tudo isso, peço-te agora provas do que garantes.*

Amar apenas as pessoas que selecionas não é o verdadeiro amor. Nosso Pai sempre amou e ama a todos, mesmo os que diariamente O ofendem. Entristecer-se não é desprezar, odiar ou querer mal. Eu mesma me entristeço porque amo.

Amar é, na verdade, perdoar sempre e sempre, da segunda até a última vez igualmente à primeira.

Perdoar é apagar toda a tristeza que alguém te causou. É arrancar do peito a mágoa, de tal modo que jamais conseguirás te lembrar do que houve, mesmo quando tudo possa voltar a acontecer.

O ideal seria, realmente, amar tanto que jamais houvesse a necessidade de se perdoar, mas, sim, de se aceitar tudo como simplesmente sendo a fraqueza do ser homem, a que tu mesmo estás sujeito a passar.

Quantas vezes tiveste a necessidade do perdão?

Quantos momentos de tua vida gostarias de não precisar ser perdoado?

Quantas vezes te aliviaste, arrancando do peito a dor de um sentimento de culpa no momento em que alguém, por te querer bem, te perdoou?

Queres saber quando estás agindo corretamente? É quando não precisas perdoar, pois aceitas o homem como ele realmente é, FRACO!

Teus defeitos e virtudes foram aceitos por ti próprio e deles fizeste o modo de vida. Cabe a ti apenas e tão somente viver com a virtude. Basta que para isso sejas fiel a teu próprio desejo. Luta e arranca de ti, de uma vez, esses defeitos e fraquezas!

Ao homem, um defeito do outro é o bastante para que sejam encobertas suas virtudes, apenas porque o ser humano é crítico e severo para com seus irmãos, embora não aceite que outros o sejam consigo. Alguns desses homens — refiro-me homens a todos os meus filhos, não importando idade, sexo ou raça — apertam as mãos, abraçam-se em uma paz ou reconciliação EXTERIOR, quando, no entanto, na surdina dos sentimentos, criticam, julgam, evitam-se, distanciam-se, ignoram-se e se repelem. Para mim, e principalmente para Meu Filho e Nosso Pai Eterno, não existe meia-paz e não há meio-amor. O homem jamais conseguirá se dividir, indo metade para o Céu e metade para o inferno. O homem é um todo. Não existe meio-pecado, existe o pecado. Tu não és meu filho apenas pela metade, és, sim, todo meu amado. Ou entristeces-me ao agir ou tornas-me feliz nessa ou naquela ação, ou então permaneço feliz todo o sempre contigo. Não existe ação em que ao mesmo tempo eu sofra e me alegre. Uma ação tua, por pequena que seja, faz-me chorar de alegria ou de tristeza.

Amo a todos.

Acredito em vocês.

Tua mãe,

Maria.

6 de junho de 1992, sábado - Reunião na casa de Helena Siqueira

Após eu ter falado muita coisa de que não consigo me lembrar, como se estivesse com amnésia, transmi a mensagem do dia 4 de junho próximo passado.

Quando estávamos na capelinha da casa de Helena, onde o Santíssimo está presente no sacarário, disse-me Nosso Senhor no momento da adoração:

—*Deves acreditar e ser forte.*

O caminho é este.

Olha a tua volta. Todos estes meus filhos aqui presentes e muitos ausentes dependem de ti para caminhar. Deves ser um exemplo de caminhada. Queiras ou não, todos te observam.

Sê forte!

Estou contigo.

Exponho agora o que falei antes aos presentes à reunião:

Sempre acho difícil dirigir-me a vocês nestas horas.

Apesar do meu silêncio, as locuções continuam acontecendo.

Estou numa fase de recolhimento, aprendendo no silêncio, sendo ensinado.

Estou satisfeito de estar aqui para dar uma mensagem do Céu p'ra vocês.

Nós somos os elos de uma corrente, dependendo uns dos outros e devendo estar unidos.

Lembremo-nos de que muitas pessoas dependem de cada um de nós.

Muitas pessoas não caminham junto conosco, no entanto caminham paralelamente com o mesmo objetivo. Muitos que não rezavam o fazem hoje, vão à missa, confessam-se e comungam.

Os pais não devem tomar os vizinhos, os amigos e os irmãos como exemplos, mas, sim, a São José, que é o melhor deles. E, as mães tomem Maria como modelo. Os pais devem imitar São José. Nosso Senhor disse que chegou onde chegou devido aos cuidados de seu pai adotivo José. Ele, São José, por sua humildade, é pouco citado nos Livros Sagrados. Ele abraçou uma profissão humilde, mas digna. São José é, sem dúvida, um belo exemplo de pai amoroso, de educador responsável, de marido fiel e zeloso e de trabalhador honesto e dedicado. Portanto, se o temos como exemplo, para que outro, se ele já satisfaz tudo de que precisamos?

O que vocês entendem por amor? Se eu lhes pedir para defini-lo haverá muitos modos de fazê-lo, porém, nenhum deles corresponderá à verdadeira definição.

Continuo recebendo mensagens. Na mais recente delas Nosso Senhor agradece as homenagens feitas na Capela de São Miguel à Sua Mãe durante o mês de maio. Disse Ele: — ***Todos os meus filhos poderiam fazer ainda muito mais por Ela.*** Disse ainda que Ela tem chorado muito de tristeza, mas, naquele momento, o seu choro era de alegria.

Há mensagens direcionadas a certas pessoas. Algumas já transmiti.

Quero parabenizar o grupo que vem promovendo os eventos.

Cada um carregue o seu fardo. Deus só dá o fardo que a pessoa pode carregar.

Não se liguem em outras religiões, porque é a mesma coisa que deixar a porta aberta à noite para o ladrão entrar, mesmo que digam que todas são iguais e que levam para Deus. Não é preciso procurar outras religiões, porque a religião católica, apostólica e romana é completa.

Eu tenho falhado muito, principalmente com relação à Helena, pois, há dias que não compareço aqui em sua casa.

Eu creio inteiramente no que diz o nosso Credo. Quero ir para o céu, mesmo que tenha de sofrer muito aqui na terra. Eu serei sempre fiel.

Lembrem-se de mim nas suas orações.

Agora vou falar como professor de Educação Física que sou:

Foi-me entregue por Nossa Senhora um tocha para ser conduzida. Esta tocha eu conduzirei por todos os lugares que devo e por todos os mais que puder ir, até com ela acender a pira com o fogo da verdade.

Observação: Isto que falei só foi possível registrar aqui após reunir tio Everaldo, tio Bazinho, Plínio, Dione e Marúzia com o objetivo de anotarem tudo o que se lembraram do que eu disse na reunião. De grande valor e necessidade foi também fazer com que vivessem uma tarde de oração, falando, comentando e revivendo muitos momentos de graça. No instante da reunião, garanto que o próprio Espírito Santo estava presente. Tenho certeza que a meta principal para aquele momento foi alcançada, pois cada coração ali desejava ouvir novamente o que já ouvira e falar sobre isso.

Junho de 1992

No início do mês, não me lembro a data, estava num ônibus, indo do Recife para casa, no final da tarde, quando vi na lua um busto que, tenho certeza, era de um Papa, pois sua roupa e um barrete não me deixavam dúvida.

Alguns dias depois, quando levei minha sobrinha Luciana à Matriz das Graças, entramos na sacristia e avistei em cima do móvel uma imagem que me recordou a visão da lua. Era a imagem de Pio X e, até hoje, tudo me faz pensar que era a do busto que vi na lua. Na verdade, tem ela algo a ver com outras mensagens que recebi: uma foi a visão que tive de São Domingos Sávio em 1989 e a outra foi uma mensagem de Nossa Senhora. Senão, vejamos:

Domingos Sávio —**Antes morrer que pecar. Comungar sempre que o sacerdote permitir** (Eucaristia);

Nossa Senhora —**Quero que vás diariamente, sempre que possível, à Santa Missa e que comungues** (Eucaristia);

Pio X —Ele permitiu e sugeriu a comunhão diária aos fiéis (Eucaristia).

8 de junho de 1992, segunda-feira

Bastante tempo já se passou desde a última anotação até a data de hoje; tantas coisas vimos, ouvimos e vivemos até aqui. Realmente, o meu silêncio foi total para todos. Em uma certa ocasião ouvi Nossa Mãe Santíssima me dizer para me calar, para silenciar por completo, como também para me afastar de alguns casos e até mesmo das reuniões da família. Falou-me também que eu substituísse esses instantes por orações, reflexões e observações sobre a caminhada da Pequena e Grande Família da sua Grande Família e que eu orasse e confiasse. Na verdade, não entendi o porquê, pois achava que estava certo falar, compartilhar de todos os momentos com os outros e, até mesmo, botar para fora o que me sufocava, como, por exemplo, a dificuldade que sentia de caminhar. Por obediência, atendi de imediato, recolhendo-me e dedicando todo o tempo que tinha fora do trabalho à companhia de Luíza e dos nossos filhos. Desse modo, compartilhávamos juntos os finais de semana na praia, no clube, na granja, nos parques, etc... As orações eu fazia quando todos iam dormir. Tudo que tenho escrito, até que seja permitido, coloca-se à disposição das pessoas competentes ao estudo destas graças e do meu próprio comportamento, pois, conforme já solicitei no início de 1989, seja qual for o resultado, quero apenas a verdade. Quero que os padres, teólogos, etc., após suas análises, digam sem rodeios se é ou não verídica essa graça que recebo e partilho. Embora a minha mudança e todo o conteúdo da caminhada estejam aí para provar a veracidade de tudo, o que mais me dói e dificulta seguir caminhando é realmente viver turbulências e mal-estares dentro do meu próprio lar, entre pessoas que se amam, sem que haja sequer um motivo aceitável para situações tão constrangedoras, unicamente por falta de vivência religiosa.

Finalmente, quando tudo isso foi se intensificando juntamente com outras coisas, quando eu via as pessoas pararem, recuarem e faltarem com a caridade e a fé, enfim, indo contra todos os Mandamentos, comecei a entender o que me ordenara Nossa Senhora: calar, silenciar e orar. Quando eu sentia dores tão fortes na alma que somente silenciando é que eu conseguia ir superando o dia-a-dia, ela estava me preparando para um futuro bem próximo. Nesses momentos agradecia a Deus por colocar Helena como minha orientadora e mãe espiritual neste mundo que vivemos, pois somente

através dela é que eu podia entender e aliviar um pouco a minha dor. Suas explicações de cunho teológico, juntamente com as leituras da vida de Santos que indicava, aliados aos seus conhecimentos sobre São João da Cruz, Santa Tereza D'Ávila e Santa Terezinha, permitiam que eu, pobre e miserável pecador, diante do sofrimento de tantos santos, aceitasse melhor os meus próprios. Não vejo, portanto, a necessidade de falar mais sobre isso, mas, afirmo que, se não fosse a minha fé, a minha fidelidade e o meu amor a Deus, não teria passado nem mesmo pelo primeiro obstáculo. Hoje, apesar de ainda estar sofrendo muito, sinto-me mais seguro e mais maduro para lutar contra tudo que tentar sufocar o meu prazer de adorar e ser fiel cada vez mais ao Nosso Pai do Céu. Antes de sentir essa segurança, vacilei e fraquejei bastante, passando muitos dias seguidos ou alternados sem orar e sem me recolher. Senti-me faltoso diante da confiança que a Nossa Mãe Santíssima deposita em mim. Senti-me, e fui, relapso, preguiçoso e fraco, deixando-me levar por algo, ao mesmo tempo que lutava contra o desejo de ser fiel a esta caminhada. Por muitas vezes eu me vi perdido diante de estradas que se cruzavam. Parado, atordoado, não sabia qual o caminho a seguir. Se seguisse por um lado, poderia mergulhar num sofrimento causado pelas palavras ferinas e ameaçadoras lançadas por pessoas que no mais das vezes eram as mais ligadas a mim. São adultos e jovens que, mesmo que não saibam o sentido do amor, eu amo e amarei sempre. Por isso, a dor e a angústia contundentes tornam-se suportáveis somente porque é o desejo de Deus. Entretanto, se dependesse apenas de mim, acho que não conseguiria superá-las e seguir adiante, pois não passo de um homem que, por natureza, é fraco e sujeito a cair. Luto todos os dias e o dia todo para superar as constantes tentações que o desprezível opositor arma contra mim. São tentações diversas: da carne, da omissão, da caridade, do perdão, da compreensão, do amor, etc. Creiam, a mais fácil de se deixar vencer por ela é a da carne, mas, mesmo diante das condições nas quais sou obrigado a exercer a minha profissão de professor de educação física, tenho conseguido vencê-la. Só Deus sabe o quanto custa ser forte para vencer aquele que se alimenta das nossas vacilações diante do pecado. As facilidades e a insistência para o pecado surgem com muito mais força e frequência do que quando vivemos uma vida de transgressões, de vícios e de culpas. As ocasiões de pecado surgem à nossa frente tentadoras, quase irresistíveis e cheias de facilidades, mas, espero continuar superando-as e, por isso, peço ao meu Anjo da Guarda que tenha um pouco mais de paciência e à Virgem Santíssima e aos Santos do Céu e da Terra que me ajudem a continuar crescendo para ser um bem-aventurado. Na minha firmeza diante de tudo isso encontro segurança e alegria. Se ainda eu fosse aquele que fui e que tão distante o vejo agora,

entregar-me-ia de pronto aos desejos das pessoas que ainda duvidam desta caminhada tão bela. Elas não analisam com justiça sobre o quanto nós desta Pequena e Grande Família da Grande Família de Nossa Virgem Santíssima já crescemos. É claro que para o desígnio do Nosso Adorado Deus nada fizemos ainda, pois aquele que muito já fez não fez ainda coisa alguma diante do que iremos e deveremos realizar. Alguns erros ainda se cometem. O pecado ainda acontece. Contudo, surgem de imediato o arrependimento sincero e a preocupação do retorno ao caminho correto. É vendo essa fidelidade, essa dedicação, essa coragem e esse amor dos nossos que conseguimos obter força de onde acreditamos não mais existir. São esses e outros momentos que nos permitem vir à superfície deste oceano de surpresas e escuridão e respirar um pouco sob a luz da felicidade. É nesta ocasião do respirar que abrimos os olhos e vemos como cresceu o mundo neste patamar da estrada aqui na terra, estrada que devemos passar, seja por cada rosa, cada calor, cada brilho, mas, também, por cada espinho, cada umidade, cada escuridão. Na verdade, quando mergulhamos nesta escuridão do imenso oceano - que é a noite que nos ensinam São João da Cruz e Santa Tereza D'Ávila -, superamos o caminho já navegado, embora saibamos que muito ainda há de vir. Um dia iremos não apenas emergir, mas, sim, retirar-nos completamente deste oceano e voar, pairando suavemente nas asas da Pomba Branca, o Espírito Santo. Então, não haverá mais escuridão, angústia, nem dor, pois estaremos saboreando o doce mel, o manjã que Deus tem para nós no Céu. Enquanto isso, sofremos ao ver, ler e saber de fatos horríveis em que homens afundam cada vez mais na lama da perdição, sem se lembrarem e sentirem a dor e a angústia do Nosso Salvador. As lágrimas que rolam pela face da Nossa Mãe Maria passam despercebidas para eles. As diversas ações brutas e pecaminosas não mais lhes permitem sentir e ouvir os apelos desta Mulher que padeceu vendo seu próprio Filho sofrer atentados e violências e, por fim, ser assassinado pelos homens mesquinhos, covardes e cruéis. Esquecem até mesmo que este Filho de Maria entregou-se à morte e, antes disso, a terríveis sofrimentos para salvar a todos nós. Esquecem, inclusive, que este Filho de Nossa Mãe do Céu foi enviado pelo próprio Pai para sofrer e morrer pela salvação da humanidade, para permitir que desfrutemos um dia o prêmio do Paraíso. Não é fácil para nós viver, porque ainda neste mundo que habitamos o Céu foi praticamente esquecido pela maioria das pessoas. O pecado cresce cada vez mais, a cada minuto, e os homens se matam simplesmente por não amarem e não darem valor à vida que jamais a eles pertenceu. As mulheres deliciam-se ao investir contra o pudor, provocando mas se fazendo de vítimas, quando, na verdade, cabe-lhes uma enorme parcela de culpa. É no dia-a-dia deste habitat desprezível, nojento e feroz que

sentimos e ouvimos as gargalhadas do opositor, saboreando os pecados cometidos pelos seres ditos racionais. O que mais angustia é sabermos que enquanto a Virgem Maria luta, sofre, grita e suplica ao mundo que veja o sentido do amor e olhe para o seu coração e nele se aninhe, o opositor nada precisa fazer para arrastar as almas para o sofrimento eterno. É diante de tudo isso, vendo o mal amplamente difundido através da imprensa falada, escrita e televisada, que chegamos à triste conclusão de que não se pode mais evitar o castigo de Deus. Ficamos cada vez mais convictos de que Ele realizará uma faxina geral em sua propriedade, que é este mundo que criou com todo amor e perfeição, onde o homem, por ter de Deus Pai a liberdade de ação, troca o amor pelo ódio, o perdão pela violência e a caridade por danos físicos e materiais aos seus semelhantes, esquecendo-se de que somos todos irmãos em Cristo.

Onde está o amor único e verdadeiro que Cristo nos ensinou? Onde está este amor que Maria nos dá e nos pede a todo instante? Será que este primeiro Mandamento foi triturado e consumido pelas atitudes mais demoníacas? Quando derrotaremos o mal para que renasça o sentimento puro que Nosso Pai planejou e colocou em nós ao nos criar? Procurem, sonhem seus corações, pois neles, encolhido, amassado e surrado, está o leal e esquecido amor.

Ao poder agora registrar parte do que passei durante este longo tempo recolhido, encontro-me naquele instante de emersão para respirar e ver e sentir quanto cresceu o mundo aqui fora.

Em alguns momentos recebi locuções interiores, daí revelar agora parte delas.

Num certo dia, num domingo, encontrava-me sofrendo, mas não deixava transparecer. Ao meu lado estava Luciana, minha sobrinha, e junto dela Antonieta (Nieta), minha cunhada, irmã de Luíza. Estávamos na Matriz de Nossa Senhora de Belém, em Campo Grande, quando se aproximava a hora da Eucaristia e quando ouvi Jesus me dizer:

— *Prepara-te para me ouvir falar!*

Mesmo assim continuei como se nada tivesse escutado. No momento em que recebi o corpo eucarístico de Jesus, estando já ajoelhado no meu lugar, tive esta locução:

— *Não te aflijas com o teu sofrimento! Sofres porque é necessário! No sofrimento aprende a te fortalecer! Ele será útil não apenas a ti, mas a muitos que dependem da tua aprendizagem e experiência. Não desanimes pois: lembra-te das primeiras mensagens e do que nelas te prometemos: TUDO SERÁ PAULATINAMENTE ESCLARECIDO. As pedras que em ti jogarem nada mais serão do que ...*

Lembra-te que sempre estaremos contigo.

Oferece estes sofrimentos a mim. Sofre pelos teus irmãos.

Amamos-te.

Um abraço.

Teu irmão Jesus.

Ao me levantar, percebi que havia demorado mais do que os outros e pude confirmar isto vendo o jeito de Luciana me olhar.

No domingo seguinte, também durante a Eucaristia, recebi praticamente as mesmas palavras em locução, com algum acréscimo.

27 de julho de 1992, segunda-feira

Aproveitei a tarde de hoje para passar dos papéis soltos para o caderno as anotações existentes desde o dia 18.3.92.

Na realidade, muitas locuções recebi desde o mês de novembro de 1991 até agora, de modo que, garanto, este caderno ou mesmo dois não as caberiam totalmente. Muitas não eram para ser reveladas ou não há necessidade que o sejam. São locuções em que Nossa Mãe do Céu, Nosso Irmão Jesus e alguns santos me orientaram, deram-me força ou procuraram me educar para a vida e para essa caminhada. Garanto, confesso, que via a necessidade delas à medida que saboreava cada lição e cada doce puxão de orelhas por causa dos meus erros.

10 de agosto de 1992, segunda-feira – Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

Atordoado com o meu próprio desleixo, passo por dificuldades espirituais e até mesmo com relação à convivência social. Triste, inquieto e sem conseguir superar essa angústia, sinto-me exatamente como tentarei explicar abaixo:

No começo da caminhada, acho que no exato momento da minha conversão, Nosso Senhor envolveu-me com a calma, a paciência, a

obediência, a força, a confiança, a certeza e a paz. Fez-me ficar seguro, tão leve e tranquilo como se eu vivesse no próprio Paraíso, saboreando delícias estranhas vindas do Céu para mim. De repente, aos poucos fui descendo deste Paraíso e, quanto mais descia, mais ia trocando a paz mística por reais sofrimentos deste mundo pecador, mundo de homens fracos e ambiciosos. A cada descida, mais e mais ia convivendo bem próximo da ferida do mundo, o pecado, que a cada dia parece mais inflamada e putrefata. Parece que, hoje, Ele repentinamente jogou-me de vez dentro desta ferida. Sinto, assim, o odor da carne podre. Parece até que me deixou no centro deste mal, pois sofro mais facilmente do que antes diante dos pecados deste mundo. Por algumas vezes sou tão fraco que passo a fazer parte desta vida errada que tanto me faz sofrer.

Nervoso, angustiado e atordoado, acho até que fui solto de vez lá do alto do Paraíso, caindo de cabeça para baixo na volta para este mundo que vivemos e que cada vez cresce no pecado, com mais erros e sofrimentos, de modo que não consigo deixar de senti-los e vê-los, pois caminho dentro desta que chamo de ferida putrefata. Sei que não fui trazido de volta para pecar e errar. Sei que estou sensível às indiferenças do mundo justamente para a minha purificação e para verificar o quanto nós homens precisamos orar cada vez mais por nós mesmos.

Um exemplo de sofrimento que senti pelo mundo, cito agora:

O irmão de um amigo meu, mais ainda do meu cunhado Pedro Santiago, foi assassinado em frente da sua casa. Eu não conhecia este jovem. Entretanto, acho que soufrir tanto quanto as pessoas da sua família. No dia seguinte, meu filho mais novo matou um grilo por brincadeira. Confesso que, naquele instante, passei por um sofrimento igual ao que senti ao saber do assassinato do jovem que eu não conhecia.

Percebi, então, que o amor verdadeiro se tem pelos homens, sem se deixar de amar também os animais e as plantas. O amor pode se ter até às rochas, pois tudo é criação de Deus. Digo que a dor que senti foi tal que reclamei severamente com aquele meu filho de apenas 5 anos, somente parando quando ele me disse ter feito aquilo sem querer. Aproveitei, então, para lhe explicar e aos outros dois filhos o sentido da vida e do amor que devemos ter pelas coisas de Deus.

Muitas vezes cometo erros que são muito comuns, porém isto só acontece porque, por ser fraco, não consegui ainda seguir os ensinamentos e desejos de Nossa Mãe Santíssima, tudo porque, às vezes, deixo a fraqueza humana intervir e vencer o que realmente desejo.

Vivo lutando constantemente contra as tentações, fortes, contínuas e de várias espécies, sejam da carne ou do meu relacionamento em casa. Mas, graças a Deus, estou conseguindo superá-las.

Hoje, sinto, mais do que antes, a dor dos pecados que cometi, dando-me conta da verdadeira podridão em que vivia, como um verme dentro de um tumor maligno.

Diante de toda a luta para sair ileso dessa situação, chego a me sentir frágil ao ponto de me tornar novamente um verme, não tão grande, mas, por menor que seja, sinto que sou o maior de todos. O pior de tudo é que, com tal fraqueza, possa eu desmoronar, não suportando as pressões, as insinuações, as tentações e as ameaças do infeliz opositor.

Não tenha dúvida, querido irmão, a minha luta é contra tudo isso. São combates diários e seguidos entre o meu querer e os do opositor. Até agora me feri muito e fui derrubado algumas vezes, mas continuo lutando. Se até agora não venci totalmente, sei que no Céu todos reconhecem o que estou fazendo para obter o triunfo nesta caminhada. Uma coisa para mim é importante: mostro a cada instante ao Pai, a Jesus e à minha Mãe Santíssima que não sou covarde, não recuei nunca e nem sequer parei para descansar. E, o lema nesta batalha é “Enquanto descanso, carrego pedra”, ditado popular que se encaixa na minha caminhada.

18 de agosto de 1992, terça-feira

Há muito tempo que venho sendo preparado para esse momento. Recebo locuções rápidas, mas, constantes, que aqui registrarei.

Em primeiro lugar, a Nossa Mãe Santíssima explica-me coisas lindas e decisivas para o meu comportamento, inclusive repreensões e carinhos e doces puxões de orelha, porém firmes, mostrando-me que sofro muito porque é natural; e que cometo ainda falhas comuns aos homens, erros da vida. Confesso até que facilmente erro muito. Entretanto, diante do que escutei em locução, prometi-lhe triplicar a minha vigilância.

Com uma frase curta e certa, Nossa Senhora me fez mudar bastante e entender muita coisa que até hoje, embora me esforçando, não conseguia compreender.

Nossa Senhora:

— Os motivos pelos quais ordenei que limitasses até segunda ordem o que vem sendo dado a essa Pequena e Grande Família do Mundo Inteiro são:

Muitos, ao saber, recusaram-se a acreditar. Desta forma, a comprovação chegará em algum momento da caminhada. Esses meus

amados filhos compreenderão a verdade ante a sua própria dúvida. Para eles o saber cedo servirá para, comparando a caminhada com o seu “não acredito”, deparar-se com o “sim” da verdade. Basta que se sirvam da fé e da humildade para obterem a compreensão.

A Graça não é Reinaldo, mas, sim, sinais e mensagens dadas a todos através dele.

Por que tanto desprezo e mistério em torno dele? Quantos foram tal qual ele é e hoje são santos e os ajudam na Comunhão dos Santos, nas intercessões pedidas por vocês?

Ele, Reinaldo, não deve ser a pedra no caminho de ninguém. Não é de Reinaldo que você necessita para chegar ao Pai, mas, é, sim, do próprio dia-a-dia, do seguimento constante dos Livros Sagrados, isto é, dos Evangelhos e dos Mandamentos. As mensagens que enviamos também através dele servem para acordá-los e orientá-los, enfim, para ajudá-los a se afastar e se prevenir contra os pecados e tentações deste mundo.

Eu já expliquei a Reinaldo a necessidade que há de que ele se recolha em relação à caminhada, sobretudo nos momentos em que ele sentir ser isto necessário. Nestas ocasiões ele deve agir apenas de conformidade com os seus deveres de estado, isto é, como cidadão, filho, pai e esposo. Rezará por ele próprio e por todos na união, afetiva e espiritual, que deverá ser permanente e continua.

Não lhe ordenei isolar-se por castigo ou fuga, mas para que cresça no que queremos. Superando todas as dificuldades, ele está sendo fiel. Deixá-lo-ei sempre à vontade comigo, sem preocupação do que possa fazer. Assim, sendo vocês também frágeis, aproveitem a medida que tomo agora e façam o mesmo.

Não esqueçam os lares saudáveis com a própria família. Isto hoje é também importante e é vida de oração.

Amo a todos vocês.

Entreguem-se a mim e mergulhem no meu Imaculado Coração.

Não permitam que o negativismo sufoque ou abafe a verdade.

Filhos, pratiquem o amor, a humildade e a caridade.

Orem, orem muito mais.

Se vocês soubessem o que há de acontecer se o mundo não orar mais, não deixariam de seguir os meus apelos.

Tenho muita pena daqueles que dizem sim e acham que já fazem o suficiente. Se este sim é verdadeiro, convivam com ele provando a mim e principalmente ao Pai que são fiéis a essa afirmação escolhida por vocês mesmos.

As graças que lhes envio são oferecidas mas não estão obrigados a aceitá-las.

Em todo o mundo é sempre a mesma coisa: os que dizem “eu creio em Deus”, muitas vezes, na sua grande maioria, não vivem essa fé.

Meus filhos do mundo inteiro! Não se entende como pode alguém crer em Deus e não viver plenamente a vida de oração, a oração vital..

Os homens matam, humilham, roubam e ferem por nada, e não há nada por que devam fazer isso. Os miseráveis, pobres e famintos, matam e roubam por necessidade, pela sobrevivência. Se os ricos fazem o mesmo, por que o fazem? Meus filhos, não é por ser pobre ou rico, mas, sim, porque o valor da vida, em todos os sentidos e momentos, não está com eles. Os homens entronam e coroam o opositor, esquecendo-se do nosso Pai Eterno.

Se o homem sentisse a necessidade e a responsabilidade de crer em Deus, tremeriam até mesmo em pensar em fazer mal ao outro.

Filhos, estou cansada! Como dizem vocês, quando já não suportam tanta luta sem vitória, estou exausta!

Peço mais uma vez, troquem as TV's por momentos de oração. Tirem principal e urgentemente os seus filhos da frente dos vídeos, de programas que não condizem com a vida cristã. A boa educação já não existe, nem mesmo nos lares. As portas estão sempre abertas para a entrada do pecado, dos maus costumes e de coisas banais. O “avanço”, esse avanço entre aspas, é censurado por mim. Estão ensinando e confundindo as crianças de maneira errada. Estão avançando além da idade de cada criança. Os pais de boa fé são obrigados a falar coisas às crianças fora da idade, por temerem o que possa acontecer.

Vejo pais e filhos utilizarem um linguajar anti-cristão, sem respeito e nem pudor. O sexo e o dinheiro tornam-se as mais poderosas armas do opositor, pois os homens estão trocando o Céu por eles.

Não brinquem com a verdade!

O mundo está cada vez mais em perigo. A cada momento de desprezo ao Pai, mais cresce o perigo no mundo.

Ainda há controle.

Orem, doem-se a mim e eu os entregarei a salvo ao Pai Todo-poderoso.

Paz a todos.

Sua Mãe,

Maria.

Observação: No início deste dia ouvi uma frase tão forte que me fez parar e perder a noção de tudo o mais naquele instante. Ei-la:

A BOA OBRA É A PRÓPRIA VOZ DA DIVULGAÇÃO DA
VERDADEIRA CAMINHADA COM CRISTO
(Nossa Senhora)

19 de agosto de 1992, quarta-feira

Nossa Senhora:

As imagens:

Não se apeguem às imagens como coisas santas. Venerem-nas como imagens de santos.

Existem muitas imagens com meu nome e com diversos títulos. Para que? Sabem para que as pedi e me mostrei de diferentes maneiras?

Para cada imagem houve uma aparição, uma visão. Para isso acontecer houve motivo, um apelo, um sinal, uma revelação ao mundo. Em cada aparição mostrei-me a um ou mais filhos para que eles divulguem ou divulgassem o apelo necessário para afastar o perigo do mundo. Assim como eu, Mãe de todos os filhos do mundo, os Santos e os Anjos fazem isso da mesma maneira. Até mesmo meu Filho e Senhor Jesus Cristo, por muitas vezes, torna-se, desta maneira, mais íntimo para com os seus irmãos na Terra, em locuções e visões. Basta isso, queridos filhos, apenas isso para que vocês saibam e compreendam o perigo no qual o mundo caminha. Cada dia mais falamos, ensinamos e suplicamos a vocês nos quatro cantos que Nosso Pai Eterno formou.

Prestem atenção no que explico agora:

Se o professor entregasse a seu aluno um livro e o mandasse estudar sem ao menos o ensinar e nem deixar alguém fazer isso, de que adiantaria esse livro?

Se o aluno, como são muitos jovens de hoje, não gostasse de ler e nem estudar e seus pais ou professores não o orientassem até com insistência, qual seria o futuro desse jovem?

Assim mesmo somos nós do Céu. Queremos o melhor para vocês.

Não importa a idade, todos para mim serão sempre meus filhinhos, jovens e amados.

Oração:

Orar é muito simples e necessário. Ajoelhem-se diante de uma imagem e, aí, contritos, entreguem-se ao exemplo de vida daquele que ali está representado.

Se estiverem sendo tentados, dêem as costas à tentação e ao pecado e, recolhidos, vivam dentro do meu coração a vida do Santo daquele dia.

Se estiverem diante de uma imagem que a mim representa, repassem e vivam todos os apelos que fiz quando surgi como aquela imagem.

Nunca no mundo havia explicado assim as diversas formas de aparições, mas, hoje, quero que seja divulgada essa minha orientação para que daí se passe a entender o sentido e a importância das imagens que representam a nós do Céu.

Vêem agora, ó filhos, como é tão simples orar e viver santamente?

Fechem os olhos, o coração e os ouvidos para o mal e abram-se de todo a nós.

Por outro lado, e dessa maneira, prometi banhar de graças a quem possuísse uma imagem minha. Assim farei sempre para que as pessoas olhem para mim ao invés de se colocarem diante das telas cujos programas somente as levam a pecar e ficar frágeis, desviando-as do verdadeiro caminho.

Lembrem-se sempre, sem nunca esquecer: As imagens se quebram, mas a fé e a verdade não podem e nem devem trincar. Elas, a fé e a verdade, são sólidas, mais sólidas que qualquer riqueza. Com elas amarão, serão humildes, caridosos e exemplos fortes do amor do Pai.

Filhos meus amados! Logo ao se levantarem da cama pela manhã, busquem saber qual é o Santo que se comemora e que é lembrado especialmente naquele dia e vivam todas as outras horas restantes a vida e o exemplo dele. Terão, por certo, a proteção daquele que, além de ser Santo, é humilde e amoroso irmão de vocês.

Neste momento acabo de fazê-los entender, ou ao menos tento fazê-los entender, o porquê da leitura do Santo do dia. Gostaria, no entanto, visto que o mundo dirige-se mais para coisas materiais que espirituais, orientá-los no sentido de que ao se ler a vida do Santo à noite façam-no com relação ao Santo que será lembrado no dia seguinte.

Filhos, respondam-me: Caso vocês já estivessem aqui conosco no Céu, como receberiam um pedido de proteção e intercessão por parte de um irmão ainda pecador e frágil?

Quanto aos Coros Celestes, são eles os primeiros servos do Nosso Pai Eterno. Há muito convivem intimamente com Ele. Assim, nada mais importante do que a sua intercessão junto ao Nosso Pai Celestial.

Peço a vocês, filhos queridos, desliguem as TV's, fechem as revistas e livros que não são aprovados por nós. Segurem a língua e

reprimam caridosamente aqueles que ofenderem a própria alma com palavras e atitudes grosseiras, imundas e pecaminosas, que, por sinal, infelizmente, tornaram-se comuns até mesmo entre pais e filhos.

Amamos a todos.

Sua Mãe,

Maria .

30 e 31 de agosto de 1992, domingo e segunda-feira – Sítio Guarda, Cimbres, Pesqueira – PE

No domingo, 30 de agosto, às 13 horas, tio Everaldo, tia Marizé, Marúzia, Luíza e eu chegamos ao Sítio Guarda de automóvel, e nos juntamos aos demais que viajaram pela manhã, perfazendo, assim, um total de 97 pessoas. Exceto tio Bazinho, Helenira, Plínio, Dione e Djane, todos os demais já se preparavam para retornar ao Recife e todos, sem exceção, apresentavam um semblante de emoção, paz e alegria, mesmo já tendo a maioria daquelas pessoas ido àquele local uma ou duas vezes. O que ouvimos foi somente elogios, principalmente quanto ao momento da Adoração. Os que ficaram para a vigília sentiram-se, portanto, banhados por uma graça de harmonia e paz. Ao escurecer, quase todos foram da capelinha até ao Santuário, no alto do morro, onde Nossa Senhora apareceu à Maria da Conceição e à Maria da Luz (hoje Irmã Adélia). Foi uma procissão onde somente as velas iluminavam o caminho, pois este não tem luz elétrica. Tio Bazinho e eu fomos nos deitar um pouco e conversamos bastante. Nós dois não subimos porque tivemos problemas de hipertensão dias atrás. Luíza disse, então, que subiria por ela e por mim, o que me tranqüilizou bastante. Ao retornarem, disseram que houve uma missa lá no alto, que começou exatamente às 19 horas, celebrada por um padre de Pesqueira que estava à frente de um grupo daquela cidade.

Um grupo carismático de Olinda, que é orientado por Pe. Valdenito de Oliveira, iniciou a vigília às 20 horas.

Pela madrugada, algo me dava forças para ir até lá no alto, no lugar das aparições, para orar. Procurando um motivo que me convencesse para ir até lá, peguei uma garrafa plástica de 2 litros, um copo descartável e uma vela e iniciei o trajeto. Durante todo o percurso ouvi e senti dentro de mim pavorosas ameaças do opositor, que dizia que iria me empurrar. Ouvi e senti profundamente tudo. Houve momentos que pensei que seria jogado para baixo. Em nenhum instante desisti de subir, embora, confesso, estivesse com muito medo. Não havia ninguém lá em cima. Sozinho, àquela hora da madrugada, enchi o vasilhame com a água milagrosa da fonte e, então, rezei o terço. Em seguida, ajoelhei-me diante da grande imagem de Nossa Senhora

das Graças e ali fiquei por não sei quanto tempo. Sei que escancarei meu coração a Ela, Nossa Mãe Santíssima. Sei que falei tudo que o tempo guardou e cravou em mim, fazendo-me sofrer por não conseguir entender, aceitar ou resolver. Após muito tempo saboreando a nossa intimidade de Mãe e filho, desci rezando o terço que, por segurança, coloquei no meu pescoço. As tentações continuaram também na volta, e o pior é que, a cada cena dos mistérios do terço que eu olhava, ele, o opositor, fazia passar em minha mente palavras e sinais podres de sexo, utilizando os personagens de cada quadro e colocando sempre Nossa Senhora nas cenas. Aliás, há muito tempo, há meses, que ele vem utilizando essa arma para me atormentar e me deixar apavorado.

Já no final da manhã, após a missa concelebrada pelo Bispo Coadjutor de Pesqueira, Dom Dino Marchiό, Pe. Valdenito de Oliveira, Pe. Fernando Saburido, Pe. Marcos Ferreira do Carmo, D. Beda Pereira de Holanda e Frei Gilberto Matos, tive a oportunidade que queria e que havia pedido a tio Bazinho para providenciar, isto é, conversar uns cinco minutos com Irmã Adélia. Conquanto ele não tenha feito isso, aproveitei um momento em que ela caminhava sozinha, coisa rara ali no meio de tanta gente, e lhe fiz uma pergunta chave para a minha caminhada, deixando-a à vontade para me responder ou não. A resposta foi ótima e maravilhosa, além do que esperei. Apesar de não me ter identificado, ouvi de seus lábios algo mais do que esperava. Foi uma resposta que arrancou de mim, acho, 80% da angústia e da dor que sentia há tanto tempo.

Na terça-feira fui falar com minha mãe espiritual, Helena Siqueira. Contei-lhe tudo em detalhes e ela entendeu e aprofundou tudo ainda mais, completando, assim, a resposta de Irmã Adélia. Se eu pudesse revelar a qualquer pessoa a pergunta e a resposta, possivelmente que as entenderia, mas elas são pessoais e necessárias apenas para mim na caminhada. O interessante é que foram suficientes apenas dois a três minutos para ser arrancado de mim, definitivamente, um angustiante aperto na minha vida na caminhada.

Ali, no Santuário da Graça, houve, na verdade, o bater do martelo, dando-se por encerradas algumas falhas que eu cometia, embora Nossa Senhora me falasse e me ensinasse como agir, e Helena Siqueira houvesse reforçado com diversos exemplos da vida de tantos santos, inclusive com as experiências de sua própria vida religiosa.

Ainda no Sítio Guarda já me sentia sereno e tranqüilo. Acho que superarei até mesmo as tristezas, as angústias e tudo o mais que vier pela frente, pelo menos se forem nas mesmas proporções. É lógico que não posso dizer o mesmo no caso de outros problemas e se os mesmos forem em

maiores proporções. Entretanto, pelo menos, já sei como posso e devo lutar para caminhar sereno e tranquilo. Hoje já consigo rezar dois a três terços diariamente e, o que é importante, voltei a ler o missal e outros livros que esclarecem um pouco os momentos passados comigo e a caminhada. Contudo, existem ocasiões em que ao ler uma página já não me recordo do que li na anterior. É como se Nosso Senhor quisesse apenas me limitar para determinadas coisas, pois o que me fica na lembrança vejo que é muito importante e até mesmo um reforço ao meu estado de espírito. No entanto, há, realmente, uma filtragem do que necessito saber apenas para o momento presente, de modo que o que não servir para este instante eu lembrarei noutra oportunidade, passe o tempo que passar.

Outra coisa muito importante que percebo é que muitas coisas que já li e que volto a ler encaixam-se tão bem que passo a entender tudo, pois, para isso acontecer precisei passar por situações semelhantes, estando tudo ligado à mística. Um forte exemplo disto foi o que li no dia 2.9.1992 sobre contemplação.

Gostaria, agora, de dar um bom conselho a vocês. Há alguns de nós na Pequena e Grande Família que são o alvo de piadas, comentários, condenações, etc., por parte dos que andam por caminhos paralelos ou não caminham de modo algum. Eles são unidos e caminham com os próprios pés. Nós, na verdade, estamos divididos em dois grupos: os que são trincheiras e os que batalham protegidos por elas. O que eu quero, realmente, é alertar os que lutam protegidos pelas trincheiras para aproveitarem esta proteção para crescerem e avançarem cada vez mais. Digo, pois, com a experiência que já tenho, embora quase nenhuma: Se vocês, irmãos, fossem trincheiras, a caminhada seria muito mais penosa e difícil. Por isso, dêem graças a Deus, como também aos que são trincheiras, e avancem com toda a fé e humildade, ultrapassando todos os obstáculos e vencendo sempre as batalhas que forem surgindo. Quem sabe, um dia, ao chegarem no Céu, esperem pelos que são trincheiras? Não esqueçam que a força das trincheiras está também nas vitórias que vocês obtiverem.

2 de setembro de 1992, quarta-feira

Nossa Senhora :

—Agradecemos agora ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo por nos permitirem, a Mim e tantos outros Santos, estarmos no meio de vocês

por todo esse tempo, em todos os lugares, pedindo, orientando, confortando e intercedendo junto a Eles por vocês .

Filhos meus amados !

Façam da vida de vocês uma oração ininterrupta. Dentro desta vida pratiquem a penitência e precavendam-se das ciladas diabólicas: o sexo sem sacramento, a obsessão por dinheiro e poder e tudo o mais que no fundo da alma sabem vocês ser errado, e erros graves. Tudo isso significa então o amor, que é a essência da paz, da caridade e da humildade.

Em um determinado instante do dia, antes de receber a mensagem acima, acredito até que como uma preparação para ela, buscando uma resposta para os meus problemas de há tanto tempo, ansioso por encontrá-la, peguei o livro Imitação de Cristo, abri ao acaso e, ali, à medida que eu ia lendo, como uma força que penetrava em mim, tinha a resposta que correspondia ao meu estado de alma. Antes de abri-lo, porém, e como sempre faço para tudo, invoquei o Espírito Santo. O que me veio como resposta foi o capítulo XLIX: Do desejo da vida eterna e quantos bens estão prometidos aos que valorosamente combatem.

Nesta oportunidade, gostaria de propor a todos, principalmente a você que agora lê estas anotações, o prazer de conservar sempre em sua companhia este valiosíssimo livro IMITAÇÃO DE CRISTO, pois até hoje sempre obtive respostas para as minhas mais profundas dores, dúvidas e angústias. Segundo informações, este livro foi todo escrito sob a inspiração do Espírito Santo.

18 de outubro de 1992, domingo

Há ocasiões em que tenho vontade de ler os livros que estão em meu poder. São livros importantes para a vida espiritual, didáticos, esclarecedores, com exemplos da longa caminhada de santos, como São João da Cruz, Santa Terezinha, Santa Tereza D'Ávila, São Francisco de Sales e outros. Contudo, ao ler, nada compreendo, perco a vontade que há pouco sentia e passo do desejo ao incomodo e à inquietação. Procuro recolher-me na oração e, então, mal a começo, os pensamentos se vão, até que em algum ponto deste vôo acabo me lembrando que rezava e que não passei até mesmo do início do Pai Nosso. De repente, vejo o caminho difícil e vem em minha mente uma locução sem o ruído dos atropelos e obstáculos desta vida; porém, em uma marcha angustiante, não consigo segurar aquele momento e busco aquele

encanto novamente, mas, parece até que bloqueio tudo pelo desânimo repentino ou devido a algo que na verdade não entendo. Posso dizer, sem saber se entenderão, que: se quero, não me parece ao certo que quero; se busco, não sei o que, onde e nem como; e, se encontro, deixo logo que me escape, sem ao menos saber se tentei de fato segurar. A verdade é que gostaria muito de mergulhar no doce momento que tanto desejo e, então, contrito, colocar todas as pedrinhas do jogo desta caminhada nos seus devidos lugares. No recolhimento doce e profundo eu analiso, estudo, sinto e aprendo, mas, fico angustiado ao me ser tirado este momento e fico então confuso e misturado como um quebra-cabeça impossível de ser armado. Pelo menos, é isto o que me parece. Há ocasiões em que alguns de nós nos encontramos e falamos da caminhada, das dificuldades, dos apelos de projetos vindos dos Céus, das pessoas, etc., mas que, infelizmente, constato, não compreendem tudo completamente. Neste caso, prefiro calar-me, até que um dia me escutem, levem as coisas mais a sério, arregacem as mangas, tirem o paletó, ou levantem-se da rede e venham realmente realizar as obras que são diversas e que, a cada tijolo colocado, serão seguidas por muitas outras mais.

Atualmente, angustiei-me por ter sido vítima de piadas, de indiretas e até mesmo de palavrões e tudo o mais, sem haver motivos ou explicações para isso. Uma pessoa, de quem não esperava, agiu negativa e grosseiramente quando eu disse que eu tinha de ir à missa (era um domingo). Parece que muitos capricham em fazer tudo ao contrário do que um verdadeiro cristão deve fazer, só fazendo o mínimo, como ir à missa aos domingos. Ah, quantos dos nossos me fazem sofrer e morrer um pouco por dentro quando vejo passar em minha mente tudo quanto já me foi permitido perceber nas locuções e ensinamentos que já tive. Ó, Minha Mãe Santíssima, não esqueceste, na verdade, de mostrar-me nem uma só pedrinha no caminho de cada um deles. Como eu desejaria que estas pessoas vissem o que têm sido suas vidas, pois, agem como cegas, são descrentes, faltam com a humildade e a caridade e são comodistas e materialistas. Se não agissem como São Tomé, que precisou ver para crer! Se parassem para olhar o tempo que passou de 1989 para cá e buscassem detalhes de cada passo, não estariam à beira de um precipício ou caminhando por estradas mais longas em que mais facilmente poderão ser atacadas, assaltadas ou seqüestradas! Como são pobres e vazias essas pessoas! Como se vangloriam por tão pouco! Como se sentem grandes por pensarem que fazem tanto! Encher um dedal e se alegrar de tê-lo enchido é motivo para tal, pois venceu-se uma parte. No entanto, encher esse dedal e, orgulhoso, comportar-se como se tivesse enchido 1 litro, é caminhar com as vendas que citei anteriormente.

Conquanto eu sinta muita dificuldade de expressar o estado de alma em que me encontro atualmente, procurarei, no entanto, fazê-lo de uma maneira mais simples e compreensível:

Sou um bote isolado no alto mar. É madrugada, o silêncio é total e nem as ondas fazem qualquer ruído. Estou vendo na penumbra a luz da lua que clareia a água. O que me sustenta é uma corda que se fixa no fundo a uma forte e pesada âncora. Balanço de um lado para o outro e sou jogado para a frente e para trás pelas ondas. Não sou jogado muito fortemente, mas os movimentos são contínuos e não consigo parar. Ali, em silêncio e no silêncio, espero o meu dono que na luz da lua refletida mergulhou. Percebo como é imenso o oceano, quanto é bela a mínima luz no centro da escuridão e abandono e como é também importante aproveitar tudo isso, aprendendo com o viver este momento. Espero, assim, o meu dono, que sinto através do domínio dos remos. Embora eu saiba que Ele está ali, sinto-me esquecido neste mar tão grande, conquanto sinta-O a me guiar todo tempo.

5 de dezembro de 1992, sábado

À tarde senti um forte desejo de me confessar, assistir à missa e comungar. Às 16 h 45 min fui à Igreja da Estrada de Belém, na Encruzilhada, e, ao chegar lá, já havia se encerrado a Comunhão e o padre estava guardando a âmbula. Saí às pressas e fui de carro à Igreja de Nossa Senhora do Bom Parto, em Campo Grande, mas, a mesma coisa acabara de acontecer. Então, fui à Matriz das Graças, porém estava fechada.

À noite, fui, portanto, assistir à missa na Capela de São Miguel, no Espinheiro. Sentei-me num banco à esquerda de quem entra, junto de tio Everaldo. Impaciente, fui para trás, para um banco à direita. Após comungar, ajoelhei-me e senti a presença de Jesus, ao mesmo tempo que escutava em locução interior a sua mensagem de força e ensino para mim. Foi tão bela, belíssima! Falou-me de jardim, de rosas e espinhos, da caminhada e de tantas outras coisas. Tudo referia-se à luta e vitória e à vida eterna. Tentarei repassar pelo menos um pouco do que recebi:

— *Não te desanimes!*

Procura um Sacerdote, que é meu representante, e confessa teus pecados. Eu é que te perdoarei naquele momento. No entanto, tu te sentirás bem exercitando a tua humildade e poderás também receber dele palavras importantes.

Não desanimes com as dificuldades. Vence, não caias! Lembra-te que são tentações ao pecado. Tem força!

Neste instante fez-me lembrar os doces momentos que tive de visões e locuções. Até mesmo os momentos de oração em grupo, orações de reflexão, etc. Em seguida, continuou:

— Essas dificuldades são os espinhos das rosas do jardim do meu Paraíso. O meu jardim no qual chegarás no final dessa caminhada e que só tem rosas sem espinhos, pois todos são arrancados durante a caminhada de cada um que nele chega. Assim, ao colocares tua rosa no jardim, ela já estará sem os espinhos. Lembra-te sempre: todo sofrimento e dificuldade que passares são espinhos que deves arrancar da tua rosa. No meu jardim não há nem haverá espinhos, somente flores, rosas, e nele encontra-se a felicidade eterna.

Ao terminar a locução, Pe. Barros já estava dando a bênção final.

Houve palavras fortes de amor e carinho, juntamente com alertas sobre a caminhada e sobre as dificuldades.

7 e 8 de dezembro de 1992, segunda e terça-feira

Quando falamos NOITE pensamos na hora em que vamos nos deitar, relaxar, dormir e descansar o corpo. No entanto, o momento que venho passando e que se chama “noite são joanense” traz-me dificuldades até mesmo para ter disposição de escrever, como também de encontrar palavras para tal. O esforço que estou fazendo para escrever é tanto que qualquer pessoa que ignore ou que não viveu exatamente esta noite jamais conseguirá entender ou saber realmente o que passo. Tudo é dificuldade. Não consigo me concentrar, nem mesmo rezar e meditar. Contemplar nem tento, pois, além de não conseguir, fico angustiado, achando que nada mais acontece e que tudo acabou. Chego mesmo a perguntar, sem receber resposta: Será que houve? Até mesmo às missas faço um enorme esforço para assistir. Sou fiel em dizer que, todas as vezes que me senti angustiado e ameaçado de cair nas tentações, procurei desesperado um confessor, mas, inexplicavelmente, não fui bem sucedido. Inclusive, no sábado, dia 5 deste mês, à tarde, fui a três igrejas, sendo que nas duas primeiras já havia terminado a Comunhão e a terceira encontrava-se fechada. Há padres que não estão quando deveriam estar, ou, que não me dão oportunidade de falar, dizendo logo que os procurem num outro dia, pois estão com muita pressa. São padres que procedem habitualmente desse modo. Há muito tempo que procuro um confessor. Eu já falei com alguns deles, como também já falou Helena

Siqueira, minha orientadora espiritual. Sempre falo após ela me autorizar. Até agora todos disseram a mesma coisa, isto é, que Helena é a pessoa capacitada para me orientar, pois se acham incompetentes para me acompanhar e que são despreparados no que se refere à mística. Contudo, todos se mostram interessados e acreditam no que se passa comigo. Quando Pe. Valdenito de Oliveira comprometeu-se a falar com Dom João Evangelista Martins Terra, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Olinda e Recife, este viajou para São Paulo para ser operado e, a seguir, assuntos e problemas outros impossibilitaram-no de nos atender. Há quase um ano que senti ser o Pe. Antônio Barbosa, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, aquele que iria ser o meu confessor, após ter assistido à uma missa celebrada por ele. No terceiro dia que se seguiu fui falar com ele e me confessar, pois havia dito aos fiéis que atenderia todos os dias a partir das 10 horas. Esperei toda a manhã, mas ele não compareceu. Depois disso tive uma perturbação espiritual tal como estou agora, porém um pouco menos forte, e daí por diante somente Deus, todo o Céu e eu sabemos porque não voltei mais lá. Esforços eu fiz, mas, explicar, seria em vão. Um dia, sem saber do que acontecera, Helena falou-me de Pe. Antônio com tanta segurança, em virtude do que sentira Amparo após ter assistido a uma missa celebrada por ele, que tive a certeza de que ele, necessariamente, deveria saber o que está acontecendo comigo. Desse modo, na terça-feira, dia 8, falei com o Pe. Antônio uns dez minutos e ele me pediu que voltasse na quinta-feira. Cheguei um pouco atrasado ao encontro devido a certos problemas que aconteceram, embora me apressasse bastante, sem me esquecer um só instante desse compromisso. Entretanto, ao chegar, ele tinha acabado de sair. No quinto dia que se seguiu, após uma missa que ele celebrou em vinte minutos, marcou um novo encontro, agora para o dia 20. Na primeira vez que conversamos, disse-me que tinha o maior interesse em falar comigo e, depois, no dia da missa, reforçou esse desejo. O curioso é que ele era recém-chegado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos quando assisti à missa e senti ser ele o padre da caminhada. Hoje, é ele um grande devoto e filho de Nossa Senhora, divulgando a sua devoção, principalmente através de belíssimas celebrações na Hora da Graça com a imagem de Nossa Senhora sob o título de Rosa Mística.

Enfim, sinto-me cada vez mais enterrado na dificuldade de superar essa fase. Nada se assemelha à dificuldade na qual sufocado eu suplico. Acho que é porque sou tão fraco quando suplico que tenho a impressão de não ser ouvido. As tentações cada dia são mais fortes. As facilidades para pecar se infiltram no meio onde ando. Tudo se apresenta cada vez mais claro e mais constante na minha frente. É algo quase insuperável. Parece que as ocasiões de pecado tornam-se mais fortes e eu cada vez mais fraco e esquecido por

Deus. Busco forças, peço ajuda, tento rezar e ir à missa, mas, nada, nada eu encontro. Nada escuto, nada sinto e tudo acontece quando decido ir à missa. Sinto-me até mesmo irresponsável e preguiçoso, mas, no entanto, luto até mesmo para não o ser, conquanto algo seja mais forte do que a minha própria vontade de vencer. Afinal, acho que, realmente, escrevi muito para explicar o inexplicável. Por fim, quem ler tudo isso verá que tudo está confuso, sem ordem, incompreensível. Então, que tome essa confusão como parte e exemplo do que acontece comigo. Essa noite não é para repousar e descansar o corpo, mas, é uma escuridão total, onde estou querendo dormir no completo silêncio da madrugada e tenho fortíssimo pesadelo. Tento abrir os olhos e não consigo, apavora-me o pesadelo, o dia não chega, não consigo ouvir nada e estou sozinho no quarto escuro, sem ao menos vencer uma estranha força que me prende à cama e que não me deixa sair. É como se caísse numa areia movediça onde, gritando, já sem força, me fosse enterrando. Mesmo assim, ninguém me ouve, não tenho onde me segurar e estou cada vez mais afundando. Quantas vezes me acontece algo, até mesmo um desânimo tão forte, tão forte, que desisto de ver e falar com Helena, embora necessite disso e o deseje. Sei que quem não passou por isso achará que é falta de vontade, preguiça, comodismo, fraqueza, etc., mas, por Deus, não é nada disso. Espero que Helena ou alguém competente explique-me tudo. Sinto dificuldade até mesmo para me confessar.

19 de dezembro de 1992, sábado. Capela de São Miguel. Missa do Santo Natal da Pequena e Grande Família

Poucas pessoas participaram dessa missa.

Desde o momento em que comunguei fiquei ajoelhado até o final da missa, quando se entoava o canto Maria de Nazaré e tive a seguinte locução (escreverei parte dela, porque, na verdade, não consigo transmiti-la totalmente).

Nosso Senhor Jesus Cristo:

—Meu filho, não desanimes.

Caminha firme!

Deves vencer essa barreira e as dificuldades.

Não podes parar, mas, sim, avançar cada vez mais.

De cada um outros dependem.

Tu és para essa Pequena e Grande Família a estrela Dalva que brilha no alto, para a qual todos os demais, que são como os três Magos, olharão e seguirão guiados por ti. Deves, portanto, piscar mais forte, e mais viva seja a tua luz para que todos a vejam.

A partir de hoje, mostra-te, por Mim, triste e calado, dando até mesmo a entender que estás assim por causa deles. Comporta-te de tal maneira que paire dúvidas e interrogações em suas cabeças devido a estares agindo e te comportando desse jeito.

Nesta ocasião Ele me mostrou que isso é necessário para fazê-los refletir e, ao tentarem saber o porquê dessa indiferença tão grande, disporem-se a ouvir o que devo falar. Mostrou-me também no coração que todos que seguem conosco devem agir desta mesma forma.

Continuou Ele:

— Apesar de te comportares assim perante aqueles que vivem uma vida desviada do meu caminho, isto é, diante daqueles que pecam, fazendo coisas que não condizem com a vida e comportamento de um cristão, não deves ter tristeza e angústia no coração, pois com relação a ti e tua caminhada não há o porque da tristeza. Estás caminhado como deve ser e, o mais importante, estás lutando para superar cada falha e cada obstáculo.

Neste instante me fez ver a necessidade de repassar este trecho para o grupo, na reunião na casa de Helena Siqueira, a fim de mostrar que Ele fala a mesma coisa para eles, membros presentes à reunião.

Continuou:

— Prepara-te para as investidas dos insatisfeitos, principalmente daqueles que ouvirão de ti as verdades que serão lançadas através de teus lábios. Estas verdades ditas no momento oportuno balançarão a fraca estrutura de cada um que as deverá ouvir. Entretanto, fica firme, pois estaremos contigo, como sempre estivemos. Na verdade, refletirás neles a minha dor e tristeza pelo seu comportamento.

Observa, de hoje em diante, como se procederá a caminhada e a vida daqueles que estão vivendo erradamente, principalmente os rebeldes e duros de coração, como aqueles que hastearam a bandeira adversária a

essa caminhada e que fazem questão de demonstrar e mostrar a todo custo que não aceitam e querem dizer com atos e palavras que tudo isso não é verdade e que Eu não lanço graças e responsabilidades de ações a estes irmãos que se agrupam na Pequena e Grande Família, partícula da Grande Família do mundo inteiro, como a chama Minha Amada e Querida Mãezinha.

Luta, não pares, segue adiante!

Estamos sempre contigo.

Jesus.

Dias antes, na missa de aniversário de Maria do Amparo, na casa de Helena Siqueira, no momento da comunhão, além de muitas coisas belas e importantes que ouvi de Nossa Senhora, ela aprovou uma jaculatória minha e demonstrou o desejo de eu passá-la para a família, a fim de afastar o opositor durante suas investidas:

Meu Senhor e Meu Deus!

Quero estar sempre Contigo

Como estás sempre comigo.

Portanto, Pai Eterno,

Não permitas que eu caia nas tentações

E peque de nenhuma maneira.

Amém!

ÍNDICE

Apresentação	11
Prefácio	13
Introdução	15
O tempo da escuridão	15
Um dia, o caminho de luz	18
 As mensagens recebidas, pensamentos e orações	27
Ano de 1989	29
Ano de 1990	39
Ano de 1991	111
Ano de 1992	173

COLOFON